VICENTE DE PAULA DA SILVA MARTINS

# CAPITÃES DA AREIA

## DICIONÁRIO DE LÍNGUA E CULTURA

Pedro & João editores

# CAPITÃES DA AREIA

## DICIONÁRIO DE LÍNGUA E CULTURA

**Vicente de Paula da Silva Martins**

# CAPITÃES DA AREIA

## DICIONÁRIO DE LÍNGUA E CULTURA

---

**Vicente de Paula da Silva Martins**

**Capitães da Areia: dicionário de língua e cultura.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 256p.

**ISBN: 978-65-87645-37-7**

1. Estudos de linguagem. 2. Língua e cuiltura. 3. Capitães da Areia. 4. Autor. I. Título.

CDD – 410

---

**Capa**: Colorbrand Design
**Editores**: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito



**Pedro & João Editores**
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 - São Carlos – SP
2020

## DEDICATÓRIA

A **Mauro de Salles Villar**, amigo, filólogo e lexicógrafo brasileiro, diretor do Instituto Antônio Houaiss, por ter me dado a oportunidade de contribuir com o Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, através de sugestões de verbetes e datações a partir dos romances regionais, em especial os culturemas em *Capitães da Areia*, de Jorge Amado.

## SUMÁRIO

## PREFÁCIO

## CULTUREMAS NA VIDA E NA ARTE

Vicente de Paula da Silva Martins é um pesquisador inquieto, arrojado, atento aos movimentos da linguagem em uso e profundo conhecedor da língua. Seus interesses vão da obra literária ao PIBID, da sala de aula aos estudos do estatuto da educação nas Constituições brasileiras, passando por culturemas, fraseologia, lexicografia etc.

Para que o leitor tenha uma ideia dessa amplitude, apresento alguns títulos de trabalhos que Vicente publicou de 2019 até o momento, individualmente e em parceria:

*Estudos do léxico*: aportes teóricos para pesquisa terminológica e fraseológica (em coautoria com Arlon Francisco Carvalho Martins)
*Atividades de estágio em língua portuguesa:* relatos de experiências dos residentes de Letras no Programa de Residência Pedagógica (PRP)
*PIBID e iniciação à docência em língua portuguesa*: do piso da academia ao chão da escola
*Aquisição da linguagem na sala de aula*: relato de pesquisa extraclasse, glossário de termos e propostas de atividade
*As constituições e a educação brasileira (1824 a 1988)*; *Covid 19: a gramática do inimigo*
*Guia teórico para o estudo da fraseologia portuguesa*
*Sombras de Reis Barbudos:* dicionário de culturemas fraseológicos & religiosos (em coautoria com Márton Tamás Gémes; Gislaine Costa Cerqueira; e Bianca Carvalho Lino.

E como Vicente trabalha? Em um livro recente, *Covid 19: a gramática do inimigo*, por exemplo, o autor traça um panorama de reações sociais à pandemia da Covid-19 a partir do estudo, que um desavisado poderia considerar prosaico, de palavras e expressões. Vicente mostra que o estudo de termos como “E daí?” ou da preposição “ante”, da perspectiva terminológica, lexicográfica e mesmo da classificação gramatical, de um ponto de vista culturológico, pode não apenas revelar a atitude de usuários da língua

como demonstrar que um pesquisador pode ao mesmo tempo não ser "neutro" do ponto de vista ético e ser cientificamente rigoroso. Não é porque assume uma dada posição que deixa de ser cientista.

Neste dicionário de culturemas, *Capitães da Areia* - Dicionário de Língua e Cultura, Vicente de Paula da Silva Martins se concentra na leitura da obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, para demonstrar de que maneira é possível pôr em diálogo, de um ponto de vista linguoculturológico (objeto de outro trabalho seu: Martins, 2017) a memória, a história, a literatura e a narrativa, aproximando assim o discurso da história e o discurso literário.

O autor descreve minuciosamente os procedimentos metodológicos para essa leitura culturológica, que envolve rigorosas etapas de levantamento e organização do material, bem como um trabalho interpretativo em que são mobilizados saberes sobre o mundo presentes transfiguradamente na obra examinada, demonstrando o pesquisador, por vezes uma erudição e uma capacidade de exposição clara e didática que enriquece sobremaneira a leitura da obra.

Transcrevo aqui, a título de exemplo, o verbete *Caatinga*, a fim de mostrar ao leitor a interessante maneira de construir um verbete em termos culturológicos. Observe-se a descrição e sua exemplificação na obra, no contexto em que aparece, não isoladamente:

> **CAATINGA**
> Ao longo da obra, o narrador faz referência à vegetação típica do Nordeste brasileiro, em que predominam plantas xerófilas, como árvores e arbustos que caem durante a estação seca, frequentemente armados de espinhos, e também cactáceas, bromeliáceas e ervas anuais: "O tiroteio foi grande, Lampeão só poude mesmo abrir para a **caatinga** que é sua casa. Um dos homens do grupo ficou estirado com um balaço no peito. Cortaram a cabeça dele que fora enviada para a Bahia em triunfo. Vinha a fotografia no jornal. A boca aberta, os olhos furados, um homem segurando pela carapinha rala. Tinham cortado o pescoço a facão. Dora comentou: — Coitado dele. Que judiaria! (AMADO, 1937, p.238). Há quatorze ocorrências na obra.

Outro interessante exemplo (que me lembra da infância na Bahia, depois de uns anos no Rio de Janeiro) é:

**PENSAR NA MORTE DA BEZERRA**

Trata-se de uma fraseologia cujo sentido idiomático é o de "estar distraído ou absorto consigo próprio; estar pensativo, não estar atento ao que se passa em torno": — **Tá pensando na morte da bezerra**, seu mano?" (AMADO, 1997, p. 113). Há apenas uma ocorrência.

Essa metodologia e os verbetes gerados me fizeram refletir que, assim como pessoas de outras regiões do Brasil fariam uma leitura mais expressiva da obra de Jorge Amado estudada, um tradutor do português para alguma língua estrangeira teria em um dicionário como esse um rico repositório a que recorrer para descobrir soluções tradutórias. Porque este Dicionário não é um mero registro de culturemas, e sim uma detalhada exploração das possibilidades expressivas dos culturemas contidos na obra. Como se sabe, os tradutores traduzem discursos e, assim, quanto mais souberem acerca dos usos discursivos de palavras e expressões, tanto mais serão capazes de decidir que palavras usar para traduzir sentidos de uma língua em outra língua nos discursos de que se ocupam.

Para um estudioso que segue os parâmetros da Análise Dialógica do Discurso, como é o meu caso, poderia ser um paradoxo falar de "palavras culturais", uma vez que, de sua perspectiva, todas as palavras são culturais ou ao menos todos os usos das palavras ocorrem no âmbito da cultura. Contudo, cabe-me admitir que algumas palavras são mais culturais do que outras (e não faço aqui trocadilho com a célebre expressão orwelliana, infelizmente tão atual), no sentido de que remetem mais claramente (e por vezes de maneira hermética) ao contexto cultural, e mesmo ecológico em que são usadas e de que advêm.

*Caatinga*, por exemplo, só existe em um dado ecossistema, razão pela qual é, como termo da língua, intraduzível, uma vez que não existe uma *caatinga* inglesa ou francesa. Mas, como tenho dito, a tradução envolve palavras, mas incide não sobre elas e sim sobre seu uso por falantes concretos em enunciados concretos. Assim, julgo relevante a ideia de trabalhar com culturemas, ou seja, termos que assinalam, ou demarcam, mais explicitamente do que outros, sua imersão em uma dada cultura.

Recomendo, pois, a leitura atenta deste livro, não só como referência, mas como livro que se pode ler por deleite, pois há nos verbetes todo o encanto de uma paixão pelas palavras. Ademais, julgo

que os interessados em trabalhar da perspectiva culturológica têm muito a ganhar com a minuciosa e precisa descrição metodológica com que o autor nos brinda. Na verdade, todo estudioso da linguagem, seja qual for a perspectiva, se beneficiaria da leitura deste Dicionário. Porque, insisto, ele não é apenas um dicionário, mas um repositório da relação vida-cultura-literatura estudada culturologicamente.

Encerro declarando que é um privilégio prefaciar *Capitães da Areia* - Dicionário de Língua e Cultura, de Vicente de Paula da Silva Martins. Nele vi que os culturemas estão presentes tanto na arte como na vida e que seu levantamento pode integrar arte e vida.

Adail Sobral - FURG
Pelotas / Rio Grande
Ano I da Pandemia Covid-19

## INTRODUÇÃO

Durante anos, uma afirmação de Saussure, em seu *Curso de Linguistica Geral,* inquietou-me insistemente durante meus estudos linguísticos e literários: "o linguista deve também examinar *as relações recíprocas entre a língua literária e a língua corrente*; pois toda língua literária, produto da cultura, acaba por separar sua esfera de existência da esfera natural, a da língua falada" (2012 [1916], p. 54, ênfase adicionada).

Talvez este espírito inquieto tenha me levado a desenvolver uma pesquisa sobre língua e cultura na literatura brasileira, sob o título "*Sapienciário Cultural: identificação, classificação e constituição de corpus de culturemas nos romances do nordeste brasileiro*" (MARTINS, 2017), realizada no período de 2016-2017, em nível de estágio de pós-doc, no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA.

A referida pesquisa linguística contou com a supervisão da Profª Dra. Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista (UFBA) e buscou identificar, classificar e constituir um corpus de culturemas em cinco romances do Nordeste Brasileiro: **Capitães da areia, romance,** de Jorge Amado (Edição de Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937), representante da Bahia; **Vidas Secas,** Graciliano Ramos (Edição de Rio de Janeiro: José Olympio, 1938), representante de Alagoas; **Dona Guidinha do Poço,** de Oliveira Paiva (Edição de São Paulo: Saraiva, 1952), representante do Ceará; **Menino do engenho,** de José Lins do Rego (Edição de Rio de Janeiro: José Olympio, 1934), representante da Paraíba; e **Os Corumbas**, de Amando. Fontes (Edição de Rio de Janeiro: José Olympio, 1933), representante de Sergipe.

O presente livro é, portanto, uma pequena amostra dos produtos da pesquisa linguística na UFBA. Refere-se, de modo específico, ao estudo sobre língua e cultura em *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado. Primeiramente, fiz a leitura e releitura do romance, em sua primeira edição (disponível em https://digital.bbm.usp.br). Em seguida, analisei e interpretei o livro a partir de unidades linguísticas, marcadas culturalmente, denominadas de culturemas, distribuídas em 30 âmbitos culturológicos, a saber: bioculturemas, humaniculturemas, Edificulturemas, taticulturemas, personiculturemas, mitoculturemas,

familiculturemas, politiculturemas, amiculturemas, crediculturemas, etnoculturemas, criaculturemas, articulturemas, tabuculturemas, educulturemas, geoculturemas, portaculturemas, edificulturemas, antropoculturemas, alcuturemas, indumentocuturemas, liciculturemas, mobiculturemas, moedoculturemas, mediculturemas, verboculturemas, gramaticulturemas, reiculturemas, idioculturemas e humoculturemas (os neologismos foram criados para serviram de hiperônimos ao longo do processo de recolha dos culturemas).

Assim, ao fazer a recolha de culturemas, ao longo da releitura da obra amadiana, vi que a análise linguocutural do texto literário se constituiu pedagogicamente uma interessante estratégia de leitura compreensiva, tendo me motivado a reler a obra sem esboço de fadiga. Quem sabe não venha a se um método a ser explorado pelos docentes de língua portuguesa no novo normal de modo a favorecer ou a facilitar o processo de compreensão em leitura?

Graças ao estudo da obra a partir de referenciais culturais tive condições de me aproximar de outras disciplinas como história, geografia, sociologia, política e saber mais sobre o dialetismo, o regionalismo literário e o regionalismo linguístico. Com os culturemas, disciplinas como geografia e história passaram a ser vistas de forma interdisciplinar e me permitiram desvelar o contexto de época e o cenário local do romance, em Salvador, na Cidade Alta, bairro mais nobre da capital baiana. Os culturemas relacionados às ciências, ricamente explorados por Jorge Amado, conferiram-me condições de enquanto leitor me interessar em descobrir mais informações sobre as doenças virais, como a varíola, responsável pela orfandade da protagonista Dora. O que varíola representou na década de 20, retratada fielmente por Jorge Amado em Capitães da Areia, é algo semelhante ao que acontece com o mundo atualmente em meio à pandemia da Covid-19. A exemplo de 2020, na década de 20, o infectado era submetido à quarentena, em todo o mundo. A título de informação, o último caso de varíola, doença viral, foi em 26 de outubro de 1977, na Somália e se encontra erradicada no mundo. A leitura do romance nos leva a pensar formas de prevenir doenças contagiosas. Por fim, até mesmo a educação física, que sempre me pareceu tão distante da Linguística ou Literatura, passou a ter mais importância para explicar as regras da capoeira que os capitães tanto praticam ao longo do romance.

Certamente, o tema predominante da obra, os menores abandonados, levaram-me a pesquisar sobre as primeiras leis relacionadas às infrações de crianças de rua e paralelamente a fazer um inventário do emprego dos adjetivos, o que veio a revelar o quanto o romancista soube fazer a boa escolha do léxico e explorar expressivamante as categorias gramaticais do ponto de vista estilístico, como, por exemplo, "crianças ladronas"; "aventuras sinistras"; "cidade infestada por crianças que vivem do furto"; "grupo de meninos assaltantes e ladrões; "essas crianças se dedicaram à tenebrosa carreira do crime", adjetivos que dizem muito das condições precárias dos garotos, dormindo em trapiche abandonado na beira-mar, lugar onde se escondem após praticar pequenos furtos.

Até então, nunca havia me interessado em questões que dizem respeito ao de sincretismo religioso, tão presente no livro. Aprendi muito sobre a mitologia afro-brasileira ao fazer o levantamento de culturemas relacionados às solenes e festivas cerimônias de candomblé, particularmente a figura da mãe de santo, protetora dos Capitães da Areia. O autor faz uma homenagem a Eugênia Anna Santos, Mãe Aninha, fundadora do terreiro de candomblé Ilê Axé Opô Afonjá em Salvador e no Rio de Janeiro.

Os antropônimos e alcunhas dos garotos também são um ponto alto da obra. Cada menino aparece com suas características físicas, atitudinais ou comportamentais bastante específicas, como Pedro Bala, líder dos Capitães da Areia, Pirulito, Professor, Volta Seca, Sem-Pernas, entre outros. No Dicionário, fizemos um levantamento exaustivo dos antropoculturemas.

Além de apresentar um breve resumo da obra, dizemos como montamos o Dicionário de Culturemas, encerrando nossa obra com um estudo em regime de coautoria com o professor Márton Tamás Gémes, pesquisador no campo das literaturas portuguesa e brasileira, amigo e colega do Curso de Letras na Universidade Estadual Vale do Acaraú(UVA), em Sobral, há mais duas décadas.

Ao longo do processo de recolha de culturemas, recorremos, para a definição dos verbetes, ao Grande Dicionário Houaiss em sua versão eletrônica (https://houaiss.uol.com.br), ora diretamente transcritas e aspeadas ora parafraseadas, mas em qualquer caso a partir do supracitado dicionário. Entre as fontes bibliográficas de datação em Houaiss, observei a ausência do romance *Capitães da Areia*, em que

pese referenciar o romance *Jubiabá*, também da lavra de Jorge Amado, publicado em 1935. Com esta lacuna, sugeri novas abonações à equipe de Instituto Antonio Houaiss (IAH) presentes em *Capitães da Areia* (1937). O IAH, sob o comando do filólogo e lexicógrafo Mauro de Salles Villar, não apenas acolheu prontamente as 30 sugestões de abonações para o Houaiss como se tornou um amigo incentivador para minhas novas incursões no campo da lexicografia literária. Entre os abonações sugeridas por mim e aceitas pelo IAH (http://www.iah.com.br/sp/), estão contempladas atualmente no Grande Dicionário as seguintes: arreda, balacubaco, bronha, calcanhar (nos c. de), chibungo, cocadinha, cocorocó, driblar, encornado, flor de estufa, fura-greve, fuzuê, gigolô, homem feito, leprosário, macaco, magrelo, manicure, nojeira, pegadio, penca (em), peste, pongar, rabada, safadeza, smoking, soquear, suíte, xereta e zinha.

## A OBRA

Nascido em 1912, em Ferradas, hoje município de Itabuna, Bahia, Jorge Leal Amado de Faria, ou simplesmente Jorge Amado, foi Filho de comerciante sergipano que se tornou produtor de cacau. Fez seus estudos em Ilhéus, Salvador e Rio. Nos fins da década de 20, em Salvador, tornou-se um "jornalista boêmio" e participou de grupos literários, alguns deles, efêmeros, como a "Academia dos Rebeldes", uma das primeiras manifestações de oposição ao Modernismo, no Nordeste. Em 1930, foi estudar Direito no Rio de Janeiro e lá colaborou em muitos jornais cariocas. Faleceu em Salvador, em 2001.

Apesar de sua rica produção bibliográfica, só mais recentemente, ou seja, há 20 anos, passei a ter interesse no estudo do léxico de suas obras, através dos culturemas que explícita ou implicitamente permeiam e constituem o signo linguístico de sua linguagem regional, fazendo emergir questões fortemente políticas, sociais, culturais, linguísticas e ideológicas.

No início dos anos 90, graças à leitura e à releitura acurada da 1ª edição de O Quinze, de Rachel de Queiroz, com foco no estudo do seu léxico (culturemas, referências culturais), passei a ter maior interesse em estender o trabalho lexical aos escritores do chamado "movimento de 30": Jorge Amado, José Américo de Almeida, Amando Fontes e Gilberto Freyre. Pelo léxico comum entre estes autores supracitados, posso atribuir à Rachel o papel de *influencer literário* dos escritores nordestinos com militância política, unidos por laços de simpatia às causas de esquerda e ao romance proletário.

O estudo dos culturemas nas obras de Jorge Amando me permitiu melhor avaliar o perfil estético-literário, especialmente a produção ficcional dos anos 30. Desde muito cedo, Jorge Amado levou para a literatura a vida interiorana documentada e poetizada com a publicação de *O país do carnaval* (1931). De 1930 até 1950, publicou doze romances: *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar Morto* (1936), *Capitães da Areia* (1937), *ABC de Castro Alves* (1941) e *O cavaleiro da esperança* (1942) – os dois últimos como romances biográficos –, *Terras do Sem Fim* (1943), *São Jorge dos Ilhéus* (1944), *Bahia de Todos os Santos* (1945), *Seara Vermelha* (1946) e *O amor do soldado* (1947). Já

concluímos o levantamento do léxico de Jubiabá e Mar Morte, tão expressivo como o de Capitães da Areia.

Os romances Cacau e Suor, publicados em 33 e 34, revelam, através do léxico, o quanto Jorge Amado foi influenciado por grupos políticos de esquerda, apresentados por Rachel de Queiroz, autora de O Quinze, este, publicado em 1930, participando ativamente do movimento de frente popular da Aliança Nacional Libertadora, conhecendo os dissabores da prisão, em 36 e 37. Posteriormente, por levantar as bandeiras do comunismo, foi perseguido, vindo a exilar-se em Buenos Aires, Argentina, de 1941 a 1943, período em que publicou a biografia de Carlos Prestes e escreveu o romance Terras do Sem Fim.

Na segunda metade do século XX, Jorge Amado produziu a trilogia *Subterrâneos da Liberdade*: Ásperos tempos;Agonia da noite; A luz no túnel (todos de 1954). Em 1958, publica *Gabriela, Cravo e Canela,* e depois *Os Velhos Marinheiros* (1961), *Os Pastores da Noite* (1964), *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), *Tenda dos Milagres* (1969), *Tereza Batista, cansada de guerra* (1972), *Tieta do agreste* (1977), *Farda, fardão, camisola de dormir* (1979) e *O menino grapiúna* (1981).

O presente Dicionário será inteiramente dedicado à recolha do léxico (lexias simples, compostas e complexas) em **Capitães da Areia**, publicado em 1937, apontado pelos críticos literários como um dos expoentes do neorrealismo regionalista da segunda geração do modernismo brasileiro, por evidenciar aspectos sociais e marcas de oralidade próprias do movimento modernista. O protagonismo do romance reside na história de mais de 50 menores e moradores de rua que praticam delitos na região da cidade alta de Salvador(Bahia). Todos são apontados pelo narrador como produtos de tragédias familiares específicas, o que explica suas condições marginalizadas. Com os culturemas relacionados aos antropônimos, a que chamo de *antropoculturemas*, posso recontar o entrecho de Capitães da Areia com exemplos dos eventos estilisticamente expressivos que compõem a ação romanesca.

Os antropoculturemas inventariados em *Capitães da Areia* permitem o leitor a desvelar cada um dos personagens-tipos do romance: Pedro Bala, líder dos menores, destemido, filho de um operário assassinado durante uma greve no cais. Por sua coragem, Bala é o mais capacitado para liderar o grupo formado por Sem Pernas, um jovem manco que se passa por um aleijado carente para descobrir

objetos de valor nas casas e tramar o roubo dos mesmos com os demais capitães da areia; João Grande, o mais forte e viril do grupo; o Professor, único leitor do enredo; Gato, o mais bonito e gabola; Volta Seca, discípulo autodeclarado de Lampião, que sonha integrar o bando do afamado cangaceiro; Pirulito, o mais espiritualizado e Boa vida, o mais conformado e menos ambicioso do grupo.

Mais adiante, ingressam no grupo a menina Dora e Zé Fuinha. Os Capitães os colocam para substituir um dos meninos que foi internado durante um surto de varíola, epidemia que assustou a cidade. Dora é cobiçada pelos demais capitães, mas acaba vivendo um ardente romance com Pedro Bala. Pedro passa a conhecer melhor a origem do seu pai sindicalista, aumentando o seu espírito de liderança; entretanto, ao receber convite para lutar pelos direitos operários, Bala prefere seguir com seus roubos.

Num dado momento, os capitães são capturados, porém defendidos por Dora e Pedro Bala, que cumprem a dura punição dos demais e vão presos. Dora segue para um reformatório e Bala é encarcerado e torturado. Como de costume, os demais conseguem soltar os dois, mas Dora se encontra muito doente (varíola) e emagrece por alguns dias com eles até pedir para conhecer o amor e passar uma noite com Pedro Bala.

Após a morte de Dora, os personagens vão tomando rumos distintos ou mesmo incertos. Gato segue para Ilhéus onde vai "cafetinar" Dalva, a prostituta por quem se apaixonou, Pirulito acompanhou ao Padre e foi trabalhar na igreja, o Professor tornou-se pintor com a ajuda de um amigo e Sem Pernas morre numa perseguição policial. Volta Seca realiza seu sonho de entrar para o bando de Lampião e acaba preso. Bala, por sua vez, transfere o comando do grupo para outro garoto e passa a acreditar e a seguir os ideais de seu pai, tornando-se líder do proletariado, liderando as greves em nome do povo.

Com o estudo dos culturemas, o leitor tem uma ideia mais clara dos porquês do romance *Capitães da Areia* ter incomodado tanto o Governo Vargas, de ter sido censurado e de levar seu autor à prisão pela polícia do Estado Novo (1937-45).

A primeira edição de *Capitães da Areia* - versão para a recolha dos culturemas, inclusive respeitando a grafia epoca - foi apreendida ainda no prelo, e 808 de seus exemplares, queimados em praça pública

em Salvador, na presença de membros da Comissão de Busca e Apreensão de Livros. O principal argumento para a queima de Capitães da Areia foi o de o romancista ser "simpatizante do credo comunista", segundo o jornal O Estado da Bahia de 17 de dezembro de 1937.

Graças ao estudo dos culturemas, o leitor melhor compreenderá o porquê de Jorge Amado chamar os garotos de "capitães da areia", aparentemente tão trivial, mas, na verdade, uma flagrante referência à hierarquia militar do coronelismo, que imperava à década de 30. As relações dos "capitães da areia" com o mundo adulto são culturalmente marcadas, com revelação de maus-tratos no reformatório e desprezo arrogante e indiferença por parte da Igreja Católica e do Juizado de Menores. Os culturemas aqui elencados no Dicionário de Língua e Cultura dizem muito do olhar humano de Jorge Amado sobre os garotos de rua e sobre as causas da delinquência juvenil no Brasil.

Abro uma parêntese em meio à pandemia da Covid-19. Censura a livros não é uma medida anacrônica. Nos dias atuais, somos surpreendidos ainda com censura a textos literários, a exemplo do que ocorreu com Capitães da Areia na década de 30. Um recente episódio, em 2020, e que gerou muito protestos de professores, intelectuais e governantes brasileiros, foi a determinação da Secretaria de Educação de Rondônia, em memorando destinado às escolas estaduais, apresentar uma lista de livros a serem recolhidos pelas escolas por conterem o "conteúdos inadequados" a crianças e adolescentes.

Fiquei assaz interessado em estudar detidamente o léxico das obras censuradas pelo governo de Rondônia, a exemplo do que fiz com o estudo do léxico amadiano. Entre as obras e os autores censurados pelo Governo de Rondônia, estão: "O Melhor de Caio Fernando Abreu - Contos e Crônicas", de Caio Fernando Abreu; "Macunaíma, o herói sem nenhum caráter", de Mário de Andrade; "Poemas Escolhidos", de Ferreira Gullar; "A Volta Por Cima", de Carlos Heitor Cony; "Mar de Histórias", de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (Todos Os Volumes); "O irmão que tu me deste", de Carlos Heitor Cony; "A Menina De Cá", de Carlos Nascimento Silva; "Diário de mm Fescenino", de Rubem Fonseca; "Bufo & Spallanzani", de Rubem Fonseca; "O Melhor de Rubem Fonseca", de Rubem Fonseca; "Secreções, excreções e desatinos" , de Rubem Fonseca; "Guia Millôr da História do Brasil", de Ivan Rubino Fernandes; "O Ventre", de Carlos

Heitor Cony; "Os Prisioneiros", de Rubem Fonseca; "Agosto", de Rubem Fonseca; "Beijo no Asfalto", de Nelson Rodrigues; "Amálgama", de Rubem Fonseca; "Rosa Vegetal de Sangue", de Carlos Heitor Cony; "O Mistério da Moto de Cristal", de Ana Lee e Carlos Heitor Cony; "Estrangeira",de Sonia Rodrigues; "O Doente Molière", de Rubem Fonseca; "A Coleira do Cão", de Rubem Fonseca; "O Melhor de Nelson Rodrigues", de Nelson Rodrigues; "13 Dos Melhores Contos de Amor", de Rosa Amanda Strausz; "Memórias Póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis; "O Castelo", de Franz Kafka; "Os Sertões da Luta", de Euclides Da Cunha; "Mil e Uma Noites", de Carlos Heitor Cony; "Contos de Terror de Mistério e de Morte", de Edgar Allan Poe; "Vestido de Noiva", de Graphic Novel; "O Seminarista", de Rubem Fonseca; "Histórias Curtas", de Rubem Fonseca; "O Ato e o Fato", de Carlos Heitor Cony; "O Harém das Bananeiras", de Carlos Heitor Cony; "História De Amor", de Rubem Fonseca; "O Buraco Na Parede", de Rubem Fonseca; "Feliz Ano Novo", de Rubem Fonseca; "A Vida Como Ela É", de Nelson Rodrigues; "Calibre 22", de Rubem Fonseca; "Mandrake a Bíblia e a Bengala", de Rubem Fonseca; "Lúcia Mccartney", de Rubem Fonseca; e "Romance Negro e Outras Histórias", de Rubem Fonseca. É uma flagrante falta de respeito a autores consagrados da literatura em língua portuguesa. Fecho aqui o parêntese.

Voltando à obra em tela. A inferência na leitura de **Capitães da Areia** requer que o leitor associe as informações explícitas aos seus conhecimentos prévios, estratégia para eficazmente ativar uma operação de construção de sentido. Numa perspectiva linguoculturológica, tal qual propõe Martins (2017) para a leitura dos romances de 30, Capitães da Areia permite ao leitor possibilidades de diálogos entre a memória, história, literatura e narrativa, esforço que se justifica pela atual proximidade interdisciplinar entre discurso histórico e discurso literário. Assim, os culturemas (referenciais culturais) presentes nos diversos âmbitos culturológicos do romance **Capitães da Areia** (1937) evidenciam seu potencial estudo da Era Vargas, com especial atenção ao gesto literário do romancista Jorge Amado como possível narração subjetiva da história do Brasil nos anos 30.

# METODOLOGIA

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E A DESCRIÇÃO DOS CULTUREMAS DO DICIONÁRIO

Os processos metodológicos desta pesquisa lexicográfica foram constituídos das seguintes etapas propostas por Martins (2017):

a) **Leitura da versão impressão e releitura da versão digital da obra:** esta fase consistiu na leitura do romance *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado, e após esse primeiro contato com a primeira edição da obra, iniciamos o processo de recolha de culturemas a partir de sua versão digital, disponibilizada em https://digital.bbm.usp.br, como um meio colaborativo para buscas mais sistematizadas de expressões e suas ocorrências.

b) **Revisão de literatura**: realizamos nesta fase uma busca no *Google Acadêmico* e repositórios acadêmicos *online* de artigos, dissertações e teses sobre *Capitães da Areia,* com o objetivo de conhecer as pesquisas já realizadas e sobre suas temáticas. Da mesma forma fizemos uma revisão literária relativa aos culturemas.

c) **Levantamento de culturemas:** nesta fase, procuramos construir um levantamento de culturemas na obra.

d) **Análise e refinamento:** em posse do levantamento de lexias simples, composta, complexa, incluindo expressões idiomáticas, seguimos para organização e análise desse material.

Na organização do levantamento dos culturemas, observamos os seguintes critérios:

a) ***Corpus***: durante a constituição do *corpus*, todos os culturemas foram apresentados entre colchetes e *hashtags*, como unidades discretas, da seguinte forma: [#CULTUREMA#]. Posteriormente, excluímos, para esta publicação, os diacríticos mencionados para a apresentação mais elegante do dicionário (colchetes e hastags).

b) **Contexto e ocorrências** : cada um dos culturemas do levantamento lexical segue acompanhado do seu respectivo trecho em que o aparece na obra. Para termos uma ideia da frequência de uso do termo, indicamos quantas vezes o culturema é empregado pelo romancista e as acepções viáveis, sempre guiadas pelo contexto.

Ocasionalmente, situamos o leitor acerca do contexto em que o culturema está empregado, apresentamos um breve resumo sobre o enredo do do trecho ou nos desbruçamos sobre aspectos relacionados à datação e às formas históricas do verbete, entre outras digressões instigantes ou curiosas.

c) **Notas de normatização e informativas**: baseando-se na versão impressa da obra, incluímos nas informações sobre os culturemas as indicações de citação, *entre parênteses,* contendo o sobrenome do autor em letra maiúscula, seguido pelo ano de publicação e página em que o texto se encontra o culturema, assim: (AMADO, 1937, p.7). Apesar de a coleta dos culturemas ser unicamente ou priotariamente selecionada no romance *Capitães da Areia*, julgamos necessário a repetição de dados da citação (autor, ano e página), em todas as ocorrências em que extraimos os itens, posto que, em algumas ocasiões, ilustramos o verbete com exemplários de emprego do termo em outros textos literários, especialmente os que foram publicados antes de 1937.

d) **Informações enciclopédicas**: nessa parte, couberam os comentários livres ou de caráter enciclopédico sobre o culturema selecionado, quando necessário.

A classificação escolhida para nossa pesquisa foi baseada no modelo Igareda (2011) denominado *Categorias para a análise dos culturemas (referentes culturais) na tradução de textos literários*[1]. Embora voltado para o campo da Tradução, elegemos esse método para embasar nosso *corpus* devido a sua amplitude e por ser direcionado ou mais viável para textos literários, foco último deste trabalho.

A categorização proposta por Igareda (2011, p. 19) é dividida gradativamente em três níveis, sendo: categorização temática, categorização por áreas e subcategorias. A autora divide o primeiro em sete classes: ecologia, história, estrutura social, instituições sociais, universo social, cultura material, aspectos linguísticos culturais e humor.

Ao longo da recolha de culturemas, julgamos mais apropriado recorrermos aos princípios lexicográficos de semasiologia e

[1] Do original: Categorías para el análisis de los referentes culturales en la traducción de textos literarios Igareda (2011)

onomasiologia correlacionados a traços semânticos de hiponímia e hiperonímia, respectivamente.

Primeiramente, durante a leitura silenciosa ou acurada releitura do romance nos deparamos, por exemplo, com expressões do tipo "caboclo Raymundo", em situação de aposto ou não, ou "cabrocha", recorremos a Houaiss (atualizado em 2020; para procedermos com o registro de acepções viáveis ao contexto (daí estarem sempre aspeadas), mas as definições que prevaleceram nos verbetes sempre foram as guiadas essencialmente pelo contexto da uso.

Previamente, classificamos os culturemas nos diversos âmbitos culturológicos. A título de ilustração, informamos que ao encaixarmos culturemas como pertencentes ao âmbito "etnoculturemas", nos orientamos a partir da técnica semasiológica, ou seja, partimos dos significantes (expressões) para esclarecer os significados mais amplos que lhes correspondem (âmbitos culturológicos). Culturemas como "Pedro Bala", "João José", "companheiro Alberto" e "Almiro" foram considerados por nós como "significantes" e acolhidos como "antroproculturemas". Do ponto de vista semântico e em defesa de uma abordagem metalinguística da semântica dos nomes próprios, vimos os nomes de personagens como hipônimos no âmbito dos antroproculturemas (hiperônimos).

Em caso de hesitações sobre o devido enquadramento culturológico dos culturemas extraídos do romance, valemo-nos da técnica onomasiológica bem como o fenômeno hiperonimia como suficientemente esclarecedores para assinalarmos a "relação estabelecida entre um vocábulo de sentido mais genérico e outro de sentido mais específico. Por exemplo, a ideia de "morte de pessoa" superveniente ao sentido idiomático das expressões " bater a caçuleta" e "bate o trinta e sete", registradas em Capitães da Areia, e ambas com sentido de "morrer", levaram-nos a lançar mão da técnica onomasiológica, a partir de "significados idiomáticos" para melhor definir seu âmbito culturológico"; assim, as duas expressões foram inseridas no âmbito de "idioculturemas". Neste caso, foi determinada a relação de hiperonímia de "idioculturemas" com as duas expressões idiomáticas.

São os seguintes âmbitos para a classificação geral dos culturemas: bioculturemas, humaniculturemas, edificulturemas, taticulturemas,personiculturemas, mitoculturemas, familiculturemas,

politiculturemas, amiculturemas, crediculturemas, etnoculturemas, criaculturemas, articulturemas, tabuculturemas, educulturemas, geoculturemas, portaculturemas, edificulturemas, antropoculturemas, alcuturemas, indumentocuturemas, liciculturemas, mobiculturemas, moedoculturemas, mediculturemas, verboculturemas, gramaticulturemas, reiculturemas, idioculturemas e humoculturema. A título de ilustração, apresentamos, no final do Dicionário, um produto derivado da constituição deste corpus, em artigo publicado na revista Linha D'Água (USP, 2019).

A escolha deste recorte acima foi motivada devido à grande incidência de expressões idiomáticas na obra *Capitães da Areia*, objeto de estudo nesta pesquisa. Trata-se de um romance rico em culturemas fraseológicos e simbologias afro-brasileiras; assim, escolhemos analisar como ocorre a relação entre língua e cultura na narrativa amadiana utilizando esses elementos linguísticos como parâmetro de estudo.

Em nossa pesquisa léxico-cultural, entendemos as expressões fixas segundo Fulgêncio (2008, p. 101) como uma sequência de palavras memorizadas pelos falantes da língua, sendo igualmente recuperada em bloco. Dessa forma, as expressões idiomáticas são definidas como conjuntos de palavras cujo sentido geral não é o resultado da soma dos sentidos literais dos seus elementos constituintes — configuram um tipo de expressão fixa, assim como os provérbios, entendidos como frase de origem popular que expressa, de forma alegórica ou simbólica, os valores culturais de uma determinada sociedade.

As definições de fraseologia e culturema se fazem necessárias assinalar aqui, partindo da análise dos dois termos linguísticos. Segundo Monteiro-Plantin (2011, p. 64) a fraseologia é o ramo da linguística que se ocupa de estudar as unidades fraseológicas. Essas são definidas como um conjunto de dois ou mais termos com formas fixas, tendo certa frequência de uso pelos falantes.

Do termo culturema, podemos extrair o CULT-, elemento de composição - antepositivo, do verbo latim *colo,is, colĕre, colŭi, cultum,* que significa "cultivar; habitar, morar em; cuidar de, tratar de, preparar", e -EMA , um dos sufixos mais privilegiados na terminologia linguística (glossema, grafema, lexema, morfema, fonema, semantema, entre outros). Culturema é uma unidade linguística

discreta tão linguisticamente marcado como um fonema, um grafema, um morfema ou um prosodema.

Assim, como categoria ou terminologia linguística, definimos culturemas: "símbolos extralinguísticos culturalmente motivados que servem de modelo para que as línguas gerem expressões figuradas, inicialmente como alusões ou reaproveitamento de dito simbolismo, e que podem se generalizar e até se automatizar. Uma vez dentro da língua como palavras ou componentes de frasemas, conservam, ainda assim, algo de sua "autonomia" inicial, na medida em que unem conjuntos de metáforas, e até permitem a adição de outras a partir do mesmo valor, acessíveis para a competência metafórica. (PAMIES BERTRÁN, 2008, p. 54)

Como já dissemos anteriormente, o modelo de análise linguística se deu com a releitura minuciosa da obra se utilizando do *corpus* eletrônico para a consulta e extração dos culturemas. A princípio, foi feito o levantamento de palavras e expressões que tivessem esse teor cultural. Após uma seleção daquilo que era ou não considerado culturema, as expressões foram devidamente contextualizadas e comentadas, em cada comentário, buscava-se descobrir o valor cultural e religioso daquela expressão através de suas origens, etimologias e significados bem como matérias e pesquisas relacionadas ao culturema em estudo.

## DICIONÁRIO DE CULTUREMAS

### BIOCULTUREMAS

**CAATINGA**

Ao longo da obra, o narrador faz referência à vegetação típica do Nordeste brasileiro, em que predominam "plantas xerófilas, como árvores e arbustos que caem durante a estação seca, frequentemente armados de espinhos, e também cactáceas, bromeliáceas e ervas anuais": "O tiroteio foi grande, Lampeão só poude mesmo abrir para a **caatinga** que é sua casa. Um dos homens do grupo ficou estirado com um balaço no peito. Cortaram a cabeça dele que fora enviada para a Bahia em triunfo. Vinha a fotografia no jornal. A boca aberta, os olhos furados, um homem segurando pela carapinha rala. Tinham cortado o pescoço a facão. Dora comentou: — Coitado dele. Que judiaria! (AMADO, 1937, p.238). Há quatorze ocorrências na obra.

**CACAU**

São acepções possíveis de serem consideradas no romance, a saber: (i) "fruto do cacaueiro, com polpa adocicada, comestível, também. usado em refrescos e doces";(ii) "semente desse fruto ou quantidade delas, geralmente amendoada, de que se faz pasta ou se separa o óleo, a manteiga de cacau, do pó"; e (iii) "pó solúvel alimentício obtido dessas sementes, por torrefação e trituração, usado no preparo de beberagens, no fabrico de chocolate e na obtenção de certas substâncias orgânicas; pó de cacau, pó de chocolate": "Ali iam passando homens brancos, mulatos, negros, muitos negros. Iam encher os porões de um navio de sacos de **cacau**, fardos de fumo, assucar, todos os produtos do Estado que iam para pátrias longínquas onde outros homens como aqueles, talvez altos e loiros descarregariam o navio, deixariam vasios os seus porões." (AMADO, 1937, p.113). Há cinco ocorrências.

**CACHORRO VAGABUNDO**

Na obra, aproxima-se à definição de vira-lata, isto é, diz-se de cão ou cadela sem raça definida. É um mamífero carnívoro, provavelmente

originado a partir de populações selvagens do lobo eurasiático, encontrado no mundo todo como animal doméstico: "Durante anos foi povoado exclusivamente pelos ratos que o atravessavam em corridas brincalhonas, que roiam a madeira das portas monumentaes, que o habitavam como senhores exclusivos. Em certa época um **cachorro vagabundo** o procurou como refugio contra o vento e contra a chuva. Na primeira noite não dormiu ocupado em despedaçar ratos que passavam na sua frente. Dormiu depois algumas noites, ladrando á lua pela madrugada pois grande parte do teto já ruira e os raios da lua penetravam livremente, iluminando o assoalho de tábuas grossas. Mas aquele era um cachorro sem pouso certo e cedo partiu em busca de outra pousada, o escuro de uma porta, o vão de uma ponte, o corpo quente de uma cadela. E os ratos voltaram a dominar até que os Capitães da Areia lançaram as suas vistas para o casarão abandonado." (AMADO, 1937, p.36). Há 31 ocorrências.

**CANAVIAL**

A acepção para este termo " extenso aglomerado de canas em determinada área, contextualizado na obra em "No extremo do **canavial** passa um bilhete a Sem Pernas. No outro dia encontra a corda entre as moitas de cana." (AMADO, 1937, p.275)" e registrado neste contexto também: "Entrega os objetos a Pedro Bala. Marcham para o **canavial** onde outros meninos trabalham. Neste dia de tão fraco Pedro Bala mal sustem o facão. Por isso os bedéis o soqueiam. Ele nada diz." (AMADO, 1937, p.272). Há quatro ocorrências na obra.

**CARANGUEIJO**

Em Houaiss (2020), designado como crustáceo decápode, braquiúro, encontrado em diversos ambientes, tanto de água doce e salgada como terrestres; de carapaça larga, primeiras pernas em forma de fortes quelópodes e abdome flexionado por baixo do corpo: " Outros eram feios, mas ele era repulsivo com a perna coxa, andando feito **carangueijo**. Demais terminara por se fazer antipático e a se acostumar a possuir as negrinhas a pulso. " (AMADO, 1937, p.305). Só há uma ocorrência.

**DHALIAS**

Nativas das montanhas do México à Colômbia, de raízes tuberosas, caules geralmente não ramificados e que terminam em

belos capítulos florais: “No jardim próximo as flores desabrochavam em cores. Margaridas e onze horas, rosas e cravos, **dhalias** e violetas. Parecia haver na rua um perfume bom, muito sutil, mas que Pirulito sentia entrar nas suas narinas e como que embriaga-lo.” (AMADO, 1937, p.142). Há apenas um registro para este termo.

**MANGUEIRA**

Arvore frondosa de folhas lanceoladas, róseas quando novas, depois verdes, flores alvas ou amarelas de tom esverdeado e frutos com casca cerosa, verde, amarela, rosada, rubra ou variegada, de polpa carnosa, geralmente amarelada, doce e suculenta: “Depois suspendeu a gola da capa pois havia um frio humido que o vento trazia das chácaras onde balouçavam **mangueiras** e sapotizeiros.” (AMADO, 1937, P.65). Há três ocorrências.

**MARGARIDAS**

Designação comum a plantas muito cultivadas como ornamentais por suas inflorescências vistosas com sépalas brancas, amarelas ou alaranjadas, geralmente alongadas e dispostas em torno do capítulo que encerra diminutas flores, frequentemente amarelas, muitas também conhecidas como bem-me-quer e malmequer: “No jardim próximo as flores desabrochavam em cores. **Margaridas** e onze horas, rosas e cravos, dhalias e violetas. Parecia haver na rua um perfume bom, muito sutil, mas que Pirulito sentia entrar nas suas narinas e como que embriaga-lo.” (AMADO, 1937, p.142). Há apenas um caso para este termo relacionado à erva.

**MOITAS DE CANA**

Na obra, tem acepção de “tufo maciço de plantas arvorecentes ou rasteiras, e densas”: “No extremo do canavial passa um bilhete a Sem Pernas. No outro dia encontra a corda entre as **moitas** de cana.” (AMADO, 1937,p.275). Há apenas uma ocorrência na obra.

**ONZE HORAS**

Erva nativa do Brasil (SP ao RS), de folhas lineares e flores violáceas, que desabrocham ao final da manhã, muito cultivada como ornamental, com inúmeras variedades, de flores brancas, amarelas, alaranjadas, vermelhas ou rajadas de duas cores: “No jardim próximo

as flores desabrochavam em cores. Margaridas e **onze horas**, rosas e cravos, dhalias e violetas. Parecia haver na rua um perfume bom, muito sutil, mas que Pirulito sentia entrar nas suas narinas e como que embriaga-lo." (AMADO, 1937, p.142). Há apenas um registro para este termo.

**HUMANICULTUREMAS**

**ALASTRIM**

Datada de 1911, refere-se "doença eruptiva infectocontagiosa" ou aforma menos intensa da varíola": "Já que a soltara, tinha que deixar que ela realizasse sua obra. Mas como Omolú tinha pena dos seus filhinhos pobres, tirou a força da bexiga negra, virou em **alastrim** que é uma bexiga branca e tola, quasi um sarampo. " (AMADO, 1937, p.187). Etimologia: São 11 ocorrências na obra.

**AMOLECIMENTO NO CORPO**

Datado de 1790, a acepção que se aplica ao contexto é a de "aquebrantamento físico; alquebramento, enfraquecimento"; e por metáfora "enternecimento, abrandamento (de espírito); ternura": "Boa Vida meteu a unha negra, rasgou a bolha. Depois espiou o braço: estava cheio. Por isso sentia tanto calor, um **amolecimento no corpo**." (AMADO, 1937, p.207). Há apenas uma ocorrência.

**BEXIGA NEGRA**

Mesmo que varíola, assim tomados como sinônimos: – "Omolú mandou a **bexiga negra** para a cidade.Mas lá em cima os homens ricos se vacinaram e Omolú era uma deusa das florestas da África, não sabia destas coisas de vacina. E a varíola desceu para a cidade dos pobres e botou gente doente, botou negro cheio de chaga em cima da cama. Então vinham os homens da saúde publica, metiam os doentes num saco, levavam para o lazareto distante. As mulheres ficavam chorando porque sabiam que eles nunca mais voltariam." (AMADO, 1937, p.187). Sobre a varíola: doença contagiosa aguda (oficialmente declarada extinta do planeta na década de 1970), de origem viral, caracterizada por febre, dor no corpo, vômitos e lesões cutâneas. Há apenas um registro. Esta expressão, em se tratando de romance brasileiro, pode

ser datada de 1937, ano de publicação de Capitães da Areia. Mais sobre a "bexiga negra" em Capitães da Areia, consultar Timbó (2013). João Grande, ao se deparar com Almiro com a bexiga, chama-na de "maldita: "— Este tá com a **maldita...** mostrou o menino que soluçava. — E aquele macaco mesmo que um soldado quiz botar ele no meio da rúa para assistência levar ele pro lazareto." (AMADO, 1937, p.193).

**BEXIGUENTO**

Adjetivo datado de 1776, mesmo que "bexigoso" (que ou aquele que tem bexiga(s): "— Assim tú vae embora, **bexiguento**." (AMADO, 1937, p.191). No âmbito da Literatura, há este registro do adjetivo "bexiguento", anterior à publicação de Capitães da Areia: "—Pois é verdade... Inda hontem foram quatro bexiguentos para o hospital, por ordem do intendente. E seu doutor Venancio hoje de manhã me contou que os dois enfermeiros também caíram de cama, de modo que elles estão lá numa difficuldade dos seiscentos, porque ninguém se anima a ir tratar doentes de bexiga... " (PACHECO, 1903, p.110). Há cinco ocorrências.

**CATAPORA**

Datado de 1836, refere-se à "doença infecciosa aguda, comum na infância, provocada por vírus e caracterizada por febre e erupção maculopapular rápida, seguida de erupção vesiculoeritematosa muito pruriginosa": "Como Pedro Bala estava magro, pensou Dora ao se por ao seu lado. João Grande, o Gato, Professor, estavam com ele. Professor mostrou a navalha á Irmã que abafou um grito. A menina que estava com **catapora** na outra cama tremia sob os lençoes. Dora queimava de febre, mal podia estar em pé. A Irmã murmurou:— Ela está muito doente." (AMADO, 1937, p.279). Só um caso na obra.

**EDIFICULTUREMAS**

**IGREJA DA PIEDADE**

O Hospício de Nossa Senhora da Piedade, em Salvador, foi fundado pelos capuchinhos franceses, na segunda metade do século 17: "Pirulito vira ha poucos dias um frade alemão que descrevia o

inferno num sermão na **Igreja da Piedade**. Nos bancos, homens e mulheres recebiam as palavras." (AMADO, 1937, p.130).

**PALÁCIO DO GOVERNO**

O autor se refere ao Palácio Rio Branco, a antiga sede do governo da Bahia. Está situado em Salvador, na Praça Tomé de Sousa, onde também se encontram a Prefeitura da cidade, a câmara municipal e o Elevador Lacerda. A construção atual é de 1919, e seu nome é uma referência ao Barão do Rio Branco: "Quasi junto do **palácio do governo** pararam novamente. Professor ficou de giz na mão esperando que saísse do ponto do bonde um "pato". Pedro Bala assoviava ao seu lado. Breve teriam o dinheiro para um bom almoço e ainda para levar um presente para Clara, a amante do Querido de Deus que fazia anos naquele dia." (AMADO, 1937, p.181)

**PENITENCIÁRIA**

Estabelecimento em que, sob sistema penitenciário, recolhem-se as pessoas condenadas a penas de privação da liberdade, para que ali as cumpram. Narrador, pelo contexto, parece sugerir ao leitor se referir: "Muito provavelmente iria diretamente para a **Penitenciaria**. Porque do Reformatorio se consegue fugir, mas da Penitenciaria não é fácil." (AMADO, 1937, p.134).

**TATICULTUREMAS**

**COLUNA VOLANTE**

Com a acepção de "tropa em formação compacta que se desloca sobre um objetivo militar ou está encarregada de outra missão qualquer" e volante passa a ideia ao leitor de "tropa ligeira, que não transporta artilharia nem bagagem" e que tinha como objetivo "percorrer o sertão dando caça a Lampião": "Lampeão fora pegado de surpreza ao entrar numa vila. O chaufer de um caminhão que o vira na estrada com o grupo tocara para a vila e avisara. Dera tempo de pedirem reforços de vilas próximas e a **coluna volante** também veio." (AMADO, 1937, p.238).

**RAKUYO MARU (NAVIO)**

A título de pós-escrito, Jorge Amado faz referência ao navio Rakuyo Maru: “A bordo do **Rakuyo Maru**, subindo a costa da America do Sul pelo Pacifico, em caminho do México, junho de 937” ( CA, 1937, p.343). Há apenas uma ocorrência. Mais sobre este pós-escri)to em Souza (2015)

**PERSONICULTUREMAS**

**BARRYMORE (FILM DE)**

O narrador refere-se a John Sidney Blyth Barrymore (Filadélfia, 14 de fevereiro de 1882 — Los Angeles, 29 de maio de 1942: “— Vamos depressa que aquilo parece que é um anuncio do novo film de **Barrymore**. Dizem que é um amor... E ele é tão forte...” (AMADO, 1937, p.181). Sobre o ator americano: ganhou fama como ator teatral em comédias ligeiras, depois em papéis dramáticos, acabando por tornar-se grande intérprete de personagens shakespearianos. Barrymore hoje é lembrado por seus papéis em filmes como Dr. Jekyll and Mr. Hyde (1920), Don Juan (1926), Grande Hotel (1932) e Jantar às Oito (1933).

**LOMBROSO**

O narrador faz referência a Lombroso, psiquiatra, cirurgião, higienista, criminologista, antropólogo e cientista italiano: “O bedel sorri aprovando as palavras do Director. — E' o chefe dos taes de "Capitães da Areia".Veja... O tipo do criminoso nato. E' verdade que você não leu **Lombroso**... Mas se lesse conheceria. Traz todos os estigmas do crime na face. Com esta idade já tem uma cicatriz. Espie os olhos. . Não pode ser tratado como um qualquer. Vamos lhe dar honras especiaes. “ (p.260). Durante seus estudos em medicina, Lombroso se inclinou aos pensamentos do positivismo francês e italiano, ao materialismo alemão e do evolucionismo inglês. Sua experiência psiquiátrica foi muito influente em sua associação da demência com a delinquência. De forma subliminar, Amado faz referência ao livro “*O homem delinquente*”, de Cesare Lombroso, publicado em em 1876.

**OLYMPIO MENDONÇA**

Na obra, apontado como “homem bom e juiz de menores”: “Viviam sob as pontes, roubavam e brigavam nas ruas, o juiz de menores **Olympio Mendonça** era um homem bom, procurava resolver os conflitos como melhor podia, se abismava da inteligência das creanças iguaes a homens, compreendia que era impossível resolver o problema.(AMADO, 1937, p.313)

**MITOCULTUREMAS**

**BEZOURO**

O romance refere-se a Besouro Mangangá, o Besouro, nascido no Município de Mangangá, Recôncavo da Bahia, no final do século XIX, um dos principais capoeiristas do país, registrado assim na obra: “Contam no cães da Bahia que quando morre um homem valente vira estrela no ceu. Assim foi com Zumbi, com Lucas da Feira, com **Bezouro**, todos os negros valentes. Mas nunca se viu um caso de uma mulher, por mais valente que fosse, virar estrela depois de morta. Algumas como Rosa Palmeirão, como Maria Cabaçú, viram santas nos candomblés de caboclo. Nunca nenhuma virou estrela.” (AMADO, 1937, p.286). Há apenas um registro no romance.

**CABARÉ DE ARACAJU**

Termo datado de 1936, portanto, um ano antes da publicação de Capitães da Areia. Registrado na revista Fon-Fon (XXX no 8 p.62), com a noção de “estabelecimento comercial onde geralmente são apresentados números de música, dança e variedades e onde os clientes podem beber, dançar e consumir refeições”: “— Não nasci para essa vida. Nasci para o grande mundo, — disse o Gato repetindo uma frase que ouvira certa vez de um caixeiro viajante num **cabaré de Aracaju**.” (AMADO, 1937, p.53). O narrador faz referência a “Cabaré de Aracajú”, “cabaré de Ilheos”, “cia. O cabaréda Brama”, este, em Aracaju; cabaré "Bataclan", “cabaré da rua do Sapo”, e “"Far-West" (“cabaré dos capatazes”). No âmbito da literatura brasileira, sem dúvida, a datação do termo “cabaré” deve ser a do dia 1937, com a publicação de *Capitães da Areia*.

**GRANDES CANGACEIROS**

A acepção sugere ao leitor "bandido" em que pese o termo nos levar a noção de "malfeitor fortemente armado que andava em bando pelos sertões do Nordeste, notadamente ao longo das três primeiras décadas do sXX":"[...] Como as creanças os **grandes cangaceiros**, homens que tinham vinte e trinta mortes, acharam belo o carrossel, acharam que em mirar suas luzes rodando, ouvir a musica velhíssima da sua pianola e montar naqueles estropiados cavalos de pau, era a maior felicidade." (AMADO, 1937, p.83-84). Há 34 ocorrências.

**EMPREGO DE COPEIRA**

Datado do sXV, com acepção de " mulher que serve à mesa e cuida da copa (no sentido de 'dependência') de uma casa": "Na cidade havia de encontrar quem lhes desse de comer, quem pelo menos tomasse conta de seu irmão. Ela arranjaria um emprego de **copeira** numa casa. Ainda era uma menina, mas havia muitas casas que preferiam mesmo uma menina porque o ordenado era menor." (AMADO, 1939, p.219). Há duas ocorrências.

**CONDUTORES DE BONDE**

Na época, funcionário de bonde movido a eletricidade, de tração animal, sobre trilhos, usado para o transporte de passageiros nas zonas urbanas e suburbanas: "Ha um movimento novo na cidade. Pedro Bala sae do trapiche com João Grande e Barandão. O caes está deserto, parece que todos o abandonaram. Somente soldados de policia guardam os grandes armazéns. Não ha descarga de navios neste dia. Porque os estivadores, com João de Adão á frente, foram prestar solidariedade aos **condutores de bonde** que estão em greve." (AMADO, 1937, p.326). Sobre os movimentos sociais na Bahia, conferir em Sampaio (2007). Há três ocorrências.

**CORONÉIS**

Indivíduo, geralmente, proprietário rural do interior do país, que controla o poder político, social e econômico da região: "Professor apertou os olhos e viu também em logar de Dora, uma sertaneja forte, defendendo seu pedaço de terra contra os **coronéis**, com a ajuda amiga dos cangaceiros. Viu a mãe de Volta Seca. E era o que o mulato via. Os cabelos loiros eram carapinha rala, os olhos doces eram os

olhos achinezados da sertaneja, o rosto grave era o rosto sombrio da camponeza explorada. E o sorriso era o mesmo sorriso de orgulho de mãe para filho." (AMADO, 1937, p.239). A referência a coronel leva o leitor, pelo contexto, à noção de coronelismo com a acepção de "prática de cunho político-social, própria do meio rural e das pequenas cidades do interior, que floresceu durante a Primeira República (1889-1930) e que configura uma forma de mandonismo em que uma elite, encarnada emblematicamente pelo proprietário rural, controla os meios de produção, detendo o poder econômico, social e político local" (Hoauiss, 2020). Há 13 ocorrências na obra.

**BANDO DE LAMPEÃO**

Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, citado e reverenciado em Capitães da Areia, foi um cangaceiro brasileiro, conhecido como Rei do Cangaço, por ser o mais bem sucedido líder cangaceiro da história: "Depois de percorrer todas as cidadesinhas dos dois estados, de se embriagar em todos os seus bars, penetrou no Estado da Bahia e até para o **bando de Lampeão** ele deu uma função." (AMADO, 1937, p.83) . Há 6º ocorrências na obra. A respeito do cangaço em Capitães da Areia, consultar em Santana et ali (2015).

**LUCAS DA FEIRA**

Refere-se ao cativo Lucas Evangelista, o lendário Lucas da Feira. Liderou um bando de outros negros durante a primeira metade do século XIX na execução de crimes nos arredores da então Vila de Sant'Anna: "Contam no cães da Bahia que quando morre um homem valente vira estrela no ceu. Assim foi com Zumbi, com **Lucas da Feira,** com Bezouro, todos os negros valentes. Mas nunca se viu um caso de uma mulher, por mais valente que fosse, virar estrela depois de morta. Algumas como Rosa Palmeirão, como Maria Cabaçú, viram santas nos candomblés de caboclo. Nunca nenhuma virou estrela." (AMADO, 1937, p.285). Encontramos interessantes trabalhos sobre a revolução de Lucas da Feira em Nascimento (2012) e Silva (2017). Há apenas uma ocorrência na obra.

**HISTORIA DA MORTE DE MACHADÃO**

Um dos antigos cangaceiros do grupo de Lampião: "Depois vinha a historia da morte de **Machadão**, um dos mais antigos do grupo de Lampeão.(AMADO, 1937, p.323-324). São quatro ocorrências na obra.

**MANICURE**

Mesmo que manicura, isto é, " pessoa, especialmente mulher, especializada no tratamento e embelezamento das unhas das mãos e dos pés":"Também tinha as mãos maltratadas que esposa de operário não tem **manicure**." (AMADO, 1937, p.234). Para manicura, Houaiss (2020) data do século XX, em que seria adaptado do vernáculo de manicure com vogal temática -a, tomada como desin. de feminino. Podemos postular o ano de 1937 como o da datação para manicure a partir da publicação de *Capitães da Areia*. Só um caso na obra.

**MARIA CABAÇÚ**

Descrita em "Capitães da Areia" como "feia, mulata escura, filha de negro e india, grossa e zangada" e que "Dava nos homens que a achavam feia.." (AMADO, 1937, p.328). A passagem é expressiva na obra é: " Quanto mais uma menina.. E' verdade que Dora é a mais valente de quantas mulheres já nasceram na Bahia, que é a terra das mulheres valentes. Mais valente mesmo que Rosa Palmeirão que deu em seis soldados, que **Maria Cabaçú** que não respeitava cara, que a companheira de Lampeão que maneja um fusil igual a um cangaceiro" (AMADO, 1937, p.263). Há cinco ocorrências na obra. Mais sobre as representações femininas na obra de Jorge Amado, consultar Brivio (2010).

**MARINHEIRO JAMES**

Personagem no livro lido pelo professor aos "capitães da areia": "Foi o que fez o **marinheiro James**, um homenzarrão. Se atirou em cima do capitão, a revolta estalou no buquê. Lá fora chovia. Chovia na historia também, era a historia de um temporal e de uma revolta. Um dos oficiaes ficou do lado dos marinheiros." (AMADO, 1937, p.236). Postulamos que ao citar o marinheiro John, talvez, Amado, de forma de subliminar, homeneageia John dos Passos, como nos parece postular a da pesquisa de Calixto (2011): " Após os soviéticos, também foram traduzidas obras de autores comunistas americanos, como é o caso de John dos Passos, do neonaturalista Michael Gold (Judeus sem dinheiro) e também de autores alemães como Kurt Klaber (Passageiro de Terceira). Relacionando-se diretamente ao contexto de polarização político-ideológica, isto contribuiu para o surgimento de uma tradição de literatura proletária no Brasil que teve Amado como um dos

fundadores." (p. 69). O que vale para o "marinheiro James", de forma bastante digressiva, seria válido postular também uma possível homenagem a James Amado: "E isto se fazia sentir sob a forma de uma intensa "militância cultural" na segunda metade dos anos 1950. Em 1956, por exemplo, o autor funda o jornal Para Todos, juntamente com Oscar Niemeyer, James Amado e Moacir Werneck de Castro." (p. 116)

**QUITANDA**

Datada em Houaiss (2020) do período de 1622-1636, com acepção de " local onde se fazem negócios; mercado, praça": "Não ha venda, **quitanda**, botequim que ele não conheça." (AMADO, 1937, p.37).

**RITA TANAJURA**

Referência à lendária prostituta Rita Tanajura: "Até **Rita Tanajura**, celebre pelas grandes nádegas reboleantes, deixou a paz da sua cidade de Estância onde era a rainha do pequeno mulherio de vida fácil e onde se dava com todo mundo e veio ser a rainha do "Far-West", o cabaré da rua do Sapo, onde os beijos e o estalo das garrafas de champagne se misturavam com os tiros, com o barulho das brigas. Porque o "Far-West" era o cabaré dos capatazes, de pequenos fazendeiros de regente enriquecidos." (AMADO, 1937, p. 308-309). Há duas ocorrências para este termo. Mais sobre Rita Tanajura na obra de Jorge Amado, ver em Brivio (2010). Segundo Bribio (2010), a personagem Rita Tanajura, presente nos romances Capitães da Areia e São Jorge dos Ilhéus, "sofre, na própria pele, uma forma bizarra de violência de gênero, simplesmente por ter suscitado os desejos de um espectador em sua apresentação dançante" ( p.154).

**ROSA PAMEIRÃO**

Lenda na história da capoeira em Salvador, a capoeirista Rosa Palmeirão serviu de inspiração para Jorge Amado no romance Mar Morto e descritaem Capitães da Areia como bonita, mulher do mar e "santa num candomblé de caboclo". O narrador ainda a descreve assim: "**Rosa Palmeirão** era bonita, tinha o andar gingado de maritima, era uma mulher domar, certa vez teve um saveiro, cortou as ondas da entrada da Barra." (AMADO, 1937, p.328). Outra expressiva passagem : "— Até parece **Rosa Palmeirão**. Nunca houvera mulher tão valente como Rosa Palmeirão. Dera em seis soldados de uma vez. Todo

marítimo sabe o seu A. B. C. no cães da Bahia. Por isso Dora gosta da comparação e sorri:— Obrigado, mano." (AMADO, 1937, p.251). Há cinco ocorrências.

**ZUMBI DOS PALMARES**

Data-se para zumbi o ano de 1680, com a acepção histórica de "título do chefe de um quilombo; zambi": "Veio a mãe de santo Don'Aninha, veio também o Querido de Deus. Pedro Bala não toma parte na conversa. Aninha diz: — Foi como uma sombra nesta vida. Vira santa na outra. **Zumbi dos Palmares** é santo dos candomblés de caboclo, Rosa Palmeirão também. Os homens e as mulheres valentes viram santo dos negros'...(AMADO, 1937, p.284). Mais sobre a história do negro o Brasil, ver em Albuquerque e e FRAGA (2006) e Santos et ali ( 2013).

**FAMILICULTUREMAS**

**AFILHADO**

Verbete datado de 1043, na obra pode ter acepção de "aquele que recebe o batismo ou confirmação em relação a seu padrinho e/ou a sua madrinha" ou figurativamente "aquele que recebe proteção como se fosse filho; acepção, ao que parece, mais viável ao contexto a seguir:" Olha o **afilhado**: — Tú guarda esta saida. Se um quizer arribar, mete fogo." (AMADO, 1937, p.317). Há apenas uma ocorrência na obra.

**MEU PADRIM**

Na linguagem informal do nordeste brasileiro, padrinho: "— Lampeão já rodou nele. Lampeão é meu **padrim**..." (AMADO, 1937, p.87). Mais adiante o narrador diz: "— E' que traz noticia de Lampeão... — Seu rosto sombrio clareava. — Tú sabe que Lampeão é meu **padrim**? — Padrinho?" (AMADO, 1937, p.237). Podemos postular a datação desta para este termo em 1937 com a publicação de Capitães da Areia. Forma apocopada de padrinho. São ste ocorrências na obra.

**PAE**

Homem que gerou um ou mais filhos, genitor, progenitor: "É aqui também que mora o chefe dos Capitães da Areia: Pedro Bala. Desde

cedo foi chamado assim, desde seus cinco anos. Hoje tem 15 anos. Ha dez que vagabundeia nas ruas da Bahia. Nunca soube de sua mãe, seu **pae** morrera de um balaço." (AMADO, 1937, p.37). Há pelo menos 80 ocorrências na obra.

**POLITICULTUREMAS**

**CAMARADA PEDRO BALA**

Equivalente à camarada, com a acepção de "companheiro de militância política de esquerda": "Anos depois os jornaes de classe, pequenos jornaes, dos quaes vários não tinham existência legal e se imprimiam em tipografias clandestinas, jornaes que circulavam nas fabricas, passados de mão em mão, e que eram lidos â luz de fifós, publicavam sempre noticias sobre um militante proletário, o **camarada Pedro Bala**, que estava perseguido pela policia de cinco Estados como organisador de greves, como dirigente de partidos üegaes, como perigoso inimigo da ordem estabelecida " (AMADO, 1937, p.343). Há uma interessante etimologia para camarada com acepção de "grupo de soldados que dormem e comem juntos" ou "'companheiro". Para camarada, há quatro ocorrências, enquanto para "companheiro" há 39 ocorrêncas, sendo que, destas, com acepção político-partidária, existem, ao menos, 20 ocorrências.

**CORPO DOS COMPANHEIROS**

Termo datado de companheiro de 1297, ao longo da obra, tem as seguintes acepções (contíguas à noção de camarada): (i) "que ou o que acompanha, faz companhia ou vai na companhia": "João Grande passa por debaixo da ponte — os pés afundam na areia — evitando tocar no **corpo dos companheiros** que já dormem." (AMADO, 1937, p.41); (ii) "aquele que participa das ocupações, atividades, aventuras ou do destino de outra pessoa"; (iii) "aquele que vela por uma pessoa, trazendo-lhe consolo ou ajuda": "— Tú tá roubando um **companheiro**?" (AMADO, 1937, .62); (iv) a forma feminina refere-se à relação à mulher com quem convive maritalmente": "Mais valente mesmo que Rosa Palmeirão que deu em seis soldados, que Maria Cabaçú que não respeitava cara, que a **companheira** de Lampeão que maneja um fusil igual a um cangaceiro." (AMADO, 1937, p.263); e (v)

"usado como interlocutório pessoal": "— Companheiro, esse é um porreta, — diz João de Adão. — Tú não conhece os Capitães da Areia nem Capitão Pedro.. E' um companheiro..." (AMADO, 1937, p.332). Há 39 ocorrências. Deste conjunto, quatro são com o feminino "companheira".

**COMUNISTA**

Partidário ou simpatizante do comunismo, ou ainda membro de um partido ou movimento comunista: "— Cale-se. — A voz do Conego era cheia de autoridade. — Quem o visse falar diria que é um comunista que está falando. E não é difficil. No meio dessa gentalha o senhor deve ter aprendido as teorias deles.. O senhor é um **comunista**, um inimigo da Igreja." (AMADO, 1937, p.203). O comunismo, resumidamente, refere-se à doutrina econômica e sociopolítica de cunho revolucionário, elaborada pelos teóricos alemães Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), que prevê a superação do capitalismo por meio da luta de classes, o fim da propriedade privada dos meios de produção, a instauração de um regime de partido único e, num último estágio, a supressão do Estado e o estabelecimento de uma sociedade sem classe. Há 14 ocorrências no livro.

**FURA-GREVES**

Também chamado pelo narrador de "furadores de greve". Na obra, com acepção de"quem não se solidariza com a causa dos companheiros e trabalha estando em estado de greve":" Mas acontece que os diretores da Companhia andam contratando **fura-greves** para trabalhar amanhã. Se os operários dissolverem os grupos de furadores de greve darão margem a que a policia intervenha e está todo o trabalho perdido... Então o companheiro João de Adão lembrou vocês..." (AMADO, 1937, p.333).Postulamos a datação de 1937 para este termo. Há cinco ocorrências.

**INOVAÇÕES SOVIÉTICAS**

O narrador refere-se, implicitamente, ao Partido Comunista na versão soviética: "— O senhor nos deu muito que fazer, padre, com suas ideas erradas acerca de educação. Espero que a bondade do sr. Arcebispo lhe dando esta paroquia fará com que o senhor pense nas

suas obrigações e desista destas **inovações soviéticas**." (AMADO, 1937, p.297)

**LEI DA SAÚDE PUBLICA (CASOS DE VARÍOLA)**

Trata-se de " novo regulamento aos serviços sanitarios a cargo da União" (Decreto nº 5.156, de 8 de março de 1904): "Havia uma **lei que obrigava os cidadãos a denunciarem á Saúde Publica** os casos de varíola que conhecessem para o imediato recolhimento dos variolosos aos lazaretos. O padre José Pedro conhecia a lei, mas, mais uma vez, ficou com os Capitães da Areia contra a lei." (AMADO, 1937, p. 196).

**LEIS DO REFORMÁTÓRIO**

Referem-se ao Decreto nº 17.943-A de 12 de outubro de 1927, assinado por Washington Luiz P. d e Sousa e Augusto de Vianna do Castello. Este decreto foi revogado pela Lei nº 6.697, de 1979:"Ele conhecia demais as **leis do Reformatorio**, as escritas e as que se cumpriam" (AMADO, 1937, p.96). Interessante assinalar que 1922, uma reforma do Código Penal elevou a maioridade de 9 para 14 anos. O Decreto Nº 17.943-A de 12 de Outubro De 1927 cuja ementa era "Consolida as leis de assistencia e protecção a menores", proibia a prisão de crianças e adolescentes. Em lugar da prisão, aos menores seriam aplicadas medidas socioeducativas. No caso dos delinquentes com idade entre 14 e 17 anos, eram encaminhados a uma escola de reforma (ou reformatório), onde recebiam educação e aprendiam um ofício. Posteriormente, o Decreto de 1927 foi revogado pela Lei nº 6.697, de 1979, que por sua vez foi revogada pela Lei nº 8.069, de 1990, em vigência, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente.

**MILITANTE PROLETÁRIO**

Adjetivo datado de 1789, com a acepção, pelo contexto, de "membro do proletariado, da classe proletária", ou seja, a classe trabalhadora: "Anos depois os jornaes de classe, pequenos jornaes, dos quaes vários não tinham existência legal e se imprimiam em tipografias clandestinas, jornaes que circulavam nas fabricas, passados de mão em mão, e que eram lidos â luz de fifós, publicavam sempre noticias sobre um **militante proletário**, o camarada Pedro Bala, que estava perseguido pela policia de cinco Estados como organisador de greves, como dirigente de partidos üegaes, como perigoso inimigo da

ordem estabelecida." (AMADO, 1937, p.343). Há apenas uma ocorrência na obra.

## AMICULTUREMAS

### COISA DE AMIGAMENTO

Concubinato, isto é, união livre e estável de um homem e uma mulher que não são casados um com o outro:" Não tem nada. Isso me cheira a **coisa de amigamento**. O sujeito aquele derrubava a zinha daqui e agora o empregado tem as cartas que os dois se escrevia e quer dar o alarme. Esse pacote tá com perfume." (AMADO, 1937, p. 77). É possível que seja um caso de hápax no âmbito da literatura brasileira.

### AMOR

Ao longo da obra, a acepção mais corrente é de "forte afeição por outra pessoa, nascida de laços de consanguinidade ou de relações sociais": "Queria alegria, uma mão que o acarinhasse, alguém que com muito **amor** o fizesse esquecer o defeito físico e os muitos anos (talvez tivessem sido apenas mezes ou semanas, mas para ele seriam sempre longos anos) que vivera sosinho nas ruas da cidade, hostilizado pelos homens que passavam, empurrado pelos guardas, surrado pelos moleques maiores." (AMADO, 1937, p.50). Também são muitas as ocorrências e seus matizes de significação. Entre tantos, destacaríamos, ao menos, duas acepções "atração baseada no desejo sexual; afeição e ternura sentida por amantes" e " relação amorosa, aventura amorosa": " Que podia saber de **amor**? Sempre pensara que o amor fosse o momento gostoso em que uma negrinha ou uma mulata gemia sob seu corpo no areal do cães. Isto cedo aprendeu, quando não tinha ainda 13 anos." (AMADO, 1937, p.26E). Há pelo menos 70 ocorrências com o termo ou correlatos (cognatos).

## CREDICULTUREMAS

### ARCEBISPADO

Território eclesiástico sob a jurisdição de um arcebispo (bispo investido de maiores poderes e atribuições e responsável por

determinada arquidiocese): “As autoridades não agiram contra o padre, mas se queixaram ao **Arcebispado**. E o padre José Pedro foi chamado á presença do Conego Secretario do Arcebispo. Ficou amedrontado.”( (AMADO, 1937, p.196). Há nove ocorrências.

**CONEGO SECRETARIO DO ARCEBISPO**

Com a acepção de “padre secular pertencente a um cabido, a uma colegiada ou a certas basílicas, que segue uma regra e por vezes goza de um benefício eclesiástico” ou “ religioso que participa do colegiado de uma catedral ou de uma igreja e trabalha na administração da mesma”: “As autoridades não agiram contra o padre, mas se queixaram ao Arcebispado. E o padre José Pedro foi chamado á presença do **Conego Secretario do Arcebispo**. Ficou amedrontado.”(AMADO, 1937, p.196). São 34 ocorrências na obra. Interessante observar o peso da autoridade clerical na passagem que o padre José Pedro é recriminado pelo Conego: “— Isso não é comnosco. — respondeu o **Conego** com voz inexpressiva mas cheia de decisão. — Isto é com a Saúde Publica. Mas o nosso papel é respeitar as leis. (AMADO, 1937, p.201).

**CURA**

Datado do século XIII, com a acepção de “pároco, vigário de freguesia, povoação, aldeia”: “A paroquia nunca tivera **cura** porque o Arcebispo nunca encontrara um padre que se dispuzesse a ir para o meio dos cangaceiros, numa perdida vila do alto sertão. Mas o nome do lugarejo alegrou o coração do padre José Pedro. Ia para o meio dos cangaceiros. E os cangaceiros são como creanças grandes. Agradeceu, ia falar, mas o superior dos Capuchinhos o interrompeu: — O. sr. conego me disse que entre estes meninos ha um que tem vocação sacerdotal...”(AMADO, 1937, p.297). Há apenas uma ocorrência na obra.

**PRIMEIRA COMUNHÃO**

Na Liturgia Católica, “cerimônia solene em que alguém, geralmente uma criança, recebe pela primeira vez a Eucaristia, fazendo profissão de fé católica”: “Não era possível trata-los como aos meninos que vão ao colégio dos jesuítas fazer a **primeira comunhão**.” (AMADO, 1937, p.205).

**EXTRANHA PROCISSÃO**

Datado do sXIII. No âmbito da religião, refere-se à "procissão ou marcha solene de caráter religioso, geralmente pelas ruas de uma cidade, em que padres e outros clérigos saem paramentados, carregando imagens, crucifixos etc., seguidos pelos fiéis, em geral, formados em duas ou mais alas, entoando cantos e rezas": "Levam-na para a paz da noite, para o mistério do mar. O padre reza, é uma **extranha procissão** que se dirige na noite para o saveiro do Querido de Deus. Do areai Pedro Bala vê o saveiro que se afasta. Morde as mãos, estende os braços." (AMADO, 1937, p.285). Só há uma ocorrência na obra.

**SACRISTÃO**

Com duas acepções possíveis dadas pelo contexto "empregado que tem a seu cargo a limpeza, a ordem e a guarda de uma igreja, especialmente da sacristia" ou " o que ajuda à missa e auxilia o sacerdote nos ofícios divinos": "Depois o padre José Pedro compreendeu que a experiência tinha fracassado mais por culpa da solteirona que do menino. Porque evidentemente — pensava o padre José Pedro — é impossível converter uma creança abandonada e ladrona em um **sacristão**. Mas é muito possível converte-la em um homem trabalhador .. " (AMADO, 1937, p.100). Há apenas esta ocorrência com esta grafia. No entanto, aparece a forma pejorativa *sacrista* em: "Alguns juntaram as mãos e Pirulito chegou a iniciar um padre-nosso. Mas Sem Pernas o afastou com uma das mãos: — Sae, **sacrista**." (AMADO, 1937, p.190), o que sugere um caso de interlocutório pessoal" no qual o substantivo é usado com função fática ("modo como se estabelece, se mantém ou se interrompe o contato entre o emissor da mensagem e o destinatário desta").

**INTRIGUINHAS DE SACRISTIA**

Datada por Houaiss do século XVI, sacristia refere-se à "casa anexa a uma igreja, ou dependência dela, onde são guardados os paramentos e outros objetos de culto, e onde os padres oficiantes tomam as vestes do culto", enquanto "intriguinhas" tem a mesma acepção de "pequenas intrigas ou intrigas baixas, desprezíveis": "Depois as beatas foram aos poucos se aproximando novamente do padre José Pedro. A verdade é que nunca chegaram a ter com ele uma

perfeita intimidade. O seu ar serio, a sua bondade que se reservava para quando se fazia necessária, e seu horror ás **intriguinhas de sacristia** faziam com que elas o respeitassem mais que o amassem." ." (AMADO, 1937, p.99). Há quatro ocorrências na obra.

**RETRATO DE SANTO IGNACIO**

Refere-se a Inácio de Loyola ou Loiola, fundador da Companhia de Jesus, uma ordem religiosa católica romana que teve grande importância na Reforma Católica, cujos membros são conhecidos como os jesuítas: .[ "Pesadas cortinas, cadeiras de alto espaldar, um **retrato de Santo Ignacio** numa parede." (AMADO, 1937, p.196). Há apenas uma ocorrência.

**SÃO PEDRO (CENTRO)**

Pelo contexto, o autor, ao certo, se refere à região do Centro Antigo de Salvador, conhecida como São Pedro, antiga Igreja de São Pedro, demolida em 1913, para a passagem da Avenida Sete de Setembro. O atual Largo de São Pedro, entre a Piedade e São Bento, deixou um "vazio" deixado por sua demolição. Posteriormente, uma nova Igreja de São Pedro foi construída na Piedade, em 1916: "A chuva caia e os guardas se abrigavam sob as capas. Começou a subir a ladeira de São Bento vagarosamente. Tomou por **São Pedro**, atravessou o Largo da Piedade, subiu o Rosário,agora estava nas Mercês, deante da Central de Policia olhando as janelas, o movimento de guardas e secretas que entravam e saiam." (AMADO, 1937, p.133). Só há ocorrência.

**VOCAÇÃO SACERDOTAL**

Por vocação, a acepção deve ser a "apelo ou inclinação para o sacerdócio, para a vida religiosa" e sacerdotal, isto é, uma inclinação pessoal para receber "as ordens sacerdotais e que ministrará os sacramentos da Igreja", ou seja, ser padre : "O. sr. conego me disse que entre estes meninos ha um que tem **vocação sacerdotal..."** (AMADO, 1937, p.297). São 12 ocorrências para vocação (sacerdotal), em geral, relacionadas ao personagem Pirulito: "vocação decidida", "vocação verdadeira", "vocação de nascença" e "verdadeira vocação".

## ETNOCULTUREMAS

### CABOCLO RAYMUNDO

No livro, a acepção de "indivíduo nascido de índia e branco (ou vice-versa), fisicamente caracterizado por ter pele morena ou levemente avermelhada e cabelos negros e lisos", perfil físico que se adequa às característica do caboclo Raymundo: "Não durou muito na chefia o **caboclo Raymundo**. Pedro Bala era muito mas ativo, sabia planejar os trabalhos, sabia tratar com os outros, trazia nos olhos e na voz a autoridade de chefe." (AMADO, 1937, p.37). Na obra, há de 8 ocorrências.

### CABROCHA

Na obra, pode, livremente, sem prejuízo de interpretação, receber diferentes matizes semânticos como "mulato (no sentido de 'filho')", "qualquer mestiço jovem" ou, ao que parece, tendente, pelo contexto, a ser definido como " mulher que gosta de sambar ou que participa dos desfiles carnavalescos, especialmente de uma escola de samba": "E foram de mãos dadas. Ela chorava e aquele choro foi angustiando Pedro Bala, foi fazendo com que voltasse sua inquietação do começo da noite, a visão de seu pae morrendo na luta, a visão de Omolú anunciando vingança. Começou a maldizer intimamente o encontro da **cabrocha** e apressou o passo para chegar quanto antes ao começo da rúa. Ela soluçava e ele falou com raiva: — Que foi que tú teve? Tú não teve nada." (AMADO, 1937, 122). Há cinco ocorrências na obra.

## CRIACULTUREMAS

### ESCOLA DE BELAS-ARTES

Refere-se à Instituição cultural em Salvador (BA):"— Tú já deu uma espiada na **escola de Belas Artes**? E' um belezame, rapaz. Um dia andei de penetra, me meti numa sala. Tava tudo vestido de camisão, nem me viram. E tavam pintando uma mulher nua. Se um dia eu pudesse. ." (AMADO, 1937, p.179). Criada em 17 de dezembro de 1877, a Academia de Belas Artes da Bahia passou a ser denominada Escola de Belas Artes da Bahia em 1891, por força da Reforma do Ensino Secundário e Superior da República feita por Benjamin Constant. Sendo a segunda Escola Superior da Bahia e segunda Escola de Artes

do Brasil, em dezembro de 1948 passou a integrarn a Universidade da Bahia. Mais sobre a Escola de Belas Artes, em Salvador, ver em Silva (2008) e Valle e Dazzi (2010).

**PASSEIO PÚBLICO**

Foi inaugurado em 1810 por Dom Marcos de Noronha e Brito, então governador da Bahia e se tornou importante espaço de lazer e local onde aconteciam grandes festas populares: "Depois o bilheteiro não quiz lhe devolver o bilhete da entrada que fez com que o Sem Pernas metesse as mãos na gaveta da bilheteria que estava aberta com o troco e tivesse que desaparecer do **Passeio Publico** de uma maneira muito rápida, enquanto em todo o passeio publico se ouviam os gritos de: "ladrão,ladrão"."(AMADO, 1937, p.85)

**ARTICULTUREMAS**

**GUARANY**

Criado no ano de 1919, inicialmente com o nome Cine Cursal, no ano seguinte mudou o o nome Cine Teatro Guarany, de maior identificação cultural e social à época: - "Ali, no **Guarany**, luxuoso éTíe cômodas cadeiras, tinha que ouvir o filme em silencio e num momento que não se conteve e soltou um assovio, Raul o olhou. E' verdade que sorria mas também é certo que fez um gesto para que o Sem Pernas não assoviasse mais." (AMADO, 1937, p.164-165). Só aparece uma vez na obra.

**CINEMA DE ITAPAGIPE**

Em Salvador, funcionou entre 1920 e 1965, tendo sido substituído por um posto de gasolina após sua desativação: "Pena que no cinema não pudesse gritar quando o mocinho surrava o vilão como o fazia nas vezesque conseguira penetrar no galinheiro do Olympia ou do **cinema de Itapagipe**."(AMADO, 1937, p.164). Interessante que, ao longo da obra, Amado faz referência a Itapagipe em diversos momentos: "península de itapagipe" (p.82 e 84); hoje, " patrimônio industrial e natural"; ("praça de Itapagipe" (p.86; 102); e "fabrica de cigarros de Itapagipe" (p.112). Mais em Pena (2012)

**GALINHEIRO DO OLYMPIA**

Refere-se ao Cine-Theatro Olympia. O narrador chama o antigo cinema de "galinheiro do Olímpia": "Pena que no cinema não pudesse gritar quando o mocinho surrava o vilão como o fazia nas vezesque conseguira penetrar no **galinheiro do Olympia** ou do cinema de Itapagipe."(AMADO, 1937, p.164). Segundo os relatos da época, realmente cinema barulhento e frequentado por pessoas de classes desfavorecidas economicamente. Antes de se chamar OIympia, este cinema funcionou com o nome de Íris-Theatre, inaugurado em 1912, e, posteriormente, Caraboo, a partir de 1914 (PENA, 2013).

**TABUCULTUREMAS**

**FEBRE DE MAU AGOURO**

Pelo contexto, uma falsa doença arquitetada pelo personagem "Sem Pernas" para sensibilizar uma senhora de posses. Talvez, ao usar a expressão "febre de mau agouro" quisesse dar uma ênfase exagerada à febre causada pela varíola (doença contagiosa aguda, de origem viral) e que teria levado sua "mãe" a óbito. Na passagem, Sem Pernas, ao mostrar "a perna capenga, andou na frente da senhora forçando o defeito" e para despertar sua compaixão, mente assim: "— De que morreu, sua mãe? — Mesmo não sei. Deu uma coisa exquesita na pobre, uma **febre de mau agouro**, ela bateu a caçuleta em cinco dias. E me deixou só no mundo."(AMADO, 1937, p.156). Ao menos, são 23 ocorrências com a palavra "febre", como em: "Parece que também tou queimando de febre"(p.188); "Era a febre da bexiga" (p.207); "Dora queimava de febre, mal podia estar em pé" (p.279), entre outros.

**ANACORETA**

No contexto, sugere ao leitor a acepção de "monge cristão ou eremita que vive em retiro, solitariamente, especialmente nos primeiros tempos do cristianismo":" Jejuava dias inteiros e sua face ficou macilenta como a de um **anacoreta**." (AMADO, 1937, p. 147). Há apenas uma ocorrência na obra.

**SANTO ANTONIO**

Foi frade agostiniano no Convento de São Vicente de Fora, em Lisboa, indo posteriormente para o Convento de Santa Cruz, em Coimbra, onde aprofundou os seus estudos religiosos. Sua fama de santidade levou-o a ser canonizado pela Igreja Católica pouco depois de sua morte: "E pregado na parede com pregos pequenos dois quadros de santos: um **Santo Antônio** carregando um menino Deus (Pirulito se chamava Antônio e tinha ouvido dizer que Santo Antônio era brasileiro), e uma Nossa Senhora das Sete Dores, que tinha o peito cravado de setas mas que tinha sob o seu quadro uma flor murcha. Pirulito recolheu a flor, aspirou-a, viu que não tinha mais perfume" (AMADO, 1937, p.47). No livro, há seis ocorrências.

**BENTINHO**

No âmbito da terminologia eclesiástica, trata-se de "objeto de devoção composto por dois saquinhos quadrados de pano, contendo orações escritas, ou uma relíquia, ou outros elementos, que os devotos trazem, à altura do peito e nas costas, pendente do pescoço": "Então a amarrou junto ao **bentinho** que trazia no peito e do bolso do velho paletó que vestia retirou um cravo vermelho que colhera num jardim, mesmo sob as vistas do guarda, naquela hora indecisa do crepúsculo." (AMADO, 1937, p.47). Como nome de personagem, Bentinho aparece em Dom Casmurro, que ocupa uma postura de anti-herói: '— D. Gloria, a senhora persiste na idéia de metter o nosso **Bentinho** no seminário? E mais que lenipo, ejá agora pôde haver uma dificuldade" (ASSIS, 1989, p.7)

**BICHO PAPÃO**

Mesmo que papão (monstro imaginário com que se assusta as crianças), hoje chamaríamos de "ogro": "[...]Esquece tudo, é apenàs um menino de quatorze anos com uma mãesinha que remenda suas camisas.. Vontade de que ela cante para ele dormir... Uma daquelas cantigas de ninar que falam em **bicho papão**. Dora. morde a linha, se inclina para ele. "(AMADO, 1937, p.235). A sinonímia é marcadadmente cultural ou flocórica: bicho-papão, bitu, boitatá, coca /ô/, coco /ô/, cuca, gorjala, manjaléu, mumuca, ogro, olhapim, olharapo, papa-figo, papa-gente e tutu. Postulamos o ano de 1937, data de publicação de Capitães da Areia, para a datação deste termo.

**BREVIÁRIO NEGRO**

Na liturgia católica, livro que "reúne os ofícios que os sacerdotes católicos rezam diariamente, ou seja, reunião dos elementos do Ofício Divino que contempla os salmos, antífonas, cânticos, lições bíblicas etc.; dele podem fazer parte o ofício dos defuntos e outros, de festas especiais ou locais": "O padre José Pedro meteu a mão no bolso da batina, tirou o **breviario negro**." (AMADO, 1937, p.102). Há apenas uma ocorrência na obra.

**CANDOMBLÉ DE PROCÓPIO**

É provável que Procópio Xavier de Souza tenha nascido em Salvador-BA e admitido ao candomblé por Mãe Marcolina da Cidade da Palha, de quem recebeu o nome religioso de Ogum Jobi. Fundador do Ilê Ogunjá e um dos babalorixás mais populares e mais perseguidos de seu tempo, teve seu terreiro invadido diversas vezes e apreendidos os objetos sagrados do seu terreiro: "Até mesmo Pirulito que tinha quadros de santos na sua parede, até mesmo João Grande que nesta noite iria com o Querido de Deus ao **candomblé de Procopio**, no Matatú, até mesmo o Professor que lia livros, e quem sabe se também Pedro Bala. que nunca inveja nenhum porque era o chefe de todos? Todos o invejaram, sim." (AMADO, 1937, p.87). Há dezenove ocorrências na obra.

**RITO DOS CANDOMBLÉS NAGÔS DOS NEGROS**

A constituição do candomblé nagô, especificamente do Axé Opô Afonjá, no século XIX, pode ser entendida como a formação de um território-religioso que misturou os iorubás da Bahia: "Tinham sido valentes, viraram santas nos candomblés de caboclo, que são candomblés que de quando em vez inventam novos santos, não teem aquela puresa de **rito dos candomblés nagôs dos negros**." (AMADO, 1937, p.328). Sobre o candombléia nagô, ver em Moura (2013). Há duas ocorrências na obra.

**SUPERIOR DOS CAPUCHINHO**

Refere-se ao que dirige ama das ordens franciscanas reformadas: "Padre José Pedro foi chamado novamente ao Arcebispado. Desta vez o Conego está acompanhado do **superior dos Capuchinhos**. Padre José Pedro treme, pensando que novamente vão lhe ralhar, vão falar

dos seus pecados. Fez muita coisa contra as leis para ajudar os Capitães da Areia." (AMADO, 1937, p.296). Os frades franciscanos são assim chamados devido ao capuz que trazem preso ao hábito.

**CATECISMOS**

Conjunto de "instruções sobre os princípios, dogmas e preceitos de doutrina religiosa, especialmente a cristã" : "No entanto sua reza era simples e não fora siquer aprendida em **catecismos**. Pedia que a Senhora o ajudasse a um dia poder entrar para aquele colégio que estava no Sodré e de onde saiam os homens transformados em sacerdotes" (AMADO, 1937, p.48). Há cinco ocorrências no livro.

**CELA DE PENITENTE**

Datado do século XIII, com acepção de "aposento de um religioso, nos conventos": "Pirulito está marcado por Deus. Mas está marcado também pela vida dos Capitães da Areia. Desiste da sua liberdade, de ver e ouvir o espetáculo do mundo, da marca de aventura dos Capitães da Areia, para ouvir o chamado de Deus. Porque a voz de Deus que fala no seu coração é poderosa que não tem comparação. Rezará pelos Capitães da Areia na sua **cela de penitente**. Porque tem que ouvir e seguir a voz que o chama. É uma voz que transfigura seu rosto na noite invernosa do trapiche. Como se lá fora fosse a primavera." (AMADO, 1937, p.296)

**COMIDA**

Com acepção de "pessoa com quem se tem relações sexuais costumeiras ou pessoa que se entrega sexualmente, em geral de maneira passiva: "— E tú perde a **comida**? — A criada? Como hoje mesmo. Nove hora tou firme aí." (AMADO, 1937, p.155). Há 27 ocorrências deste termo na obra, sendo apenas cinco são relacionadas a esta acepção acima.

**MÃE DO TERREIRO DA CRUZ DE OXÓ DE AFOXÊ**

Refere-se à Don'Aninha. O noção de Afoxê está ligada à noção "grupo negro semirreligioso de brincantes que desfila, no carnaval baiano, não raramente como obrigação (no sentido de 'preceito') de uma casa de candomblé": A mãe do terreiro da Cruz de Oxó de Afoxê . "Talvez só o soubesse Don'Aninha, a **mãe do terreiro da Cruz de Oxó**

**de Afoxê**, porque Don'Aninha sabe de tudo que Yá lhe diz através de um buzo nas noites de temporal.” (AMADO, 1937, p.42). Há apenas uma ocorrência.

**DEMÔNIO DA VAIDADE**

O autor apontar a vaidade ou fanfarrice como demônio. Pelo contexto, a noção de demônio pode ser associada ao ”anjo que se rebelou contra a autoridade divina, com uma legião de entidades malignas sob seu comando.”: “— Que sabe o senhor da bondade de Deus? Que grande inteligência tem para saber dos desígnios de Deus? O **demônio da vaidade** o dominou?” (AMADO, 1937, p.201.). Há sete ocorrências.

**DIA DO XANGÔ**

É o orixá da justiça, dos raios, do trovão e do fogo: “João Grande não estava jogando (conhecia de mais o baralho do Gato), só fazia espiar rindo com seus dentes alvos quando o Querido de Deus dizia que estava com sorte neste dia porque era o **dia de Xangô**, seu santo.” (AMADO, 1937, p.66).

**DIABO**

Ao longo da obra, podemos perceber que majoritariamente a acepção de diabo é “usado genericamente como intensificador e hiperbolizante, frequenente com valor afetivo, contendo uma ideia de “desordem, confusão” e “usado como expletivo após pronomes interrogativos”:” — Já fechei a cancela, Boa Vida. Passei da idade. Pergunta a este. — apontava João de Adão. — Vi quando ele, quasi menino assim como tú, fez a primeira greve aqui nas doca. Naquele tempo ninguém sabia que **diabo** era greve. Tú te lembra, compadre?” (AMADO, 1937, p.110); e “Então ele disse:— Que **diabo** é isso?” (AMADO, 1937, p.122). Há quatro ocorrências na obra.

**FEITIÇOS**

No ocultismo,“ação ou prática própria de feiticeira ou feiticeiro; sortilégio, bruxaria, enfeitiçamento”: “Por ultimo Don'Aninha veio onde estavam os Capitães da Areia, seus amigos de ha muito, porque são amigos da grande mãe de santo todos os negros e todos os pobres da Bahia. Para cada um ela tem uma palavra amiga e maternal. Cura

doenças, junta amantes, seus **feitiços** matam homens ruins." (AMADO, 1937, p.125) ou "Mas que podia um pobre padre sem paroquia contra todos? Porque todos odeiam os meninos pobres, pensa Pedro Bala, Quando sair pedirá á mãe de santo Don'Aninha que faça um **feitiço forte** para matar o diretor." (AMADO, 1937, p.266). Há dois casos de registro do verbete.

**FILHAS DE SANTO**

Duas acepções possíveis para o uso da expressão no contexto da obra em tela: (i) "nos candomblés de rito nagô, sacerdotisa preparada para fazer as vezes de suporte físico à descida dos orixás entre os humanos"; e (ii) "na umbanda, médium feminino que, em transe, faz suporte à encarnação das entidades (no sentido de 'ser espiritual') da casa": "Quando a deixaram, rodeada das suas **filhas de santo** que beijavam sua mão, Pedro Bala prometeu: — Deixe estar, mãe Aninha, que amanhã te trago Ogún." (AMADO, 1937, p.126). Interessante assinalar que, por "filho de santo", especialmente no candomblé baiano, diz respeito ao sacerdote que ocupa a mesma posição das **filhas de santo**, mas que não aparece na obra. Há duas ocorrências na obra.

**GANTOIS (TERREIRO DO)**

O "Ilê Iyá Omi Axé Iyamassé" é localizado na cidade de Salvador e conhecido como o "Terreiro do Gantois". É um dos mais antigos candomblés baianos e reconhecido como patrimônio histórico do Brasil desde 2002 (AMADOSTILHO, 2017):" — Tú não vae hoje ao **Gantois**? Vae ser uma batida daquelas. Um fandango de primeira. É festa de Omolú." (AMADO, 1937, p.114). Na obra, são quatro ocorrências com e referência aos cultos afro-brasileiros originários do nagô, com menção explícita a "candomblé do Gantois" e "macumba do Gantois". O autor parece não distinguir, ao menos, explitamente, candomblé e macumba, mas atualmente se acredita que o candomblé teria surgido na Bahia e depois se espalhou-se pelo Nordeste brasileiro, onde o sacerdote responsável pelo templo é o babalorixá ("babá" significa pai em yorubá) ou a ialorixá ("iyá" significa mãe). A macumba, por sua vez, é uma definida como oferenda a Exu, especialmente nas encruzilhadas, despacho, de sentido depreciativo, como sinônimo de "bruxaria", "feitiçaria" ou "curanderirismo".

**IEMANJÁ**

Grafada com inicial maiúscula, no Brasil, no candomblé ortodoxo e em outras seitas dele derivadas, orixá das águas salgadas, considerada mãe de outros orixás (também denominada de Inaê, Janaína, Princesa do Aiocá ou Arocá, Princesa do Mar, Rainha do Mar, Sereia do Mar), aparece neste contexto: "Então a luz da lua se estendeu sobre todos, as estrelas brilharam ainda mais no ceu, o mar ficou de todo manso (talvez que **Yemanjá** tivesse vindo também ouvir a musica) e a cidade era como que um grande carrossel onde giravam em invisíveis cavalos os Capitães da Areia" (AMADO, 1937, p.88-89). Há sete ocorrência no livro

**INFERNO**

No âmbito da religião e para os cristãos, em especial, refere-se a "lugar ou situação pessoal em que as almas pecadoras se encontram após a morte, submetidas a penas eternas": "Meu filho Alonso teve lá seis mezes e se eu não arranjasse tirar ele daquele **inferno** em vida não sei se o desgraçado viveria mais seis mezes."(AMADO, 1937, p.28). O narrador, em, ao menos, 20 ocorrências, refere-se expressivamente a "inferno" em "condenados ao inferno" "Pedro Bala não acreditava no **inferno**, Professor tãopouco, riam ele.", "Estariam todos condenados ao **inferno**?", "o **inferno** era um logar de fogo eterno, era um logar onde os condenados ardiam uma vida que nunca acabava.", " E no **inferno** havia martírios desconhecidos mesmo na policia, mesmo no Reformatorio de Menores." e " Pirulito vira ha poucos dias um frade alemão que descrevia o **inferno** num sermão na Igreja da Piedade", todas as extraídos da página 143 da obra.

**NOITE DA MACUMBA**

Datada do século XX, no refere-se à " designação genérica dos cultos afro-brasileiros originários do nagô e que receberam influências de outras religiões africanas , especialmente de de Angola e do Congo: "Pensando nas nádegas reboleantes da negrinha não pensava na morte de seu pae defendendo o direito dos grevistas, em Omolú pedindo vingança na **noite de macumba**." (AMADO, 1937,p.116). Há nove ocorrências.

**MÃE DE SANTO DON'ANINHA**

É provável tenha feito uma homenagem à Eugênia Anna Santos, Mãe Aninha, morta em 1938, fundadora do terreiro de candomblé Ilê Axé Opô Afonjá em Salvador. Esta hipótese de verossimilhança pode ser confirmada na descrição da personagem: "Don'Aninha era magra e alta, um tipo aristocrático de negra e sabia levar como nenhuma das negras da cidade suas roupas de *bahiana.*" (AMADO, 1937, 126). É a mãe de santo a responsável pela direção espiritual e administração do terreiro: "Quando calhava vir o padre José Pedro, ou a **mãe de santo Don'Aninha** ou também o Querido de Deus, o doente tinha algum remédio." (AMADO, 1937, p. 60). É notório peso ou poder espiritual e sobrenatural de Don'Aninha em diferentes passagens na obra e sua influência igualmente poderosa nas ações dos "Capitães da Areia", como "Talvez só o soubesse **Don'Aninha**, a mãe do terreiro da Cruz de Oxó de Afoxê, porque **Don'Aninha** sabe de tudo que Yá lhe diz através de um buzo nas noites de temporal." (p.42); "**Don'Aninha** tinha usado da sua força junto a um guarda para conseguir a volta do santo. Fora mesmo á casa de um professor da Faculdade" (p.124);"Quando sair pedirá á **mãe de sant**o **Don'Aninha** que faça um feitiço forte para matar o diretor." (p.266); "**A mãe de santo Don'Aninha** reza oração forte para a febre que consome Dora desaparecer." (p.280); e "Olhos que se fecham docemente enquanto **a mãe de Santo Aninha** enxota a febre que a devora." (p.280), Nunca porem era como um menino que tem sua."). São 15 ocorrências.

**MÃE DE SANTO**

Nos candomblés, a responsável pelo culto aos orixás: "O Gato não respondeu. João Grande também não iria á tarde. Tinha que ir encontrar com o Querido de Deus para irem comer uma feijoada na casa de Don'Aninha, a **mãe de santo**." (AMADO, 1937, p.92). Há 15 ocorrências deste termo na obra.

**MENINO DEUS (IMAGEM DO)**

"E pregado na parede com pregos pequenos dois quadros de santos: um Santo Antônio carregando um **menino Deus** (Pirulito se chamava Antônio e tinha ouvido dizer que Santo Antônio era brasileiro), e uma Nossa Senhora das Sete Dores, que tinha o peito

cravado de setas mas que tinha sob o seu quadro uma flor murcha." (AMADO, 1937, p.47). Há duas ocorrências.

**VINTE E TRINTA MORTES**

No plural, no livro, com a acepção de " Ato ou crime da pessoa que tira a vida de outra" assassinatos: : "Como as creanças os grandes cangaceiros, homens que tinham vinte e trinta **mortes**, acharam belo o carrossel, acharam que em mirar suas luzes rodando, ouvir a musica velhíssima da sua pianola e montar naqueles estropiados cavalos de pau, era a maior felicidade." (AMADO, 1937, p.83-84). No plural, e no sentido definido acima, aparecem três ocorrências na obra.

**NOSSA SENHORA DAS SETE DORES**

"E pregado na parede com pregos pequenos dois quadros de santos: um Santo Antônio carregando um menino Deus (Pirulito se chamava Antônio e tinha ouvido dizer que Santo Antônio era brasileiro), e uma **Nossa Senhora das Sete Dores**, que tinha o peito cravado de setas mas que tinha sob o seu quadro uma flor murcha. Pirulito recolheu a flor, aspirou-a, viu que não tinha mais perfume" (AMADO, 1937, p.47). É antiga a tradição que faz memória dessas dores de Nossa Senhora e que busca difundir a devoção a essa Mãe dolorosa, a "compaixão da Virgem" de que falam o os escritores eclesiásticos. As dores de Maria mais difundidas podem ser encontradas nas seguintes passagens bíblicas: a profecia de Simeão sobre Jesus (Lucas 2, 34-35); a fuga da Sagrada Família para o Egito (Mateus 2, 13-21); o desaparecimento do Menino Jesus durante três dias (Lucas 2, 41-51); o encontro entre Maria e Jesus no caminho do Calvário (Lucas 23, 27-31); Maria observando o sofrimento e morte de Jesus na Cruz (João 19, 25-27); Maria recebe o corpo do filho tirado da Cruz (Mateus 27, 55-61); e Maria observa o corpo do filho a ser depositado no Santo Sepulcro (Lucas 23, 55-56).

**OGÁN**

Atualmente, grafado ogã, e datado, por Houaiss (2020), de 1917. No candomblé e religiões afins, título e cargo atribuído àqueles capazes de auxiliar e proteger a casa de culto: "Pedro Bala, Boa Vida e o Querido de Deus andaram para o candomblé do Gantois (o Querido era **ogán**) onde Omolú apareceu com suas vestimentas vermelhas e

avisou a seus filhinhos pobres, no cântico mais lindo que pode haver, que em breve a miséria acabaria, que ela levaria a bexiga para a casa dos ricos e que os pobres seriam alimentados e felizes." (AMADO, 1937, p.115). Há três ocorrências na obra.

**OGÚN**

Atualmente grafado Ogum, com inicial maiúscula, refere-se ao orixá masculino estreitamente ligado a Exu: "**Ogún** está zangado. — explicou a mãe de santo Don'Aninha. (AMADO, 1937,p.124). Há no livro 21 ocorrências com este termo Ogún.

**FESTA DE OMOLÚ**

Segundo o narrador, o "deus da bexiga". Omolú é a forma idosa do orixá Xampanã, de caráter temível e definido, em Capitães da Areia, como " Santo dos pobre todos" (p.114): "— Tú não vae hoje ao Gantois? Vae ser uma batida daquelas. Um fandango de primeira. É **festa de Omolú**." (AMADO, 1937, p.114). É ligado simbolicamente ao mundo dos mortos. No livro, há 35 ocorrências com este termo, usadas com bastante expressividade, como, por exemplo, "Pedro Bala, Boa Vida e o Querido de Deus andaram para o candomblé do Gantois (o Querido era ogán) onde **Omolú** apareceu com suas vestimentas vermelhas e avisou a seus filhinhos pobres, no cântico mais lindo que pode haver, que em breve a miséria acabaria, que ela levaria a bexiga para a casa dos ricos e que os pobres seriam alimentados e felizes.(p.115); "E depois, na macumba do Gantois, **Omolú** paramentada de vermelho dissera que o dia da vingança dos pobres não tardaria em chegar. E tudo isso oprimia o coração de Pedro Bala como aqueles fardos de sessenta quilos oprimem o cangote dos estivadores."(p.116); "Pensando nas nádegas reboleantes da negrinha não pensava na morte de seu pae defendendo o direito dos grevistas, em **Omolú** pedindo vingança na noite de macumba."(p.116); "Os candomblés batiam em desagravo a Ogún e talvez num deles ou muitos deles **Omolú** anunciasse **a** vingança do povo pobre." (p.122); "**Omolú** mandou a bexiga negra para a cidade. Mas lá em cima os homens ricos se vacinaram e **Omolú** era uma deusa das florestas da África, não sabia destas coisas de vacina." (p.187), entre outros.

**ORATÓRIO**

Pelo contexto, é possível presumirmos a acepção de "armário, nicho ou pequeno altar onde são dispostas, para veneração, imagens de santos; adoratório": "E o Menino ia ficando. A Virgem o oferecia ao carinho dos que passavam mas ninguém o queria. As beatas não queriam leva-lo para seus **oratórios** onde havia Meninos calçados de sandálias de ouro, com coroa de ouro na cabeça." (AMADO, 1937, p.150). Há apenas uma ocorrência na obra.

**ORDENADO**

Datado de 1503, refere-se à "retribuição constante que alguém (trabalhador, empregado, servidor público etc.) recebe periodicamente por seu trabalho": "Na cidade havia de encontrar quem lhes desse de comer, quem pelo menos tomasse conta de seu irmão. Ela arranjaria um emprego de copeira numa casa. Ainda era uma menina, mas havia muitas casas que preferiam mesmo uma menina porque o **ordenado** era menor." (AMADO, 1939, p.219). Há duas ocorrências.

**PADRE-NOSSO**

No âmbito religioso, oração que começa com essas palavras: "—- Logo passará... Isto é começo. Depois ele verá que vocês são umas santas, umas verdadeiras filhas do Senhor. Isso passará. Não fiquem triste. Vão resar um **padre-nosso** e não se esqueçam que ha benção hoje." (AMADO, 1937, p.99). No âmbito da fraseologia, temos a expressão "ensinar o padre-nosso ao vigário fraseologia" com a ideia de "ensinar ou dar conselhos a alguém mais experiente e/ou competente". No livro, há apenas três ocorrências para este culturema

**PAGÃO**

Aquele que não foi batizado:— É que meu pae morreu, sabe? Mas até num colégio estive... Tou falando a verdade. Pra que é que eu ia roubar essa coisa? — apontava o relicario. — Demais numa igreja. Não sou **pagão**." (AMADO, 1937, p.94). Apenas um registro na obra.

**PAE DE SANTO PAIM**

Nos candomblés, xangôs e em alguns centros de umbanda, refere-se a **babalorixá**, isto é, chefe espiritual e administrador da casa,

responsável pelo culto aos orixás: "O **pae de santo Paim**, do Alto do Abacaxi, preferido de Omolú bordou uma toalha branca de seda, com lantejoulas, para oferecer a Omolú e aplacar sua raiva." (AMADO, 1937, p.188). Há apenas uma ocorrência.

**PENINTENTE**

Datado do sXV, refere-se "que ou o que faz penitência ou confissão dos pecados": "Pirulito quer viver para Deus, inteiramente para Deus, uma vida de recolhimento e de penitencia, uma vida que o limpe dos pecados, que o torne digno da contemplação de Deus. Deus o chama e Pirulito pensa na sua salvação. Será um **penitente**, não olhará mais o espetáculo do mundo." (AMADO, 1937, p.295). Há duas ocorrências na obra.

**PENITÊNCIA**

Datado de sXIII, com a acepção de "arrependimento ou remorso por erro que se cometeu, especialmente por haver ofendido os mandamentos divinos": "Pirulito quer viver para Deus, inteiramente para Deus, uma vida de recolhimento e de **penitencia**, uma vida que o limpe dos pecados, que o torne digno da contemplação de Deus. Deus o chama e Pirulito pensa na sua salvação. Será um penitente, não olhará mais o espetáculo do mundo." (AMADO, 1937, p.295). Há apenas uma ocorrência.

**PROCÓPIO DE OGUM (1880-1958)**

Refere-se, certamente, a Procópio Xavier de Souza: "Até mesmo Pirulito que tinha quadros de santos na sua parede, até mesmo João Grande que nesta noite iria com o Querido de Deus ao **candomblé de Procopio**, no Matatú, até mesmo o Professor que lia livros, e quem sabe se também Pedro Bala. que nunca inveja nenhum porque era o chefe de todos? Todos o invejaram, sim." (AMADO, 1937, p.87). Há dezenove ocorrências na obra.

**RESAR UM PADRE-NOSSO**

A acepção de "dizer oração, súplica religiosa": "- Logo passará... Isto é começo. Depois ele verá que vocês são umas santas, umas verdadeiras filhas do Senhor. Isso passará. Não fiquem triste. Vão **resar um padre-nosso** e não se esqueçam que ha benção hoje." (AMADO,

1937, p.99). Na obra, há registro de “resar” com “s” e nas demais ocorrências, no total de 11, a grafia é com “rezar”, o que pode revelar um cochilo editorial ou oscilação na época das duas grafias, o que nos sugerir a etimologia e as formas históricas da palavra. O “z” no português do Brasil é uma das representações da consoante fricativa alveolar sonora, como, atualmente, em rezar.

**ROSÁRIO**

Datado de 1789, refere-se à “fileira de 220 pequenas contas dispostas de maneira sucessiva, representando cada uma delas uma oração”: “Tomou por São Pedro,atravessou o Largo da Piedade, subiu o **Rosário**, agora estava nas Mercês, deante da Central de Policia olhando as janelas, o movimento de guardas e secretas que entravam e saiam.” (AMADO, 1937, p.133). Na Liturgia Católica, oração em honra de Nossa Senhora em que se intercalam ave-marias com a meditação dos mistérios (ou seja, “cada um dos 15 grupos de dez ave-marias e um padre-nosso constituintes do rosário católico, que representam 15 episódios da vida de Cristo e da Virgem Maria”). Há quatro ocorrências na obra.

**SANTOS DOS NEGROS**

Referindo aos santos das religiões afro-brasileiras:“— Teriam sido maus? Eram uns meninos que nunca tinham ouvido falar seriamente de Deus. Misturam Deus com os **santos dos negros**, não teem nenhuma idea de religião. Eu quiz ver se salvava aquelas almas.” (AMADO, 1937, p.202). Na tradição católica brasileira, há a chamada “Irmandade do Rosário dos Pretos, formada, na sua maioria, por negros escolhidos santos para sua devoção. Ver mais sobre” santos dos negros” em Quintão (2013). O narrador aponta Omulu como “Uma deusa dos negros pobres”: “Omolú espalhara a bexiga na cidade. Era uma vingança contra a cidade dos ricos. Mas os ricos tinham a vacina, que sabia Omolú de vacinas? Era uma pobre deusa das florestas d'Africa. *Uma deusa dos negros pobres.*” (AMADO, 1937, p.209, ênfase adicionada)

**SATANAZ**

Datado do século sXIII , mesmo que “diabo” no sentido de “anjo rebelde”. Na obra, o termo aparece com inicial maiúscula, conforme

observamos neste contexto. “Pirulito rezava por ele mais que por nenhum e por vezes pensava que **Satanaz** tinha se metido no corpo do Sem Pernas.” (AMADO, 1937, p.189). Em 1561, grafava-se o termo “satanaz”, com “z” final. Há apenas uma ocorrência ao longo da obra.

**TERRAS DO SEM FIM DE YEMANJÁ**

Pelo contexto, a acepção mais viável é “lugar de sonho, onde se encontra em abundância tudo aquilo que se almeja.” Assim como “Terra Prometida” é descrita, segundo o Antigo Testamento, como “a terra de Canaã, prometida por Deus ao povo hebreu”, assim espera Pedro Bala das “Terras do Sem Fim de Yemanjá”: “Pedro Bala se joga nagua. Não pode ficar no trapiche, entre os soluços e as lamentações. Quer acompanhar Dora, quer ir com ela, se reunir a ela nas **Terras do Sem Fim de Yemanjá**. Nada para diante sempre. Segue a rota do saveiro do Querido de Deus. Nada, nada sempre. Vê Dora em sua frente, Dora, sua esposa, os braços estendidos para ele. Nada até já não ter forças. Boia então, os olhos voltados para as estrelas e a grande lua amarela do ceu. Que importa morrer quando se vae em busca da amada, quando o amor nos espera?”(AMADO, 1937, p.286). Posteriormente, em exílio, amado escreveu o romance “Terras do sem Fim: Terras do Sem-Fim, publicado em 1943.

**ALTAR DA VIRGEM**

O contexto óbvio é o de “mesa sagrada, ger. com retábulo, destinada à celebração do sacrifício da missa”. A venerada é a mãe de Jesus Cristo, isto é, a Virgem Maria: “Esperava que os rostos se animassem mais. Que uma extraordinária alegria reinasse em toda a sala. Porque assim ficaria ainda mais convicto que estava servindo a Deus quando daqueles quinhentos mil reis que dona Guilhermina Silva dera para comprar velas para o **altar da Virgem** tirara cincoenta mil reis para levar os Capitães da Areia ao carrossel.” (AMADO, 1937, p.102). Há pelo 20 ocorrências.

**VISÃO**

Datado do século XIII, a acepção viável ao contexto é a de “imagem ou representação que aparece aos olhos ou ao espírito, causada por delírio, ilusão, sonho, superstição, fé: “Não havia passado muito tempo sobre a morte de Dora, a imagem da sua presença tão

rápida e no entanto tão marcante, da sua morte também, ainda enchia de **visões** as noites do trapiche." (AC, 1937, p.289). Há duas ocorrências na obra com esta acepção.

## EDUCULTUREMAS

### AIAS

Pelo contexto, refere-se à "preceptora encarregada da educação doméstica das crianças de famílias nobres ou ricas": "Ficava então ao lado de uma roda gigante e de uma uma sombrinha sempre na mesma praça e nos domingos e feriados as creanças ricas, vestidas de marinheiro ou de pequeno lord inglez, as meninas de holandeza ou de finos vestidos de seda, vinham se aboletar nos cavalos preferidos, indo os menores nos bancos com as **aias**." (AMADO, 1937, p.82). Há apenas um caso na obra.

### GRANDES LETRAS DA CARTILHA

Livro que ensina os primeiros rudimentos de leitura, também chamada de" carta do abc". Ao certo, referindo às letras maiúsculas, de tamanho maior e formato próprio: "Mas em breve será novamente o Augusto alegre e feliz daqueles anos passados, e novamente virá e passará os braços em torno ao seu pescoço e lera as **grandes letras da cartilha**." (AMADO, 1937, p. 160). Em 1876, uma cartilha de grande impacto em Portugual foi a Cartilha Maternal de João de Deus. A partir desta publicação, houve, na década de 30, uma enorme variedade de cartilhas de ABC, com grande tiragem em Portugal e no Brasil. Mais informação sobre cartilha em Deus (1878).

### ORFANATO

Datado de 1899, "estabelecimento assistencial, público ou particular, que tem por finalidade abrigar e educar órfãos ou crianças abandonadas": "— Te metem no **Orfanato**. Tú nem sabe o que é . .." (AMADO, 1937, p.245). Muitas passagens, na obra, trazem traços de expressividade estilística da obra amadiana, como em "Dora está como ele, sem sol, sem liberdade. Foi levada para um **orfanato**. Noiva. Antes que ela aparecesse ele nunca pensara nesta palavra: noiva.(p.261), com estado d'alma de Pedro Bala, seguida de "Não a

podem ter num **orfanato** como uma menina sem ninguém. Ela tem um noivo, uma legião de irmãos e de filhos de quem cuidar.” (p.263); e “Será que Dora também tem sede a estas horas? Deve estar também numa *cafúa,* Pedro Bala imagina o **Orfanato** igualsinho ao Reformatorio. A sede é pior que uma cobra cascavel.Faz mais medo que a bexiga.” (p.264).Há 13 ocorrências na obra.

**AS PRIMEIRAS LETRAS (ENSINAR)**

As noções elementares do conhecimento, como saber ler, escrever e contar, ministradas, em casa, correspondentes hoje aos anos iniciais do ensino fundamental: “Para te-lo junto a si o mais tempo possível Dona Esther e o marido resolveram ensinar ao filho **as primeiras letras** mesmo em casa. “(AMADO, 1937, p.159). Há apenas uma ocorrência.

**REFORMATÓRIO DE MENORES**

Diz respeito a “estabelecimento a que são recolhidos menores da idade que tenham cometido infrações graves para receberem atendimento especializado com vistas a sua reintegração na sociedade”: “Já fizera umas tantas visitas ao **Reformatorio de menores** mas ali lhe punham todas as dificuldades porque ele não esposava as ideas do diretor de que é necessário surrar uma creança para a emendar de um erro.” (AMADO, 1937, p.95). Na literatura brasileira, é possível que seja o único registro deste termo e com esta acepção. Para uma discussão sobre reformatório a partir de Capitães da Areia, recomendamos Almeida (2013). O narrador faz referência ao “Reformatorio Bahiano para Menores Abandonados e Delinqüentes” (AMADO, 1937, p.256). Há 60 ocorrências deste termo na obra.

**GEOCULTUREMAS**

**ALAGOAS**

Pequeno estado do nordeste brasileiro cujo litoral tropical cuja capital é Maceió, esta, conhecida por “Costa dos Corais”: “O heroe Lampeão, heroe de todo o sertão de cinco Estados. Dizem que ele é um criminoso, um cangaceiro sem coração, assassino, deshonrador,

ladrão. Mas para Volta Seca, para os homens, as mulheres e as creanças do sertão é um novo Zumbi dos Palmares, ele é um libertador, um capitão de um novo exercito. Porque a liberdade é como o sol, o bem maior do mundo. E Lampeão luta, mata, deflora e furta pela liberdade. Pela liberdade e pela justiça para os homens explorados do sertão imenso de cinco Estados: Pernambuco, Paraíba, **Alagoas**, Sergipe e Bahia." (AMADO, 1937, p.315). Há três ocorrências.

**ALTO DO ABACAXI**

Subúrbio de Salvador: "O pae de santo Paim, do **Alto do Abacaxi**, preferido de Omolú bordou uma toalha branca de seda, com lantejoulas, para oferecer a Omolú e aplacar sua raiva. " (AMADO, 1937, p.188). Mais sobre o alto do Abacaxi: Vasconcelos (2006). Há apenas uma ocorrência.

**GRANDE NOITE DE PAZ DA BAHIA**

Uma das mais belas descrições da noite da Bahia, estado brasileiro situado no sul da Região Nordeste, em Capitães da Areia: "A **grande noite de paz da Bahia** veio do cães, envolveu os saveiros, o forte, o quebra mar, se estendeu sobre as ladeiras e as torres das igrejas. Os sinos já não tocam as ave-marias que as seis horas ha muito que passaram. E o ceu está cheio de estrelas se bem a lua não tenha surgido nesta noite clara. O trapiche se destaca na brancura do areal que conserva as marcas dos passos dos Capitães da Areia que já se recolheram." (AMADO, 1937, p.39). Outra passagem em que situa a Bahia como um dos estados nordestinos: "O heroe Lampeão, heroe de todo o sertão de cinco Estados. Dizem que ele é um criminoso, um cangaceiro sem coração, assassino, deshonrador, ladrão. Mas para Volta Seca, para os homens, as mulheres e as creanças do sertão é um novo Zumbi dos Palmares, ele é um libertador, um capitão de um novo exercito. Porque a liberdade é como o sol, o bem maior do mundo. E Lampeão luta, mata, deflora e furta pela liberdade. Pela liberdade e pela justiça para os homens explorados do sertão imenso de cinco Estados: Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Sergipe e **Bahia**." (AMADO, 1937, p.315); e "Os navios chegam a Uheos carregados de mulheres. Mulheres que vêem da **Bahia**, de Aracaju, o mulherio todo de Recife, mesmo do Rio de Janeiro. "(AMADO, 1937, p.308). Há 59 ocorrências.

**RUAS DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS**

Atualmente, conhecida como "baía de Todos-os-Santos", uma reentrância da costa litorânea brasileira localizada no estado da Bahia: "Elas podiam se encarregar de vários dos Capitães da Areia, de educa-los e alimenta-los. Mas isso seria o abandono de tudo de grande que tinha a vida deles: a aventura da liberdade nas ruas da mais misteriosa e bela das cidades do mundo, nas ruas da **Bahia de Todos os Santos**. " (AMADO, 1937, p.97). Capistrano de Abreu, em 1907, faz referência à Bahia de Todos os Santos: "A nau Bretoa partiu do Tejo a 22 de Fevereiro; fundeou de 17 de Abril a 12 de Maio na bahia de Todos os Santos : em 26 de Maio chegou a Cabo-Frio, donde a 28 de Julho partiu para Portugal. " (ABREU, 1907, p.26). Só há uma ocorrência na obra.

**BAIXA DO SAPATEIRO**

Em Salvador, o vale do Rio das Tripas, que se estende da Barroquinha ao Aquidabã: "— No dedo de um pato. Um gordo que todo dia toma o bonde de Brotas na **Baixa do Sapateiro**" (AMADO, 1937, p.44). Há duas ocorrências.

**BARRA**

Bairro nobre de Salvador, capital da Bahia, cujo Farol da Barra é seu ícone mais famoso, ao lado dos fortes de Santa Maria e São Diogo. Suas praias mais frequentadas são o Porto da Barra e o Farol da Barra, contando ainda com lojas, cafés, praças, restaurantes, bares, boates, edifícios residenciais e comerciais, eventos e monumentos históricos: " E tinha vontade de se jogar no mar para se lavar de toda aquela inquietação, a vontade de se vingar dos homens que tinham matado seu pae, o ódio que sentia contra a cidade rica que se estendia do outro lado do mar, na **Barra**, na Vitoria, na Graça, o desespero da sua vida de creança abandonada e perseguida, a pena que sentia pela pobre negrinha, uma creança também." (AMADO, 1937, p.123). Há nove ocorrências para Barra

**BONDE DE BROTAS**

Bairro central da cidade de Salvador, com localização privilegiada para moradia: "— No dedo de um pato. Um gordo que todo dia toma o **bonde de Brotas** na Baixa do Sapateiro" (AMADO, 1937, p.44). Há três ocorrências.

**CAMPO GRANDE**

O Largo do Campo Grande, também conhecido como Praça 2 de Julho, é uma praça em Salvador: "Muito provavelmente iria diretamente para a Penitenciaria. Porque do Reformatorio se consegue fugir, mas da Penitenciaria não é fácil. Emfim... — e Pedro Bala andou até o **Campo Grande**." (AMADO, 1934, p.134). Há seis casos na obra.

**CIDADE ALTA**

A parte maior e mais moderna área da cidade de Salvador, capital da Bahia. Liga-se à Cidade Baixa por diversas vias e pelo Elevador Lacerda. Conta com vários shoppings e espaços de lazer: "O difícil para o padre José Pedro era conciliar as coisas. Mas ia tenteando e por vezes sorria satisfeito dos resultados. A não ser quando João de Adão ria dele e dizia que só a revolução acertaria tudo aquilo. Lá em cima na **cidade alta** os homens ricos e as mulheres queriam que os Capitães da Areia fossem para as prisões, para o Reformatorio que era pior que as prisões." (AMADO, 1937, p.146). A expressão "cidade alta" na edição de 1937 aparece em minúsculo. No livro, há cinco ocorrências.

**CIDADE BAIXA**

Área litorânea (banhada pela Baía de Todos os Santos) da cidade de Salvador, capital do estado brasileiro da Bahia. Liga-se à Cidade Alta pelo Elevador Lacerda. Entre as principais atividades econômicas da região, destacam-se a portuária e a comercial. "Pedro Bala veio sosinho pelas ruas da cidade pois o Boa Vida fora com o Querido de Deus dansar num bleforé. Desceu as ladeiras que o conduziam á **cidade baixa.**" (AMADO, 1937, p.115). Há apenas duas ocorrências na obra, grafadas com minúsculas.

**CIDADE DA PALHA**

Atualmente Cidade Nova. No começo do Brasil Colônia, era lugar de recreio ou retiro dos jesuítas, sendo moradia do padre Antônio Vieira. Com a expulsão dos jesuítas, em 1759, passou a ser leprosário e a ser chamada de "Cidade de Palha" em razão da construção de vários casebres de palha para abrigo dos leprosos (daí, a denominação "Quinta dos Lázaros"): "— Vou contar pra você saber. Foi uma menina

que eu vi hoje. Tava na **Cidade de Palha**." ( CA, 1937, p.62). No livro, há seis ocorrências.

**ESTAÇÃO DA CALÇADA**

Uma das estações do Sistema de Trens do Subúrbio de Salvador: "Uma madrugada o trem de Sergipe apitou na **estação de Calçada**. Ninguém tinha vindo trazer Volta Seca á estação porque ele ia para voltar, ia -ípassar uns tempos entre os índios Maloqueiros, esquecer a policia bahiana que o tinha marcado." (AMADO, 1937, p.313). Há apenas uma ocorrência na obra.

**CIDADE DE ESTÂNCIA**

Município de Sergipe. A cidade, denominada por Dom Pedro II como o jardim de Sergipe, dos sobrados azulejados, das festas juninas e do barco de fogo, ainda possui um belo acervo arquitetônico: "Até Rita Tanajura, celebre pelas grandes nádegas reboleantes, deixou a paz da sua **cidade de Estância** onde era a rainha do pequeno mulherio de vida fácil e onde se dava com todo mundo e veio ser a rainha do "Far-West", o cabaré da rua do Sapo, onde os beijos e o estalo das garrafas de champagne se misturavam com os tiros, com o barulho das brigas. Porque o "Far-West" era o cabaré dos capatazes, de pequenos fazendeiros de regente enriquecidos." (AMADO, 1937, p. 308-309). Segundo Neves (p48), o romance Capitães da Areia (1937) começou a ser escrito em Estância (SE) e concluído a bordo de um navio que seguia para o México (RAILLARD, 1992, p. 117). Em entrevista, Jorge Amado afirma que, assim como Mar Morto (1936), Capitães da Areia (1937) nasce de Jubiabá (1935), essa trilogia "reflete de maneira imediata toda a experiência de minha vida de adolescente, minha adolescência solta pela cidade de Salvador, meu contato diário com o povo da cidade, com os problemas do povo baiano." (RAILLARD, 1992, p. 104-105). Há das ocorrências na obra.

**GAMBÔA DE CIMA**

Predomimantemente residencial, rua localizada no bairro de Campo Grande na cidade de Salvador BA: "Houve uma tremenda confusão enquanto o Sem Pernas descia muito calmamente a **Gambôa de Cima**, levando nos bolsos pelo menos cinco vezes o que tinha pago pela entrada." (AMADO, 1937, p.85). Há duas ocorrências na obra.

**CASA DA GRAÇA**

Bairro em área residencial nobre de Salvador, com concentração de classes média-alta e alta, avenidas arborizadas, e variedade de comércio e serviços além de opções de lazer: "Foi o Boa Vida que contou a Pedro Bala que naquela **casa da Graça** tinha coisa de ouro de fazer medo." (AMADO, 1937, p.152). Há seis ocorrências na obra.

**AQUELE NEGRO DE ILHEOS**

Município baiano, roteiro para histórias de Jorge Amado: "Por Pedro Bala, João Grande se deixaria cortar a facão como **aquele negro de Ilheos** por Barbosa, o grande senhor do cangaço." (AMADO, 1937, p.102). Sobre Ilhéus: Ilhéus é um município brasileiro do estado da Bahia. Há 12 ocorrências na obra.

**ÍNDIA NORDESTINA**

O sertão sergipano: "Aos poucos o trem abandona a estação. Depois é a estrada do sertão, **índia Nordestina**. Nas casas de barro aparecem mulheres e meninas. Os homens semi-nús lavram a terra. Na estrada de animaes que corre paralela á estrada de ferro passam boiadas. Vaqueiros gritam tangendo os animaes. Nas estações vendem doces de milho, mingau, mungunzá, pamonha e canjica. O soríão vae entrando pelo nariz e pelos olhos de Volta Seca." (AMADO, 1937,p.313). Há apenas uma ocorrência na obra.

**ITAPAGIPE (PRAÇA)**

Localizada na cidade baixa de Salvador, península formada por 14 bairros e com cerca de 170 mil moradores, carece de atenção e visibilidade." "De tão desbotada que estava a tinta, tinta que antigamente fora azul e vermelha e agora o azul era um branco sujo e o vermelho uma quasi cor de rosa, e de tantos pedaços que faltavam em certos cavalos e em certos bancos, Nhôsinho França resolveu não arma-lo numa das praças centraes da cidade e, sim, em **Itapagipe**. Ali as famílias não são tão ricas, ha muitas ruas só de operários e as creanças pobres saberiam gostar do velho carrossel desbotado. O pano tinha muitos buracos também, alem de um" (AMADO, 1937, p.82). A Península de Itapagipe é marcada pelo processo de industrialização acompanhado por má distribuição de renda e de

crescimento demográfico intenso (OCHI FLEXOR e SCHWEIZER, 2011, p.27).

**LADEIRA DA MONTANHA**

Via pública da cidade de Salvador, construída no século XIX para permitir o acesso viário entre a Cidade Baixa e a Cidade Alta: "Pedro Bala enquanto subia a **ladeira da Montanha** revia mentalmente seu plano." (AMADO, 1937, p. 132). Há pelo menos seis ocorrências para este termo na obra.

**LADEIRA DE SÃO BENTO**

Liga a Praça Castro Alves ao Mosteiro. Atualmente, a parte da extensa avenida Sete de Setembro: "A chuva caia e os guardas se abrigavam sob as capas. Começou a subir a **ladeira de São Bento** vagarosamente. Tomou por São Pedro, atravessou o Largo da Piedade, subiu o Rosário, agora estava nas Mercês, deante da Central de Policia olhando as janelas, o movimento de guardas e secretas que entravam e saiam." (AMADO, 1937, p.133). Há duas ocorrências na obra.

**PÉ DA LADEIRA DO TABOÃO**

O Elevador do Taboão foinconstruído a partir de 189, ligando a Ladeira do Taboão, na Cidade Alta, com a Rua do Julião, na Cidade Baixa (ANDRADE JUNIOR, 2012): "Pedro Bala tinha ido deixar Dora e Zé Fuinha no **pé da Ladeira do Taboão** para que eles fossem para o trapiche." (AMADO, 1937, p.247). Há apenas uma ocorrência na obra.

**LARGO DA PIEDADE**

Denominada, hoje, de Praça da Piedade, localiza-se no centro histórico da cidade de Salvador: "A chuva caia e os guardas se abrigavam sob as capas. Começou a subir a ladeira de São Bento vagarosamente. Tomou por São Pedro, atravessou o **Largo da Piedade**, subiu o Rosário,agora estava nas Mercês, deante da Central de Policia olhando as janelas, o movimento de guardas e secretas que entravam e saiam." (AMADO, 1937, p.133). Há sete ocorrências na obra.

**LARGO DO TEATRO**

Refere-se ao antigo Largo do Theatro que hoje pode ser visto da Ladeira de São Bento, com destaque para o Theatro São João:

“Professor e Pedro Bala continuaram a subir a ladeira. Do **Largo do Teatro** subiram para a rua Chile.” (AMADO, 1937, p.180). Há duas ocorrências na obra.

**MATATÚ**

Hoje, Matatu de Brotas, menor dos subdistritos de Brotas, em Salvador, começando logo após a ladeira dos Galés, na rua das Pitangueiras, indo em direção ao bairro de Luís Anselmo: “Até mesmo Pirulito que tinha quadros de santos na sua parede, até mesmo João Grande que nesta noite iria com o Querido de Deus ao candomblé de Procopio, no **Matatú**, até mesmo o Professor que lia livros, e quem sabe se também Pedro Bala. que nunca inveja nenhum porque era o chefe de todos? Todos o invejaram, sim.” (AMADO, 1937, p.87).

**CAES DO MERCADO**

Lugar público onde negociantes vendiam (e vendem) vendem gêneros alimentícios e artigos de uso rotineiro: “Deante deles estavam os saveiros ancorados. Do Mercado saiam mulheres e homens.”(AMADO, 1937, p.108) e “Tocou a campainha chamando o guarda. Pedro estava com os nervos todos em tensão. O guarda chegou, o comissário perguntou se na policia havia um livro de registro de saveiristas de Mar Grande que ancoravam no **caes do Mercado**.” (AMADO, 1937, p.139). Há nove ocorrências do termo na obra.

**PARAÍBA**

Estado do nordeste do Brasil, cuja capital é João Pessoa: “O heroe Lampeão, heroe de todo o sertão de cinco Estados. Dizem que ele é um criminoso, um cangaceiro sem coração, assassino, deshonrador, ladrão. Mas para Volta Seca, para os homens, as mulheres e as creanças do sertão é um novo Zumbi dos Palmares, ele é um libertador, um capitão de um novo exercito. Porque a liberdade é como o sol, o bem maior do mundo. E Lampeão luta, mata, deflora e furta pela liberdade. Pela liberdade e pela justiça para os homens explorados do sertão imenso de cinco Estados: Pernambuco, **Paraíba**, Alagoas, Sergipe e Bahia.” (AMADO, 1937, p.315). Há duas ocorrências.

**PERNAMBUCO**

Estado no nordeste do Brasil, cuja capital é Recife: "O heroe Lampeão, heroe de todo o sertão de cinco Estados. Dizem que ele é um criminoso, um cangaceiro sem coração, assassino, deshonrador, ladrão. Mas para Volta Seca, para os homens, as mulheres e as creanças do sertão é um novo Zumbi dos Palmares, ele é um libertador, um capitão de um novo exercito. Porque a liberdade é como o sol, o bem maior do mundo. E Lampeão luta, mata, deflora e furta pela liberdade. Pela liberdade e pela justiça para os homens explorados do sertão imenso de cinco Estados: **Pernambuco**, Paraíba, Alagoas, Sergipe e Bahia." (AMADO, 1937, p.315). Há três ocorrências na obra.

**PONTO DAS PITANGUEIRAS**

Atualmente, denominado Pitangueiras de Brotas. Localizada na parte de cima da Ladeira dos Galés, servia no passado como passagem dos escravos acorrentados para os casarões nobres do bairro de Pitangueiras: "E agora estavam ali, no **Ponto das Pitangueiras**, esperando que o guarda se afastasse." (AMADO, 1937, p.72). Há apenas duas ocorrências na obra.

**RUA CHILE**

Logradouro localizado no Centro Histórico de Salvador, perto da Praça Castro Alves. Fundado em 1549, por Tomé de Sousa, primeiro governador-geral do Brasil, considerada historicamente considerada a primeira rua do país.: "Professor e Pedro Bala continuaram a subir a ladeira.Do Largo do Teatro subiram para a **rua Chile**." (AMADO, 1937, p.180). Há seis ocorrências na obra.

**CABARÉ DA RUA DO SAPO**

Logradouro localizado no cabaré do "Far-West", em Ilhéus, um município brasileiro do estado da Bahia: "Até Rita Tanajura, celebre pelas grandes nádegas reboleantes, deixou a paz da sua cidade de Estância onde era a rainha do pequeno mulherio de vida fácil e onde se dava com todo mundo e veio ser a rainha do "Far-West", o **cabaré da rua do Sapo**, onde os beijos e o estalo das garrafas de champagne se misturavam com os tiros, com o barulho das brigas. Porque o "Far-West" era o cabaré dos capatazes, de pequenos fazendeiros de regente enriquecidos." (AMADO, 1937, p.308-309). Lopes faz

referência à rua do Sapo (2005). Atualmente com o excêntrico nome de Visconde de Ouro Preto, segundo Lopes (2000).

**RUA RUI BARBOSA**

Logradouro loucado no centro histórico de Salvador: "— Então eu quero, filhinho, que tú vá na **rua Ruy Barbosa**. O numero é 35. Procura seu Gastão. E' no primeiro andar. Diz a ele que eu estou esperando." (AMADO, 1937, p.57). A rua é uma homenagem a Ruy Barbosa de Oliveira nascido em Salvador, 5 de novembro de 1849, jurista, advogado, político, diplomata, um dos organizadores da República e coautor da constituição da Primeira República, atuante atuou na defesa do federalismo, abolicionismo e na promoção dos direitos e garantias individuais. Há duas ocorrências na obra.

**SERGIPE**

Estado mais pequeno do Brasil, situa-se na costa atlântica da região do nordeste, cuja capital é Aracaju, é conhecida pelas belas praias, tal como a Praia da Atalaia: "O heroe Lampeão, heroe de todo o sertão de cinco Estados. Dizem que ele é um criminoso, um cangaceiro sem coração, assassino, deshonrador, ladrão. Mas para Volta Seca, para os homens, as mulheres e as creanças do sertão é um novo Zumbi dos Palmares, ele é um libertador, um capitão de um novo exercito. Porque a liberdade é como o sol, o bem maior do mundo. E Lampeão luta, mata, deflora e furta pela liberdade. Pela liberdade e pela justiça para os homens explorados do sertão imenso de cinco Estados: Pernambuco, Paraíba, Alagoas, **Sergipe** e Bahia." (AMADO, 1937, p.315). Há cinco ocorrências.

**VICTORIA**

Largo da Vitória, já existia em 1914 ou antes, presumidamente com a histórica Igreja da Vitória, que dá nome ao bairro. É uma das primeiras igrejas fundadas na Bahia: "— Bom é na **Victoria**... — e o Sem Pernas fez um gesto de desprezo. — É só entrar nos corredores e aquilo é chapéu garantido.. .Tudo gente de nota." (AMADO, 1937, p.45). Há três ocorrências na obra.

## PORTACULTUREMAS

### BONDE DE BROTAS

Veículo localizado na Baixa do Sapateiro, em Salvador. Bonde é um termo datado de 1868, com a acepção de "veículo movido a eletricidade, que se desloca sobre trilhos, usado para o transporte de passageiros nas zonas urbanas e suburbanas": "— No dedo de um pato. Um gordo que todo dia toma o **bonde de Brotas** na Baixa do Sapateiro." (AMADO, 1937, p.44). Há passagens, no livro, bastante expressivas com este culturema, entre as quais destacararíamos as que envolvem as "traquinagens" ou "roubalheiras" dos Capitães da Areia, como em "— No dedo de um pato. Um gordo que todo dia toma o bonde de Brotas na Baixa do Sapateiro. E o Gato não descansou enquanto não conseguiu no aperto de um **bonde das seis horas da tarde** tirar o anel do dedo do homem, escapulindo na confusão porque o dono logo percebeu. Exibia o anel no dedo médio, com vaidade. (p.44); "Professor ficou de giz na mão esperando que saísse do **ponto do bonde** um "pato". Pedro Bala assoviava ao seu lado." (p.181) ou carga poética como "De minuto em minuto um **bonde** passava fazendo ruido nos trilhos, iluminando ainda mais a rua já bastante iluminada." (p. 133) e "Zé Fuinha vae alegre, vendo a cidade para ele desconhecida, os **bondes** que passam repletos, as *marinetís* que businam, a multidão que corta as ruas." (p.281). Há 19 ocorrências.

### BUQUÊ

Datado de 1607, com a acepção cabível ao contexto de " embarcação de pesca que serve de apoio ao galeão, embarcação maior, a vapor, empregado na pesca de sardinha e que usa o cerco americano (no sentido de 'aparelho de pesca')": "Foi o que fez o marinheiro James, um homenzarrão.Se atirou em cima do capitão, a revolta estalou no **buquê**. Lá fora chovia. Chovia na historia também, era a historia de um temporal e de uma revolta. Um dos oficiaes ficou do lado dos marinheiros." (AMADO, 1937, p.236). Há apenas uma ocorrência.

### MARINETÍS

Em AL, SE, BA, mesmo que ônibus: "Zé Fuinha vae alegre, vendo a cidade para ele desconhecida, os bondes que passam repletos, as

**marinetís** que businam, a multidão que corta as ruas." (AMADO, 1937, p. 219). A motivação do termo, ao certo, está a associada ao antropônimo Filipo Tommaso Marinetti, escritor italiano e autor do Manifesto do Futurismo, homenegeado por uma empresa de ônibus em Salvador. Há apenas duas ocorrências.

**SAVEIROS ANCORADOS**

Na obra, é possível o leitor depreender que o termo se refere qo Saveirão de Carga, isto é, à "embarcação artesanal de panos quadrangulares, içados e armados em um mastro, instalado acentuadamente à vante (parte da frente do navio, entre a caverna-mestra e a roda de proa), com uma "carangueja", por isso chamada de Saveiro de Vela de Içar, na Baía de Todos os Santos (MASCARENHAS, 2009): "Deante deles estavam os **saveiros ancorados**. Do Mercado saiam mulheres e homens." (AMADO, 1937, p.108). Interessante que o autor faz referência saveirista (proprietário de saveiro) em cinco situações na obra. No livro, 23 ocorrências do termo.

**TAIOBA**

Hoje, considerada uma forma que caiu em desuso, refere-se a "bonde de segunda classe, fechado e sem balaústres, us. esp. para transporte de volumes "— Não vale a pena tomar o **taioba** — disse Pedro Bala — E' melhor que ninguém saiba que a gente foi pra lá." (AMADO, 1937, p. 72). Neste tipo de bonde, a população chamava de "caradura" e que tinha preço de passagens mais baratas e atendia à população mais pobre. Portanto, tratava-se de um bonde mais precário, simples e desconfortável (FERREIRA, 2012).

**EDIFICULTUREMAS**

**"TRIANON"**

Segundo o narrador, "era o mais luxuoso dos cabarés" (AMADO, 1937, p.309). Em tom irônico (daí, no original, entre aspas), o narrador faz referência ao "Petit Trianon de Versalhes": "Umas poucas vieram para o **"Trianon"**, onde dansavam com os coronéis." (AMADO, 1937, p.309). MELLO (2012) faz comentário ao Trianon: "Em 1923, o governo francês doou à Academia uma réplica do Petit Trianon de Versalhes,

prédio erguido, no ano anterior, para abrigar o pavilhão da França na Exposição do Centenário da Independência. A sede própria dispõe, no pavimento térreo, de um Salão Nobre e outras belas salas, destacando-se a Sala dos Poetas Românticos e a Sala Machado de Assis. No andar superior, estão a Sala de Sessões, a preciosa Biblioteca e o salão de chá" (p.62). Há quatro ocorrências na obra.

**BARRACÃO BEM SITUADO**

Datado de 1871, mesmo que " barraco" ou "casa tosca": "Os visinhos deram jantar aos órfãos nesta tarde. No outro dia pela manhã o árabe que era dono dos barracões do morro mandou derramar álcool no de Margarida para desinfectar. E logo o alugou pois era um **barracão bem situado**, bem no alto da ladeira." (AMADO, 1937, p. 218). A propósito, interessante assinalar que Lima Barreto assim definiu Barracão em Historias e sonhos: contos: "O barracão é uma espécie architectonica muito curiosa e muito especial áquellas paragens da cidade. Não é a nossa conhecida choupana de sapê e de paredes a sppapos. E' menos e é mais. E' menos, porque em géral é menor, com muito menos accoramodações; é mais; porque a cobertura é mais civilisáda; é de zinco ou de telhas. Ha duas espécies. Em uma, as paredes são feitas de taboas; ás vezes, verdadeiramente tabóas; em outras, de pedaços de caixões. A espécie, mais aparentada com o nosso rancho roceiro, possue as paredes como este: são de taipa. "(1920, p.17). Há dois casos na obra em tela.

**"PORTA DO MAR"**

Nome do botequim de marítimos, com várias referências na obra, refere-se especificamente ao motel onde os meninos do bando Capitães da Areia adentravam e planejavam seus roubos e encontravam diversão: "Ao longe a fraca luz da lanterna da **"Porta do Mar",** botequim de marítimos, parece agonisar." (AMADO, 1937, p.39). Interessante assinalar que na edição de 1937, Porta do Mar aparece entre aspas, o que pode sugerir a intenção do autor de realçar a denominação comercial. O livro, marcado por uma prosa poética, brinda o leitor com estas passagens cheias de lirismo: "Ao longe a fraca luz da lanterna da "**Porta do Mar**", botequim de marítimos, parece agonisar." (p.39); "está ele, no mais longínquo canto do casarão, lendo á luz de uma vela. João Grande pensa que aquela luz ainda é menor e

mais vacilante que a da lanterna da "**Porta do Mar**" e que o Professor está comendo os olhos de tanto ler aqueles livros de letra miúda.(p.41); "A "**Porta do Mar**" estava quasi deserta àquela hora." (p.66), entre outras. Há 14 ocorrências.

**SODRÉ (SOLAR)**

O autor, decerto, faça referência à Rua do Sodré, onde havia o palácio com nome homônimo, imponente e majestoso de Salvador , reflexo da riqueza dos proprietários de açúcar, construído no início do século XVIII: "Pedia que a Senhora o ajudasse a um dia poder entrar para aquele colégio que estava no **Sodré** e de onde saiam os homens transformados em sacerdotes." (AMADO, 1937, p.48). Só há uma referência na obra.

**QUARTO DE TABIQUES**

Tabique é um termo datado de 1721, com acepção de "parede frágil, geralmente de madeira, usado. para separar ou fechar áreas ou quartos numa casa":"O bedel Fausto sae do seu **quarto de tabiques**: — Que barulho é esse?Silencio." (AMADO, 1937, p.273). Há duas ocorrências na obra referindo-se a "quarto de tabiques".

**TOCA**

Forma como era tratado o *trapiche* pelos Capitães da Areia. Assim, é possível presumirmos duas acepções: (i) "habitação pequena e pobre; biboca"; e (ii) "aquilo que serve de abrigo, de refúgio", com a noção mas próxima de trapiche: "Bala continuou: Tú tá dez vez mais elegante que o Gato.Puxa! Se tú aparecer assim na **toca** — assim tratavam o trapiche — os outros vae dar em cima de tú. Tú tá mesmo uma tetéa." (AMADO, 1937, p. 168)

**ANTROPOCULTUREMAS**

**PEDRO BALA**

Interessante assinalar que bala, enquanto palavra comum, datada de 1902 (BA), já, em segundo Houaiss (2020), refere-se a indivíduo corajoso, hábil, forte, perfil psicológico que se coaduna com o Pedro Bala: "—Deixa de ser besta, **Bala**. Tú bem sabe que do meio

da gente só pode sair ladrão.. Quem é que quer saber da gente? Quem? Só ladrão, só ladrão.. — e sua voz se elevava, agora gritava com ódio." (AMADO, 1937, p.186). No contexto, trata-se de um caso de interlocutório pessoal. Há duas passagens que nos chamam a atenção por sua expressividade de ordem estilística: "**Pedro Bala** acordou com um ruido perto de si. Dormia de bruços e olhou por baixo dos braços. Viu que um menino se levantava e se aproximava cautelosamente do canto de Pirulito. **Pedro Bala** no meio sono em que estava pensou, a principio, que se tratasse de um caso de pederastia.(p.61); e "**Pedro Bala** estava olhando a janela com luz, se voltou:— Não tem nada. Isso me cheira a coisa de amigamento. O sujeito aquele derrubava a zinha daqui e agora o empregado tem as cartas que os dois se escrevia e quer dar o alarme. Esse pacote tá com perfume. É que o outro ha de ter." (p.77). Na obra, há 462 ocorrências com o antropônimo.

**CEARENSE AMARELO E FRACO**

Amante de Maria Cabaçú: "Maria Cabaçú era feia, mulata escura, filha de negro e india, grossa e zangada. Dava nos homens que a achavam feia. Mas se entregou toda aum **cearense amarelo e fraco** que a amou como se ela fosse uma mulher bonita, de corpo belo e olhos sensuaes." (AMADO, 1937, p.328). Com esta acepção apenas uma ocorrência.

**JOÃO JOSÉ (PROFESSOR)**

Na obra, chamado por Professor. Grande amigo de Pedro Bala e partilhava amor por Dora juntamente com seu amigo. Apontado pelo narrador como sonhador e mediador do grupo Capitães da Areia, sendo essencialmente conselheiro de Pedro Bala. "João José, o Professor, desde o dia em que furtara um livro de historias numa estante de uma casa da Barra, se tornara perito nestes furtos." (AMADO, 1937, p.41) e "Um chamado João José, que a gente tratava de Professor. Agora tá pintando quadro no Rio." (AMADO, 1937, P.334).O narrador descreve o personagem como aquele que "Lê e desenha vorazmente, sendo muito talentoso; ao final do livro, vai para o Rio de Janeiro pintar e ficou conhecido por isso. Essa sua ida proporcionou ao mundo a história do seu grupo de crianças de rua; João Grande passa por debaixo da ponte — os pés afundam na areia — evitando tocar no corpo dos companheiros que já dormem. Penetra

no trapiche.Espia um momento indeciso até que nota a luz da vela do **Professor**.!" (AMADO, 1937, p.41). Há, ao menos, 234 ocorrências.

**COMPANHEIRO ALBERTO**

No reformatório, companheiro de João de Adão apresentado a Pedro Bala "— Capitão Pedro eu quero apresentar a tú o **companheiro Alberto**." (AMADO, 1937, p.330). Depreende-se que o narrador se refere a um "estudante da faculdade" e "companheiro da gente": "O rapaz estende a mão para Pedro Bala. O chefe dos Capitães da Areia limpa primeiro sua mão no paletó rasgado, depois aperta a do estudante. João de Adão está explicando:— E' um estudante." (AMADO, 1937, p.330). São 11 ocorrências.

**ALMIRO**

Definido pelo narrador como "um do grupo, de doze anos, gordo e preguiçoso" (AMADO, 1937, p.61). Almiro, homossexual, foi o primeiro dos Capitães da Areia que adoeceu com alastrim: "Foi então pelo outro lado e chegou a tempo de ver Barandão que se encontrava com um vulto. Logo o reconheceu: era **Almiro**, um do grupo,de doze anos, gordo e preguiçoso. Deitaram-se juntos, o negro acariciando Almiro." (AMADO, 1937, p. 61). Outra passagem interessante envolvendo Amiro: "Barandão era um negrinho corajoso, todo o grupo sabia disto. Mas da bexiga, da moléstia de Omolú, Barandão tinha um medo doido, um medo que muitas raças africanas tiríham acumulado dentro dele. E sem se preocupar que descobrissem suas relações sexuaes com Almiro saiu gritando entre os grupos: — Almiro tá com bexiga. Gentes, **Almiro** tá com bexiga." (AMADO, 1937, p.188). Há 44 ocorrências ao longo da obra.

**AUGUSTO**

Nome falso dado por Sem Pernas à dona Ester: "— **Augusto**.. — e como repetia o nome para si mesmo, para não se esquecer que se chamava **Augusto** não viu no primeiro momento a emoção da senhora que murmurava: — **Augusto**, o mesmo nome ".(AMADO, 1937, p.158). Na Bíblia, se faz referência, no Novo Testamento, a Cesar Augusto em "Naqueles dias saiu um decreto da parte de *César Augusto*, para que todo o mundo fosse recenseado." Lucas 2,1). Há 12 ocorrências.

**BARANDÃO**

Nomeado chefe do grupo depois que Pedro Bala partiu para o grupo dos Índios Maloqueiros de Aracaju, onde tenta organizá-los como os Capitães da Areia: " A desgraça de Raymundo foi puxar uma navalha e cortar o rosto de Pedro, um talho que ficou para o resto da vida. Os outros se meteram e como Pedro estava desarmado deram razão a ele e ficaram esperando a revanche que não tardou. Uma noite, quando Raymundo quiz surrar **Barandão**, Pedro tomou as dores do negrinho e rolaram na luta mais sensacional que as areias do cães jamais assistiram. Raymundo era mais alto e mais velho" (AMADO, 1937, p.37) e "Sem Pernas fez que sim com a cabeça. Quando descobrissem o furto não o procurariam mais como a um filho desaparecido. **Barandão** fez uma cara de riso e gritou:— Tua famia tá te procurando, Sem Pernas. Tua mamãe tá te procurando pra dar de mamar a tú." (AMADO, 1937, p.174). Como substantivo comum, "barandão" não está registro em Houaiss (2020), mas outros dicionários gerais apontam para o sentido de "Fio com uma pedra na ponta, para prender pipas", o que parece não ter qualquer relação com a motivação do nome. Uma das mais passagens mais fortes com descrição a homoafetiva de Barandão e Almiro estão em "Todos procuravam um carinho,qualquer coisa fora daquela vida: o Professor naqueles livros que lia a noite toda, o Gato na cama de uma mulher da vida que lhe dava dinheiro,Pirulito na oração que o transfigurava, Barandão e Almiro no amor na areia do cães" (p.61) .Há 34 ocorrências na obra.

**GATO BERLOQUE**

Nome do gato de dona Ester: "Na tarde em que se foi mirou a casa toda, acariciou o **gato Berloque**, conversou com a criada, olhou os livros de gravura." (AMADO, 1937, p.171). Como palavra comum, berloque quer dizer "enfeite delicado de matéria e forma variadas e frequentemente de pouco valor material, que se traz pendente da corrente do relógio, da pulseira etc.", o que parece indicar a motivação do nome dado ao animal.

**CAMA DE BERTO**

Pederasta ativo que fazia "coisa feia": "— Foi Jeremias que ia para cama de **Berto** fazer coisa feia." (AMADO, 1937, p.274) Há duas ocorrências.

**BOA VIDA**

Malandro, sambista, jovem esperto e que se contenta com pequenos furtos, o suficiente para contribuir para o bem-estar do grupo: "O Gato ainda não está dormindo. Sempre sae depois das 11 horas. É o elegante do grupo. Quando chegou, alvo e rosado, **Boa Vida** tentou conquista-lo. Mas já naquele tempo o Gato era de uma agilidade incrível e não vinha como Boa Vida pensava da casa de uma família. Vinha de meio dos índios Maloqueiros, creanças que vivem sob as pontes de Aracaju." (AMADO, 1937, p.52). Há no livro 111 ocorrências com este termo.

**BEDEL CAMPOS**

Bedel, contexto, é uma espécie de disciplinador. Juntamente com Ranulfo e Fausto, Campos é um dos bedéis irascíveis do reformatório: "O **bedel Campos** bate as mãos. Todos se levantam. Dirigem-se para as diversas oficinas ou para os terrenos cultivados." (AMADO, 1937, p.275). Nesta passagem, bastante expressiva, o leitor tem uma ideia do papel disciplinador dos bedéis: "Empurra a corda para debaixo do colchão, volta para o canavial. Jeremias foi levado para a *cafúa.* Os bedéis agora contam os meninos. Ranulfo e Campos foram em perseguição de Agostinho que pulou a cerca na confusão da briga. O bedel Fausto com um talho no ombro foi para a enfermaria. O diretor está entre eles, os olhos fusilando de raiva. Um bedel conta os meninos. Pergunta a Pedro Bala: — Onde estava metido? — Saí pra não me meter no barulho. O bedel o olha desconfiado, mas passa." (AMADO, 1937, p.275-276). Há quatro ocorrências.

**CLARA**

Amante de Querido de Deus: "Quasi junto do palácio do governo pararam novamente. Professor ficou de giz na mão esperando que saísse do ponto do bonde um "pato". Pedro Bala assoviava ao seu lado. Breve teriam o dinheiro para um bom almoço e ainda para levar um presente para **Clara**, a amante do Querido de Deus que fazia anos naquele dia." (AMADO, 1937, p.181). Há apenas um registro na obra.

**CURUJA BRANCA**

Negro cumprimentado por Pedro Bala: "No meio da ladeira um preto e um mulato estão curvados sobre uns dados que o preto

acabou de jogar. Pedro Bala, ao passar, cumprimenta o negro: — Como vae, **Curuja Branca**?" (AMADO, 1937, p. 176). Interessante assinalar que o termo, enquanto nome comum, associado ao nome do personagem, remete o leitor à "ave noturna de hábitos crepusculares e noturnos e voo silencioso". Num contexto de racismo velado ou estrutural - que não é o caso da obra, fala-se em "negro da alma branca", para se referir a um negro como pessoa de bom caráter, daí, talvez a motivação de "Coruja Branca". Só há uma ocorrência na obra.

**DALVA**

Prostituta por quem Gato se apaixona após ser abandonada por seu amante: "Mas eram dez horas, hora dos homens que pagavam. E o Gato andava de um lado para outro inutilmente. Foi quando viu **Dalva** que vinha pela rua embuçada num capote de peles apesar da noite de verão. Ela passou por ele quasi sem o ver. Era uma mulher de uns trinta e cinco anos, corpo forte, rosto cheio de sensualidade. O Gato a desejou imediatamente." (AMADO, 1937, p.55.). As passagens com a personagem são bastante expressivas ao longo do romance, como esta em "O Gato desejava **Dalva** do mesmo modo como desejava comida ao ter fome, como desejava dormir ao ter sono. Já não atendia ao chamado das outras mulheres quando passada a meia noite elas já tinham feito para as despezas do dia seguinte e então queriam o amor juvenil do pequeno malandro. Um vez foi com uma só para saber da vida de **Dalva**. Foi assim que se inteirou que ela tinha um amante, um tocador de flauta num café, que tomava o dinheiro que ela fazia e ainda tomava porres colossaes na sua casa, atrapalhando a vida de todas as rameiras do prédio." (AMADO, 1937, p.55-56). Há 31 ocorrências na obra.

**VENDA DE DEOCLÉCIO**

Refere-se ao dono da venda: "Na **venda de Deoclecio** novamente ficava um grupo todas as tardes." (AMADO, 1937, p.214). Só ocorre um caso na obra, embora, ao longo do enderdo, haja, ao menos, duas referências à venda ( pequena mercearia ou bar no qual funciona também uma pequena mercearia).

**DON'ANINHA**

A mãe do terreiro da Cruz de Oxó de Afoxê caracteriza pelo narrador como "magra e alta, um tipo aristocrático de negra e sabia

levar como nenhuma das negras da cidade suas roupas de bahiana" e ainda "Tinha o rosto alegre, se bem bastasse um olhar seu para inspirar absoluto respeito." (AMADO, 1937, p.126) . "Talvez só o soubesse **Don'Aninha**, a mãe do terreiro da Cruz de Oxó de Afoxê, porque Don'Aninha sabe de tudo que Yá lhe diz através de um buzo nas noites de temporal." (AMADO, 1937, p.42). Há no livro 33 ocorrências.

**D. ESTHER**

De origem bíblica, quer diz "estrela". O nome é de origem bíblica, conforme podemos observar em Gênesis 41,45. Na obra, exerce o papel de pessoa bondosa, caridosa e acolhedora do Sem Pernas – "**Dona Esther** o acompanhou comovida. Viu que a empregada mostrava o banheiro ao Sem Pernas, dava-lhe um roupão e se dirigia para o quarto em cima da garage para arruma-lo (o chaufer tinha se despedido, o quarto estava vasio). **D. Esther** se aproximou, disse ao Sem Pernas que parará na porta do banheiro: — Pode jogar estas roupas fora. Maria José depois vae lhe trazer roupa.. (AMADO, 1937, p.158). Há 31 ocorrências na obra. Já na Biblia, há 45 ocorrências com o nome Ester.

**DONA JOANA**

Refere-se à solteirona, feia e velha, com quem Sem Pernas mantém relações sexuais parciais (o que narrador chama de "migalha de amor") "— **Dona Joana**, não diga isso." (AMADO, 1937, p.303). Há quatro ocorrências nesta obra.

**DORA**

Definida pelo narrador como "filha de uma lavadeira que morreu de varíola quando da epedimia que alastrou a cidade" (AMADO, 1937, p.256) e irmã zelosa de Zé Fuinha, de 13 anos, ambos filhos de Margarida e Estevão, estes mortos pela varíola: "Zé Fuinha era um bocado inútil, ainda não sabia fazer nada, com seus seis anos. Mas **Dora** tinha treze para quatorze anos, os seios já haviam começado a surgir sob o vestido, parecia uma mulhersinha, muito séria, a buscar os remédios para a mãe, a tratar dela." (AMADO, 1937, p.218). Sobre perfil de Dora: "rapaz não despregava os olhos dos seios de Dora. Era bonita a menina, de olhos grandes, cabelo muito loiro, neta de italiano com uma mulata. Margarida dizia que ela puxara ao avô, que também

tinha cabelos muito loiros e um bigodão bem tratado. **Dora** baixou os olhos porque o rapaz não tirava os deles dos seus peitos.” (AMADO, 1937, p.221). É personagem central na obra. Uma das mais expressivas passagens pode ser lida quando Dora chega à casa de Dona Laura para pedir ajuda após de seus pais, assim sensualmente descrita pelo narrador:” Professor apertou os olhos e viu também em logar de **Dora**, uma sertaneja forte, defendendo seu pedaço de terra contra os coronéis, com a ajuda amiga dos cangaceiros. Viu a mãe de Volta Seca. E era o que o mulato via. Os cabelos loiros eram carapinha rala, os olhos doces eram os olhos achinezados da sertaneja, o rosto grave era o rosto sombrio da camponeza explorada. E o sorriso era o mesmo sorriso de orgulho de mãe para filho.” (AMADO, 1937, p. 239). Ao menos, 200 ocorrências na obra.

**DOS REIS**

Empregada na casa de Dona Laura: “Dora voltou a descer a rua. O rapaz ainda espiou as nádegas que apareciam redondas sob o vestido apertado. Mas a voz de Dona Laura o interrompeu. Ela falava para a empregada: — **Dos Reis** passe um pano com álcool no portão, onde esta menina pegou. Não é bom brincar com varíola..” (AMADO, 1937, p.222). O sobrenome “Dos Reis” é muito comum em Portugal e Brasil, sem denotar, todavia, uma única origem genealógica. Só há uma ocorrência.

**DR. DANTAS**

Era o “homem da piteira”, um poeta e pintor do Rio que “adota” o professor: “— Vou estudar com um pintor do Rio. **Dr. Dantas**, aquele da piteira, escreveu a ele, mandou uns desenhos meus. Ele mandou dizer que me mandasse. Um dia vou mostrar como é a vida da gente. Faço o retrato de todo mundo... Tú falou uma vez, lembra? Pois faço.” (AMADO, 1937, p.293). Há apenas um caso.

**EMANUEL**

Filho de Dona Laura:“— Você tem dois mil reis aí, **Emanuel**?” (AMADO, 1937, p.222). Há elementos naturalistas, na obra, como a crítica vigorosa à igreja, através de reiterados nomes de origem bíblica mas com conduta nada abonadora, como é o caso de Emanuel. Só há um registro do nome na obra.

**ESTEVÃO**

Esposo de Margarida e um dos que sofreu com a varíola, vindo a óbito. "Assim estava o morro quando **Estevão** foi levado para o lazareto" (AMADO, 1937, p.2017). Ao certo, o autor ofereça ao leitor uma certa dosagem de "cristianismo", em homenagem a Santo Estêvão, "o primeiro mártir do cristianismo". Só há uma ocorrência.

**GENTE DE EZEQUIEL**

Multado alto, "chefe de outro grupo de meninos mendigos e ladrões, grupo muito menor que o dos Capitães da Areia e muito mais sem ordem." (AMADO, 1937, p.246): "— Amanhã tú vae embora.. Não quero mais tú com a gente. Vae ficar com a **gente de Ezequiel** que vive roubando um dos outros." (AMADO, 1937, p.62). Há 18 ocorrências.

**BEDEL FAUSTO**

Um dos disciplinares no reformatório dos menores**:** **"**O **bedel Fausto**, dono daquela voz que ele ouvira certa vez na porta da cafúa, está ao seu lado. E' um tipo forte, tem fama de ser tão malvado quanto o Diretor." (AMADO, 1937, p.271). Há oito ocorrências.

**FELIPE**

Dono do "Porta do Mar": "A "Porta do Mar" estava deserta e seu **Felipe** quasi dormia no balcão." (AMADO, 1937, p.70).Há apenas esta ocorrência.

**SEU GASTÃO**

Flautista, amante de Dalva: "— Então eu quero, filhinho, que tú vá na rua Ruy Barbosa. O numero é 35. Procura **seu Gastão**. E' no primeiro andar. Diz a ele que eu estou esperando." (AMADO, 1937, p.57). Além de "tocador de flauta", o perfil de Felipe é bem descrito pelo narrador: "Foi assim que se inteirou que ela tinha um amante, um tocador de flauta num café, que tomava o dinheiro que ela fazia e ainda tomava porres colossaes na sua casa, atrapalhando a vida de todas as rameiras do prédio." (AMADO, 1937, p.55-56). Há 4 ocorrências no livro.

**GATO**

Um dos Capitães da Areia que, com seu jeito malandro acaba conquistando uma prostituta, Dalva; "O Querido de Deus contou as

novidades e avisou que no dia seguinte apareceria no trapiche para continuar as lições de capoeira que Pedro Bala, João Grande e o **Gato** tomam." (AMADO, 1937, p.41). Mais tarde, Dalva chama-o de Gatinho: "— Que foi que **gatinho** teve? Que foi?" (AMADO, 1937, p.235). Há 196 ocorrências na obra.

**GONZALEZ DO "14"**

O dono da casa de penhor "O 14", que dava dinheiro por por objetos roubados dos Capitães da Arei (AMADO, 1937, p.301): "Ficaram os quatro sentados. O Sem Pernas acendeu uma ponta de charuto caro, ficou saboreando. João Grande espiava o pedaço de mar que se via através da porta, alem do areial. Pedro falou :— **Gonzalez do "14"** falou hoje comigo..." (AMADO, 1937, p.44). São oito ocorrências na obra.

**GRAÇA**

Um menino avermelhado assim chamado pelo "bedel Fausto": "— **Graça**, puxe a reza." (AMADO, 1937, p.272). Há apenas uma ocorrência.

**DONA GUILHERMINA SILVA**

"Esperava que os rostos se animassem mais.Que uma extraordinária alegria reinasse em toda a sala. Porque assim ficaria ainda mais convicto que estava servindo a Deus quando daqueles quinhentos mil reis que **dona Guilhermina Silva** dera para comprar velas para o altar da Virgem tirara cincoenta mil reis para levar os Capitães da Areia ao carrossel."(AMADO, 1937, p.102). Segundo Germano (2008), Jorge Amado, nascido nasceu em 1912 na fazenda Auricídia, localidade de Ferradas, no interior de Itabuna, foi alfabetizado por Dona Guilhermina: "[...] em meio às lutas e caxixes realizados no interior baiano à época dos desbravamentos e posse de terras para o cultivo do cacau, foi Alfabetizado pela mãe e pela professora Dona Guilhermina." (p.21). Só há uma ocorrência na obra.

**HENRIQUE**

Um pequeno, meio amarelento, ameaçado por Jeremias, no reformatório: "— Fale, **Henrique**." (AMADO, 1937, p.273). Há duas ocorrências.

**ÍNDIOS MALOQUEIROS (DE ARACAJU)**

O registro aqui se justifica pelo peso histórico da referência dada por Jorge Amado aos Índios e dos Maloqueiros, em Aracaju, que formavam dois grupos de crianças e adultos que durante o dia avançam pelo Centro da cidade, vivendo de furtos, roubos e jogos de azar (como os jogos carteados em geral): "Gato ainda não está dormindo. Sempre sae depois das 11 horas. É o elegante do grupo. Quando chegou, alvo e rosado, Boa Vida tentou conquista-lo. Mas já naquele tempo o Gato era de uma agilidade incrível e não vinha como Boa Vida pensava da casa de uma família. Vinha de meio dos **índios Maloqueiros**, creanças que vivem sob as pontes de Aracaju. Fizera a viagem na rabada de um trem. Conhecia bem a vida de um grupo de creanças abandonadas." (AMADO, 1937, p.52). Há cinco ocorrências.

**JEREMIAS**

Pederasta ativo "— Foi **Jeremias** que ia para cama de Berto fazer coisa feia." (AMADO, 1937, p.274). No reformatório, Jeremias se mostrava muito destemido: "De repente surge uma briga. **Jeremias** se joga sobre o bedel Fausto com o facão na mão. Outros meninos se atiram também mas vem um grupo de bedéis armados de chicote. Estão sujeitando **Jeremias**. Pedro mete o rolo de cordas debaixo do paletó, abre para o dormitório. Um bedel vem descendo a escada com um revolver na mão. Pedro se esconde atraz de uma porta. O bedel vem rápido, passa. (AMADO, 1937, p.275). Há sete ocorrências.

**JOÃO DE ADÃO**

Segundo o narrador um dos doqueiros mais velhos, negro, fortíssimo, antigo grevista, temido e amado em toda a estiva: "Chegaram ao portão do armazém sete. **João de Adão**, um estivador negro e fortíssimo, antigo grevista, temido e amado em toda a estiva, estava sentado num caixão. Fumava cachimbo e os músculos saltavam sob sua camisa." (AMADO, 1937, p.109). Na vida real, o personagem existiu: "Tudo acontece com a rapidez de um relâmpago no dia 14 de agosto de 1913. Eram cerca de nove horas da manhã quando o mestre de estiva da Companhia Docas da Bahia, João da Conceição Costa, mais conhecido como João de Adão, tomou o rumo do seu escritório, andando calmamente pela Rua Silva Jardim até quase a porta do elevador do Taboão. Ao voltar com a intenção de descer a ladeira do

Caminho Novo, acompanhado de “Zacharias Preto”, foi, no entanto, subitamente atacado. Alguns homens atiraram a queima roupa em vários lugares do seu corpo, e o mataram sem lhe darem chance de reagir” (VELASCO E CRUZ, 2009, p.199-230). Trata-se de um caso de evidente verossimilhança. Há pelo menos 60 ocorrências com este culturema.

**CORPO DO NEGRO JOÃO GRANDE**

O "negro bom" como diz Pedro Bala, segundo em comando; porte físico forte e corajoso “Passou por cima do corpo do negro João Grande. “(AMADO, 1937, p. 63). Uma passagem expressiva com o personagem é a seguinte: “Nesta noite Professor não acendeu vela, não abriu livro de historia. Ficou calado quando João Grande veio para seu lado. Arrumava suas coisas numa trouxa. Quasi tudo era livro. **João Grande** olhava sem dizer nada, mas compreendia muito se bem todos dissessem que não havia negro mais burro que o **negrinho João Grande**. Mas quando Pedro Bala chegou e sentou também a seu lado e lhe ofersceu um cigarro, Professor falou: — Vou embora, Bala..” (p.292). Também descrito pelo narrador “negrinho João Grande” (AMADO, 1937, p.292). Consideradoo como "negro bom" como diz Pedro Bala, segundo em comando. Caracterizado como o mais alto do bando, de carapinha baixa e músculos retezados, de apenas treze anos, cujo “pae, um carroceiro”: “Passa um vento frio que levanta a areia e torna difíceis os passos do **negro João Grande** que se recolhe” (AMADO, 1937, p.39). Entre as passagens mais expressivas, podemos citar “Passa um vento frio que levanta a areia e torna difíceis os passos do **negro João Grande** que se recolhe. Vae curvado pelo vento como a vela de um barco. É alto, o mais alto do bando, e o mais forte também, negro de carapinha baixa e músculos retezados, embora tenha apenas treze anos, dos quaes quatro passados na mais absoluta liberdade, correndo as ruas da Bahia com os Capitães da Areia.” (AMADO, 1937, p.39) e “João Grande ficou muito tempo atento á leitura. Para o negro aquelas letras nada diziam. O seu olhar ia do livro para a luz oscilante da vela e desta para o cabelo despenteado do Professor. Terminou por se cansar e perguntou com sua voz cheia e quente: — Bonita, Professor?” (AMADO, 1937, p.42-43). Há 166 ocorrências na obra.

**JOEL**

Negociante que contratou “serviços” dos “Capitães da Areia” para “troca de embrulhos”: “— É o senhor que se chama **Joel**?— Porque? — quiz saber o homem.” “ (AMADO, 1937, p.73). Termo de origem bíblica, com significado "Senhor, Deus, Jeová". Há apenas uma ocorrência na obra.

**PADRE JOSÉ PEDRO**

Amigo dos Capitães da Areia, considerado uma grande inteligência entre o clero, tendo trabalho na fábrica de tecidos, antes de entrar para o seminário. “E pensou, contraindo o seu rosto pequeno, que talvez por isso ele nunca tivesse pensado em rezar, em se voltar para o ceu de que tanto falava o **padre José Pedro** quando vinha ve-los.” (AMADO, 1937, p.49). Há 112 ocorrências. É possível que Jorge Amado tenha feito, com este personagem, deferência a José Pedro Autran, africano que fora casado, na Bahia, com Francisca da Silva, a memorável ialorixá Iyá Nassô, fundadora do candomblé da Casa Branca, o Ilê Axé Iyá Nassô Oká, em Salvador. Em trabalhos anteriores (Castillo e Parés 2007, 2010), apresentaram as primeiras evidências documentais da legendária volta à África de Iyá Nassô e sua filha de santo, Marcelina da Silva (Obatossi).

**DONA LAURA**

Patroa da lavadeira Margarida, mãe de Dora: “Ela explicou que queria falar com **dona Laura**, a patroa.h” (AMADO, 1937, p. 220). Há cinco ocorrências para este termo.

**COMADRE LUIZA**

Nome da velha negra que vendia cocadas e comadre de João de Adão: “Tú te lembra de Raymundo, **comadre Luiza**?” (AMADO, 1937, p.110). Só uma ocorrência na obra.

**MARGARIDA**

Lavadeira, esposa de Estevão, morta em consequência da varíola: “Assim estava o morro quando Estevão foi levado para o lazareto. Não voltou, certa tarde **Margarida** soube que ele morrera por lá.” (AMADO, 1937, p.217). Há cerca de dez ocorrências com este termo.

**MARIA JOSÉ**

Criada de dona Ester. "— **Maria José**, prepare o quarto de cima da garage para este menino. Mostre o banheiro a ele, dê um roupão de Raul, depois dê comida a ele." (AMADO, 1937, p.157). Há duas ocorrências na obra.

**"MARIASINHA"**

Refere-se a "um pederasta que tinha sido preso" na mesma penitenciária em que Pedro Bala foi detido: "Pedro ficou calado. Os outros presos nem ligavam para ele, estavam muito interessados em fazer troça com um pederasta que tinha sido preso e se dizia chamar "**Mariasinha**".(AMADO, 1937, p.136). Há cinco ocorrências na obra.

**NHOZINHO FRANÇA**

Dono do parque: "De tão desbotada que estava a tinta, tinta que antigamentefora azul e vermelha e agora o azul era um branco sujo e o vermelho uma quasi cor de rosa, e de tantos pedaços que faltavam em certos cavalos e em certos bancos, **Nhôsinho França** resolveu não arma-lo numa das praças centraes da cidade e, sim, em Itapagipe." (AMADO, 1937, p.82). Quanto ao atributivo, podemos dzer "nhozinho" vem de "nhô", forma aferética de senhor, com apócope do –r. Há 22 ocorrências.

**PEDRO BALA**

Segundo o narrador, "filho de um antigo grevista que foi morto num miting na celebre greve das docas de 191..." (AMADO, 1937, p.256) e "anda pelos seus dezesseis" (AMADO, 1937, p.256), líder, uma espécie de pai para os menores, mesmo sendo tão jovem quanto os outros, e depois descobre ser filho de um líder sindical morto durante uma greve e, no final da obra, torna-se "um militante proletário": "É aqui também que mora o chefe dos Capitães da Areia: **Pedro Bala**. Desde cedo foi chamado assim, desde seus cinco anos. Hoje tem 15 anos. Ha dez que vagabundeia nas ruas da Bahia. Nunca soube de sua mãe, seu pae morrera de um balaço. Ele ficou sosinho e empregou anos em conhecer a cidade. Hoje sabe de todas as suas ruas e de todos os seus becos. Não ha venda, quitanda, botequim que ele não conheça. Quando se incorporou aos Capitães da Areia (o cães recem-construido atraiu para as suas areias todas as creanças abandonadas da cidade) o

chefe era Raymundo, o Caboclo, mulato avermelhado e forte." (AMADO, 1937, p.37). Postulamos que o autor tenha feito através do personagem "Pedro Bala" uma homenagem ao famoso capoeirista "Pedro Mineiro" (Pedro José Vieira).

**PIRULITO**

Ele se chamava de Antonio. Era "magro e muito alto, uma cara seca, meia amarelada, os olhos encovados e fundos, a boca rasgada e pouco risonha." (AMADO, 1937, p.48). Uma das passagens mais expressivas com Pirulito pode ser lida em "Havia, é verdade, a grande liberdade das ruas. Mas havia também o abandono de qualquer carinho, a falta de todas as palavras boas. **Pirulito** buscava isso no ceu, nos quadros de santo, nas flores murchas que trazia para Nossa Senhora das Sete Dores como um namorado romântico dos bairros chies da cidade traz para aquela a quem ama com intenção de casamento." (AMADO, 1937, p.49). Há 133 ocorrências na obra. Interessante o caráter figurativo da alcunha Pirulito que nos evoca "qualquer bala, chocolate ou torrão doce enfiado num palito, que se come sugando", o que nos remete imediatamente a "palito", isto é, Pirulito "pessoa muito magra; braço ou perna muito fina", conforme podemos observar na descrição do narrador.

**QUERIDO DE DEUS**

O mais célebre capoeirista da cidade: "Ele foi á "Porta do Mar" beber um trago de cachaça com o **Querido de Deus** que chegou hoje dos mares do Sul, de uma pescaria." (AMADO, 1937, p.40). Aparece 60 vezes na obra.

**RAYMUNDO**

Estivador chamado de "Loiro", pai de Pedro Bala: " — O "Loiro", que morreu na greve? Como não me lembro. Era um que toda tarde vinha dar dois dedo de prosa comigo. Gostava de tirar pilhéria..." (AMADO, 1937,p.111). Outras passagens estilisticamente marcadas são "Porque o pae dele era **Raymundo** e morreu foi aqui mesmo lutando pela gente, pelo direito da gente. Era um homem e tanto. Valia dez destes que a gente encontra por aí." e "— Teu pae, era. A gente chamava ele de Loiro. Quando foi da greve fazia discurso pra gente, nem parecia um estivador. Foi pegado por uma bala. Mas tem um logar

pra tú nas docas." (AMADO, 1937,p.111). Há quatro ocorrências na obra.

**BEDEL RANULFO**

Bedel (chefe de disciplina ou disciplinador) do reformatório de menores: "O **bedel Ranulfo**, que o tinha ido buscar na Policia, o levou á presença do Diretor. Pedro Bala sentia o corpo todo doer das pancadas do dia antetrior. Mas ia satisfeito porque nada tinha dito, porque não revelara o logar onde os "Capitães da Areia" viviam." (AMADO, 1937, p.259). Há dez ocorrências na obra.

**RAUL**

Advogado e esposo da dona Esther**..** "Pela tarde o dono da casa, **Raul**, chegou do seu escritório." (AMADO, 1937, p.163). Há 16 ocorrências.

**RAYMUNDO (O CABOCLO)**

Era chefe dos Capitães da Areia antes de Pedro Bala, o que cortou o rosto de Pedro Bala, mas logo vai embora: "Quando se incorporou aos Capitães da Areia (o cães recem-construido atraiu para as suas areias todas as creanças abandonadas da cidade) o chefe era **Raymundo**, o Caboclo, mulato avermelhado e forte.Não durou muito" (AMADO, 1937, p.37). São dez ocorrências no livro.

**SEM PERNAS**

Menino que uma vez fora pego pela polícia e a partir daí passou a ser um jovem amargo. Por ser coxo, recorria-se dessa condição física para usar nos assaltos a casas grandes ou "palacetes" : "Então seus músculos se retezavam e estava disposto a qualquer briga. Mas a sua enorme força muscular o fizera temido. O **Sem Pernas** dizia dele:— Este negro é burro mas é uma prensa..." (AMADO, 1937, p.42). Uma das mais belas passagens com Sem Pernas pode ser lida em "A voz bondosa de Pirulito atravessava a igreja. A voz de ódio do **Sem Pernas** estava junto de Pedro Bala. Mas e,le não ouvia nenhuma. Ouvia era a voz de João de Adão, o doqueiro, a voz de seu pae morrendo na luta." (AMADO, 1937, p.300) e "Parecia até um menino bem educado. Apesar da perna coxa e da cara feia a solteirona o achou lindo. Seria melhor que fosse um pouco menos crescido. Mas assim mesmo... Novamente

se curvou, mostrou os seios ao **Sem Pernas**. **Sem Pernas** desviou o olhar, não pensava que fosse de propósito. Quando ele elogiou novamente o trabalho ela passou a mão no seu rosto: — Obrigada, meu filho. — sua voz era languida." (AMADO, 1937, p.304). Aparece 285 vezes na obra.

**VOLTA SECA**

Afilhado de Lampião, com manifesto ódio às autoridades e forte o desejo de se tornar cangaceiro do mesmo bando:"**Volta Seca** entrou no trapiche quando a madrugada já ia alta. O cabelo de mulato sertanejo estava revolto. Calçava alpercatas como quando viera da caatinga." (AMADO, 1937, p. 63). Há 115 ocorrências na obra.

**ZÉ BAHIANO**

Referência ao cangaceiro que integrou o bando de Lampião: "**Zé Bahiano**, dá um fusil a Volta Seca.." (AMADO, 1937,p.316). Na história do cangaço, Zé Baiano conhecido por sua crueldade posto que tinha o costume de marcar com um ferro em brasa as iniciais "JB" no rosto ou no púbis de mulheres de cabelo curto, por isso, recebeu a alcunha de "ferrador de gente". Sobre o cangaceiro Zé Baiano: Barros (1999), Menezes Barreto (2004) e Freitas (2005. Há três ocorrências.

**ZÉ FUINHA**

Irmão de Dora, de seis anos, ambos filhos de Margarida e Estevão, estes mortos po varíola: "**Zé Fuinha** era um bocado inútil, ainda não sabia fazer nada, com seus seis anos. Mas Dora tinha treze para quatorze anos, os seios já haviam começado a surgir sob o vestido, parecia uma mulhersinha, muito séria, a buscar os remédios para a mãe, a tratar dela." (AMADO, 1937, p.218). Interessante assinalar que o autor seleciona estitisticamente o adicional "fiunha" para traduzir que o mesmo era "fuinha"(sXIII) traduz uma criança " muito magra". Há 26 ocorrências.

**ZINHA**

Ao certo, refere-se à Mariazinha, pederasta, personagem da obra. No contexto é difícil precisar a acepção, mas tende a ser " por seu grau de informalidade ou pejoratividade: "— Tú também se faz de besta. Se quer é só vim com a gente amanhã. Assim tú pode conhecer

a **zinha** que é um peixão.” (AMADO, 1937, p.51). Trata-se de uma forma apocorística de Mariazinha.

**CHICO BANHA**

Refere-se apenas a um mulato que torturava gato: “Mas contavam também que outra vez cortou de navalha a **Chico Banha** quando o mulato torturava um gato que se aventurara no trapiche atraz dos ratos.” (AMADO, 1937, p.146). Só há um registro.

**VIÚVA MARGARIDA SANTOS**

Viúva que repreende padre José Pedro por se envolver com os Capitães da Areia: “Mas a **viúva Margarida Santos** assentou novamente o lorgnon de ouro.” (AMADO, 1937, p.106). Pareceu-nos não trivial assinalar que edição de 1937 grafiaa “assentou” ( o verbo assentar é datado do século XIII), no excerto acima, ao certo, com noção de “ajustar ou amoldar o lorgnon ao corpo”, enquanto as recentes da obra grafam “assestou” ( o verbo assestar é datado por Houaiss de 1536), este, ao certo, com sentido de “direcionar (o lorgnon) para o padre Jose Pedro. Ao longo da obra, há 19 ocorrências, entre tantas, destacamos ainda esta: “— O senhor sabe que a **viúva Santos** é uma das melhores protetoras da religião na Bahia? Não sabe dos donativos.” (AMADO, 1937, p.200).

**ALCUTUREMAS**

**CANJICA**

Com a acepção regional de “papa cremosa de milho verde ralado e cozido com leite e açúcar”: “Aos poucos o trem abandona a estação. Depois é a estrada do sertão,índia Nordestina. Nas casas de barro aparecem mulheres e meninas. Os homens semi-nús lavram a terra. Na estrada de animaes que corre paralela á estrada de ferro passam boiadas. Vaqueiros gritam tangendo os animaes. Nas estações vendem doces de milho, mingau, mungunzá, pamonha e **canjica**. O soríáo vae entrando pelo nariz e pelos olhos de Volta Seca.” (AMADO, 1937,p.313). Há apenas uma ocorrência na obra.

**BOLACHÃO DURO**

Difícil precisar a composição do bolachão, mas, levando em conta a da bolacha, podemos definir como " biscoito chato de farinha de trigo ou maisena, com pouco fermento, de forma retangular, de disco etc., com ou sem açúcar ou sal": "No refeitório, enquanto bebiam o café aguado e mastigavam o **bolachão duro**, seu visinho de mesa fala: — Tú é o chefe dos Capitães da Areia? — sua voz é baixíssima." (AMADO, 1937, p.274). Há duas ocorrências na obra. Não há registro do verbete em outras obras da literatura brasileira.

**MAGRO CAFÉ**

Somente o café fraco, bem doce e pouco espesso: "Nunca um outro padre se voltara para aqueles meninos. Se contentavam em ir celebrar de quando em vez uma missa no Reformatorio, o que os tornava mais antipáticos aos meninos porque atrasava o **magro café**." (AMADO, 1937, p.197). Também chamado café claro ou leve, na degustação, a sensação de "gosto" por parte de quem o bebe é próxima a da água já que a bebida não conta com presença de grãos dissolvidos nem de viscosidade acentuada. Há apenas uma ocorrência.

**CAFÉ AGUADO**

Aguado para o leitor sugere café "que tem muita água e pouca substância nutritiva (grão de café)" ou ainda "café sem ou com pouco açúcar", insípido: "No refeitório, enquanto bebiam o **café aguado** e mastigavam o bolachão duro, seu visinho de mesa fala: — Tú é o chefe dos Capitães da Areia? — sua voz é baixíssima." (AMADO, 1937, p.274). Só uma ocorrência na obra.

**GELADO**

Sorvete: "Depois o levaram a tomar sorvete no bar que havia em frente ao cinema. O Sem Pernas enquanto tomava seu **gelado** pensava em que ia cometendo uma irremediável tolice quando o advogado perguntara o que ele queria. Estivera para pedir uma cerveja bem geladinha. Mas se contivera em tempo e pedira o sorvete." (AMADO, 1937, p.167). Há apenas uma ocorrência.

**MUNGUNZÁ**

Datado de 1889, mesmo que munguzá. A variante munguzá, no âmbito da culinária brasileira, é datada de 1861, com acepção de "espécie de mingau feito de milho branco com leite e leite de coco, temperado com açúcar e canela": "Aos poucos o trem abandona a estação. Depois é a estrada do sertão, índia Nordestina. Nas casas de barro aparecem mulheres e meninas. Os homens semi-nús lavram a terra. Na estrada de animaes que corre paralela á estrada de ferro passam boiadas. Vaqueiros gritam tangendo os animaes. Nas estações vendem doces de milho, mingau, **mungunzá**, pamonha e canjica. O soríáo vae entrando pelo nariz e pelos olhos de Volta Seca." (AMADO, 1937, p.313). Há apenas uma ocorrência.

**PAMONHA**

Datado de 1845, no âmbito da culinária brasileira, refere-se à "iguaria preparada com milho verde triturado, temperado com açúcar ou sal, depois enrolado na palha do próprio milho ou em folha de bananeira e cozido": "Aos poucos o trem abandona a estação. Depois é a estrada do sertão, índia Nordestina. Nas casas de barro aparecem mulheres e meninas. Os homens semi-nús lavram a terra. Na estrada de animaes que corre paralela á estrada de ferro passam boiadas. Vaqueiros gritam tangendo os animaes. Nas estações vendem doces de milho, mingau, mungunzá, **pamonha** e canjica. O soríáo vae entrando pelo nariz e pelos olhos de Volta Seca." (AMADO, 1937,p.313). Há apenas uma ocorrência na obra.

**PÃES DORMIDOS**

Refere-se ao "pão do dia anterior, usado como ingrediente no preparo de certas iguarias; pão amanhecido, pão de véspera":"Então Dora entrou numa padaria, trocou os únicos quinhentos reis que possuía, comprou dois **pães dormidos**, deixou Zé Fuinha sentado num banco com os pães" (AMADO, 1937, p.219). No âbito da Literatura, Lima Barreto fez uso da locução "naco de pão dormido" em Historias e sonhos: contos: "Afinal, achou uma mangueira, maltratada, cheia de hervas parasitas, a crescer na borda do caminho, num terreno desoccupado. Sentou-se, tirou da algibeira um naco de pão dormido, uma cebola e pôz-se a comer, olhando as montanhas pedroucentas

que assomavam ao longe e lhe faziam lembrar a terra natal. Elle não tinha nenhum nítido pensamento sobre a vida, a natureza e a sociedade... " (BARRETO, 1920, p.163). Interessante estudo de DAMATTA, (1997) em que faz referência ao "pão dormido". Há duas ocorrências na obra.

**REFRESCO**

Com a acepção de "bebida para matar a sede ou aliviar o calor, geralmente suco de frutas a que se acrescenta água": "Uma vez, e era no verão, um homem parará vestido com um grosso sobretudo para tomar um **refresco** numa das cantinas da cidade." (AMADO, 1937, p.128). Há apenas um caso.

**INDUMENTOCUTUREMAS**

**CASACO**

Datado de 1706, refere-se à "peça de vestuário de mangas compridas e aberta na frente, mas que geralmente se pode fechar com botões, zíper, colchetes etc., e que cobre o tronco, descendo um pouco abaixo da cintura": "— E' uma roupa porreta! — fez o Gato.— Boa mesmo. — apoiou Dora. — Tira o **casaco**" (AMADO, 1937, p.233). Curioso é saber que "casaco" vem de "casaca" com alteração dda vogal temática -a > -o. Só um caso na obra.

**CARTUXEIRA**

Datada de cartucheira (com "ch") de 1775, refere-se ao artefato de couro ou de lona, geralmente usado à cintura ou a tiracolo, e onde se guardam cartuchos para arma de fogo: "Leva uma **cartuxeira** como se estivesse no sertão."(AMADO, 1937, p. 89). O romancista Franklin Távora, em 1881, usou esta expressão "cartuxeira", também com "x", neste contexto: "Ao reflexo do fogo, aquollos vultos de barbas e cabellos compridos, de variados trajos, uns altos e esguios, outros baixos e cheios do corpo, quasi todos silenciosos; alguns trazendo arma de fogo na mão, e **cartuxeira** a tira-collo, alguns com espadim, ou catana pendentes da cintura, alguns arrimados a grossos cipó-páus ; estes trazendo chapéus na cabeça, aquelles trazendo unicamente esta parte do corpo envolta em lenços de côr, como praticam com lenços

brancos as mulheres beatas, ou as de humildo condição, mal se cuidara que alli estava representada a primeira nobreza da província, e que homens de clara estirpe, muitos delles senhores de grandes fortunas, se confundiam assim, pelas mostras, com um bando de malfeitores, réos de todos os crimes" (p.238). Já cartucheira grafada com "ch" aparece em *Os Sertões*: "Não se podem individuar os episódios parciaes desta phase obscura e terrível da campanha. O soldado faminto, cevada a cartucheira de balas, perdia-se nas chapadas, premunindo-se de resguardos como se fosse á caça de leões." (CUNHA, 1905, p.434).

**ANAGUA**

Datada de 1647 por Houaiss(2020), "saia que as mulheres usam sob o vestido" ou "saia de baixo": "Num canto uma negra velha vendia laranjas e cocada, vestida com uma saia de chitão e uma **anagua** que deixava ver os seios ainda duros apesar da sua idade." (AMADO, 1937, p.109-110). O termo, ao certo, vem do do espanhol "enagua" ("Prenda interior feminina, similar a una fralda e que se leva debaixo desta), e este, do taino (crioulo haitiano), língua em que designava "uma espécie de saia de algodão usada pelas índias e que ia até os joelhos". Há apenas uma ocorrência na obra.

**AVENTAL**

Datado do século XIV, com a acepção de "pedaço de qualquer tecido, pendente da cintura, usado como adorno na frente de saia" ou "vestido": "Fizeram duas trancas do seu cabelo, amarraram com fitas. Fitas cor de rosa. Deram-lhe um vestido de pano azul, um **avental** de um azul mais escuro. Faziam com que ela ouvisse aulas junto com meninas de cinco e seis anos." (AMADO, 1937, p.277). No âmbito da Literatura Brasileira, Joaquim Manuel de Macedo, em seu **A moreninha** (1844) faz referência à avental em "E instinctivãmente a minha interessante companheira tirou do bolso de seo **aventa**l uma moeda d'oiro, e dando-a a velha, dice: —Foi meo padrinho , que m'a deo hoje de manhã... eu não precizo delia... não tenho fome." (p.85).

**BARRET CUSTOSISSIMO**

No âmbito de vestuário, refere-se a "chapéu quadrangular pequeno e rígido, com borla no alto, usado pelos clérigos,

especialmente cardeais": "O padre José Pedro ficou meio sem geito, os meninos olhavam com curiosidade os ossos do pescoço e do peito da velha onde um **barret custosissimo** brilhava á luz do sol." (AMADO, 1937, p. 105). O adjetivo "custosissimo" é indicador da "extraordinária despesa.", isto é, qual o chapéu era cara ou dispendioso. Na obra, há duas ocorrências.

**BATINA**

No âmbito do vestuário, "veste tipo bata, que vai até os tornozelos, com mangas compridas e colarinho sem gola, geralmente preta, usada pelos clérigos e sacerdotes católicos que não pertencem a uma ordem ou congregação que tenha hábito próprio": "O padre sorriu com bondade. Sentou-se num caixão, João Grande viu que a **batina** dele era suja e velha. Tinha remendos feitos com linha preta e era grande para a magreza do padre." (AMADO, 1937, p.101). Há 11 ocorrências na obra.

**BONÉ PUXADO**

Datado de 1608, com a acepção de "cobertura de cabeça, de copa redonda, sem abas e com uma pala sobre os olhos": Emfim... — e Pedro Bala andou até o Campo Grande. Mas já não ia com aquele seu passo despreocupado de moleque das ruas da cidade. Ia agora gingando como um filho de marítimo, o **boné puxado** por causa da chuva, a gola do paletó preto (devia ter sido anteriormente de um homem muito grande) levantada." (AMADO, 1937,p.134). São 11 ocorrências na obra.

**CAMISOLÃO DE BURGARIANA**

Camisolão enxadrezado: "Dora está por detrás dele, ele não a vê. Imagina então que é sua mãe que voltou. Gato está pequenino de novo, vestido com um **camisolão de burgariana** e nas brincadeiras pelas ladeiras do morro o rompe todo." (AMADO, 1937, p.234). A expressão nos leva a analisar os constituintes da expressão "camisolão de burgariana". Camisolão, aqui, sugere ao leitor "camisola grande, semelhante a uma túnica larga e comprida, mais usado por mulheres" ou "veste grossa e larga de operários", esta, mais adaptada ao contexto. À primeira vista, ao certo, o termo "burgariana" tenha alguma relação com o feminino de bulgariano (do topônimo Bulgária),

isto é, diz respeito  a certo tecido, geralmente enxadrezado, de qualidade inferior, usado em vestuário; daí, por extensão de sentido, “camisolão bonito, florado”.  Em Seara vermelha (2009), Jorge Amado faz referência a “camisolão de burgariana”. Não há notícia de um outro autor ter empregado esta mesma expressão, o que entendemos também como um caso especial de hápax, em que envolve duas obras, mas de um mesmo autor.

**BOA ROUPA DE CASEMIRA**

Datada de 1797, com a acepção de “tecido leve de lã usado para roupas masculinas e femininas”:” O Gato olhou cheio de espanto. A sua roupaera a melhor do grupo, sem duvida. Mas era roupa velha, estava muito longe de valer a boa **roupa de casemira** que o Sem Pernas vestia.” (AMADO, 1937, p.173). No livro, há cinco ocorrências. A grafia, na época, com “e” pode estar associada a caxemira, que segundo Houaiss (2020), no âmbito têxtil, tem as seguintes acepções correlatas: (i) “ lã muito fina e macia feita do pelo de um tipo de cabra de Caxemira (Índia e Paquistão); (ii) “fio dessa lã, ger. empr. em vestimentas próprias para estações mais frias ‹gorro, suéter de c.; e (iii) “ tecido em cuja composição entra esse fio de lã, ou outros que o imitam” cuja etimologia é “topônimoCaxemira (Kashmir), provavelmente  pelo inglês cashmere (1684)”.

**CHAPÉU COCO**

A acepção mais cabível ao contexto é a de “chapéu de homem feito de feltro enformado e enrijecido, com copa bem redonda e aba estreita levemente voltada para cima nos lados”. Também dito “chapéu de coco” ou simplesemente “coco”:  “Saíram pela rua, Boa Vida fumando sua ponta de charuto, abanando o rosto com o **chapéu coco** que usava.” (AMADO, 1937, p.155). Este composto só aparece uma vez na obra, mas o substantivo chapéu aparece em 24 ocorrências. Podemos postular o ano de 1937 para a datação deste termo.  Quanto à grafia, interessante assinalar que dizem, no Brasil, “chapéu-coco”, enquanto no português europeu, se diz “chapéu de coco”, em ambos os casos com sentido de “chapéu duro, de copa redonda e aba bem curvada dos lados, usado pelos homens no fim do século XIX”.

**CHINELO**

É possível pensarmos duas acepções para o contexto: (i) "calçado macio e confortável, com ou sem salto, destinado a ser usado em casa"; e (ii) "Sapato velho, cujos talões foram amassados sob o peso dos calcanhares e é usado, como chinelo": "A negra atirou o **chinelo**, Boa Vida desviou o corpo:— Se eu tivesse uma filha não era pra teu bico, malandro."(AMADO, 1937, p.114). Trata-se de uma alteração de chinela, este, datado de 1450. Em 1738, passou a ser grafado chinelo. As duas formas atualmente coexistem. A título de curiosidade, em "malandro", no exemplo dado, temos um caso de interlocutório pessoal.

**SAIA DE CHITÃO**

No âmbito têxtil, chita estampada com desenhos grandes: "Num canto uma negra velha vendia laranjas e cocada, vestida com uma **saia de chitão** e uma anagua que deixava ver os seios ainda duros apesar da sua idade." (AMADO, 1937, p.109-110). Há apenas uma ocorrência deste termo desta obra.

**PONTO DE CRUZ**

Com a acepção de "cada um dos pontos em forma de cruz de um bordado ou tapeçaria que, quando agrupados, formam um desenho": "Na sala a solteirona fazia **ponto de cruz** numa toalha, mirava Sem Pernas com interesse, pela porta." (AMADO, 1937, p.302). Postulamos o ano de 1937 para a datação desta expressão. Há apenas uma ocorrência na obra.

**VESTIDO DE SMOKING**

Com a acepção de " traje masculino semiformal para eventos noturnos, atendendo à exigência de gravata-borboleta preta e paletó preto ou azul-marinho" : "Entraram no quarto. A primeira coisa que o Gato viu foi um retrato de Gastão tocando flauta, **vestido de smoking**. Sentou na cama olhando o retrato. Dalva espiava espantada e mal poude novamente interrogar:" (AMADO, 1937, p. 58). A etimologia está diretamente relacionada ao inglês. smoking, da locução "smoking jacket", esta, datada de 1878, com acepção de "paletó ou robe curto, para usar em casa". O uso do termo no Brasil poderá ser datado de 1937,

**SOBRETUDO**

Datado de 1858, com acepção de "casacão de uso masculino, próprio para se vestir sobre outro e que serve como proteção contra o frio e a chuva": "Outros tinham paletós furtados ou apanhados em lata de lixo, paletós que utilisavam como **sobretudo**. O Professor tinha mesmo um sobretudo que de tão grande arrastava no chão." (AMADO, 1937, p..128). Há 18 ocorrências na obra.

**CHAMADO TERNO DO "Y"**

Difícil chegarmos à acepção sem a consequente controvérsia. Talvez, terno esteja associada à noção de " grupos de três peões encarregados de executar o serviço de marcação do ga do nos rodeios ou nas mangueiras", no contexto, claro, não peões, mas coronéis. Espero que ajude. O "Y", uma referência à imagem que o corpo nu deles formava. – "Que os coronéis queimavam nas noites de jogo e de champagne notas de quinhentos mil reis. Que pela madrugada saíam nús pelas ruas da cidade, formando o chamado **terno do "Y"**. A noticia corria pelas ruas de mulheres perdidas. (AMADO, 1937,p.308). Há apenas uma ocorrência na obra.

**LICICULTUREMAS**

**JOGO DE CAPOEIRA DE ANGOLA**

"No **jogo de capoeira de Angola** ninguém pode se medir com o Querido de Deus, nem mesmo Zé Moleque que deixou fama no Rio de Janeiro." (AMADO, 1937, p.40-41). E seis vezes para capoeirista. O "jogo de capoeira de Angola", certamente, refere-se ao estilo de capoeira mais próximo de como os negros escravos jogavam a capoeira, isto é, caracterizada por uma lentidadão, mas ao mesmo tempo rápida, com movimentos furtivos executados perto do solo, mais próximas aos rituais afro-brasileiros do candomblé. Interessante assinalar que Pedro Bala era capoeirista: "Pondo em pratica uma agilidade incomum Pedro Bala se livrou dos braços do investigador que o segurava e com um **golpe de capoeira** o derrubou." (AMADO, 1937, p.255). Recomendamos a leitura de artigo sobre Capoeira da Angola, de Zonzon (2011). Há 17 ocorrências do termo "capoeira" na obra.

**CHARLESTON**

Datado de 1925, refere-se à "variante de foxtrote sincopado, em compasso quaternário (aquele cuja marcação é feita por quatro batidas de tempo (quatro tempos) e indicado na fração de compasso pelo numerador 4, muito em voga na década de 1920, cujo passo característico consiste em balançar os joelhos para dentro e para fora e afastar as pernas, com um giro rápido e brusco dos calcanhares": " Rita Tanajura dansava o **charleston** em cima de uma mesa, entre champagne e tiros. Tudo isso foi naquela alta do cacau de ha muitos anos." (AMADO, 1937, p.309). Há apenas uma ocorrência na obra.

**FANDANGO DE PRIMEIRA**

Pelo contexto, refere-se, ao certo, a auto ou representação de Natal em que os personagens aparecem vestidos de marinheiros e oficiais e cantam e dançam ao som de instrumentos de corda; barca, chegança, marujada, marujos, nau-catarineta: "— Tú não vae hoje ao Gantois? Vae ser uma batida daquelas. Um **fandango de primeira**. É festa de Omolú." (AMADO, 1937, p.114). O termo vem do espanhol fandango, datado do século XVIII, com a acepção de "baile introduzido pelos que estiveram nos reinos das Índias", de origem controversa. Há apenas um registro na obra.

**FARRA DAQUELAS**

Datado de 1898, ao contexto dado, cabe a a acepção de "momento de diversão ou de comemoração, caracterizado por comportamento eufórico e ruidoso, muitas vezes com danças, cantos e bebidas e geramente. reunindo várias pessoas; patuscada, bebedeira" " — Mano, vou para Ilheos. A patroa vae cavar a vida. Eu vou com ela. Sou capaz de enricar. Quando tiver fazendeiro a gente vae fazer uma **farra daquelas**." (AMADO, 1937, p.310). Na expressão, a forma "daquelas", funciona como "elemento intensificador" de farra, com sentido de "fora do comum, excepcional". Há apenas uma ocorrência

**MODA DA CIDADE DA BAHIA**

O contexto nos permite, a princípio, duas acepções: (i) "denominação genérica de canção, canto, música de salão ou folclórica, portuguesa"; e (ii) mesmo que modinha, isto é, "variedade

de canção tradicional urbana portuguesa e brasileira, surgida no sXVIII com temática inicialmente espirituosa e depois amorosa, com predominância do modo menor": "O homem tocava e cantava uma **moda da cidade da Bahia**: "Quando ela disse adeus../meu peito em cruz transformou. " (AMADO, 1937, p. 180). Na obra, o narrador refere-se explicitamente à modinha: "A musica já recomeçara no morro. Os malandros voltavam a tocar violão, a cantar **modinhas**, a inventar sambas que depois vendiam aos sambistas celebres da cidade. " (AMADO, 1937, p.214). Há quatro casos na obra.

**MOBICULTUREMAS**

**RUÍDO DOS AGOGÔ**

Tem a acepção de "instrumento idiofone afro-brasileiro com duas campânulas de ferro percutidas por vareta de metal": "As imprecações da mãe de santo enchiam a noite mais que o **ruído dos agogôs** e atabaques que desagravavam Ogún." (AMADO, 1937, p.126). Houaiss registra data o termo entre 1939-1940, mas poderemos retroceder esta data para 1937, data de publicação da 1ª edição desta obra. Também denominado de gã, gongom, agoguê e ogã.No livro, são duas ocorrências para este termo

**ALCOOL**

Datado de álcool 1691, refere-se ao álcool etílico ou etanol": "Os visinhos deram jantar aos órfãos nesta tarde. No outro dia pela manhã o árabe que era dono dos barracões do morro mandou derramar **alcool** no de Margarida para desinfectar. E logo o alugou pois era um barracão bem situado, bem no alto da ladeira." (AMADO, 1937, p. 218). Há duas ocorrências na obra.

**ALPERCATAS**

Datada de 1899, com a acepção de "sandália que se prende ao pé por tiras de couro ou de pano": "Volta Seca entrou no trapiche quando a madrugada já ia alta. O cabelo de mulato sertanejo estava revolto. Calçava **alpercatas** como quando viera da caatinga. O seu rosto sombrio se projetou dentro do casarão. (AMADO, 1937, p.63). Participa do conjunto de sinônimos de sandália: abarca, alcorque, alparca,

alparcata, alpargata, alpergata, apragata, cáliga, crépida, loré, paragata, parcata, pracata, pragata, sólea. Há duas ocorrências na obra.

**ARMADORES DE REDE**

Refere-se a "gancho em que se prende o punho da rede de dormir": "Duas noites depois quando o bedel Fausto já tinha se recolhido ha muito ao seu quarto de tabiques e quando todos dormiam, Pedro Bala se levantou, tirou a corda de sob o colchão. Sua cama ficava junto a uma janela. Abriu. Amarrou a corda num dos **armadores de rede** que existiam na parede. " (AMADO, 1937, p.276).

**BOTEQUIM**

Com a acepção de "estabelecimento comercial popular onde servem bebidas, lanches, tira-gostos e, eventualmente, alguns pratos simples": "Não ha venda, quitanda, **botequim** que ele não conheça." (AMADO, 1937, p.37). Segundo Houaiss (2020), há registro de duas ocorrências ao longo do livro.

**TRAGO DE CACHAÇA**

Denominada aguardente de cana: "João Grande vem vindo para o trapiche. O vento quer impedir seus passos e ele se curva todo resistindo contra o vento que levanta a areia. Ele foi á "Porta do Mar" beber um **trago de cachaça** com o Querido de Deus que chegou hoje dos mares do Sul, de uma pescaria." (AMADO, 1937, p.40). Há uma rica sinonímia: abre-bondade, abre-coração, abrideira, abridora, aca, ácido, aço, acuicui, a do ó, água, água-benta, água-bórica, água-branca, água-bruta, água de briga, água de cana, água de setembro, água do cão, água-lisa, água-pé, água pra tudo, água que gato não bebe, água que passarinho não bebe, aguardente, aguarrás, agundu, alicate, alpista, alpiste, amarelinha, amorosa, anacuíta, angico, aninha, apaga-tristeza, a que incha, aquela que matou o guarda, a que matou o guarda, aquiqui, arapari, ardosa, ardose, ariranha, arrebenta-peito, assina-ponto, assovio de cobra, azeite, azougue, azulada, azuladinha, azulina, azulzinha, bafo de tigre, baga, bagaceira, baronesa, bicarbonato de soda, bicha, bichinha, bicho, bico, birinaite, birinata, birita, birrada, bitruca, boa, boa pra tudo, bom pra tudo, borbulhante, boresca, braba, branca, brande, branquinha, brasa, braseira, braseiro, brasileira, brasileirinha, brava, briba, cachorro

de engenheiro, caeba, café-branco, caiana, caianarana, caianinha, calibrina, camarada, cambraia, cambrainha, camulaia, cana, cana-capim, cândida, canguara, canha, canicilina, caninha, caninha-verde, canjebrina, canjica, capote de pobre, cascabulho, cascarobil, cascavel, catinguenta, catrau, catrau-campeche, catuta, cauim, caúna, caxaramba, caxiri, caxirim, caxixi, cem-virtudes, chá de cana, chambirra, champanha da terra, chatô, chica, chica-boa, chora-menina, chorinho, choro, chuchu, cidrão, cipinhinha, cipó, cobertor de pobre, cobreia, cobreira, coco, concentrada, congonha, conguruti, corta-bainha, cotreia, crislotique, crua, cruaca, cumbe, cumbeca, cumbica, cumulaia, cura-tudo, danada, danadinha, danadona, danguá, delas-frias, delegado de laranjeiras, dengosa, desmanchada, desmanchadeira, desmancha-samba, dindinha, doidinha, dona-branca, dormideira, ela, elixir, engenhoca, engasga-gato, espanta-moleque, espiridina, espridina, espírito, esquenta aqui dentro, esquenta-corpo, esquenta-dentro, esquenta por dentro, estricnina, extrato-hepático, faz-xodó, ferro, filha de senhor de engenho, filha do engenho, filha do senhor do engenho, fogo, fogosa, forra-peito, fragadô, friinha, fruta, garapa-doida, gás, gasolina, gaspa, gengibirra, girgolina, girumba, glostora, goró, gororoba, gororobinha, gramática, granzosa, gravanji, grogue, guampa, guarupada, homeopatia, iaiá me sacode, igarapé-mirim, imaculada, imbiriba, incha, insquento, isbelique, isca, já-começa, jamaica, januária, jeriba, jeribita, jinjibirra, juçara, junça, jura, jurubita, jurupinga, lágrima de virgem, lamparina, lanterneta, lapinga, laprinja, lebrea, lebreia, legume, levanta-velho, limpa, limpa-goela, limpa-olho, limpinha, linda, lindinha, linha-branca, lisa, lisinha, maçangana, maçaranduba, maciça, malafa, malafo, malavo, malunga, malvada, mamadeira, mamãe de aluana, mamãe-sacode, manduraba, mandureba, mangaba, mangabinha, manguaça, marafa, marafo, maria-branca, maria meu bem, maria-teimosa, mariquinhas, martelo, marumbis, marvada, marvadinha, mata-bicho, mata-paixão, mateus, melé, meleira, meropeia, meu-consolo, miana, mijo de cão, mindorra, minduba, mindubinha, miscorete, mistria, moça-branca, moça-loura, molhadura, monjopina, montuava, morrão, morretiana, muamba, mulata, mulatinha, muncadinho, mundureba, mungango, não sei quê, negrita, nó-cego, nordígena, número-um, óleo, óleo de cana, omim-fum-fum, oranganje, oroganje, orontanje, oti, otim, otim-fifum, otim-fim-fim, panete, parati, parda, parnaíba, patrícia, pau de urubu, pau no burro, pau-selado, pé de briga, pela-goela, pelecopá, penicilina, perigosa,

petróleo, pevide, pílcia, piloia, pilora, pindaíba, pindaíva, pindonga, pinga, pingada, pinga-mansa, pinguinha, piraçununga, piribita, pirita, pitianga, pitula, porongo, preciosa, prego, presepe, pringomeia, pura, purinha, purona, quebra-goela, quebra-jejum, quebra-munheca, quindim, rama, remédio, restilo, retrós, rija, ripa, roxo-forte, salsaparrilha de brístol, samba, santa-branca, santamarense, santa-maria, santinha, santo onofre de bodega, semente de arenga, semente de arrenga, sete-virtudes, sinhaninha, sinhazinha, sipia, siúba, sorna, sumo da cana, sumo de cana torta, suor de alambique, suor de cana torta, supupara, suruca, tafiá, tanguara, teimosa, teimosinha, tempero, terebintina, tiguara, tindola, tíner, tinguaciba, tiguara, tiquara, tira-calor, tira-juízo, tira-teima, tira-vergonha, titara, tiúba, tome-juízo, três-martelos, três-tombos, uca, uma-aí, unganjo, upa, urina de santo, vela, veneno, venenosa, virge, virgem, xarope de grindélia, xarope dos bebos, xarope-galeno, ximbica, ximbira, xinabre, xinapre, zuninga . No livro, esta palavra aparece 3 vezes.

**CAFÚA**

Datado de 1583, ao certo, tem a acepção de "aposento escuro e separado onde, nos colégios, os alunos eram deixados de castigo; cafundó": "— O que? Não. Para começar meta-o na **cafúa**. Vamos ver se ele sae um pouco mais regenerado de lá." (AMADO, 1937, p.260). O narrador caracteriza assim descreve a cafúa: "Ouviu o bedel Ranulfo fechar o cadeado por fora. Fora atirado dentro da **cafúa**. Era um pequeno quarto, por baixo da escada, onde não se podia estar em pé, porque não havia altura, nem tãopouco estar deitado ao comprido porque não havia comprimento. Ou ficava sentado, ou deitado com as pernas voltadas para o corpo numa posição mais que incomoda. Assim mesmo Pedro Bala se deitou." (AMADO, 1937, p.261). Há 19 ocorrências.

**CASSE-TETE**

Tem na obra a acepção de "cacete ou bastão de tamanhos variados, de madeira ou de borracha, com alça em uma das extremidades, usado geralemente por policiais em situações de confronto": "Pedro tentou novamente puxar conversa mas o guarda o ameaçou com o **casse-tete**:— Vae dormir num jardim. Vae embora."

(AMADO, 1937, p.135). Sua forma história em 1881 era casse-tête. Só há um registro no romance.

**CIGARREIRA CARA**

Datado de 1881, com acepção de " pequeno estojo de metal, couro etc., usado para acondicionar cigarros, um ao lado do outro; porta-cigarros": "Ofereceu cigarros tirados de uma **cigarreira cara**, alisou o cabelo bem assentado." (AMADO, 1937, p.310). Há apenas uma ocorrência.

**FACÃO**

Tem a acepção de "Utensílio semelhante à faca, porém maior do que esta; facalhão, facalhaz: "Por Pedro Bala, João Grande se deixaria cortar a **facão** como aquele negro de Ilheos por Barbosa, o grande senhor do cangaço." (AMADO, 1937, p.102). Há cinco ocorrências.

**GANGORRA DO JARDIM**

Definida como "Prancha retangular, comprida, apoiada somente no centro, que duas crianças, cada qual sentada numa de suas extremidades, impulsionam para o alto pela pressão dos pés no solo, de tal modo que, quando uma das extremidades toca o chão, a outra chega ao alto": "Quando se cansava de correr com o gato,de montar na **gangorra do jardim**, de jogar a bola de borracha no quintal para o cão lobo a apanhar, vinha e passava os braços em torno ao colo de Dona Esther, a beijava no rosto e ficava com ela, vendo livros de figuras, aprendendo a ler e a desenhar as letras." (AMADO, 1937, p.159). Há apenas um caso.

**NAVALHA**

Datado do sXIII, " instrumento de corte, dobrável, cujo cabo também é a bainha onde se guarda a lâmina": "A desgraça de Raymundo foi puxar uma **navalha** e cortar o rosto de Pedro, um talho que ficou para o resto da vida." (AMADO, 1937, p.38). Há 21 ocorrências na obra.

**PIANOLA**

Tipo de piano mecânico que utiliza um rolo de papel perfurado, acionado por pedais, com a notação da peça a ser executada: "Como as creanças os grandes cangaceiros, homens que tinham vinte e trinta mortes, acharam belo o carrossel, acharam que em mirar suas luzes

rodando, ouvir a musica velhíssima da sua **pianola** e montar naqueles estropiados cavalos de pau, era a maior felicidade." (AMADO, 1937, p.37-38).   Há seis ocorrências na obra.

**PICULA**

Na obra, com acepção de pega-pega de "correria nas ruas motivada pela intervenção policial  ou considerar figurativamente apenas como "astúcia dos Capitães da Areia" (Silva,2016):  "-Tú liga pra guarda? Se ainda fosse tira..Guarda é pra correr **picula**. Tú vae comigo, Professor?" (AMADO, 1937, p.46). São quatro ocorrências na obra.

**PITEIRA**

Datada de Houaiss(2020) de 1911, refere-se ao "tubo oco, feito de marfim, metal, madeira etc., em cuja extremidade mais larga se adapta um cigarro ou um charuto, que se fuma aspirando a fumaça pela outra extremidade": "Quasi meio-dia veio um homem que fumava numa **piteira** que parecia cara. Pedro Bala correu para avisar ao Professor — Faz deste que parece que é um pato cheio da nota..." (AMADO, 1937, p.182). Há quinze ocorrências para este termo.

**GRANDES REVOLVERS**

Datado de 1881, com a acepção de "arma de fogo manual, de repetição e de porte individual, cujo depósito de cartuchos é constituído por um tambor com várias culatras, e que permite tantos tiros quantas forem as cargas que contiver esse tambor": "Nas estações os coronéis descem para estirar as pernas. Levam **grandes revolvers**." (AMADO, 1937, p.315). Há apenas um registro na obra.

**RIFLE**

Datado no período de 1832-1877, refere-se à "carabina de cano longo; espingarda, fuzil": "Depois possue nos bancos a todas as mulheres, saqueia vilas, cidades, trens de ferro, montado no seu cavalo, armado com seu **rifle**." (AMADO, 1937, p.91). Há apenas um caso na obra.

**RONDA**

Refere-se a "jogo de azar do qual pode participar qualquer número de parceiros, usando um só baralho": "— Quem topa uma **ronda**?"(AMADO, 1937, p.66). Há apenas um registro na obra.

**JOGO DE SETE E MEIO**

Carteado que se joga com baralho de 40 cartas, tirando-se os oitos, os noves e os dez. Neste jogo, "os parceiros vão pedindo cartas para tentar fazer sete pontos e meio": "O Professor tentara acender sua vela mas o vento parecia brincar com ele, apagava de minuto a minuto. Afinal ele desistiu de ler esta noite e ficou peruando um **jogo de sete e meio** que o Gato bancava, ajudado por Boa Vida, num canto." (AMADO, 1937, p.127). Há duas ocorrências na obra.

**MOEDOCULTUREMAS**

**LENÇOS E NIQUEIS**

Informalmente, dinheiro miúdo: "Apelidaram-no de Professor porque num livro furtado ele aprendera a fazer mágicas com **lenços e niqueis** e também porque, contando aquelas historias que lia e muitas que inventava, fazia a grande e misteriosa mágica de os transportar para mundos diversos, fazia com que os olhos vivos dos Capitães da Areia brilhassem como só brilham as estrelas da noite da Bahia. " (AMADO, 1937, p.42). Há doze ocorrências na obra.

**COBRE**

Antiga moeda de 40 réis ou mesmo que dinheiro: "Toma, batuta. Tinha trapaça, eu não quero embolsar teu **cobre**.." (AMADO, 1937, p.70). Há cinco ocorrências.

**CRUZADO**

No âmbito da numismática (ciência que tem por objeto de estudo as moedas e as medalhas" e pelo contexto da obra, depreende-se que se refere à moeda de 400 réis: "— Tú vae me esprestar nem que seja um **cruzado**. Tou a nen-nen." (AMADO, 1937, p.108). Só há uma ocorrência com esta acepção.

**MEDICULTUREMAS**

**LÉGUAS E LÉGUAS DE TERRA**

Pelo contexto, a acepção imediatamente aplicável é "distância não especificada que se imagina grande ou muito grande": "Eles

tinham dinheiro, **léguas e léguas de terra**, mas não sabiam tãopouco da vacina. E Omolú diz que vae pro sertão. "(AMADO, 1937, p.21º). São formas históricas: t. sXIII leguas, sXV leegoa, 1500 leguoas, sXV llegoa. No sistema métrico brasileiro, vale aproximadamente 6.600 metros, enquanto em Portugal, 5.572 metros. Há duas ocorrências na obra, as do contexto acima.

**SESSENTA E OITO MIL REIS**

Refere-se à "antiga base unitária prática do meio circulante brasileiro, substituída em 1942 pelo cruzeiros": "Bebeu a cachaça. O flautista já voltara para a cama e beijava a mulher. Nem viram que o Gato saía e que levava a bolsa da prostituta que estava esquecida na cadeira, sobre vestidos. Na rua o Gato contou **sessenta e oito mil reis**. Jogou a bolsa no pé da escada, meteu o dinheiro no bolso. E foi para a rua de Dalva assoviando" (AMADO, 1937, p.58). Ao longo da obra, são feitas referências às notas de "dez mil-réis", "quinhentos mil-réis", "cinqüenta mil-réis", "dois mil-réis", "um mil-réis", "dois mil-réis". Há, ao menos, 23 ocorrências na obra com "réis", com acento gráfico, ou grafado "reis", sem acento gráfico.

**MOEDAS DE QUATROCENTÃO**

Trata-se de Quatrocentos mil-réis: "E continuaram o jogo mas Boa Vida e Pirulito perderam as **moedas de quatrocentão** que Pedro Bala embolsou:— Eu sou é bamba mesmo." (AMADO, 1937, p. 108). Há apenas uma ocorrência na obra.

**VERBOCULTUREMAS**

**ABALAR**

Na obra, com acepção de "ausentar-se, afastar-se" ou mais precisamente "começar a se deslocar de repente":"Pedro Bala e João Grande **abalaram** pela ladeira da Praça." (AMADO, 1937, p.318), com acepção de " que parece não ter freios ou limites; veloz, precipitado, desembestado": "O Professor cocou a cabeça:— Não vê que a gente saiu agora cedo. E veio vindo por aqui, andando sem que fazer, foi quando topou com tú que vinha **desabalado**..." (AMADO, 1937, p.140). Com esta acepção, apenas uma ocorrência.

**ACARINHAR**

Datado de 1813, com acepção de "tratar com carinho", "mimar": "Queria alegria, uma mão que o **acarinhasse**, alguém que com muito amor o fizesse esquecer o defeito físico e os muitos anos (talvez tivessem sido apenas mezes ou semanas, mas para ele seriam sempre longos anos) que vivera sosinho nas ruas da cidade, hostilizado pelos homens que passavam, empurrado pelos guardas, surrado pelos moleques maiores."(AMADO, 1937, p.50). Há seis ocorrências na obra.

**ACOCORAR-SE**

No livro, com a acepção de " pôr(-se) de cócoras, acocar(-se), agachar(-se)": "Anda entre os grupos que conversam, entre as creanças que dormem, e _chega para perto do Professor. **Acocora-se** junto a ele e fica espiando a leitura atenta do outro." (AMADO, 1937, p.41). Há 4 ocorrências na obra. No livro, há pelo menos quatro passagens com o verbo acocorar-se.

**ACOITAR**

Do ponto de vista jurídico, tem a acepção de " esconder (alguém perseguido por infração à lei); favorecer (atos criminosos); homiziar": "— Não. Não. — rugiu Almiro. Vae, sim. — fez Sem Pernas. — A gente não vae chamar os mata-cachorro aqui para toda policia saber onde a gente se **acoita**. Tú vae por bem ou por mal e leva teus trapo. Vae pro inferno que a gente não vae ficar com bexiga por você. Por amor de você, chibungo." (AMADO, 1937, p.90). Há duas ocorrências na obra.

**ARRANJAR**

Pelo contexto, é possível pensar duas acepções: (i) "conseguir, obter, alcançar (para outrem ou para si) [algo que era almejado ou não]; arrumar(-se)" ; e (ii) " sair-se bem de situações difíceis; governar-se com êxito": " Se eu ainda agüentasse o repuxo do trabalho ia **me arranjar**." (AMADO, 1937, p. 156). Há 28 ocorrências deste termo.

**ARREDA**

interjeição que designa "comando para alguém se arredar ou se afastar; para trás, afaste-se": "Pedro Bala olhou para Dora. Viu os peitos, o cabelo loiro. — Tão com o direito... — falou. — **Arreda**, João Grande." (AMADO, 1937, p.229). Trata-se, como vemos, da 2ª pessoa

do singular do imperativo do verbo arredar, usado como ordem de afastamento. Há apenas um registro desta interjeição na obra. Os diversos casos de "arreda" na literatura brasileira, em geral, relacionam-se ao verbo arredar. Em **O Sertanejo**, de José de Alencar, podemos contabilizar oito ocorrências com o verbo arredar. Postulamos que o registro de "arreda", com valor interjetivo, seja um caso de Hápax em Capitães da Areia.

**ARRIAR**

Datado no período de 1537-1583, com a acepção de "fazer pousar (objeto) no chão ou em qualquer superfície plana": "Entraram no trapiche meio desconfiados. João Grande **arriou** Zé Fuinha no chão, ficou parado esperando que Professor e Dora entrassem. Foram todos para o canto do Professor que acendeu a vela. Os outros espiavam para o canto com surpreza." (AMADO, 1937, p.225). Arriar é forma divergente de arrear, isto é, são duas formas ou vocábulos diferentes, coexistentes numa língua, que se originam de uma mesma palavra. Há apenas um caso na obra.

**ARRIBAR**

Partir sem dizer para onde : "Nhozinho França esperava a noite de sábado e a tarde do domingo para ver se fazia algum cobre para **arribar** para um logar melhor." (AMADO, 1937, p.83). No livro, são sete ocorrências.

**ASSENTIR**

Datado de 1572, com a acepção de "aceitar opinião, sugestão, orientação etc. de; aquiecer, concordar": "O investigador **assentiu**. Com a promessa de no dia seguinte mandar buscar Pedro Bala o Diretor retirou-se."(AMADO, 1937, p.259). Há quatro ocorrências.

**BALOUÇAR**

Movimentar ou agitar repetidas vezes de um lado para o outro: "Esperaram que o guarda andasse. Este demorou olhando o ceu, mirando a rua deserta. O bonde desapareceu na curva. Era o ultimo dos bondes da linha de Brotas naquela noite. O guarda acendeu um cigarro. Com o vento que fazia gastou três fósforos. Depois suspendeu a gola da capa pois havia um frio humido que o vento trazia das

chácaras onde **balouçavam** mangueiras e sapotizeiros. Os três meninos esperavam que o guarda andasse para poder atravessar de um lado para outro da rua ementrar na travessa sem calçamento." (AMADO, 1937, p.65). Há seis ocorrências para este termo.

**DESAPERTAR**

Com acepção de " ir-se embora; sair, esquivar-se": ""—A policia não é hotel, malandro. **Desaperta, desaperta**. — e fez sinal que Pedro se afastasse" (AMADO, 1937, p.135). Houaiss (2020) data este verbo de 1562. Há três ocorrências para este verbo.

**DESPACHAR**

Datado do sXV, com acepção, na linguagem informal (o que ao certo justificaria o emprego das aspas), de "tirar a vida de; matar": "Lampeão. Aconteceu que o grupo tinha pegado na estrada um velho sargento de policia. E Lampeão o entregara a Volta Seca para que o "despachasse". Volta Seca o "**despachara**" devagarinho, á ponta de punhal, cortando os pedacinhos com visível satisfação. Fora tanta a crueldade que Machadão horrorisado levantou o fusil para acabar com Volta Seca. Mas antes que disparasse, Lampeão que tinha um grande orgulho de Volta Seca, atirou em Machadão. Volta Seca continuara sua tarefa." (AMADO, 1937, p. 324). Há apenas uma ocorrência com esta acepção.

**DEBANDAR**

Datado de 1777, a acepção viável ao contexto é a de "pôr(-se) em fuga desordenada; desbaratar(-se), desembestar(-se)": "— Pra **debandar** os fura-greve? Tá certo. — diz Bala alegríssimo." (AMADO, 1937, p.333). Há duas ocorrências na obra.

**DESPOJAR**

Com a acepção de "espoliar (alguém) de seus pertences; roubar, saquear, defraudar": "Mas quem vae na rabada de um trem é Volta Seca. Uma tarde a policia o pegou quando o mulato **despojava** um negociante da sua carteira. "(AMADO, 1937, p.312). Há apenas uma ocorrência na obra.

**DIBLAR**

Datada por Houaiss de 1958, ao certo, com a acepção, no ambito do futebol "gingar o corpo, controlando a bola com o pé", de forma a escapar das investidas do adversário". Na obra, a acepção viável é figurativamente a de "tentar enganar, iludir, evitar ou ultrapassar (alguém)" ou ainda "esquivar-se de (alguém ou algo), não se deixar abater por; evitar": "Ele fez que ia escapulir por outro lado, **diblou** um dos guardas, saiu pela ladeira." (AMADO, 1937, p.318). Há etimologia leva-nos ao do inglês "(to) dribble". Em língua portuguesa, a partir do século XIX em diante, encontramos palavras como driblada, driblado, driblador, driblagem, driblante, driblar, driblável, dribel. Para esta acepção (não da palavra), postulamos que a datação de driblar, ou melhor, "diblou", seja o ano de 1937, com a publicação de Capitães da Areia.

**EMBOCAR**

Com acepção de "penetrar no interior de; adentrar, entrar": "Amanhã ele dá um geito de **embocar** na casa e passar uns dia morando. Depois que ele souber onde fica os troço melhor a gente vem, uns cinco ou seis, tira o ourame." (AMADO, 1937, p.155). Há dois registros na obra.

**EMENDAR-SE**

Datado do sXIII, com emprego pronominal, tem a acepção de "corrigir-se moralmente; arrepender-se, compungir-se, desemendar-se": "— Teem nos chegado bastante queixas, padre José Pedro. O Arcebispado tem fechado os olhos na esperança de que o senhor conhecesse seu erro e **se emendasse.."** (AMADO, 1937, p.200). Há apenas um caso.

**ENCALISTRAR**

Pelo contexto, parece sugerir ao leitor a noção de " teimar com ira; embirrar, obstinar-se": "— Podia dar uma caneca de água a gente, por favor? O sol tá **encalistrando**. — e sorria, limpando com o boné a testa onde o suor corria." (AMADO, 1937, p.154). Podemos presumir que se trata de uma forma epetêntica (intercalação de fonema não etimológico no interior de um vocábulo, por acomodação articulatória, eufonia, analogia etc) de encalistar . Há apenas uma ocorrência.

**ENFARDAR**

Em que pese enfardar tenha a datação de (1713, com acepções como "formar fardo, juntar em fardo; empacotar, enfeixar", " colocar em fardel; enfardelar", "pôr em algum lugar para guardar", a acepção no romance é a de "vestir com "farda" alguém ou a si mesmo", no caso, Gato : "**Enfardou** Gato com uma elegantíssima roupa de casemira feita sob medida, de repente Gato não era mais um menino, era o mais jovem dos vigaristas da Bahia." (AMADO, 1937, p.309) e sua indumentária ainda mais caprichada: "Na noite que, envergando seu traje novo, sapatos negros de verniz, gravata borboleta, chapéu de palhinha, apareceu no trapiche, João Grande soltou uma exclamação de assombro: — Pois não é o Gato? (AMADO, 1937, p.309-310). Com esta acepção, postulamos o ano de 1937 para a datação desta acepção de enfardar no sentido de "vestir traje novo com elegância". Há apenas uma ocorrência.

**ENRABAR**

Tabuísmo com noção de "manter coito anal (como elemento ativo) com": "— Tú porque não vae te **enrabar** com aquele velhote? — perguntou a Mariasinha que fez bico." (AMADO, 1937, p.136). Há apenas uma ocorrência.

**ENXOTAR**

Datado de 1553, com acepção, tendente à figurativa, de "retirar, pôr para fora; expulsar" ou exorcismar por meio de exorcismos ou conjuras" ou ainda " lançar brados, gritos, como quem esconjura": " A paz da noite da Bahia não está no coração dos Capitães da Areia. Tremem com o receio de perder Dora. Mas a grande paz da noite está nos olhos dela. Olhos que se fecham docemente enquanto a mãe de Santo Aninha **enxota** a febre que a devora.(AMADO, 1937, p.280). Há, quanto à etimologia, uma curiosa constituição do verbete: en- + interj. xô + -t- + -ar, em que "xô"diz respeito à interjeição usada para enxotar galinhas e outras aves) , sendo –t- uma consoante de ligação que ocorre intercalada entre o rad. terminado por vogal e um suf. a fim de evitar o encontro vocálico". No âmbito da Literatura Brasileira, na segunda metade do século XIX, são registrados empregos com o verbo enxotar: "-**Enxotam-me** ? ! exclamou Ângelo furioso." (AZEVEDO, 1894, p.275) e, ainda, do mesmo autor, "Hoje o nosso filho querido, o

nosso amor é o dono absoluto de mim; o coração, com a fraqueza de mãe, habituado a fazer-lhe todos os caprichosinhos, já não reage. E parece-te que eu seria capaz, que poderia, ainda se quizesse,.**enxotal-o** de casa? Não sabes que depois da recusa de meu pae mais e mais eu te quero? (AZEVEDO, 1879, p.43) .

**COXEAR**

Com acepção de "caminhar com dificuldade, apoiando-se com mais frequência em uma das pernas por defeito físico ou por qualquer lesão temporária; claudicar, mancar" : "Depois vae o Sem Pernas. Vae calado, uma extranha comoção o possue. Vae como um crente para uma missa, um amante para o seio da mulher amada, um suicida para a morte. Vae pálido e **coxeia**." (AMADO, 1937, p.91). Há duas ocorrências na obra.

**ESCAPULIR**

Com a acepção de "empreender fuga, escapar; livrar-se de": (i) "E o Gato não descansou enquanto não conseguiu no aperto de um bonde das seis horas da tarde tirar o anel do dedo do homem, **escapulindo** na confusão porque o dono logo percebeu. Exibia o anel no dedo médio, com vaidade." (AMADO, 1937, p.44); e expressivamente em "Depois Pirulito se lembrou de chamar o padre José Pedro. **Escapuliu** pela porta do trapiche, se dirigiu á casa do padre. Mas pelo caminho ainda ia rezando, os olhos dilatados, cheios de temor de Deus." (AMADO, 1937, p.192). Há três ocorrências.

**COSER**

Datado do século XIII, com sentido de "costurar ": "— Não. — disse Dora. — Eu fico, ajudo vocês. Eu sei cosinhar, **coser**, lavar roupa.". Convém aqui apresentar, para interesse diacrônico na grafia das palavras "cosinhar" e "coser", suas etimologias. Sobre "cozinhar"no sentido de 'fazer a cozinha, cozinhar', cuja raiz é coz-, enquanto "coser", no sentido de 'coser, unir uma coisa a outra", cuja raiz é sut-. Cozinha e correlatos de cognação (cozinhar, cozinheiro) aparecem em 15 ocorrências. Já coser aparece em cinco vezes na obra.

**ESFAQUEAR**

Datado de 1881, com acepção de "desferir facada(s) em ou sofrer golpe(s) de faca": "Mas não disse mais nada porque o Sem Pernas já estava em cima dele e levantava o punhal. E **esfaquearia** sem duvida o negrinho se João Grande e Volta Seca não o tirassem de cima dele." (AMADO, 1937, p.173). Há duas ocorrências com este verbo. Observação: por alguma razão, talvez, por força estilística, o autor, no contexto acima, não fala em "apunhalaria" (1642), e sim, ""esfaquearia". Terá sido porque a faca lembra o punhal?

**ESPALDAR**

Datado de 1651, "parte da cadeira ou similar em que se apoiam as costas de quem se senta; espalda, respaldar, respaldo": "Pesadas cortinas, cadeiras de alto **espaldar**, um retrato de Santo Ignacio numa parede." (AMADO, 1937, p.196). Só uma ocorrência.

**ESPIAR**

Os diferentes contextos de emprego do verbo na obra permitem as seguintes acepções: (i) "observar secretamente, com o intuito de obter informações; espionar"; (ii) "olhar às escondidas"; (iii) " esperar, aguardar (ocasião); espreitar"; e (iv) "dar uma espiadela": "João Grande passa por debaixo da ponte — os pés afundam na areia — evitando tocar no corpo dos companheiros que já dormem. Penetra no trapiche. **Espia** um momento indeciso até que nota a luz da vela do Professor. " CA, 1937, p.41). Há pelo menos 42 ocorrências com este verbo.

**ESPOSAR**

Com a acepção de "aceitar e defender ideias": "Já fizera umas tantas visitas ao Reformatorio de menores mas ali lhe punham todas as dificuldades porque ele não **esposava** as ideas do diretor de que é necessário surrar uma creança para a emendar de um erro." (AMADO, 1937, p.95). Há uma ocorrência.

**FAZER**

Com acepção de "ter ou dispertar interesse, importância ou utilidade para (alguém); importar: "A voz de Pedro Bala o animou: — Tú também vae ajudar a mudar a vida da gente.— Como? — **fez** João

Grande” (AMADO, 1937, p.293). Há a princípio uma ocorrência com esta acepção.

**FITAR**

Ao longo da obra, são várias acepções possíveis de serem observadas pelo leitor mais atento. Assim, o verbo datado por Houaiss (2020) do século XV, tem as seguintes acepções: (i) “fixar(-se) [a vista] em; cravar(-se), firmar(-se), mirar(-se)” como em “O velho **fitava** indeciso. Então o Gato bateu o dinheiro em cima da mesa:— Hoje nós vae fazer gasto.” (AMADO, 1937, p.72) ; e figurativamente (ii) “ deter (atenção, ideia) em “E colocou o cravo por baixo do quadro,enquanto **fitava** a santa com um olhar comovido.” (AMADO, 1937, p.47). Em se tratando da etimologia do latim lat.vulg. “fictare” com sentido de “pregar, cravar, fixar, pregar os olhos no chão, não tirar os olhos de uma donzela” como em “Os meninos a **fitavam** com curiosidade. “ (AMADO, 1937, p.106). Há, ao menos, 16 ocorrências na obra.

**DESEMBUCHAR**

Com acepção de “expor ou revelar francamente o que sente ou pensa, a fim de se aliviar de tensão emocional”: “— **Desembucha** esta historia direito sinão leva porrada.” (AMADO, 1937, p.) e “— Então não é muito tempo — falou Pedro. — Se quer que a gente vá, é bom **desembuchar** logo..” (AMADO, 1937, p.75) “. São estas duas acepções no livro. Na literatura brasileira, há ocorrências bem interessantes com desembuchar como em “— Tirei lingua e fiz **desembuchar** a negra da cozinha, e sube que o lio padre andara engolfinhado a gavetar a papelada e que a menina Luizinha chorara como duas bicas d'água.” (MACEDO, 1869, p.239) e “— Assim desembuchasse por uma vez aquelle demônio do Coruja!... exclamava elle ás amigas, quando lhe falavam nu filha. “( AZEVEDO, 1889, p.102).

**FURAR**

Com a acepção de “percorrer de ponta a ponta; passar por dentro; entrar em; atravessar, penetrar”: “Naquela manhã quando viu o povo saindo da missa, entrou na igreja displicentemente e foi **furando** até a sacristia.” (AMADO, 1937, p. 94). Com esta acepção, temos, a rigor, unicamente o exemplo acima.

**GINGAR**

Com acepção de “tentar passar pelo que não é; mostrar-se pedante, arrogante, imodesto”: “**Ia** agora **gingando** como um filho de marítimo, o boné puxado por causa da chuva, a gola do paletó preto (devia ter sido anteriormente de um homem muito grande) levantada.” (AMADO, 1937, p.134). Há seis ocorrências.

**“SE JOGAR”**

Datado do sXIII, com acepção de “deixar-se cair; saltar, pula” sob aspas, o que sugere à enfâse adicionada ao sentido figurativo do verbo: “A praça toda fica em suspenso por um momento. "**Se jogou**", diz uma mulher e desmaia. Sem Pernas se rebenta na montanha como um trapezista de circo que não tivesse alcançado o outro trapezio. O cachorro late entre as grades do muro.” (AMADO, 1937, p.320) . Há apenas uma ocorrência.

**MANGAR**

Com a acepção de “expor (alguém) ao ridículo, ao desdém, por meio de atitudes ou palavras maliciosas ou irônicas; debochar, mofar, troçar”: “Gato disse que de tarde não ia. Tinha que fazer já que á noite ia estar ocupado no carrossel. O Sem Pernas **mangou**:” (AMADO, 1937, p. 92). Há apenas um caso com este verbo.

**MATUTAR**

Pela intransitividade verbal, a acepção mais imediata e plausível é “demoradamente sobre algo; meditar, refletir” mas o contexto parece sugerir também “ traçar diretrizes; arquitetar, conceber, planejar”: “— Deixa eu **matutar**. A gente tem que dar conta. A gente garantiu a Aninha. Agora tem que fazer.” (AMADO, 1937, p.127). A ideia de que matutar leva a planejar podemos observar em “.: “Pedro Bala enquanto subia a ladeira da Montanha revia mentalmente seu plano.” (AMADO, 1937, p. 132). Só há uma ocorrência.

**MIJAR**

Molhar com urina: “— Agora não que vou **mijar** — e foi para.os fundos do bar.” (AMADO, 1937, p. 67) .

**MIRAR**

Com a acepção de "olhar longamente à distância": **"**Pirulito tomou a medalha que o padre lhe dera, ficou **mirando**." (AMADO, 1937, p.63). Há pelo menos 30 ocorrências.

**MOFAR**

Com acepção de " fazer mofa; zombar": "E se voltou de todo para Deus, ouvia a voz de Deus, rezava ante os quadros que o padre lhe dera. No primeiro dia começaram a **mofar** dele no trapiche." (AMADO, 1937, p.146). Só há um registro.

**PERUAR**

A acepção mais plausível para o contexto é "observar (um jogo) de maneira insistente e incômoda, às vezes dando palpite": "O Professor tentara acender sua vela mas o vento parecia brincar com ele, apagava de minuto a minuto. Afinal ele desistiu de ler esta noite e **ficou peruando** um jogo de sete e meio que o Gato bancava, ajudado por Boa Vida, num canto." (AMADO, 1937, p.127). Há apenas uma ocorrência na obra.

**PIAR**

Datado de sXV, com acepção figurativa de "entabular conversação; conversar"**: "**— Olha, xereta, trata de dormir. Se tú **piar** eu te abro a garganta, palavra de Pedro Bala. E se tú disser alguma coisa depois que eu sair. Tú já viu falar nos Capitães da Areia?" (AMADO, 1937, p.277). Há apenas um registro na obra.

**PONGAR**

Datado por Houaiss (2020) de 1958, com a acepção de " pegar (veículo) em movimento": "Agora a amava também, aprendia a andar nos becos, nas ladeiras, a **pongar** nos bondes, nos automóveis em disparada. Era ágil como o mais ágil." (AMADO, 1937, p.246). Etimologia: provavelmente relacionada à punga com a ideia de movimento da dança. A retrodatação para este termo deve ser para 1937, considerando a publicação de Capitães da Areia.

**POSSUIR**

Com a acepção de " fazer sexo com, geralmente usando força": **"**Pensava em derrubar a negrinha sob a areia macia, em acariciar seus seios duros (talvez seios de virgem, sempre seios de menina), em **possuir** seu corpo quente de negra." (AMADO, 1937, p.116). Há pelo quatro nove ocorrências com esta acepção.

**PRANCHAR**

Com acepção de " bater com a lâmina de uma arma branca": "Pedro cuspiu de olhos fechados: — Sae, chibungo, antes que eu te **pranche** a cara..." (AMADO, 1937, p.137). Só há uma ocorrência na obra.

**QUEDAR**

Datado do século XIII, a acepção deste verbo no contexto é de "ficar": "Já havia tempo mais que suficiente para que o Sem Pernas soubesse onde se **quedavam** todos os objetos facilmente transportaveis da casa e as saídas que podiam auxiliar a fuga." (AMADO, 1937, p.166). Há apenas duas ocorrências na obra.

**REPARAR**

No contexto, sugere ao leitor a acepção de "emendar", isto é, "corrigir-se moralmente": — Que hora tú sae daqui? Te **repara**. Tenho meu homem. Ele me espera nove hora da noite naquela esquina." (AMADO, 1937, p.154). Há ao menos cinco ocorrências.

**ROUBAR**

Com a acepção de "favorecer um competidor em prejuízo de (adversário)": "— Tú tá **roubando** um companheiro?" (AMADO, 1937, p.62). Do ponto de vista jurídico, " apropriar-se de (bem alheio), mediante violência ou ameaça", acepção que não encontramos na obra. São pelo menos 12 ocorrências com roubar e o cognato "roubalheira".

**SOQUEAR**

Com a acepção de " dar socos em; socar, esmurrar":" Grita de dor. Mas não sae uma palavra dos seus lábios. Vae se fazendo noite para ele. Agora já não sente dores, já não sente nada. No entanto os soldados ainda o surram, o investigador o **soqueia**. Mas ele não sente mais nada." (AMADO, 1937, p.258). Há três ocorrências. Podemos

postular a datação para este termo de 1937, ano de publicação de Capitães da Areia.

**VALER A PENA**

Com a acepção de “m erecer o esforço, a preocupação; ser vantajoso, útil; compensar “— Não era bom a gente de tarde dá um pulo na praça? Quem sabe se não **vale a pena**?” (AMADO, 1937, P.92). Há 3 ocorrências com “pena”, entre as quais, algumas flexões com “valer a pena”: “vale a pena”, “valesse a pena”, “valha a pena”, indicando a exploração da locução na obra.

**SOSSOBRAR**

Hoje grafado soçobrar, datado por Houaiss de 1551, com a acepção de “mar emborcar, virar (ger. uma embarcação) e ir a pique, naufragar ou fazer naufragar; afundar(-se), submergir(-se)”: “O barco a vela parecia **sossobrar** a cada momento, o chicote dos oficiaes caia sobre as costas nuas dos marinheiros. João Grande tinha uma expressão de dor no rosto.” (AMADO, 1937, p. 236). Do ponto de vista de grafia, é instigante a etimilogia do verbo: em 1553, grafava-se sossobrar; em 1562, passou a sosobrar; em 1789, soçobrar, aos nossos dias, com a mesma acepção acima definida.

**SURRAR**

Datado de 1562, com a acepção de “bater, açoitar”:” Uma noite, quando Raymundo quiz **surrar** Barandão, Pedro tomou as dores do negrinho e rolaram na luta mais sensacional que as areias do cães jamais assistiram.” (AMADO, 1937, p.38). Há, pelo menos, 18 ocorrências.

**TÁ ACABADO**

Forma aferética de estar: “— Que tem tú com isso? Eu acho bom **tá** acabado.” (AMADO, 1937, p.44). Há, ao menos, 100 ocorrências com esta forma de estar.

**TEAR**

Na indústria têxtil, artefato ou máquina destinada ao fabrico de tecidos, malhas, tapetes etc: “José Pedro que estava no seu **tear**,

ouvindo, se aproximou e disse que ele queria ser padre.” (AMADO, 1937, p.95). Há apenas um caso na obra.

**TER E AMAR**

Há uma diferença, em forma de prosa poética, de ter e amar com relação à Dora por parte dos Capitães da Areia. O verbo ter, datado de 1047, ,com a acepção de “possuir sexualmente; copular” e o verbo amar, datado de 1124, com a acepção de “demonstrar amor a; sentir grande afeição, ternura ou paixão por”: “Foi como uma sombra para todos, um acontecimento sem explicação. Menos para Pedro Bala que a **teve**. Menos para Professor que a **amou**.” (AMADO, 1937, p.284)

**CHALACEAR**

Exprimir-se por “chalaças; gracejar”: “A negra mostrou a carapinha toda pintada de branco. Tinha tirado o lenço que enrolava na cabeça e Boa Vida **chalaceou**.” (AMADO, 1937, p.110). Há apenas um registro deste verbo na obra.

**TILINTAR**

Ressoar ou fazer soar como campainha, sino, moedas etc: “No outro dia, por volta de onze e meia da manhã, o Sem Pernas apareceu em frente á casa. Quando ele tocou a campainha a empregada com certeza ainda pensava na noite que passara com Pedro Bala no seu quarto no Garcia porque não ouviu o **tilintar**.” (AMADO, 1937, p.155-156). Há apenas uma ocorrência.

**TOPAR**

Brasileirismo informal, com sentido de “ aceitar (negócio, proposta, convite etc.): “Não. Tá querendo chapéu. Mas só **topa** de feltro. Palinha não vale, diz que não tem saída.” (AMADO, 1937, p.45). ou “ aceitar a parada, o desafio”: “— Tá bom, Sem Pernas, você não quer **topar** o negocio vá embora, mas deixe a gente combinar as coisas direito.” (AMADO, 1937, p.45) ou ainda “— Tú não tem nada com isso, — o Gato fumava um cigarro. — Tú quer vir pra ver se **topa** alguma mulher que te queira assim coxo?” (AMADO, 1937, p.59), este último, com sentido de “deparar(-se) com; dar de cara com; encontrar(-se), avistar(-se)”. Há 17 ocorrências, com diferentes acepções, na obra.

**DEIXA ESTAR**

Pelo contexto, é possível supor a acepção para a locução de " deixar de se preocupar": "— **Deixa estar** que eu sei onde se pode vender" (AMADO, 1937, p.52). Há cinco ocorrências na obra.

**ENRODILHAR**

Datado do século XV , com a noção de "enrolar(-se), torcer(-se)": "Quando termina de fumar, se **enrodilha** no chão. Se pudesse dormir. Pelo menos não veria o rosto cheio de sofrimento de Dora." (AMADO, 1937, P.269). Há duas ocorrências na obra.

**TOU**

Forma aferética de " estou" do verbo estar. Neste caso, a aferése se define como processo de mudança linguística que consiste na supressão de fonema(s) no princípio do vocábulo) da 3ª pessoa do singular do presente indicativo do verbo estar, como : "— Pois hoje **tou** na outra.Saíram pela rua, Boa Vida " (AMADO, 1937, p.155); "— **Tou** morto de sede." (AMADO, 1937, p.268); "— Quantos dias já tem que **tou** aqui?" (AMADO, 1937, p.270). Há pelo menos cinco ocorrências ao longo da obra. Sobre este aférese desta natureza, consultar Aragão (2010).

**TREPAR**

Trata-se de um tabuísmo com a ideia de "fazer sexo (com)": "..Mas diz um troço: tu não **trepa** com esse menino daqui?" (AMADO, 1937, p.167). Com esta acepção, apenas um caso.

**TROÇAR**

Pelo contexto dado, tem a acepção de "fazer troça; caçoar": "Entraram na Central. O guarda atravessou um corredor, largou Pedro Bala na sala dos detidos. Havia uns cinco ou seis homens. O guarda disse **troçando**" (AMADO, 1937, p.136). Há apenas uma ocorrência.

**ZANGAR**

Com a preposição com, como a que ocorre no exemplo extraído do livro, tem a acepção de "censurar energicamente; repreender": "Mas o senhor não vae **zangar** com a gente porque não a gente não aceita? Não vae, não é? e espiava o padre cujo rosto agora estava

novamente alegre." (AMADO, 1937, p.105). São três ocorrências na obra.

**CUTUCAR**

Com a acepção de "estimular ou tocar (alguém) de leve com o cotovelo, para chamar a atenção para um fato ou para dar aviso disfarçado": "Os marinheiros olharam desconfiados para o menino. Mas o baixo **cutucou** o outro com o cotovelo e murmurou qualquer coisa ao ouvido." (AMADO, 1937, p.68). Há duas ocorrências.

**DAR O SUÍTE**

Com a acepção de "ir-se embora; dar o fora, sumir, escafeder-se: "— Olha, Sem Pernas, tú trata de avisar que se algum for bispado trate de **dar o suíte** para outro lado. Não venha pra cá." (AMADO, 1937, p.46). No livro há duas ocorrências para esta expressão. Houaiss data o uso da expressão e 1942, mas podemos recuar ou retroceder se considerarmos a publicação de 1937 de Capitães da Areia. Houaiss (2020) nos adverte assim: a palavra suíte, de origem francesa, é datada do sXII) com a ideia "'o que segue; sequência, sucessão', com alt. de gênero. A datação é para a locução dar o suíte.", logo, carece de retrodatação lexicográfica.

**BULIR**

Com a acepção de "tocar em (algo ou alguém); mexer em": "O Sem Pernas mostrou a maquina (um pequeno motor que falhava muito) com um orgulho de proprietário. Volta Seca não se desprendia do cavalo onde rodara Lampeão. O Sem Pernas estava muito cuidadoso do carrossel e não deixava que eles o tocassem, que **bulissem** em nada.." (AMADO, 1937, p.88). No livro, há pelo menos três ocorrências.

**ABOLETAR**

Acomodar-se em (qualquer lugar); alojar-se, instalar-se: "— Então amanhã quando acabar a função tú pode botar ele pra rodar só com a gente. Tú bota as coisas pra andar, a gente se **aboleta**.." (AMADO, 1937, p.82); e "Ficava então ao lado de uma roda gigante e de uma sombrinha sempre na mesma praça e nos domingos e feriados as creanças ricas, vestidas de marinheiro ou de pequeno lord inglez, as

meninas de holandeza ou de finos vestidos de seda, vinham **se aboletar** nos cavalos preferidos, indo os menores nos bancos com as aias.” (AMADO, 1937, p. 82). Há duas ocorrências na obra.

**CAPENGAR**

Com a acepção de “coxear”: “O Sem Pernas entrou **capengando**, não tinha onde botar as mãos. Dona Esther falou com bondade.” (AMADO, 1937, p.163). Há duas ocorrências para este verbo.

**CAVAR**

Com a acepção figurativa de “esforçar-se ou concorrer para adquirir ou alcançar”: “Pedro Bala foi á casa de Almiro, a mãe do menino ficou feito louca, era uma lavadeira amigada com um pequeno lavrador alem da Cidade de Palha. Foram buscar Almiro e o padre o visitou e depois levou um medico. Mas acontece que o medico estava **cavando** um logar na Saúde Publica e denunciou o caso de varíola.” (AMADO, 1937, p.196).

## GRAMATICULTUREMAS

**MERCÊS**

O Convento de Nossa Senhora das Mercês foi fundado pela baiana Úrsula Luísa de Monserrat, o primeiro convento dessa Ordem no Brasil: “chuva caia e os guardas se abrigavam sob as capas. Começou a subir a ladeira de São Bento vagarosamente. Tomou por São Pedro, atravessou o Largo da Piedade, subiu o Rosário, agora estava nas **Mercês**, deante da Central de Policiaolhando as janelas, o movimento de guardas e secretas que entravam e saiam.” (AMADO, 1937, p.133). Há apenas um registro na obra.

**MITING**

Forma apostuguesa pelo autor do inglês meeting, que se refere à “reunião pública convocada para discutir questões de ordem política ou social : “Na Chefia de Policia quizemos ouvir Pedro Bala. Mas ele nada nos disse como tão pouco quiz declarar ás autoridades o logar onde dormiam e guardavam seus furtos os "Capitães da Areia". Só declarou seu nome, disse que era filho de um antigo grevista que foi

morto num **miting** na celebre greve das docas de 191..., que não tinha ninguém no mundo. Quanto á Dora é filha de uma lavadeira que morreu de varíola quando da epedimia que alastrou a cidade. Não faz sinão quatro mezes que está entre os "Capitães da Areia" mas já tomou parte em muitos assaltos. E parece ter uma grande honra nisso. (AMADO, 1937, p.255-256). No excerto, as reticências relativas ao ano da greve das docas, podem ser uma referência que o autor da greve dOs trabalhadores das Docas de Santos, em 1908,. Um capítulo da obra é dedicada a Docas (p.108-123). Há apenas um registro de miting na obra.

**MULATO AVERMELHADO E FORTE**

Aquele que é filho de pai branco e de mãe negra (ou vice-versa): –"Não ha venda, quitanda, botequim que ele não conheça. Quando se incorporou aos Capitães da Areia (o cães recem-construido atraiu para as suas areias todas as creanças abandonadas da cidade) o chefe era Raymundo, o Caboclo, **mulato avermelhado e forte**. Não durou muito" (AMADO, 1937, p.37). São 42 ocorrências para mulato na obra.

**NOJEIRA**

A acepção que cabe ao contexto dado é "aquilo que, pelo mau aspecto ou falta de asseio, provoca asco; sujeira, imundície, nojice": "— Ninguém sabe dizer, não. E' uma coisa por demais. Uma **nojeira**. A gente quando entra é igual um que entra no caixão..." (AMADO, 1937, p.211). Há apenas um caso na obra. Podemos postular a datação de 1937 para este adjetivo.

**RICTUS DE RAIVA**

Mesmo que ricto, isto é, contração dos músculos da face ou da boca, que dá ao rosto o aspecto de riso forçado: "Como invejaram a Volta Seca que no seu canto, o cabelo mestiço e ralo despenteado, os olhos apertados e a boca rasgada naquele **rictus de raiva** apontava o revolver ora para um dos meninos, ora para um rato que passava, ora para as estrelas que eram muitas no ceu." (AMADO, 1937, p.87). A datação de 1899 é a datação é para a acepção "contorno da boca, abertura da boca, boca aberta".

**RECOLHIMENTO DOS VARIOLOSOS**

Datado de 1836, no âmbito da infectologia, "aquele que sofre de varíola":" Havia uma lei que obrigava os cidadãos a denunciarem á Saúde Publica os casos de varíola que conhecessem para o imediato **recolhimento dos variolosos** aos lazaretos.." (AMADO, 1937, p.213). Há dois casos.

**CÃO DE FILA**

No contexto, há um caso de comparação para sugerir pessoa que João Grande, assim como "cão de guarda, cuja postura é quase sempre agressiva e perigosa" presta serviços de proteção e guarda no trapiche"como "empregado fiel": "João Grande anda para onde está o Professor, se bem durma sempre na porta do trapiche, como um **cão de fila**, o punhal próximo da mão, para evitar alguma surpresa." (AMADO, 1937, p.41). Há apenas uma ocorrência na obra.

**ABISCOITADO**

Datado de 1783, brasileirismo com acepção de "que se furtou; roubado": "Um conhecido e jovem vigarista que atuava em Ilheoá com o nome de "Gato", após ter **abiscoitado** bons cobres de muitos fazendeiros."(AMADO, 1937, p.322). Há apenas uma ocorrência

**OLHOS ACHINESADOS DA SERTANEJA**

Datado no período de 1537-1583, "que tem modos, hábitos, feição ou aspecto de chinês": "Os cabelos loiros eram carapinha rala, os olhos doces eram os **olhos achinezados** da sertaneja, o rosto grave era o rosto sombrio da camponeza explorada." (AMADO, 1937, p.239). Há apenas um registro.

**AMÁSIA DE CANGACEIRO**

Datado de 1789, com acepção de "amancebado, amigado; amante": "Afirmava á sua mãe, forte e valente mulata sertaneja, capaz de brigar com soldados, comadre de Lampeão, **amasia de cangaceiro**, que podia confiar nele, que não o pegariam vivo, que lutaria até morrer..." (AMADO, 1937, p.239). Só uma ocorrência.

**CREANÇA ANDRAJOSA E ALEIJADA**

Houaiss (2020) data o adjetivo andrajoso de 1699 com a acepção de "coberto de andrajos, de trapos; esfarrapado", acrescida de "mutilação física": "Por isso tira esta roupa azul de marinheiro, a roupa da qual ele mais gostava. Porque para dona Esther seu filho voltou hoje na figura desta **creança andrajosa e aleijada**, sem pae, sem mãe." (AMADO, 1937, p.160). Há apenas um caso.

**ANELÃO COR DE VINHO**

Com a acepção ao contexo dado de "anel grande" e "sem valor real":"Agora no meio do trapiche o Sem Pernas metia a ridículo o Gato que perdera todo um dia para furtar um **anelão cor de vinho**, sem nenhum valor real, pedra falsa, de falsa beleza também." (AMADO, 1937, p.43). Mas é possível que Boa-Vida tenha um anelão com valor real, isto, "anel grosso, de ouro ou de prata, eventualmente cravejado de brilhantes": "O trapiche grita se despedindo do Gato. Este sorri, elegantíssimo, alisando o cabelo, no dedo aquele **anelão côr de vinho** que furtara certa vez." (AMADO,1937, p.312), ao certo, referindo-se ao contexto seguinte com o brasileirismo "anelão" que "nem de Bispo": "Fazia já uma semana que o Gato avisara a meio mundo: Vi um **anelão**, seu mano, que nem de bispo. Um anelão bom para meu dedo. Batuta mesmo. Tú vae ver quando eu trouxer..." (AMADO, p.44). Podemos postular a datação deste termo para o ano de 1937, com a publicação de Capitães da Areia. Há cinco ocorrências na obra.

**APATETADO**

Datado de 1783, duas acepções são aplicáveis ao contexto dado: (i) " que ou quem é um tanto pateta ou age como se o fosse; e (ii) " que ou quem se mostra pasmado; desnorteado": "Mas o padre ainda ficou parado uns minutos querendo dizer alguma coisa. Mas não dizia nada, estava como que **apatetado**, olhando a porta por onde o conego tinha saido." (AMADO, 1937, p.203-204). Só uma ocorrência.

**APURO**

Datado de 1831, com a acepção de "situação difícil": "Andaram. João Grande e Professor iam na frente. Ambos tinham vontade de conversar com Dora mas nenhum sabia que dizer, não tinham se visto

ainda num **apuro** assim. A luz das lâmpadas batia nos cabelos loiros dela.” (AMADO, 1937, p. 225). Há apenas uma ocorrência na obra.

**FALAR ARREVEZADO**

Datado do século XIV, o contexto parece sugerir as acepções de falar “de difícil compreensão; complicado, intrincado, confuso” ou mais precisamente “cuja pronúncia é difícil (diz-se de vocábulo)”: “Sem Pernas o maltratava sem piedade, burlando dele, do seu **falar arrevezado**, da sua falta de coragem.” (AMADO, 1937, p.169). Há apenas uma ocorrência.

**ATARANTADO**

Adjetivo datado por Houaiss (2020) de 1712, refere-se ao “que se atarantou; aturdido, desnorteado, confuso, baratinado”: Padre José Pedro achava que Deus perdoaria e queria ajuda-los. E como não encontrava meios, e sim uma barreira na sua frente (todos queriam tratar os Capitães da Areia ou como criminosos ou como creanças iguaes àquelas que foram creadas com um lar e uma família), ficava como que desesperado, por vezes ficava **atarantado**.” (AMADO, 1937, p.145). A etimologia de “atarantado” é bem curiosa: vem de “atarantar” na acepção de “'aturdir”, derivado de “taranta” por “tarántula” no sentido de “aranha”, em razão da tarântula “morder” o ser humano e causar “transtornos nervosos”. Há três ocorrências na obra.

**BABACA**

Datada de 1922, a acepção tabuística “ vulva” nos parece ser a mais plausível ou a ideia de babaca “que ou quem demonstra subserviência”: “— Não vê que ela tá chorando. Eles pararam um momento. Mas Volta Seca falou:— E nós com isso? A **babaca** é a mesma... Continuaram avançando. Iam vagarosamente, os olhos fixos ora em Dora, ora no punhal que João Grande tinha na mão. De repente se apressaram, chegaram muito mais perto.” (AMADO, 1937, p.228). Há apenas uma ocorrência.

**MACHO BAMBA**

Com a acepção de “que é muito valente; valentão”: “— Macho **bamba**..” (AMADO, 1937, p.237). Duas ocorrências na obra.

**ARMAR BARULHO**

Datado de 1836, com a acepção de “ tumulto por motivo político ou social; revolta, motim”: “Nós não queremos **armar barulho**, queremos mostrar que os operários são capazes de disciplina. ("Uma pena", pensa Pedro Bala que ama os barulhos).” (p.333). De 11 ocorrências, há ao menos quatro exemplos com esta acepção.

**BATEDORES DE CARTEIRA**

Brasileirismo com acepção de “gatuno especializado no furto de carteiras de notas”:” Será que um comunista age assim? Dar um pouco de conforto àquelas pequenas almas. Salvalas,melhorar seus destinos... Antes dali só saiam ladrões, **batedores de carteira**, vigaristas, os melhores eram os malandros...” (AMADO, 1937, p.206). Há duas ocorrências.

**DOIS BEBADOS**

Datado do século XV, mesmo que bêbedo: “Chegou no prédio (um sobrado negro, de muitos andares), subiu as escadas, no primeiro andar perguntou a um garoto que dormia no corredor qual era o quarto do sr. Gastão. O garoto mostrou o ultimo quarto, o Gato bateu na porta. O flautista veio abrir, estava de cuecas e na cama o Gato viu uma mulher magra. Estavam os dois **bebados**.” (AMADO, 1937, p.57). Há três ocorrências nesta obra.

**SOLDADOS BEBEDOS**

Datado de bêbedo do sXIII, com a acepção de “aquele que se intoxicou com bebida(s) alcoólica(s)” ou “aquele que se embriaga por hábito; que ou aquele que é dado ao vício da embriaguez”: “Ele quer um carinho, u'a mão que passe sobre os seus olhos e faça com que ele possa se esquecer daquela noite na cadeia, quando os s**oldados bebedos** o fizeram correr com sua perna coxa em volta de uma saleta.” (AMADO, 1957, p.50). A forma bebedo, concorrente no romance, é provavelmente por dissimilação de bêbado. Eis asf ormas históricas: no século XIII, bevedo; no século XIV, bêbedo; e século XIV, beuedo. Com a grafia “bêbedo” apenas em duas ocorrências.

**BEDEL NO SEMINÁRIO**

Refere-se ao "chefe de disciplina em escolas": "Sofreu muito,principalmente depois que, passados dois anos, o dono da fabrica deixou de pagar seus gastos e ele teve que trabalhar de **bedel no seminário** para poder continuar." (AMADO, 1937, p.96). Há 28 ocorrências na obra.

**FREGUEZIA**

Com a acepção de "igreja paroquiana; paróquia": "Um dia teve que escrever uma carta sobre o assunto para a redação de um jornal. Então sua entrada foi proibida no Reformatorio e até uma queixa contra ele foi dirigida ao Arcebispado. Por isso não teve uma **freguezia** logo. Porem seu maior desejo era conhecer os Capitães da Areia." (AMADO, 1937, p.96). Há apenas uma ocorrência.

**BEIÇO**

Datado de beiço do sXIII, mesmo que lábio: "O rapaz puxou um cigarro, acendeu. Jogou a fumaça para cima, estendendo o **beiço**, deu mais uma espiada para os peitos de Dora" (AMADO,1937, p.221). Há duas ocorrências na obra.

**BELEZAME**

A acepção mais próxima é a de belezura, isto é, "coisa agradável de ver": "— Tú já deu uma espiada na escola de Belas Artes? E' um **belezame**, rapaz. Um dia andei de penetra, me meti numa sala. Tava tudo vestido de camisão, nem me viram. E tavam pintando uma mulher nua. Se um dia eu pudesse. " (AMADO, 1937, p.179). Não há registro deste termos nos dicionários gerais. Formado, a princípio, de belez- + -ame, em que este sufixo, advindo do latim. Sugere ao leitor noção de " aumentativo "e, às vezes, pejorativo. Com a mesma formação tem dinheirama (dinheiro + -ama). Há 19 ocorrências para beleza. Há um flagrante caso de hápax, inclusive ainda não registrada nos dicionários e com datação de 1937, ano de publicação de Capitães da Areia. A **Comissão** de **Lexicografia da** Academia Brasileira de Letras (ABL), ao ser consultado sobre a acepção de belezame, manifesta-se assim: "Jorge Amado usou um neologismo. O sufixo *-ame* indica noção de quantidade: muita beleza.". Acolhemos, pois, a ideia de neologismo,

isto é, “emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não”

**BIGODÃO BEM TRATADO**

Bigode grande: “O rapaz não despregava os olhos dos seios de Dora. Era bonita a menina, de olhos grandes, cabelo muito loiro, neta de italiano com uma mulata. Margarida dizia que ela puxara ao avô, que também tinha cabelos muito loiros e um **bigodão bem tratado**. Dora baixou os olhos porque o rapaz não tirava os deles dos seus peitos.” (AMADO, 1937, p.221). Só há um registro na obra.

**BOA PRA CAMA**

Mulher cujo corpo tem formas belas ou que é sexualmente atraente; boazuda: “— Deixa de ser burro, negro. Eu tava perguntando se **era boa mas pra cama**. Se tu viu o coxame...” (AMADO, 1937, p.80). Há pelo menos 50 ocorrências com o termo “boa” ou “Boa” (esta, sempre relacionada ao personagem Boa Vida) com na obra com muitas acepções, entre as quais, a já mencionada, a de “condição, situação de prazer, contentamento, de quem desfruta de algum tipo de conforto, vantagem etc.”, como em “Pedro Bala ficou se lembrando da historia. Boa Vida achava besteira sair da Bahia onde quando crescesse seria tão fácil viver uma *boa existência de malandro*, navalha na calça, violão debaixo do braço, uma morena para derrubar no areai. Era a existência que desejava ter quando se fizesse completamente homem.” (AMADO, 1937, p.109), o que parece uma motivação semântica para a alcunha “Boa Vida”. Outra passagem expressiva é esta: “O de cara chupada explicava que "Mariasinha" era de **boa família**.”(AMADO, 1937, p.137)

**BOAS VINDAS**

Datado de 1641, é “expressão de acolhimento afetuoso e hospitaleiro (a alguém) e de satisfação pela sua chegada” : “— **Boas vindas**, madame...” (AMADO, 1937, p. 226). Há somente uma ocorrência. Atualmente, grafa-se com hífen: boa-vinda.

**BOAS-NOITES**

Datado de 1569, fórmula usada para saudar alguém à chegada ou na despedida, à noite: “Pedro Bala ficou pensando. Ia um silencio pelo trapiche.

João Grande conseguio vencer o medo ese aproximou. Mas ia com passos arrastados. Parecia violentar sua própria vontade para chegar até junto de Almiro. Foi quando entrou Pirulito acompanhado do padre José Pedro. O padre deu **boas-noites** e perguntou quem era o doente. Pirulito apontou Almiro, o padre se dirigiu para ele, chegou perto, pegou no braço, examinou." (AMADO, 1937, p.194). Há apenas uma ocorrência na obra.

**BRAVATA DE PEDRO BALA**

No contexto, com a acepção de "ato ou dito que reflete jactância, presunção a respeito de atributos pessoais, poderes etc., frequentemente com matizes de provocação; fanfarronada, parlapatice": "Apesar do seu desespero o homem sorriu da **bravata** de Pedro Bala:" (AMADO, 1937, p. 76). Há apenas uma ocorrência na obra.

**BRIGADA DE CHOQUE**

Datado de 1660, com a acepção mais próxima de "agrupamento de pessoas voltado à execução de certo serviço ou tarefa " para "embate impetuoso entre forças militantes em luta": "Depois de terminada a greve o estudante continua a vir ao trapiche. Mantém longas conversas com Pedro Bala, transforma os Capitães da Areia numa **brigada de choque**." (AMADO, 1937, p.337). Há três ocorrências. Para esta expressão e sua respectiva acepção postulamos o ano de 1937 para sua datação, com a publicação de Capitães da Areia.

**CHEIO DE BUGIGANGAS**

Datada por Houaiss (2020) de 1623, com a acepção de "objeto de pouco ou nenhum valor ou utilidade; quinquilharia" ou "ninharia, insignificância": "Gostavam de ter entre eles um extrangeiro ou quasi extrangeiro. Mas o Gringo se contentava com pequenos furtos, evitava os assaltos arriscados e ideava um baú **cheio de bugigangas** para vender nas ruas ás creadas das casas ricas. O Sem Pernas o maltratava sem piedade, burlando dele, do seu falar arrevezado, da sua falta de coragem." (AMADO, 1937, p.168-169). Há apenas um caso na obra. No âmbito da Literatura, Lima Barreto recorreu a este termo em Bagatelas: "O estado dos arredores do Rio, abandonados, enfeitados com construcções contra-indicadas, cercados de terrenos baldios onde ainda crescem teimosamente algumas ,grandes arvores das cas»s de campo de antanho, faz desconfiar que os nababos de

Therezopolis pouco se incommodam com o cedro 'que o turco quer derrubar, para' fazer caixas ê caixões que guardem quinquilharias e **bugigangas**" (BARRETO, 1923, p.199). Lima Barreto também recorreu a este termo em Matuto: "— Querem saber como foi o caso ? A mulher de um morador chamou o labrego para lhe comprar não sei que **bugigangas**, de que elle sahiu pago. Mas como vinha tonto, depressa esqueceu-lhe que tinha recebido a respectiva importância. (TÁVORA, 1902, p. 133-134). A propósito de "burlas, com a acepção de "fazer zombaria de; escarnecer": "Sem Pernas o maltratava sem piedade, **burlando** dele, do seu falar arrevezado, da sua falta de coragem." (AMADO, 1937, p.169). Há pelo menos sete registros na obra.

**CREANÇAS BULIÇOSAS**

Datado do sXIII, buliçoso refere-se à criança "que não sossega; irrequieto, travesso": "Pirulito não os via. Com uma paciência e uma bondade extremas ensinava ás **creanças buliçosas** as lições de catecismo. Os dois Capitães da Areia sairam balançando a cabeça." (AMADO, 1937, p.300). Apenas uma ocorrência.

**RISO BURLÃO**

Riso próprio de trapaceiro, burlador, isto é, dede ou ladrão, batedor de carteiras: "O Sem Pernas que vinha combinar um detalhe da questão dos chapéus e que, desde que o vira rezando trazia uma pilhéria preparada, uma pilhéria que só com o pensar nela ele ria e que iria desconcertar completamente Pirulito, quando chegou perto e viu Pirulito rezando, de mãos levantadas, olhos fixos ninguém sabia onde, o rosto aberto em êxtase (estava como que vestido de felicidade), parou, o **riso burlão** murchou nos seus lábios e ficou a espia-lo meio a medo, possuído de um sentimento que era um pouco de inveja e um pouco de desespero. (AMADO, 1937, p.48) e "Sem Pernas riu seu **riso burlão**, apontou os outros: — Tá tudo como urubu em cima de carniça.(AMADO, 1937, p.226). As duas ocorrências para burlão sempre associado ao personagem Sem Pernas, inclusive há um trecho que diz: "O Sem Pernas costumava **burlar** dele como de todos os demais do grupo, mesmo de Professorde quem gostava, mesmo de Pedro Bala a quem respeitava." (AMADO, 1937,p.48).

**CAIXEIRO VIAJANTE**

Com a acepção de "representante de vendas, empregado de comércio que viaja por conta de uma firma ou, se por conta própria, encarregado dos negócios de várias casas ou ramos; alabama, cometa": "— Não nasci para essa vida. Nasci para o grande mundo, — disse o Gato repetindo uma frase que ouvira certa vez de um **caixeiro viajante** num cabaré de Aracaju." (AMADO, 1937, p. 53). Para este composto (atualmente, com hífen), podemos postular o ano de 1937 para sua datação. Há três ocorrências.

**CALABOUÇO**

Afora as acepções jurídicas para o termo, o contexto sugere ao leitor "local sombrio; qualquer lugar fechado, escuro e úmido": "Os outros também ficaram calados. E foram indo um por um para o despacho do comissário. Uns eram postos em liberdade, outros iam para o **calabouço**, outros voltavam apanhados. O temporal cessara e a madrugada chegava. Pedro foi o ultimo a ser chamado. Deixou o paletó onde enrolara Ogún." (AMADO, 1937, p.138). So há uma ocorrência na obra.

**RISO CANALHA DE BÊBADA**

Adjetivo datado de 1546, relativo a pessoa vil, reles: "A mulher riu um **riso canalha de bêbada"** (AMADO, 1937, p.57) e " O vento levantou um pouco o vestido dela. Ele teve **pensamentos canalhas** ao ver o pedaço de coxa. Já se sonhava na cama, Dora trazendo o café pela manhã, a safadeza que se seguiria:"(AMADO,1937, p.221). Há duas ocorrências na obra.

**CANECA DE ÁGUA**

Datado de 1562, com a acepção de "recipiente pequeno destinado à ingestão de líquidos e dotado de asa para facilitar seu manuseio": "— Podia dar uma **caneca de água** a gente, por favor? O sol tá encalistrando. — e sorria, limpando com o boné a testa onde o suor corria." (AMADO, 1937, p.154). Há apenas um registro.

**CANECO COM ÁGUA**

Datado de 1858, com a acepção de "caneca alta e estreita": "Vê o bedel Ranulfo na porta. Traz um **caneco com água** que Pedro Bala

arranca das suas mãos e bebe em grandes goles. Mas é tão pouca... Não chega para matar a sede. O bedel lhe entrega um prato de barro com uma água onde boiam alguns caroços, de feijão." (AMADO, 1937, p.267). Curioso é saber que "caneco" é alteração de gênero de caneca, com a correspondente especialização semântica. Há duas ocorrências.

**CÃO LOBO**

O Cão-lobo é um animal híbrido resultado do cruzamento de um cão doméstico com um lobo: "Quando se cansava de correr com o gato, de montar na gangorra do jardim, de jogar a bola de borracha no quintal para o **cão lobo** a apanhar, vinha e passava os braços em torno ao colo de Dona Esther, a beijava no rosto e ficava com ela, vendo livros de figuras, aprendendo a ler e a desenhar as letras." (AMADO, 1937, p.159). Há apenas um caso de registro do do composto.

**PERNA CAPENGA**

Datado de 1884, com a acepção de " aquele que capenga, puxa da perna; manco, perneta" ou simplesmente "coxo": "O Sem Pernas mostrou a **perna capenga**, andou na frente da senhora forçando o defeito. Ela o fitava com compaixão" (AMADO, 1937, p.156). Há quatro ocorrências.

**CARAPINHA**

Refere-se ao cabelo de Luiza ("velha negra")que "lembra a lã, muito crespo e denso, próprio das populações negroides; cabelo agastado, cabelo ulótrico, lã, pixaim": "A negra mostrou a **carapinha** toda pintada de branco. Tinha tirado o lenço que enrolava na cabeça e Boa Vida chalaceou." (AMADO, 1937, p.110). Há sete ocorrências na obra.

**CASTIGOS CORPORAES**

Pena ou punição que se inflige a pessoa ou animal: "O padre José Pedro queria levar aqueles corações todos a Deus. Assim começou a freqüentar o Reformatorio de menores, onde a principio o diretor o recebia com muita cortezia. Mas quando ele se declarou contra os **castigos corporaes**, contra deixar as creanças com fome dias seguidos, então as coisas mudaram." (AMADO, 1937, p. 96). São, ao menos, 32 ocorrências.

**CÉLULAS**

Datado de 1695, na linguagem jurídica, "em penitenciárias, cubículo de condenado(s); cela": "Lembrava-se da canção que os presos cantavam na madrugada que nascia. Dizia que a liberdade é o bem maior do mundo. Que nas ruas havia sol e luz e nas **células** havia uma eterna escuridão porque ali a liberdade era desconhecida." (AMADO, 1937, p.259). Há apenas um caso na obra.

**CHAUFER**

Mesmo que motorista (no sentido de 'condutor de automóvel'): "Dona Esther o acompanhou comovida. Viu que a empregada mostrava o banheiro ao Sem Pernas, dava-lhe um roupão e se dirigia para o quarto em cima da garage para arruma-lo (o **chaufe**r tinha se despedido, o quarto estava vasio)." (AMADO, 1937, p.158). Segundo Houaiss (2020), a etimologia indica ser o verbete adaptado ao português do francês "chauffeur", encontrado na forma original em texto do português em 1908. Todavia, a primeira adaptação do francês para o português deve ser chaufer, portanto, sua datação deve ser a de 1937. Chofer vem imediatamente de chaufer.

**CHIBATADAS**

Datada de 1836, com acepção de "golpe vibrado com chibata; chicotada": **"**Agora o marinheiro John apanhava **chibatadas** porque escorregara e cairá no meio do temporal." (AMADO, 1937, p.236). Duas ocorrências ao longo da obra.

**CHICOTADAS**

Datada de 1899, com acepção de "golpe vibrado com chicote; chibatada, vergastada": **"**Pirulito vira ha poucos dias um frade alemão que descrevia o inferno num sermão na Igreja da Piedade. Nos bancos, homens e mulheres recebiam as palavras de fogo do frade como **chicotadas** no lombo. O frade era vermelho e de seu rosto pingava o suor." (AMADO, 1937, p.143-144). Duas ocorrências ao longo da obra.

**CHICOTE**

Datada de 1712, refere-se a "instrumento resistente e flexível feito de longas tiras de couro ou de cordões firmemente entrançados e presos a um cabo que se empunha para golpear um animal, ou castigar uma

pessoa; chibata, couro: “Depois foi o horror dos sonhos da cadeia, o homem de colete que ria brutalmente, os soldados que surravam o Sem Pernas que corria com a perna aleijada em volta da saleta. Mas de repente chegou dona Esther e o homem de colete e os soldados morreram entre infinitas torturas porque agora o Sem Pernas estava vestido com uma roupa de marinheiro e tinha um **chicote** na mão como o mocinho do cinema.” (AMADO, 1937, p.166). Há pelo menos oito ocorrências.

**MENINOS RICOS E CHORAMINGUENTOS**

Que choraminga muito, ou frequentemente (criança choraminguenta): “Volta Seca e o Sem Pernas nunca haviam acolhido uma idea com tanto entusiasmo. Eles muitas vezes já tinham visto um carrossel mas quasi sempre viam de longe, cercado de mistério, cavalgados os seus rápidos ginetes por **meninos ricos e choraminguentos**.” (AMADO, 1937, p.85). Na literatura brasileira, são raros registros com o verbo choramingar e choramingas, sem que registre choraminguentos: (i) “— Ora essa !... ponderou Cosme, e acabou a phrase com um geito que fez rir a um dos olhos, o do lado do poeta, e **choramingar** o outro, que pozera ao serviço de Nuno.” (ALENCAR, 1873, P.65); e (II) “— Não digo ! Para **choramingas** e resas é que servem hoje as mulheres. S” (ALENCAR, 1873,p.115)

**COCADINHA**

Mesmo que. Cocada. No caso, menino em idade púbere.: “— Quem é esse **cocadinha**?” (AMADO, 1937, p.57). Só há esta ocorrência e presume-se que a datação para esta palavra seja de 1937.

**COCOROCÓ DE UM GALO**

Canto dos galos: “Imitou o **cocorocó de um galo** e isso era sinal que Volta Seca estava alegre.” (AMADO, 1937, p.137). Houaiss (2020) data o termo cocorocó de1 958, mas podemos postular sua datação de 1937 com a publicação desta obra. A etimologia indica que o vocábulo é onomatopaico, por imitação do canto do galo, donde as oscilações das representações fônica e gráfica (variantes como cocoricó, cocoricô, cocorocó:). Em 1958, grafava-se có-có-ró-có.

**TIPO DA COISA CANJA**

Com valor de adjetivo e acepção de "aquilo que se faz sem esforço; sopa": "Já sei aquilo tudo de cór e decorado. É o **tipo da coisa canja**." (AMADO, 1937, P.92). Há pelo menos quatro casos similares na obra.

**COMIDO**

Na acepção "eliminado" como "o jogo de damas ou no de xadrez", isto é, " num só lance": "— Se Lampeão tivesse aí já tinha **comido** este capitão no fusil..." (AMADO, 1937, p.236). Com esta acepção, somente este caso.

**CORJA DE MOLEQUES**

Datado de 1514, com a acepção figurativa de " grupo de indivíduos grosseiros, vis, de má índole; canalha, súcia, malta": "— Não faz muito tempo a viúva Santos queixou-se. O senhor ajudou uma **corja de moleques**, numa praça, a vaia-la. Melhor, incitou os moleques a que a vaiassem... Que tem a dizer, padre? (AMADO, 1937, p.200). Há apenas um caso.

**COURAÇA**

Pelo contexto, a acepção tm valor figurativo, decorrente da noção de: (i) "armadura feita de metal ou couro, us. por soldados sobre o peito e as costas para protegê-los de golpes inimigos; peito de prova"; e (ii) "qualquer coisa (concreta ou abstrata) que sirva de proteção a uma pessoa contra o revés, o infortúnio": "Um rosário descialhe em torno ao pescoço. Se bem sua figura desse uma impressão de puresa, essa impressão não fazia seus traços mais doces. Não havia nenhuma simpatia humana na sua figura, nos seus traços duros. Como que a puresa era uma **couraça** que o afastava do mundo." (AMADO, 1937, p. 198). Há apenas uma ocorrência na obra.

**CRIADAGEM**

Com a acepção de "conjunto dos criados e criadas de uma casa e/ou propriedade": "Se o houvessem deixado na cosinha de mistura com a **criadagem** como o deixavam nas outras casas onde penetrara para depois roubar, poderia fumar, conversar na lingua de poucos termos dos Capitães da Areia." (AMADO, 1936, p.161). Em O Atheneu

(Chronica de saudades), de 1888, Raul Pompeia faz referência ao termo criadagem: “Encaminhava-me para a cozinha e sentia palpitações fortes, abalando-me um modo de agradável pavor. A cozinha do Atheneu, além dos alojamentos da copa era espaçosa como um salão. A's paredes scintillava o trem completo de cobre areiado, em linha as peças redondas como uma galeria de broqueis. No centro uma comprida mesa servia de refeitório á **criadagem**” (POMPEIA, 1888, P.146)

**CREANÇAS**

Datado do sXIII, o termo deve ser visto com a devida carga ideológica e de denúncia de cunho marxista por parte do autor. Assim, são acepções que presumimos na obra: (i) “ ser humano que se encontra na fase da infância, indivíduo que se encontra na fase que vai do nascimento à puberdade”; (ii) “ser humano que não é adulto, pessoa jovem”, e que ão fez 18 anos; (iii) para os pais ou parentes mais idosos, o filho, seja em que idade for”; e, particularmente, (iv) “que ou aquele que age infantilmente; que ou quem, sendo já maduro, se comporta com ingenuidade ou age de maneira imatura”, isto, condensado na ideia que temos hoje de “menor de idade”, isto é, “aquele que ainda não atingiu a maioridade; de menor **“**Sob a lua, num velho trapiche abandonado as **creanças** dormem.” (AMADO, 1937, p. 35). Uma das passagens mais interessantes sobre o que o narrador define por criança temos aqui: “Porque o que faz a **creança** é o ambiente de casa, pae, mãe, nenhuma responsabilidade. Nunca eles tiveram pae e mãe na vida da rua. E tiveram sempre que cuidar de si mesmos, foram sempre os responsáveis por si. Tinham sido sempre iguaes a homens. Agora os mais velhos, os que eram desde anos os chefes do grupo, estavam rapazolas, começavam a ir para seus destinos. (AMADO, 1937, p.310-311). Há 136 ocorrências deste termo.

**CREANÇAS EXTRAVIADAS**

O adjetivo extraviado é datado de 1791, com acepções possíves de se adequarem ao contexto dado: (i) “desviado do caminho; (ii) “que perdeu a orientação, que se perdeu; e (iii) “que saiu do bom caminho, que se perverteu”: “Ele estava errado, perdera aqueles dois anos de tanto trabalho. Pensara levar tantas creanças a Deus. **Creanças extraviadas**. . Seria que elas tinham a culpa? Deixai vir a mim as

creancinhas.. Christo.. Era uma figura radiosa e moça." (AMADO, 1937, p.204). Só uma ocorrência.

**DE COMER**

Aquilo que se come; alimento, comida: "Não tenho ninguém no mundo, sou aleijado, não posso trabalhar muito, faz dois dias que não vejo **de comer** e não tenho onde dormir." (AMADO, 1937, p.156). Hoje, grafado de-comer, tem seu primeiro registro em Luzia-Homem, de Domingos Olímpio, em 1903, com a mesma acepção em *Capitães da Areia*. No livro, há sete ocorrências.

**MOÇAS DE SEREM DEFLORADAS DEFLORADAS**

Com a acepção de "Fazer perder ou perder a virgindade; desflorar(-se), desvirginar(-se)": "E o carrossel de Nhôsinho França salvou a pequena vila de ser saqueada, **as moças de serem defloradas**, os homens de serem mortos." (AMADO, 1937, p.83). Há apenas uma ocorrência.

**DEMAIS**

Com a acepção de "além disso, além deste fato; ademais": "— Não diga coisa feia. **Demais** é mesmo mentira." (AMADO, 1937, p.167). Há pelo menos seis ocorrências na obra.

**DESABALADO**

Datado por Houaiss (2020) de 1629, com a acepção de "que parece não ter freios ou limites; veloz, precipitado, desembestado: "— Não vê que a gente saiu agora cedo. E veio vindo por aqui, andando sem que fazer, foi quando topou com tú que vinha **desabalado**..." (AMADO, 1937, p.140). Há apenas uma ocorrência.

**DESAFORO**

Datado de 1648, com a acepção de "comportamento ou fala desrespeitosos; atrevimento, insolência": "O homem olhou para Pedro Bala e já ia dizer um **desaforo** quando a moça viu o desenho do Professor e chamou sua atenção" (AMADO, 1937, p.180). Há duas ocorrências.

**DESGRAÇA DE RAYMUNDO**

Com acepção de "revés da fortuna; azar, desdita, infelicidade": "A **desgraça** de Raymundo foi puxar uma navalha e cortar o rosto de Pedro, um talho que ficou para o resto da vida." Há 29 ocorrências.

**DESGRAÇADO**

Com acepção de "que ou aquele cujo caráter inspira indignação, desprezo; infame": "— Pra que tú quer saber **desgraçado**?" (AMADO, 1937, p.116). O exemplo dada caracteriza-se por um interlocutório pessoal. Há 16 ocorrências.

**DESTINOS**

Datado de 1567, cabem aos diversos contextos de seu emprego na obra as seguintes acepções: (i) "personalização da fatalidade a que supostamente estão sujeitas todas as pessoas e todas as coisas do mundo; sorte, fado, fortuna"; (ii) " tudo que é determinado pela providência ou pelas leis naturais; sequência de fatos supostamente fatais; fatalidade"; e (iii) " acontecimento (bom ou mau); fortuna, sorte, fado": "Será que um comunista age assim? Dar um pouco de conforto àquelas pequenas almas. Salvalas, melhorar seus **destinos**..."(AMADO, 1937, p.214). Há 20 ocorrências na obra.

**DINHEIRAMA**

Datado de dinheirama de 1789, mesmo que "dinheirada", isto é, grande quantidade de dinheiro (em espécie): "— Amanhã Gonzalez dá uma **dinheirama** por isso..." (AMADO, 1937, p.172). Há apenas um registro. Em **O Cortiço**, de Aluisio Azevedo, há registro de dinheirama: "— Não sei, filha ! pregava depois a mulata, no pateo, a uma companheira ; seja as4m ou assado, a verdade é que ella passa muito bem de bocca e nada lhe falta : sua boa casa ; seu bom carro para passeiar á tarde ; theatro toda a noite ; bailes quando quer e, aos domingos, corridas, regatas, pagodes fora da cidade e dinheirama grossa para gastar á farta !" (1890, p.51)

**DONATIVOS**

Com a acepção de "dádiva ou contribuição feita em dinheiro para fins de beneficência ou caridade, ou de assistência a uma pessoa ou instituição", no caso, à Igreja Católica: "— O senhor sabe que a viúva

Santos é umadas  melhores protetoras da religião na Bahia? Não sabe dos **donativos**. "(AMADO, 1937, p.200). Há apenas uma ocorrência na obra.

**CHEIO DE ECMOSES DAS PANCADAS**

O termo "ecmose", atualmente grafado "equimose", é datado de 1601, com a acepção de "mancha na pele, de coloração variável, produzida por extravasamento de sangue": **"**Pedro Bala, deitado como estava, não podia fazer o menor movimento. Por todos os lados as paredes o impediam. Seus membros doiam, ele tinha uma vontade doida de estirar as pernas. Seu rosto **estava cheio de ecmoses das pancadas** na policia e desta vez Dora não estava ali para trazer um pano frio e cuidar do seu rosto ferido." (AMADO, 1937, p.261). Há apenas uma ocorrência.

**GUARDA EM PENCA**

Com acepção de "em massa, em grande grupo: "— Também tem **guarda em penca..."** (AMADO, 1937, p.45). Só há este registro na obra. Podemos não apenas sugerir sua primeira datação como um caso de hápax. Há, ainda, a locução, de emprego informal, " às pencas" com sentido de "em grande quantidade, em abundância", mas não empregada na obra.

**EM RIBA DE DO EMBRULHO**

Com acepção de "Em cima de": "— Olha Grande, o tal empregado tá sentado **em riba do embrulho**." (AMADO, 1937, P.79). Só há um registro na obra.

**ENCABULADO**

Datado do sXX, com a acepção de "diz-se de ou aquele que é ou está acanhado, envergonhado, constrangido": "— Tú é bom, Grande. Tu é melhor que a gente. Gosto de você — e batia pancadinhas na perna do negro que ficava **encabulado**." (AMADO, 1937, p.40)" e "Não se lembrou do resto, ficou meio **encabulado**, foi embora ver Dalva. Mas os demais já se aproximavam.Sem Pernas e Boa Vida vinham na frente. Dora olhava assustada. Zé Fuinha dormia de cansaço. João Grande se poz na frente de Dora. A luz da vela iluminava o cabelo loiro da menina, de quando em vez pousava nos seios. Professor se levantou, encostou-

se na parede. Agora a luz aparecia pelos buracos do teto." (AMADO, 1937, p.226). Há quatro ocorrências na obra.

**ENCOBRIDOR DO CASO**

Com a acepção de "não revelar, manter em segredo, guardar" referindo-se a "grande desordem; confusão, escândalo, briga": "Mas acontece que o medico estava cavando um logar na Saúde Publica e denunciou o caso de varíola. Almiro foi mesmo levado para o lazareto e o padre ficou em maus lençóes pois o medico (que se dizia livre-pensador, mas em verdade era espirita) denunciou o padre também como **encobridor do caso**. " (AMADO, 1937, p.196). Há apenas uma ocorrência.

**VELHA ENCONGRUJADA**

Pelo contexto, aproxima-se da acepção de encarquilhado", ou seja , "que se encarquilhou; engelhado, com rugas ou pregas, rugoso" ou mesmo de engelhado (de engelhar, com etimologia em en- + gelha + -ar): "— Esses menino de hoje não respeita os mais velho, compadre João de Adão. Onde já se viu um capetinha destes falar em peito pra uma **velha encongrujada** como eu." (AMADO, 1937, p. 110). Há apenas uma ocorrência na obra.

**ENCORNADO**

Com a acepção de " exaurido (por falta de sono, trabalho excessivo etc.); esfalfado", datado de 1959 por Houaiss (2020), podendo retroceder para 1937 com a publicação de Capitães da Areia: "Volta Seca levava um por um para mostrar o cavalo que tinha sido cavalgado por seu padrinho Virgulino Ferreira Lampeão. Eram quasi cem creanças olhando o velho carrossel Jorge Amado de Nhozinho França que a estas horas estava **encornado** num pifão tremendo na "Porta do Mar". (AMADO, 1937, p.87-88). Há apenas um caso na obra.

**ENCURRALADO**

Datado de 1559, adjetivo com acepção de "que se encontra em lugar que não tem saída ou cuja única saída está, de algum modo, bloqueada": "Pedro Bala e João Grande abalaram pela ladeira da Praça. Barandão abriu no mundo também. Mas o Sem Pernas ficou

**encurralado** na rúa." (AMADO, 1937, p.318). Há apenas uma ocorrência.

**ENRODILHADO**

Datado do século XV, com a acepção de " em forma de rodilha, enrolado": "A sede o roe por dentro como uma legião de ratos. Cae **enrodilhado** no chão e o cansaço o vence. Apesar da sede, dorme. Mas tem sonhos terríveis, ratos roem o rosto belo de Dora. (AMADO, 1937, p. 266). Há apenas uma ocorrência

**ENTONCES**

Forma do advérbio "então" datada do século X, com acepção de "'naquele momento, então":"Na hora que meti o dedão na campainha **entonce** a dama lá em cima ficou muito assustada. Pegou, abriu a janela, parecia que ia se atirar mesmo. Espiava que fazia medo. Tava mesmo chorando. **Entonces** eu tava com pena e trepei pela bica pra dizer a ela que não chorasse mais que não tinha mais de que. Que a gente tinha abafado os papeis. E como tive que explicar tudo a ela tive que demorar.."(AMADO, 1937, p.80). No contexto, aparecem duas formas: entonce (a singular) e entonces (plural), esta, historicamente, desusada na sincronia dos anos 30. Há duas ocorrências na obra.

**ESBUGALHADOS (OLHOS)**

Esbugalhado, adjetivo datado de 1544, com a acepção de "muito aberto ou muito saliente": "O padre José Pedro vae encostado á parede. As ultimas notas da orquestra distante chegam aos seus ouvidos. Os olhos do padre estão **esbugalhados**. (AMADO, 1937, p.205). Há apenas uma ocorrência.

**ESFARRAPADO**

Datado de sXV, refere-se ao "que ficou em farrapos; rasgado; roto; despedaçado: "Por isso olha o Sem Pernas **esfarrapado** com um grande carinho e ao lhe falar sua voz tem uma doçura diferente da de sempre." (AMADO,1937, p.157). Há pelo menos três ocorrências com este termo. Para esfarrapada, há este registro: "Do cães Pedro Bala dá adeus ao Gato. Vestido com suas **roupas esfarrapadas**, agitando o boné, se sente muito longe do Gato que ao lado de Dalva parece um homem feito com sua roupa bem talhada. Pedro sente uma aflição,

uma vontade de fugir, de ir para qualquer parte num navio ou na rabada de um trem." (AMADO, 1937, p.312)

**ESFOMEADO (CÃO DE SEM PERNAS)**

Datado no período de 1817-1819, adjetivo ou substantivo "que ou aquele que sente muita fome; que ou quem está esfaimado, faminto": "O Sem Pernas tinha arranjado por aqueles dias um cachorro ao qual se dedicava inteiramente. A principio quando o cão aparecera no trapiche, **esfomeado**, Sem Pernas o maltratou quanto poude. Mas terminou por acarinha-lo e o tomar para si. Agora como que vivia inteiramente para o cachorro. E por isso voltou só para levar o cão, que o acompanhara, para longe de Almiro." (AMADO, 1937, p.189). Há sete ocorrências na obra.

**CAMISAS E CALÇAS ESMULAMBADAS**

Adjetivo como a noção de "que ou o que está em molambos, em farrapos": "Ficavam todos amontoados e alguns tiritavam de frio, sob as **camisas e calças esmulambadas**. Outros tinham paletós furtados ou apanhados em lata de lixo, paletós que utilisavam como sobretudo." (AMADO, 1937, p.128). Só há uma ocorrência na obra.

**ESPIADA**

Com acepção de "olhada, espiadela": "Vida o relicario de ouro. — Tava só dando uma **espiada**, reverendo. É batuta. — repoz Boa Vida com certo receio. — É batuta mesmo. Mas não vá pensando que eu ia levar. Ia deixar aí direitinho. Sou de boa família." (AMADO, 1937, p.94). Há pelo menos seis ocorrências na obra.

**ESPOSA DE MAUS MARIDOS**

A mulher, em relação ao seu marido: "Algumas, no entanto, aquelas que em geral eram ou viúvas ou **esposas de maus maridos** se fizeram mais ou menos suas amigas." (AMADO, 1937, p.99). Há pelos quatorze ocorrências, enquanto são registradas três ocorrência com "esposo" como em "O Padre José Pedro adivinhava (mais do que sabia) que se elas passavam os dias em inúteis conversas nas igrejas, ou a bordar lenços para o padre Clovis era porque não haviam tido, na sua malograda existência de virgens, um filho, um **esposo**, a quem dedicar seu tempo e seu carinho." (AMADO, 1937, p.100).

**ESTREMUNHADO**

Datado do príodo de 1817-1819, adjetivo com acepção de "aquele que se estremunhou; sonolento, estrovinhado": "Sem Pernas levanta **estremunhado**. Um grande cansaço nos seus membros. Aquelas noites são como batalhas. Nunca é um goso completo, uma satisfação total. A solteirona quer uma migalha de amor. Teme o amor completo, o escândalo de um filho. Mas tem sede e fome de amor, quer nem que sejam as migalhas. Mas Sem Pernas quer fazer o amor completo, aquilo o irrita, faz crescer seu ódio." (AMADO, 1937, p.304-305). Há apenas uma ocorrência na obra.

**ESTUPEFACTOS**

Adjetivo datado por Houaiss (2020) de 1747, com a acepção figurativa de que os Capitães da Areia, diante da reação de Sem Pernas, "experimentaram certo imobilismo decorrente do sentimento de pasmo diante de algo que não se espera; assombrado, admirado, perplexo": "E rebentou em soluços que deixaram os Capitães da Areia **estupefactos**. Só Pedro Bala e o Professor compreendiam e este abanava as mãos porque não podia fazer nada. Pedro Bala puxava uma conversa comprida sobre um assunto muito diferente. Lá fora o vento corria sobre a areia e seu ruido era como uma queixa." (AMADO, 1937, p.175). Há apenas uma ocorrência.

**VESTIDO DE FARRAPOS**

Com a acepção de " trapo cortado, pedaço de pano muito usado e gasto; andrajo: "Volta Seca já tinha mesmo (certo dia em que penetrou num Parque de Diversões armado no Passeio Publico) chegado a comprar entrada para um mas o guarda o expulsou do recinto porque ele estava **vestido de farrapos**." (AMADO, 1937, p.85). Outra passagem: "No entanto não teem mais que uns poucos níqueis no bolso, vão **vestidos de farrapos**,não sabem o que comerão." (AMADO, 1937, p.77). Há 13 ocorrências.

**VELHA E A FEIUSCA (MULHER)**

Com acepção de ser extremamente feia: "Agora vinha uma mulher branca e com dinheiro, velha e **feiusca** era verdade, mas bem comivel ainda, e se deitava com ele. Acariciava seu sexo com a mão, juntava coxa com coxa, deitava sua cabeça nos seus seios grandes."

(p.305-306). Interessante que o narrador, referente à aparência de Maria Babaçu diz que a mesma era "feia, mulata e escura" e que o Professor, em certa ocasião, recebeu de uma " velhota feia" dez tostões por seu desenho :"Uma velhota deu dez tostões por seu desenho. A velhota era feia e Professor tinha conservado sua **feiúra** no desenho." (AMADO, 1937, P.182). Os demais adjetivos, ou seja, de, pelo menos, seis menções a feio são dirigidas à Joana, a solteirona, que, ao ser roubada por Sem Pernas, acredita que "É como se houvessem cuspido na sua cara, dizendo era por causa da sua **feiúra**."(AMADO, 1937, p.306). A datação para este adjetivo é, pois, o ano de 1937, com a publicação de Capitães da Areia. Trata-se, certamente, de um caso de hápax.

**LUZ DE FIFÓS**

Datado de 1935, com acepção de "Pequeno lampião a querosene com pavio " ou "pequeno lcandeeiro a querosene provido de pavio": "Anos depois os jornaes de classe, pequenos jornaes, dos quaes vários não tinham existência legal e se imprimiam em tipografias clandestinas, jornaes que circulavam nas fabricas, passados de mão em mão, e que eram lidos â **luz de fifós**, publicavam sempre noticias sobre um militante proletário, o camarada Pedro Bala, que estava perseguido pela policia de cinco Estados como organisador de greves, como dirigente de partidos üegaes, como perigoso inimigo da ordem estabelecida." (AMADO, 1937, p.343). O termo é ainda empregado na Bahia e em Minas Gerais nas populações interioranas. Há apenas uma ocorrência.

**FITA COR DE ROSA**

Na obra, com várias acepções. Datado de fita do século XIII, com acepção de "faixa estreita, de tecido natural ou sintético, usada para ornamentar ou amarrar", como nesta passagem: "Devem procurar um embrulho igual a este, igualsinho.. — Foi ao bolso da capa trouxe um pequeno pacote amarrado com uma **fita cor de rosa**. — E' igualsinho. Não sei se ainda estará no quarto." (AMADO, 1937, p.75) e em "Fizeram duas trancas do seu cabelo, amarraram com fitas. **Fitas cor de rosa**. Deram-lhe um vestido de pano azul, um avental de um azul mais escuro." (AMADO, 1937, p.278). Tem-se a acepção de "mesmo que filme (no sentido de 'sequência de imagens')": "O viva apertou o

coração do menino. Olhou para o trapiche. Não era como um quadro sem moldura. Era como a moldura de inúmeros quadros. Como quadros de uma **fita de cinema**." (AMADO, 1937, p.294). Há, ao menos, 103 menções à fita, como "fita do chapéu novo" (p.156) e "um laço de fita" (p.160).

**FITO**

Datado do sXIII, com acepção de "propósito": E saiu correndo pelo areal, correndo sem **fito**, fugindo da sua angustia." (AMADO, 1937, p.61). Há, ao menos, quatro ocorrências, com mais frequência no plural, neste caso com acepção de "cravados ou fixados" como em "Porque a população dos cinco Estados de Bahia, Sergipe, Alagoas, Paraiba e Pernambuco, vivem com os olhos fitos em Lampeão.(p.323).

**FLOR DE ESTUFA**

Com acepção figurativa de "pessoa criada sem contatos com a dura realidade da vida": "Um mez de orfanato bastou para matar a alegria e a saúde de Dora. Nascera no morro, infância em correrias no morro. Depois a liberdade das ruas da cidade, a vida aventurosa dos Capitães da Areia. Não era uma **flor de estufa**. Amava o sol, a rua, a liberdade." (AMADO, 1937, p.277)

**FRADE**

Datado de 1059, refere-se ao "indivíduo que pertence a uma ordem religiosa" e, segundo o narrador, "Não é o mesmo que ser padre, bem sei. Mas está muito próximo" (AMADO, 1937, p.297): "Pirulito irá ser **frade**. Um dia talvez se ordene.O padre sae agradecendo a Deus." (AMADO, 1937, p.298). Mais adiante, o padre José Pedro refere-se a Pirulito como "Conhecem o irmão Francisco da Sagrada Família?" (AMADO, 1937, p.298).

**FRANGOTE**

Datado de 1899, com duas acepções figurativas: (i) "rapaz novo; frangalhote, frango, rapazola"; e (ii) "rapazinho presumido e janota; franganito, franganote": "— Olha aquele **frangote...** O que quererá por aqui?" (AMADO, 1937, p.54). Há sete ocorrências na obra.

**FREGE MOSCA**

Informalmente, no Brasil, tem a acepção de "estabelecimento modesto, popular e geralmente pouco asseado, que vende bebidas e refeições". Atualmente, Houaiss (2020) registra o frege-moscas ( datado de 1899) como a ideia de "restaurante popular, geralmente rude, sujo", também chamado casa de pasto, taberna, tasca, frege, um dos sinônimos de taberna: "João Grande bateu a mão na mesa:- Sinão a gente vira esse **frege mosca** de cabeça pra baixo." (AMADO, 1937, p. 72). Atualmente, grafado com hífen.

**FRESCO**

É possível duas acepções: (i) "que ou o que se mostra faceiro no falar, no vestir etc.; taful"; e (ii) "que ou quem é cheio de melindres": — Ninguém aqui vae ficar bixiguento só por causa deste **fresco**." (AMADO, 1937, p189). Há quatro ocorrências na obra.

**FUJÃO**

Datado de 1562, com acepção de "que ou o que está constantemente fugindo": "Voltam Ranulfo e Campos com Agostinho. O **fujão** é surrado na vista de todos. Depois o diretor diz:— Metam-no na cafúa."(AMADO, 1937, p.276).. Há apenas uma ocorrência na obra.

**FURTO**

De furtar, com a noção de "ato de subtração de coisa móvel pertencente a outra pessoa, contra a vontade desta e com a intenção de ter a coisa como própria" (direito penal): "O Sem Pernas botou o motor para trabalhar. E eles esqueceram que não eram iguaes ás demais creanças, esqueceram que não tinham lar, nem pae, nem mãe, que viviam de **furto** como homens, que eram temidos na cidade como ladrões." (AMADO, 1937, p.107). Há, ao menos, 51 ocorrências com a noção de furtar (furto) ou correlatos.

**FUZUÊ**

Datado sXX, pode ter a acepção de "folia coletiva, ruidosa, animada por música, dança, alegria; carnaval, folia, funçanata, pândega" ou "desavença, altercação agressiva envolvendo várias pessoas; briga, confusão, desordem, rolo", o que parece sugerir este último sentido neste contexto (poror força do verbo "armar" , ou seja,

aprontar, arranjar ou proceder de modo inesperado, indevido, provocando situações incômodas e confusas): "Boa Vida pouco aparece no trapiche. Tem um violão, faz sambas, está enorme, é mais um malandro nas ruas da Bahia. Ninguém tem uma vida igual á dos malandros. Passa o dia conversando nas docas, no mercado, vae ás festas dos morros e da Cidade da Palha á noite ou ás macumbas. Toca seu violão, come e bebe do melhor, apaixona cabrochas bonitas com sua voz e sua -musica. Arma **fuzuê** nas festas e quando a policia o persegue vem se esconder no trapiche entre os Capitães da Areia. (AMADO, 1937, p.299-300). Há cinco ocorrências na obra.

**MOTIVO DE GALHOFA**

Datado de 1557, com a acepção de "zombaria explícita e veemente; deboche, escárnio": "Para virar menino mimado, para virar uma daquelas creanças que eram eterno **motivo de galhofa** para eles. Não, não os trairia. Teriam bastado três dias para ele localisar os objetos de valor da casa.." (AMADO, 1937, p.169-170). Em **As Minhas de Prata**, José de Alencar recorre a este termo:"Costumavam os filhos das principaes famílias, quando por tarde sabiam a passeio acompanhados de seus aios, se reunirem na Praça do Governador onde estava assentada uma bateria á pique da Ribeira. Ahi se entretinham em **galhofas** e folguedos próprios da infância." (ALENCAR, 1865, p.51)

**GARGALHADAS ESCANDALOSAS**

Risada forte, ruidosa e prolongada: "João Grande soltou uma daquelas suas **gargalhadas escandalosas**." (AMADO, 1937, p.67) ou este exemplo:"Tomou uma atitude de lutador, um braço estirado. Professor riu, Bala também riu, logo o riso se transformou em **gargalhada**. E só pararam de **gargalhar** para aderir a um grupo de desocupados que se reunira em torno a um tocador de violão." (AMADO, 1937, p. 179-180). A etimologia é por demais instigante: gargalhar éde origem onomatopaica cuja a raiz garg com a sugestão de "ruído da água durante o gargarejo ou o da garganta quando o alimento é engolido sofregamente". Há 18 ocorrências para gargalhada e três para o verbo gargalhar.

**FIGURA DE GAROTO**

Datado de 1813, refere-se a "rapaz ou menino que brinca ou anda vadiando pelas ruas" ou "rapaz imberbe; adolescente, menino", nos diferentes casos na obra: "As mulheres olhavam para a sua **figura de garoto**, sem duvida. Achavam-no belo na sua meninice viciada e gostariam de fazer o amor com ele. Mas não o chamavam porque aquela era a hora em que esperavam os homens que pagavam e elas tinham que pensar na casa e no almoço do dia seguinte." (AMADO, 137, p.54). Etimologia: origem obscura. JM relaciona ao fr. gars (sXII) 'rapaz', do fr. garçon, seguido do sufixo dim. -otoHá 11 ocorrências na obra.

**GENTALHA**

Também dito "gentaça", com ideia pejorativa de "conjunto das pessoas pertencentes às camadas mais baixas da sociedade": "— O senhor não se envergonha de estar nesse meio, padre? Um sacerdote do Senhor? Um homem de responsabilidade no meio desta **gentalha**." (AMADO, 1937, p. 106) , na qual o padre José Pedro é repreendido por uma beata. Na outra ocasião, é repreendido pelo Cônego Secretário do Arcebispado: "— Cale-se. — A voz do Conego era cheia de autoridade. — Quem o visse falar diria que é um comunista que está falando. E não é difficil. No meio dessa **gentalha** o senhor deve ter aprendido as teorias deles.. O senhor é um comunista, um inimigo da Igreja." (AMADO, 1937, p. 203). No livro, há apenas duas ocorrências.

**RÁPIDOS GINETES**

Na Idade Média, ginete era nome "que se aplicava ao conjunto do cavalo com o cavaleiro armado de lança e espada (adaga)": "Volta Seca e o Sem Pernas nunca haviam acolhido uma idea com tanto entusiasmo. Eles muitas vezes já tinham visto um carrossel mas quasi sempre viam de longe, cercado de mistério, cavalgados os seus **rápidos ginetes** por meninos ricos e choraminguentos." (AMADO, 1937, p.85). Há quatro ocorrências na obra.

**PASSO GINGADO**

Com a acepção de "meneio de corpo; ginga", isto é, "trejeito": "O Sem Pernas encostou-se junto a uma parede e deixou que o tempo passasse. Viu o Gato sair por volta das onze e meia. Sorriu porque ele havia lavado a cara, posto brilhantina no cabelo e ia marchando com

aquele **passo gingado** que caracteriza os malandros e os marítimos.” (AMADO, 1937, p.60). Postulamos o ano de 1937 para a datação de “gingado”, ao menos, como registro na literatura brasileira.

**CARA GOSADA**

Datado de sXIV, com acepção de “que causa riso; divertido, engraçado, cômico, espirituoso”: “E riu da **cara gosada** que João Grande fazia. O ceu agora estava azul, sem nuvens, o sol brilhava e da ladeira eles viam os saveiros que partiam docães do Mercado. “ CA, 1937, p.141). Há três ocorrências.

**GRETA DA PORTA**

Datada de 1560, com acepção de “rachadura estreita resultante da dilatação dos corpos sob efeito do calor**”: “**A voz vem por debaixo da porta: — Vou passar o cigarro por aqui. Ponha as mãos em baixo, bem no meio da **greta da porta**.Pedro Bala faz o que lhe mandam. Um cigarro” (AMADO, 1937, p.268). Apenas uma ocorrência.

**GRINGO LADRÃO**

No livro, cabe, pelo contexto, a acepção pejorativa de “indivíduo estrangeiro, especialmente quando louro ou ruivo, diferente do padrão mais encontradiço no país”: “— Não tou dizendo que não topo. Tou só falando que trabalhar pra um **gringo ladrão** não é negocio. Mas se tú quer.” (AMADO, 1937, p.45). Interessante assinalar que Um dos Capitães da Areia que “falava com uma pronúncia esquisita” e “não era forte”: “— O Gringo andou ruim. Quasi bate o trinta e sete. Andou por pouco. Se não fosse Don'Aninha que deu beberagem a ele que botou ele em pé, tú não via mais ele. Tá mais magro que um espeto...” (AMADO, 1937, p. 168). É bem curiosa a origem da palavra gringo: do espanhol gringo (sXVIII), consiste na deformação de “griego” (> grigo > gringo), com o sentido de língua incompreensível em comparação ao latim. Daí, a expressão “Falar grego” com sentido irônico de “Falar coisas que são incompreensíveis para alguém (por haver palavras difíceis, ou por ser assunto complicado, etc.)” e mais usada “como menção ao fato de não ser compreendido ou obedecido”. São oito ocorrências na obra.

**GULOSEIMA**

Datado de 1881, mesmo que "gulodice (no sentido de iguaria apetitosa": "Era como um filho que levasse parte da sua **goluseima** para sua mãe que lhe dera o níquel para que comprasse." (AMADO, 1937,p.242). Há duas ocorrências.

**HALL**

Com a acepção de " salão ou vestíbulo espaçoso em prédios particulares ou públicos; saguão": "Uma empregada abriu a porta da frente, saiu para o jardim. No **hall** que ficou á vista eles perceberam quadros pela parede, estatuetas sobre as mesas." (AMADO, 1937, p. 153). Sua etimologia diz muito da trejetória entre as línguas mais antigas:: em 1100, era a palavra registrada no inglês "hall", como a acepção de "castelo ou residência de rei ou nobre medieval" ou mais precisamente de "sala principal de tal estrutura para refeição, descanso ou entretenimento etc.", chegando ao ingês médio como "halle", este derivado do inglês antigo heall; e, no nosso caso, adaptado como "hol", mas não foi esta a forma preferida pelo autor em Capitães da Areia. Há duas ocorrências na obra.

**HOMÃO**

Pelo contexto, tem a acepção de "homem corpulento e/ou de grande estatura; homaço, homenzarrão":" — Tú não tá vendo que tú não pode? Que isso não é coisa pra menina. Isso é coisa pra homem. Como se vocês fosse tudo uns **homão**. É tudo uns menino." (AMADO, 1937, p. 245). Há apenas uma ocorrência na obra.

**HOMEM FEITO**

Refere-se a "homem adulto": "Do cães Pedro Bala dá adeus ao Gato. Vestido com suas roupas esfarrapadas, agitando o boné, se sente muito longe do Gato que ao lado de Dalva parece um **homem feito** com sua roupa bem talhada.Pedro sente uma aflição, uma vontade de fugir, de ir para qualquer parte num navio ou na rabada de um trem." (AMADO, 1937, p.312). Podemos postular a datação deste termo de 1937, com a publicação de Capitães da Areia. Atualmente, grafado com hífen.

**HONRA**

Datado de 1192, com a acepção de "virtuosidade, castidade sexual da mulher": A solteirona geme de amor, recolhendo as migalhas do amor. Mas não cede a "sua **honra**". Isso dá coragem ao Sem Pernas para no outro dia arribar com a chave." (AMADO, 1937, p.306). Com esta acepção, há apenas um registro na obra.

**IMPROVISADORES DE POESIA**

Datado de 1789, refere-se , no âmbito da literatura brasileira, "que ou aquele que glosa (mote, assunto) de repente; repentista": "Passam violeiros, **improvisadores de poesia**." (AMADO, 1937, p.315). Há apenas uma ocorrência.

**OLHOS INJECTADOS**

Ao leitor, a acepção mais plausível seria a de "tornar(-se) corado devido ao afluxo de sangue", isto é, Pedro estava com os olhos avermelhados: (i) "Volta Seca olhou agradecido. Seus **olhos estavam injectados**, seu rosto todavia mais sombrio." (AMADO, 1937, p.238) e "Pedro Bala o espia com os **olhos injectados**..Sente cansaço, uma vontade doida de dormir. Bedel Ranulfo aventura uma pergunta: — Levo pra junto dos outros?" (AMADO, 1937, p.26O). Em consulta ao site português Ciberdúvidas (https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/), Maria Eugénia Alves , rofessora portuguesa, licenciada em Filologia Românica, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, informoou ao autor, em 9/01/2018, sobre a expressão "olhos injectados". "Este termo aparece com alguma regularidade na literatura com o seguinte significado:"injetado": vermelho, por afluxo do sangue; congestionado, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (https://dicionario.priberam.org/), nos exemplos: «Apesar dos toques de caracterização que quase o mascaravam, sobrancelhas de diabo, guias de bigode ferozmente exageradas - sentia-se bem a aflição em que vinha, com os olhos injectados, perdido, numa terrível palidez.» Os Maias, Eça de Queirós, cap. 9; «Ele cambaleou, vacilou, agarrou-se à mesa e tentou manter-se firme, encarando-me com olhos injetados, arquejante, a boca aberta.» in O Médico e o Monstro, Robert Louis Stevenson; «Reabriu os olhos injetados e, apoiando-se num braço, perguntou a Stubb; [...] », Moby Dick, Herman Melville." Há duas ocorrências para este adjetivo.

**JOGO DO "CRUZADO"**

Pelo contexto, parece sugerir ao leitor o atual jogo de paciência, individual ou não, que consiste em fazer diferentes combinações com cartas de baralho, segundo determinadas regras: "Deante deles estavam os saveiros ancorados.Do Mercado saiam mulheres e homens. Eles esperavam nesta tarde o saveiro do Querido de Deus. O capoeirista estava numa pescaria que sua profissão era de pescador. Continuaram o **jogo do "cruzado"** até que Pedro Bala limpou os outros dois. A cicatriz do seu rosto brilhava." (AMADO, 1937, p.108).

**JUDIARIA**

Datado de 1529, com noção pejorativa de "ato de maltratar alguém, física ou moralmente; judiação", acepção preconceituosa resultante de antiga tradição antissemita de origem europeia: "O tiroteio foi grande, Lampeão só poude mesmo abrir para a caatinga que é sua casa. Um dos homens do grupo ficou estirado com um balaço no peito. Cortaram a cabeça dele que fora enviada para a Bahia em triunfo. Vinha a fotografia no jornal. A boca aberta, os olhos furados, um homem segurando pela carapinha rala. Tinham cortado o pescoço a facão. Dora comentou: — Coitado dele. Que **judiaria**! (AMADO, 1937, p.238).

**LÁBIOS**

**C**ada uma das duas partes carnudas e móveis que constituem externamente o contorno da boca: "Sem Pernas que vinha combinar um detalhe da questão dos chapéus e que, desde que o vira rezando trazia uma pilhéria preparada, uma pilhéria que só com o pensar nela ele ria e que iria desconcertar completamente Pirulito, quando chegou perto e viu Pirulito rezando, de mãos levantadas, olhos fixos ninguém sabia onde, o rosto aberto em êxtase (estava como que vestido de felicidade),parou, o riso burlão murchou nos seus **lábios** e ficou a espia-lo meio a medo, possuído de um sentimento que era um pouco de inveja e um pouco de desespero." (AMADO, 1937, p.48).Há 20 ocorrências para este termo.

**LÂNGUIDA (VOZ)**

Datado de 1664, com acepção de " voluptuoso, sensual": "— Obrigada, meu filho. — sua voz era **languida**." (AMADO, 1937,p.303) . Há apenas uma ocorrência.

**LANTEJOULAS**

Datado de 1858, alteração e mesmo que lentejoula, isto é, "lamínula muito fina de metal ou de material brilhante, de formato circular com um furo no centro, que se prega, esp. sobre tecido, para torná-lo cintilante": "O pae de santo Paim, do Alto do Abacaxi, preferido de Omolú bordou uma toalha branca de seda, com **lantejoulas,** para oferecer a Omolú e aplacar sua raiva. " (AMADO, 1937, p.188). Há apenas uma ocorrência.

**LAZARETO DISTANTE**

Duas acepções cabem ao contexto dado: (i) " leprosário"; (ii) "estabelecimento para controle sanitário, onde são postas de quarentena as pessoas que, chegadas a um porto ou aeroporto, podem ser portadoras de moléstias contagiosas": "Omolú mandou a bexiga negra para a cidade. Mas lá em cima os homens ricos se vacinaram e Omolú era uma deusa das florestas da África, não sabia destas coisas de vacina. E a varíola desceu para a cidade dos pobres e botou gente doente, botou negro cheio de chaga em cima da cama. Então vinham os homens da saúde publica, metiam os doentes num saco, levavam para o **lazareto distante**. As mulheres ficavam chorando porque sabiam que eles nunca mais voltariam." (AMADO, 1937, p.187). Há 23 ocorrências na obra.

**LEPROSÁRIO**

Com acepção de "estabelecimento destinado a tratamento de pessoas com lepra, hanseníase; casa, hospital etc. onde se isolam e são tratados hansenianos; lazareto, leprosaria "— O senhor sabe o que é o **leprosario**?" (AMADO, 1937, p.201). Houaiss (2020) data este termo de 1941, mas podemos postular sua datação para o ano de 1937, ano de publicação de Capitães da Areia. Há uma ocorrência na obra.

**ABSOLUTA LIBERDADE**

A acepção mais aplicável aos diversos contextos da obra é a de "condição daquele que não se acha submetido a qualquer força constrangedora física ou moral": "Passa um vento frio que levanta a areia e torna difíceis os passos do negro João Grande que se recolhe. Vae curvado pelo vento como a vela de um barco. É alto, o mais alto do bando, e o mais forte também, negro de carapinha baixa e

músculos retezados, embora tenha apenas treze anos, dos quaes quatro passados na mais **absoluta liberdade**, correndo as ruas da Bahia com os Capitães da Areia." (AMADO, 1937, p.39). Há 54 ocorrências na obra.

**LIVRE-PENSADOR**

Datado de 1911, refere-se a "quem esposa o livre-pensamento" ou " aquele que duvida de ou nega dogmas religiosos" ou ainda "diz-se de ou indivíduo cujas opiniões a respeito da religiosidade são formadas com base na sua razão, independentemente de qualquer autoridade": "Almiro foi mesmo levado para o lazareto e o padre ficou em maus lençóes pois o medico (que se dizia **livre-pensador**, mas em verdade era espirita) denunciou o padre também como encobridor do caso." (AMADO, 1937, p.196). Sobre a noção de livre-pensamento, tanto podemos pensar no âmbito da Na Filosofia, com sentido " corrente do Iluminismo francês e inglês que, mantendo-se crente em Deus, negava a veracidade da Revelação bíblica, combatia a intolerância religiosa e contestava a racionalidade dos dogmas, mistérios e milagres"; e " qualquer doutrina ou argumentação cética em relação a prescrições e ensinamentos eclesiásticos". Só uma ocorrência.

**CABELO LOIRO**

Datado de 1836, adjetivo "loiro" com mesma acepção da variante louro: "Uma noite, quando Raymundo quiz surrar Barandão, Pedro tomou as dores do negrinho e rolaram na luta mais sensacional que as areias do caes jamais assistiram. Raymundo era mais alto e mais velho. Porem Pedro Bala, o **cabelo loiro** voando, a cicatriz vermelha no rosto, era de uma agilidade espantosa e desde esse dia Raymundo deixou não só a chefia dos Capitães da Areia como o próprio areal." (AMADO, 1937, p.38). Há 23 ocorrências na obra. Deste conjunto, somente com a expressão "cabelo loiro" são oito ocorrências.

**LORGNON DA VELHA MAGRA**

Grafado também " lornhão" com a ideia de "par de lunetas, usado sobre o nariz, que se prende a um cabo lateral e se compõe de duas lentes adaptadas a uma armação sem hastes": "— Mas é o padre José Pedro. E o **lorgnon da velha magra** se assentou sobre o grupo como

uma arma de guerra." (AMADO, 1937, p.105). Há quatro ocorrências na obra.

**NEGRO MACHO DE VERDADE**

O Adjetivo "macho", na maioria dos exemplos do livro, mesmo que valentão, másculo ou viril: "— É de um negro assim como tú. Um **negro macho de verdade**." (AMADO, 1937, p.43). Há também na acepção de "homem com quem se tem relações amorosas, geralmente em concubinato; amante, amásio" como em "— Mas que é que tú viu, cabocla? Tu pensa que eu vou te deixar antes de tú me dar? Deixa de orgulho. Teu **macho** não vae saber, ninguém fica sabendo. E tú vae ver o que é um homem bom.." (AMADO, 1937, p.119-120). Há sete ocorrências na obra.

**MACHO VALENTE**

Epítete audenominado (qualificação elogiosa) por Pedro Bala para dar idéia de másculo: "— E tú faz meu retrato, hein. Bota o nome embaixo, não bota? Capitão Pedro Bala, **macho valente.**" (AMADO, 1937, p.179).

**FILHO MACILENTO E ESFOMEADO**

A acepção "sem o viço que se nota nas pessoas com saúde; abatido, descorado, pálido " é a mais aplicável ao contexto a seguir: **'**Voltou seu **filho macilento e esfomeado**, com uma perna aleijada e vestida de farrapos." (AMADO, 1977, p.160). Há três ocorrências.

**MÃE**

Mulher que deu à luz, ou que cria ou criou um ou mais filhos: "É aqui também que mora o chefe dos Capitães da Areia: Pedro Bala. Desde cedo foi chamado assim, desde seus cinco anos. Hoje tem 15 anos. Ha dez que vagabundeia nas ruas da Bahia. Nunca soube de sua **mãe**, seu pae morrera de um balaço." (AMADO, 1937, p.37) Há 131 ocorrências.

**OUTRA MÃESINHA**

Forma hipocorística de mãe: "— Não chore por sua mãe. Agora você tem **outra mãesinha** que lhe quer bem e fará tudo para substituir a que você perdeu... e ele faria tudo para substituir o filho que ela

perdera, ouviu o Sem Pernas dentro de si).” (AMADO, 1937, p.171).Há nove ocorrências.

**MAGRELO BRANCO**

Houaiss (2020) data o termo de 1958, o que deve retroceder com o registro do mesmo em Capitães da Areia. A acepção é a mesma de magricela, isto é, “que ou aquele que é excessivamente magro e, em geral, tb. pálido; magrela, magrelo, magricelo, magriço “: “Voltou curvada, afastando com as costas das mãos as lagrimas. E novamente não encontrou Zé Fuinha. Depois de andar em volta do jardim foi dar com o irmão que espiava um jogo de good entre dois garotos: um negro forte e um **magrelo branco**.” (AMADO, 1937, p.223). A etimologia é instigante do ponto de vista morfológico: magrelo vem magrela com alteração da da vogal temática -a para -o e a consequente fixação no gênero masculino. Datado de 1918, magrela vem de magro + -ela, sendo a datação é para o adjetivo e não para o substantivo. Há sete ocorrências para magricelo. Ao longo da obra, são, pelo menos 36 ocorrências com radical magr-, como magro (14 itens), magra (10 itens) e magreza (3 itens).

**MALANDRIM (NS)**

No contexto da obra, podemos dar ao termo duas acepções: (i) “Aquele que não gosta de trabalhar; vagabundo”; e (ii) “daquele que possui comportamento ou modos de malandro”:“Muitas delas gostariam de ser a primeira mulher deste **malandrim** tão jovem” (AMADO, 1937, p.55). Vem do espanhol “malandrín”, datado de 1605, com a ideia de “velhaco, rufião, vagabundo”, remisso ao latim malandrino, este datado de 1280, com a noção de “salteador”, posteriormente “pedinte, mendigo leproso”, derivado do latim “malandrĭa” no sentido de “espécie de lepra”. Para este romance, edições mais atuais não usam o termo “malandrim”, mas malando, o que não traduz a expressividade do autor. O outro caso com malandrim é no plural: “— Porque como **aqueles malandrins** estavam aqui junto ao senhor.” (AMADO, 1937, p.184). Com exceção desse caso, ao longo da obra, são pelo menos 39 ocorrências com o termo malandro. Importante assinalar que “o sufixo –im, neste caso, indica formalmente a redução de ‘-inho’ ou ‘-ino’, de base românica e latim, respectivamente, desde as origens da língua, mas com divulgação a

partir do século XV, em formas diminutivas ou de conexão com o radical, como **alastrim**, que no livro com sentido de 'doença eruptiva infectocontagiosa' ou 'forma menos intensa da varíola': "Mas como Omolú tinha pena dos seus filhinhos pobres, tirou a força da bexiga negra, virou em **alastrim** que é uma bexiga branca e tola, quasi um sarampo." (AMADO, 1937, p.187)

**MALANDROS DA CIDADE**

Pelo contexto da obra, sugere a acepção de "aquele que furta, que vive fora da lei; ladrão, gatuno, marginal": "Uma noite o Gato andava pelas ruas das mulheres,o cabelo muito lustroso de brilhantina barata, uma gravata enrolada no pescoço, assoviando como se fosse um daquelles **malandros da cidade**." (AMADO, 1937, p.54). Há caso de interlocutório pessoal em "—A policia não é hotel, **malandro**. Desaperta,desaperta. — e fez sinal que Pedro se afastasse" (AMADO, 1937, p.135). Há 37 ocorrências.

**AQUELES MENINOS ESFOMEADOS E MAL VESTIDOS**

No romance, aparece a expressão "mal vestidos", sem hífen, com acepção de "que ou aquele que se veste sem cuidado, sem elegância": "Aquilo, aquela confiança, impressionara Alberto e alguns outros. Por fim a idea venceu, não perderiam nada em tentar. Agora estava satisfeito de ter vindo. E na sua cabeça já fazia planos para aproveitar na luta os Capitães da Areia. Para quanta coisa não serviriam **aqueles meninos esfomeados e mal vestidos**?" (AMADO, 1937, p.333). Postulamos a datação de 1937 para este adjetivo. Há duas ocorrências na obra.

**MARÍTIMO**

Homem do mar; marinheiro: "o Bala perguntou ao Boa Vida: — Tú não tem vontade de ser **marítimo**?" (AMADO, 1937, p.109). Há oito ocorrências na obra.

**CASOS DE MENINOS DA RUA**

Criança que vive nas ruas, ger. sem apoio ou qualquer vínculo familiar: "— Esse menino promete. E' pena que o Governo não olhe essas vocações... — e lembravam **casos de meninos da rua** que ajudados por famílias foram grandes poetas, cantores e pintores.

(AMADO, 1937, p105). Na obra, a expressão menino aparece 220 vezes, no singular e no plural "meninos" quase sempre com qualificador: "meninos ricos e choraminguentos", "menino do reformatório", entre outros.

**METIDO**

Datado de sXIII, o termo, ao longo da obra, pode ter recebido diferentes matizes semânticos: (i) "colocar (alguém, algo ou a si mesmo) em lugar no qual possa ficar oculto; esconder(-se), ocultar(-se)" como, ao certo, em "Um bedel conta os meninos. Pergunta a Pedro Bala: — Onde estava **metido**? — Saí pra não me meter no barulho. O bedel o olha desconfiado, mas passa." (AMADO, 1937, 276); ou "Mas hoje não são os Capitães da Areia que estão **metidos** numa bela aventura." (AMADO, 1937, p.329); (ii) " que ou quem fala da vida alheia ou inventa sobre ela maldosamente; mexeriqueiro, fofoqueiro, futriqueiro" como em "Foi um surpresa quasi incrível quando naquela noite o Sem Pernas chegou no trapiche dizendo que ele e Volta Seca iam trabalhar uns dias num carros sei. Muitos não acreditaram, pensaram que fosse mais uma pilhéria do Sem Pernas. Então iam perguntar a Volta Seca que, como sempre, estava **metido** no seu canto sem falar, examinando um revolver que furtara numa casa de armas. Volta Seca fazia que sim com a cabeça e por vezes dizia: — Lampeão já rodou nele. Lampeão é meu padrim... (AMADO, 1937, p 86-87); e (iii) "que ou o que tenta passar pelo que não é, ou tenta fingir o que não sabe ou domina; presunçoso" como em "— Este besta **metido** a cangaceiro não quer deixar que a gente faça o que resolveu" (AMADO, 1937, p.192) ou "Gato porque era **metido** a elegante e tinha uma amante, Pirulito porque gostava de andar limpo." (AMADO, 1937, p.233). Há quatro ocorrências.

**MIGALHAS (DE AMOR)**

Datado de (1257, com a acepção de " quantidade ínfima de qualquer coisa" ou "coisa nenhuma; nada": "Nunca é um goso completo, uma satisfação total. A solteirona quer uma migalha de amor. Teme o amor completo, o escândalo de um filho. Mas tem sede e fome de amor, quer nem que sejam as **migalhas**." (AMADO, 1937, p.304). Há seis ocorrências na ora.

**MOÇAS**

Datado de sXIII, são diversas acepções ao longo da obra, tais como "pessoa jovem, do sexo feminino; jovem", "menina que entra na puberdade e que já menstrua", " mulher madura, mas não velha", " mulher virgem; donzela", "jovem ou mulher de classe social inferior que trabalha como criadamulher de classe social inferior que trabalha como criada", entre outros: "o carrossel de Nhôsinho França salvou a pequena vila de ser saqueada, as **moças** de serem defloradas, os homens de serem mortos." (AMADO, 1937, p.84). Há 13 ocorrências na obra.

**MOÇO**

Com a acepção de "que está na idade juvenil ou na primeira fase da idade adulta": "O Querido de Deus apontou o Gato:— A banca é deste **moço**." (AMADO, 1937,p.68). Há três casos na obra.

**MOLEQUES DE TODAS AS CORES**

Com a acepção de "menino criado à solta; menino de rua": "Logo depois transferiram para o trapiche o deposito dos objectos que o trabalho do dia lhes proporcionava. Extranhas coisas entraram então para o trapiche. Não mais extranhas, porem, que aqueles meninos, **moleques de todas as cores e de idades as mais variadas**, desde os 9 aos 16 anos, que á noite se estendiam pelo assoalho e por debaixo da ponte e dormiam, indiferentes ao vento que circundava o casarão uivando, indiferentes á chuva que muitas vezes os lavava, mas com os olhos puxados para as luzes dos navios, com os ouvidos presos ás canções que vinham das embarcações." (AMADO, 1937, p.37). Há exemplo de interlocutório pessoal com moleque em "— Agora os jornalistas já foram, **moleque**. Tú agora vae dizer o que sabe queira ou não queira." (AMADO, 1937, p.257). São 18 ocorrências ao longo da obra.

**MORINGA**

Datado de 1687, com a acepção de "vaso de barro bojudo e de gargalo estreito us. para acondicionar e conservar fresca a água; bilha de barro para água fresca potável; talha": "Ouve a chave que o tranca. Tateia na escuridão até encontrar o prato. Bebe a água escura do feijão. Nem repara que é salgadissima. Depois come os grãos duros.

Mas a sede o ataca novamente. O feijão muito salgado ativa a sede. O que é um caneco de água para aquela sede que exigia uma **moringa**? Deita. Já não pensa em nada. Passam-se horas. Ele apenas vê na escuridão o rosto triste de Dora. E sente dores no corpo todo." (AMADO, 1937, p.268). Etimologia: segundo Nasc, cafre muringa; Nei Lopes relaciona ao nhúngue muringa (correspondente ao quimb. muringi ou mudinge) 'bilha de barro para água de beber. Há apenas uma ocorrência na obra.

**VINTE E TRINTA MORTES**

Fim da vida, interrupção definitiva da vida humana: "Como as creanças os grandes cangaceiros, homens que tinham **vinte e trinta mortes,** acharam belo o carrossel, acharam que em mirar suas luzes rodando, ouvir a musica velhíssima da sua pianola e montar naqueles estropiados cavalos de pau, era a maior felicidade." (AMADO, 1937, p.83-84). Há 20 ocorrências na obra.

**MULHERSINHA**

Hoje grafado com –z-, termo datado de 1657, com a acepção de "mulher pequenamenina precocemente desenvolvida, com gestual e formas que lhe dão aparência adulta": "Os dois filhos andavam pela casa, fazendo o que ela mandava. Zé Fuinha era um bocado inútil, ainda não sabia fazer nada, com seus seis anos. Mas Dora tinha treze para quatorze anos, os seios já haviam começado a surgir sob o vestido, parecia uma **mulhersinha**, muito séria, a buscar os remédios para a mãe, a tratar dela." (AMADO, 1937, p.218). As demais acepções na obra tem claramente um matiz pejorativo de "mulher sem prestígio social, de classe inferior", "mulher ordinária, vulgar, desprezível", " mulher bisbilhoteira, metediça, enxerida": "Quanto á carta de uma mulherzinha do povo não me preocupei com ela, não merecia a minha resposta.(AMADO, 1937, p.30). Na obra, o autor oscila quanto à grafia (se com –s- ou –z-): "Não ria como as negrinhas do areai um riso insolente de convite, um riso de dentes apertados pelo desejo. Seu rosto era serio, parecia o rosto de um **mulherzinha** muito digna."(AMADO, 1937, p.240). Ao longo da obra, o autor oscilar entre "s" e "z" na representação do consoante fricativa côncava dental sonora.

**MULHERES PERDIDAS**

A data do 1899 é para perdida com acepção de "mulher prostituída; meretriz": "A noticia corria pelas ruas de **mulheres perdidas**. Os caixeiros viajantes levavam a noticia" (AMADO, 1937, p.308). Há duas ocorrências para esta acepção na obra.

**MULHERIO**

Datado de 1608, com a noção de "grupo, aglomeração de mulheres; mulherada, mulherame": - "Os navios chegam a Uheos carregados de mulheres. Mulheres que vêem da Bahia, de Aracaju, o **mulherio** todo de Recife, mesmo do Rio de Janeiro. "(AMADO, 1937, p.308). Há três ocorrências para este termo.

**NEGROS MUSCULOSOS**

Refere-se claramente ao "povo negro" enquanto "classificação racial para os seres humanos": "Não mais trabalharam ali os **negros musculosos** que vieram da escravatura. Não mais cantou na velha ponte uma canção, um marinheiro nostálgico."(AMADO, 1937, p.35-36). São 87 ocorrências na obra. Atualmente, há uma discussão, por vezes com acirrada controvérsia, sobre o emprego dos termos preto, pardo e negro (evidentemente fora do contexto das condições do romance) levada a efeito nas pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O termo **preto** toma como referência à ascendência africana. Por **pardo**, é refere-se à pessoa mestiça (ascendência étnica de mais de um grupo), ou seja, descendentes de negros e brancos, descendentes de negros com indígenas, entre outras possibilidades inter-raciais. Por fim, o conceito de negro é definido pelo Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010) diz respeito aos que se autodeclaram pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga, portanto, relacionado à questão racial, enquanto o termo **preto** tem sua relação com a cor da pele.

**NOIVA**

A acepção mais adequada ao exemplo a seguir certamente é "mulher, em relação ao homem com quem convive maritalmente". "o flautista o olhou muito serio: — Não fale de minha **noiva** — e logo—

quer tomar um trago? E' caninha da boa. O Gato entrou." (AMADO, 1937, p.58). Também com a acepção de "mulher, geralmente jovem, que mantém compromisso de casamento com um homem" aparece em inúmeros exemplos, como em "Tinha um geito especial para desenhar e por vezes ganhava dinheiro fazendo desenho nas calçadas, de homens que passavam, de senhoritas que iam com os noivos. Estes paravam um minuto riam do desenho ainda indeciso, as **noiva**s diziam: — Está muito parecido." (AMADO, 1937, p.105). Há pelo menos 26 ocorrências na obra.

**OLOR DAS FLORES SERTANEJAS**

Datado do sXIV, com acepção de "cheiro suave e agradável; fragrância, odor": Caatingas do sertão, **olor das flores sertanejas**, o manso andar do trem sertanejo. Homens de alpercatas e chapéu de couro. Creanças que estudam para cangaceiro na escola da miséria e da exploração do homem." (AMADO, 1937, p.316). Há apenas uma ocorrência na obra.

**ROSTO OSSUDO**

Datado de 1720, cabem ao contexto as duas acepções a seguir: (i) "que tem ossos grandes e salientes"; e (ii)" cuja aparência é só osso; muito magro": "Até Sem Pernas veio, João Grande ficou junto de Boa Vida. O mulato olhou os amigos. Pediu um cigarro. Sua mão estava descarnada, o **rosto ossudo**. Ficou calado, olhando com amor o velho trapiche, os meninos, o cachorro que estava deitado no colo do Sem Pernas.(AMADO, 1937, p.2010-211). A etimologia é expressiva: osso + -udo, em que o sufixo –udo potencializa a ideia "característica aumentada" parte do corpo humano, no caso, o rosto. Há apenas um caso.

**OURAME**

Pelo contexto, a acepção mais imediata é "grande quantidade de ouro (no sentido de 'elemento')" ou, por extensão, "muito dinheiro": "Amanhã ele dá um geito de embocar na casa e passar uns dia morando. Depois que ele souber onde fica os troço melhor a gente vem, uns cinco ou seis, tira o **ourame**. (AMADO, 1937, p.155). Em língua portuguesa, há a variante oirama. Há dois registros na obra.

**MULATO PACHOLA**

No contexto, sugere ao leitor “indivíduo gracejador, brincalhão; gozador, farsola”: “Boa Vida:— Deixa de inveja, **mulato pachola**..” (AMADO, 1937, p.155). Há apenas um registro na obra.

**PALACETE**

Datado de 1823, a acepção mais adequada ao contexto dado é o de “ casa muito grande e luxuosa”: “O 611 era uma casa grande, quasi um **palacete**, com arvores na frente.” (AMADO, 1937, p.220). Há cinco ocorrências na obra.

**VELHO PALETÓ**

Datado de sXIX, com a acepção de “casaco com bolsos externos, cujo comprimento alcança os quadris, ger. usado sobre outra peça de vestuário”: “Então a amarrou junto ao bentinho que trazia no peito e do bolso do **velho paletó** que vestia retirou um cravo vermelho que colhera num jardim, mesmo sob as vistas do guarda, naquela hora indecisa do crepúsculo.” (AMADO, 1937, p.47). Há 19 ocorrências na obra.

**PATO**

Com a acepção informal de “indivíduo tolo, parvo”, entre outros, temos: (i) “— No dedo de um **pato**. Um gordo que todo dia toma o bonde de Brotas na Baixa do Sapateiro.” (AMADO, 1937, p.44) e “Quasi junto do palácio do governo pararam novamente. Professor ficou de giz na mão esperando que saísse do ponto do bonde um "**pato**". Pedro Bala assoviava ao seu lado. Breve teriam o dinheiro para um bom almoço e ainda para levar um presente para Clara, a amante do Querido de Deus que fazia anos naquele dia.” (AMADO, 1937, p.181). A acepção figurativa de “tolo, pacóvio, idiota” ou “mau jogador, geralmente de futebol” (usada no Brasil) contribui, ao certo, para o sentido idiomático de expressões como “cair como um pato” (“Deixar-se iludir; ser enganado”), “cair que nem um pato” (“O mesmo que cair como um pato”) ou “pagar o pato” (“Sofrer as consequências do que foi feito por outrem e pagar as despesas de outra pessoa”). Há quatro ocorrências.

**PEGADIO**

Ligação afetuosa; apego, afeição, estima: "— Se Professor visse isso ficava doidinho...Nunca vi tanto **pegadio** com livro e pintura." (AMADO, 1937, p. 153). Há duas ocorrências na obra. Podemos postular o ano de 1937 como sua datação.

**PEIXÃO**

Com acepção de "mulher bonita e de corpo exuberante": "— Tú também se faz de besta. Se quer é só vim com a gente amanhã. Assim tú pode conhecer a zinha que é um **peixão**." (AMADO, 1937, p.51). Há duas ocorrências na obra.

**PENTEADOR**

Com a acepção de "espécie de roupão ou de toalha que se põe nos ombros de quem vai ter seus cabelos cortados ou penteados": "Dona Esther sentou-se em frente ao seu **penteador**, ficou com os olhos parados, quem a visse pensaria que ela olhava o ceu através da janela.Porem, em verdade, ela nada olhava, nada via." (AMADO, 1937, p.158). Há apenas uma ocorrência.

**PEQUENEZ DA CAFÚA**

Datado de 1690, com a acepção de "pequena altura, estatura reduzida": "Pedro Bala se arrepia. Como irão ficar dois na **pequenez da cafúa**?" (AMADO, 1937, p.276). Segundo Houaiss(2020), há no galego *cafúa* no sentido de "choça, antro", sugerido um eventual étimo banto, mas improvável.

**PIFÃO**

Datada de 1817, mesmo que bebedeira no sentido de "embriaguez": "Volta Seca levava um por um para mostrar o cavalo que tinha sido cavalgado por seu padrinho Virgulino Ferreira Lampeão. Eram quasi cem creanças olhando o velho carrossel Jorge Amado de Nhozinho França que a estas horas estava encornado num **pifão** tremendo na "Porta do Mar". (AMADO, 1937, p.87-88).

**POBRE ÓRFÃO**

Com a acepção de "desprovido ou mal provido do necessário; de poucas posses; que não tem recursos próprios": "E o Sem Pernas tinha

verdadeira satisfação ao pensar em quanto o xingariam aquelas senhoras que o haviam tomado por um **pobre órfão**." (AMADO, 1937, p.51). Há 79 ocorrências.

**POLICIA BAHIANA**

Com acepção de "corporação que engloba os órgãos destinados a fazer cumprir esse conjunto de leis e disposições": "Só mesmo os dois soldados da **policia bahiana** que lustravam as botas na frente do posto policial foram fuzilados pelos cangaceiros, assim mesmo antes que eles vissem o carrossel armado na praça da Matriz." (AMADO, 1937, p.84). Há 80 ocorrências com este termo.

**DEBAIXO DE PORRADA**

Acepção de "qualquer pancada ou golpe" ou "agressão física (p.ex., chute, soco)": (i) "— Desembucha esta historia direito sinão leva **porrada**." (AMADO, 1937, p.62); e (ii) "— Gente, se ele não quizer sair a gente bota ele pra fora **debaixo de porrada**. Sinão tudo vae morrer de bexiga, tudo.. Vocês não vê, desgraçados? A gente bota ele pra fora até uma rua onde leve ele pro lazareto." (AMADO, 1937, p.191). Há apenas duas ocorrências na obra.

**PORRETA**

Segundo Houaiss (2020), é palavra-ônibus que designa boas qualidades, como "bom ou muito bom", entre outras: "— Pois eu tenho vontade. E' bonito trepar num mastro. E um temporal, hein? Tú te lembra daquela historia que Professor leu pra gente? Aquela que tinha um temporal. Batuta. — Era **porreta**, sim." (AMADO, 2017, p. 109). Há nove ocorrências deste termo na obra.

**PREGO**

Casa de penhor: "— Tú é burro mesmo. Isso no **prego** não dá" (AMADO, 1937, p.44). Há apenas duas ocorrências.

**PRENSA**

Com acepção figurativa de "quem tem musculatura desenvolvida; forte, robusto" como "grossa tábua colocada transversalmente ao arrocho das casas de farinha": "Este negro é burro mas é uma **prensa**..." (AMADO, 1937, p.40) ou "Também era um **prensa**..."

(AMADO, 1937, p.237). Refere-se, no contexto, a João Grande: "Então seus músculos se retezavam e estava disposto a qualquer briga. Mas a sua enorme força muscular o fizera temido." (AMADO, 1937, p.40). Há duas ocorrências.

**UM PRETO E UM MULATO**

Não são tomados como sinônimos na obra. Preto diz respeito à "pessoa descendente de africanos de cor negra" enquanto mulato refere-se a "aquele que é filho de pai branco e de mãe negra (ou vice-versa)" ou "aquele que apresenta traços físicos de negros e brancos": "No meio da ladeira **um preto e um mulato** estão curvados sobre uns dados que o preto acabou de jogar. Pedro Bala, ao passar, cumprimenta o **negro**: — Como vae, Curuja Branca?" (AMADO, 1937, p. 176).

**NEGRA CHEIA DE PROSOPOPÉA**

Dar ideia de que era Luiza era cheia de maquinações ou excêntricas: "Por isso tú anda com esse lenço, ô **negra cheia de prosopopéa**." (AMADO, 1937, p.110). Outra passagem é a falata de Coruja Branca dirigida a Pedro Bala: "— E tú, Bala? Como vae essa **prosopopéa**?". Apesar dos dois contextos dados é difícil saber com precisão sua acepção em ambos. Talvez, tenda para a acepção pejorativa de "Discurso artificial, solene, empolado; falatório, palavreado" O autor por duas vezes recorre ao termo prosopopéia.

**PUNHAL PRÓXIMO DA MÃO**

Datado de 1364 , com acepção de "arma branca curta, composta de uma lâmina pontiaguda e um cabo ": "João Grande anda para onde está o Professor, se bem durma sempre na porta do trapiche, como um cão de fila, o **punhal próximo da mão**, para evitar alguma surpresa." (AMADO, 1937, p.41). Há 27 ocorrências com este termo. Interessante observar que a obra não faz referência à faca ou à facada, e sim, a punhal e a punhalada.

**PUNHALADA**

Datada de 1557, com acepção de "ferimento, ger. profundo, feito com punhal; facada": "O jardineiro se atirou então em cima do ladrão. Não esperava porem pela reação do moleque que se revelou um

mestre nestas brigas. E o resultado é que quando pensava ter seguro o chefe da malta o jardineiro recebeu uma **punhalada** no ombro e logo em seguida outra no braço, sendo obrigado a largar o criminoso que fugiu. (AMADO,  937, p.23). Apenas uma ocorrência.

**QUEBRA MAR**

Atualmente, hifenizado, com a acepção de "muralha ou outra estrutura, construída ou natural, à entrada de baía ou porto, destinada a oferecer resistência ao embate das ondas ou à força das correntes": "A grande noite de paz da Bahia veio do cães, envolveu os saveiros, o forte, o **quebra mar**, se estendeu sobre as ladeiras e as torres das igreja." (AMADO, 1937, p.39). Há apenas uma ocorrência.

**QUENTURA BOA DA AREIA**

Datado de sXIII,  há duas acepções na obra. A primeira, com a ideia de "o do que é quente; calor": "Encontraram Pedro Bala estendido na areia. O chefe dos Capitães da Areia não entrara para o trapiche nesta noite. Ficara espiando a lua, deitado na **quentura boa da areia**." (AMADO, 1937, p.242)

**QUENTURA DOS CORPOS**

Com acepção figurativa de "excesso de energia, vigor, ardor; sensualidade": "Pirulito a viu chegar com desconfiança. Para ele Dora era o pecado. Havia bastante tempo que ele desistira das negrinhas do areai, e, da **quentura dos corpos** se embolando no areal." (AMADO, 1937, p.239). Somente uma ocorrência com esta acepção.

**RABADA DE UM TREM**

Parte traseira do trem: "Fizera a viagem na **rabada de um trem**. Conhecia bem a vida de um grupo de creanças abandonadas. E já tinha mais de 13 anos." (AMADO, 1937, p.52). Em geral, o termo tem as seguintes acepções: (i) " posta de peixe retirada da parte da cauda", "iguaria feita com rabo de boi", " o último numa corrida, numa fila etc" ou " traseiro de uma pessoa; par de nádegas, bunda". Com esta acepção metafórica parece-nos um caso de hápax. Há cinco casos todas relacionadas a trem.

**RAPAZ**

Homem na fase adolescente; jovem, moço: "O **rapaz** espiou e sorriu. Voltou-se para Pedro Bala:— Foi você quem desenhou, garoto?— Foi aqui o meu companheiro, o pintor Professor" (AMADO, 1937, p. 181). Há caso de interlocutório pessoal como em "— Tú já deu uma espiada na escola de Belas Artes? E' um belezame, **rapaz.** Um dia andei de penetra, me meti numa sala. Tava tudo vestido de camisão, nem me viram. E tavam pintando uma mulher nua. Se um dia eu pudesse." (AMADO, 1937, p.79). Há 18 ocorrências na obra.

**RAPAZOLA**

Datado de rapazola de 1858, com a acepção de "rapaz cuja idade varia de 14 a vinte e poucos anos; rapazinho": "Dora tocou novamente, a empregada veio. Ela explicou que queria falar com dona Laura, a patroa. A empregada a olhou com desconfiança.Mas o **rapazola** deixou de balançar á irmã e andou até o portão." (AMADO, 1937, p. 220). Há quatro ocorrências na obra.

**RAPAZOTE DOS SEUS 17 ANOS**

Com a acepção de "rapaz jovem, adolescente; rapagote, rapazelho, rapazete": "611 era uma casa grande, quasi um palacete, com arvores na frente. Numa mangueira, um balanço onde uma menina da idade de Dora se divertia. Um **rapazote dos seus 17 anos** a balançava e riam os dois." (AMADO, 1937, p.220). Há apenas uma ocorrência.

**RELICÁRIO DE OURO**

Bolsinha ou medalha com relíquias que algumas pessoas trazem ao pescoço, por devoção: "— Porque faz isso, meu filho? — perguntou com um sorriso, enquanto tirava da mão do Boa Vida o **relicario de ouro**." (AMADO, 1937, p.94). Há três ocorrências na obra.

**REPUXO DO TRABALHO**

Com a acepção de "encargo pesado, tensão": "Se eu ainda agüentasse o **repuxo do trabalho** ia me arranjar." (AMADO, 1937, p. 156). Há apenas uma ocorrência.

**REVANCHE**

Com a acepção de " reparação geralmente dura, rude, de afronta, ofensa etc. sofrida; desforro, vingança": "Os outros se meteram e como Pedro estava desarmado deram razão a ele e ficaram esperando a **revanche** que não tardou." ." (AMADO, 1937, p.38). A datação para este termo é de 1937, ano de publicação de Capitães da Areia. Há apenas uma ocorrência na obra.

**RUMOR DE RISADAS**

Datada de 1573, definida por Houaiss (2020) como "riso alto, sonoro; gargalhada" ou "série de risos, de gargalhadas simultâneas de muitas pessoas reunidas": "E volveu os olhos para as paginas do livro. João Grande acendeu um cigarro barato, ofereceu outro em silencio ao Professor e ficou fumando de cócoras, como que guardando a leitura do outro. Pelo trapiche ia um **rumor de risadas**, de conversas, de gritos." (AMADO, 1937, p.43) ou a gargalhada como consequência da risada: "E os dois riem e logo a risada se transforma em gargalhada." (AMADO, 1937, p. 177). São duas ocorrências na obra.

**ROTO (PALETÓ)**

Datado de 1010 cf. JM3), o adjetivo significa "que se rompeu; esburacado, esfarrapado, rasgado": "É velho e desbotado o carrossel de Nhozinho França. Mas tem a sua beleza. Talvez esteja nas lâmpadas, ou na musica da pianola (velhas valsas de perdido tempo) ou talvez nos ginetes de pau. Entre eles tem um pato que é para sentar dentro os mais pequenos. Tem a sua beleza, sim, porque a opinião unanime dos Capitães da Areia é que ele é maravilhoso. Que importa que seja velho, **roto** e de cores apagadas se agrada ás creanças?" (AMADO, 1937, p.86). Há dois casos.

**ROUBALHEIRA**

Datada por Houaiss (2020), tem a acepção aproximada de ladroeira, ladroíce e "tendência para roubar": "Assim o Gato ficava no trapiche, bancando jogos com seu baralho marcado, ajudado na **roubalheira** pelo Boa Vida."(AMADO, 1937, p.127-128). Há apenas um caso.

**MELHORES PLANOS DE ROUBO**

Crime que consiste em subtrair coisa móvel pertencente a outrem por meio de violência ou de grave ameaça: "Pedro Bala nada resolvia sem o consultar e varias vezes foi a imaginação do Professor quem creou os **melhores planos de roubo**." (AMADO, 1937, p.42). Há dez ocorrências com roubo.

**SACANA**

Datado do sXVIII, " homossexual dito passivo": "— Tú não quer comer um **sacana** hoje? Tem uns aqui, a gente de noite." (AMADO, 1937, p.273). Há apenas uma ocorrência.

**SAFADEZA**

Datada do sXX, na obra, é possível entendermos duas acepções para este termo: (i) "qualidade característica do que é safado"; (ii) "ato, dito ou procedimento próprio do que é safado"; e (iii) "ação ou dito pornográfico ou imoral", expressos nos exemplos a seguir: "— Se eles voltar a **safadeza** volta, padre." (AMADO, 1937, p.145); e " O vento levantou um pouco o vestido dela. Ele teve pensamentos canalhas ao ver o pedaço de coxa. Já se sonhava na cama, Dora trazendo o café pela manhã, a **safadeza** que se seguiria:" (AMADO, 1937, p.221). Podemos postular o ano de 1937 como o da datação de safadeza.

**SAMBISTAS CELEBRES DA CIDADE**

O termo sambista, datado de 1889, pode receber as seguintes acepções na obra, a partir do contexto dado: (i) "que ou aquele que samba, que é exímio dançarino de samba; sambador, sambeiro"; (ii) "compositor de sambas"; e (iii) "que ou aquele que tem atividades ligadas a escolas de samba; integrante ou frequentador de escolas de samba": "A musica já recomeçara no morro. Os malandros voltavam a tocar violão, a cantar modinhas, a inventar sambas que depois vendiam aos **sambistas celebres da cidade**...."(AMADO, 1937, p.214).

**SAPATOS POIDOS**

Com sentido nolivro de "bastante gasto e já ralo devido ao uso constante": "O Gato espiou seus **sapatos poidos**" (AMADO, 1937, p.52). Há apenas uma ocorrência.

**VALENTE MULATA SERTANEJA**

Professor viu “em lugar de Dora”, uma sertaneja, isto é, semelhante a “mulher que nasceu ou vive no sertão”: “Afirmava á sua mãe, forte e **valente mulata sertaneja**, capaz de brigar com soldados, comadre de Lampeão, amasia de cangaceiro, que podia confiar nele, que não o pegariam vivo, que lutaria até morrer” (AMADO, 1937, p.239)..". - Há seis ocorrências para sertaneja.

**CABELO DE MULATO SERTANEJO**

Datado de 1663, nas diversas ocorrências, temos diferentes acepções do termo: (i) “relativo ao, originário ou próprio do sertão ou da gente do sertão, da zona rural”; (ii)” que ou aquele que habita o sertão”; e (iii) “que ou aquele que vive em povoações rurais, no campo, na roça, especialmente. os de pouca instrução e de convívio e hábitos rústicos”: “Volta Seca entrou no trapiche quando a madrugada já ia alta. O **cabelo de mulato sertanejo** estava revolto.”(AMADO, 1937,p.68). São dez ocorrências na obra.

**SOLITÁRIO**

No contexto, podemos presumir duas acepções possíveis: (i) “anel ou joia com uma só pedra engastada”; e (ii) “ a pedra que se engasta nesse anel ou joia, especialmente o brilhante”: “— Entre, meu filho. Deixe estar que vou arranjar um trabalho para você. — Poz a mão fina e aristocrática, onde brilhava um **solitário**, na cabeça suja do Sem Pernas e falou para a criada. — Maria José, prepare o quarto de cima da garage para este menino.”(AMADO, 1937, 157). Há apenas um caso na obra.

**SURRAS**

Datado do período de 1649-1666, “ato de maltratar por meio de pancadas, socos, chicotadas, varadas etc.; espancamento, sova, tunda”:” Desde pequenos, na arriscada vida da rua, os Capitães da Areia eram como homens, eram iguaes a homens. Toda a diferença estava no tamanho. No mais eram iguaes: amavam e derrubavam negras no area desde cedo, furtavam para viver como os ladrões da cidade. Quando eram presos apanhavam **surras** como os homens. Por vezes assaltavam de armas na mão como os mais temidos bandidos da Bahia. Não tinham também conversas de meninos, conversavam como

homens. Sentiam mesmo como homens.” (AMADO, 1937, p.310) . Há duas ocorrências na obra.

**TABEFES**

Refere-se à “pancada aplicada com a mão” ou “bofetada, sopapo”: “Desta vez ela sentou, ele a pegou e a derrubou na cama. Depois que ela gemeu com o amor e com os **tabefes** que ele lhe deu e murmurou: — Ó frangote parece um homem..” (AMADO, 1937, p.59). Há apenas uma ocorrência.

**TREITA**

Refere-se ao “ artifício sutil e engenhoso para conseguir algum intento”: “— Tá pensando que tem **treita**? Pode espiar.Eu faço jogo limpo...” (AMADO, 1937, p. 67) . Em 2017, em consulta ao site Ciberdúvidas (https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/), sobre o brasileirismo “treita”, obtivemos a seguinte resposta por Carlos Rocha : “'Classificado como brasileirismo, treita pode constituir uma variante de treta, mas não se exclui que seja palavra portuguesa patrimonial de origem latina, com um percurso divergente. Considerando que em muitos dialetos brasileiros o ditongo ei tende a monotongar-se como e, pode registar-se a tendência contrária, ao interpretar como ditongo uma vogal que nunca o foi. Por outras palavras, numa região onde se diz "manêra", em vez de "maneira", é possível que, por analogia com vocábulos como direita ou maleita, os falantes comecem a interpretar a vogal fechada como supostos ditongos; seria este o caso de treta, que não incluindo historicamente o ditongo ei passou a tê-lo por restituição etimologicamente injustificada. Contudo, há que prestar igual atenção à etimologia de treta, «destreza no jogo da esgrima» e, por extensão de sentido, «ação que se vale de astúcia; ardil, estratagema, manha». Segundo o Dicionário Houaiss, este vocábulo tem origem no castelhano treta, por sua vez adaptação do francês traite, do feminino substantivado do particípio passado de tractus, a, um, de trahĕre, «tirar, puxar, arrastar, mover, rolar, levar de rojo, atrair, etc.»” Refira-se, porém, que este brasileirismo tem um homónimo relacionado com a atividade agrícola. Com efeito, o Dicionário Houaiss regista treita – do latim tracta, com a mesma etimologia que a referida forma traite, do francês –, nas seguintes aceções: «pegada ou marca deixada por homem ou animal nos

caminhos por onde passa; rastro, pista», «nesga de terra; belga» (regionalismo português da Bairrada); «cada uma das faixas de terra lavrada, separadas por marcação de galhos, para facilitar a semeadura» (regionalismo do Minho); e, em sentido figurado, «o que pode ou deve ser imitado; exemplo, modelo».” Posteriormente, em nota do editor do site, atualizado em 16/06/2017, prossegue sobre o termo treita: “Na sequência de observações do consultor Luciano Eduardo de Oliveira, o autor concordou em alterar os dois primeiros parágrafos. Em lugar da hipótese inicialmente proposta, de treita ser variante de treta por hipercorreção (dada a tendência de os dialetos brasileiros monotongarem o ditongo ei), sugere-se que a forma ditongada tenha surgido por analogia. Na verdade, se, entre falantes brasileiros, o ei perde a semivogal antes de r ("dinhero") ou antes de segmento palatal ("pexe", "bejo"), os estudos de variação registam geralmente a sua conservação antes de t: respeito, jeito, receita. Sendo assim, talvez treta tenha sofrido alteração não por hipercorreção – supondo que ei se reduziria mesmo antes de t, hipótese que não parece segura –, mas, sim, por analogia com palavras que internamente apresentam o ditongo antes dessa consoante. Note-se ainda que o Dicionário UNESP do Português Contemporâneo apresenta treiteiro como variante de treteiro, «que/quem é dado a tretas».”

**TROÇA**

Com acepção de “o que é dito ou feito com intenção de provocar riso ou hilariedade acerca de alguém ou algo; caçoada, mofa, zombaria”:”Pedro ficou calado. Os outros presos nem ligavam para ele, estavam muito interessados em fazer **troça** com um pederasta que tinha sido preso e se dizia chamar "Mariasinha".(AMADO, 1937, p.136). Há duas ocorrências.

**TROÇO**

Palavra-ônibus “usada em lugar de qualquer fato ou objeto, mesmo que expletivamente; negócio, coisa” : “— O que é que a gente vae fazer. O **troço** está na policia. João Grande cuspiu, estava com certo receio: — Não chame Ogún de troço, Sem Pernas.Ele castiga..” (AMADO, 1937, p.126). Há 12 ocorrências na obra.

**TÚTÚ**

Datado de 1789, mesmo que "papão" ou " mandachuva", este mais plausível ao contexto dado: "— O bicho era magro como um espeto. E' capaz de ser **túțú.."**(AMADO, 1937, p.185). Em 2017, o autor deste Dicionário ao consultar sobre o Ciberdúvidas (https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/) sobre o sentido de "tútú", Regina Maria Antunes Meyerfeld, em nome do site, assim se pronunciou sobre o contexto: "'Sim, a questão é intrigante.Considerando as diversas possibilidades de significação do vocábulo «tutu»: a partir do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa e do Dicionário Priberam, tentaremos propor algumas possibilidades de compreensão e de leitura para o possível significado que o narrador do romance Capitães da Areia possa ter querido dar, ou sugerir, à palavra «tútú»: " – Tú não pode passar um dia sem bater coxas com esta bruaca, não é? Tú vae acabar tútú." (CA, 1937, p.92). A fala transcrita acima é um exemplo da oralidade da língua, da linguagem coloquial e familiar, distanciada portanto das normas gramaticais da concordância verbal, da ortografia e da acentuação gráfica vigentes. As expressões «bater coxas» (fazer sexo), assim como «bruaca» (velha prostituta), já nos remetem, claramente, ao campo semântico do sexo, da sexualidade. Assim, propomos três leituras para a palavra tútú na citada frase-resposta: « – Tú vae acabar tútú.» - (1) « – Tú vae acabar sendo seu «cachorro, cão» . Aqui consideramos a possibilidade de o narrador ter-se remetido ao uso coloquial (através do humor e da ironia) da palavra «toutou» cuja significação, em língua francesa é «le chien». Se assim for, o narrador pode ter querido enfatizar o tom de submissão, de menosprezo, de desdém, de desvalorização moral da personagem. A dupla acentuação da vogal ú «tútú» remete-nos ao pronome pessoal sujeito da frase «tú» e parece-nos uma intenção proposital de redundância; a reiteração fónica /tú/, como recurso estilístico, pode ser a maneira de dar à frase um tom jocoso e brincalhão; (2) Se considerarmos o significado da palavra «tutu» enquanto «iguaria de feijão cozido misturado com farinha de mandioca, cuja consistência é mole», poderíamos ir mais além na nossa interpretação: de tanto fazer sexo com a bruaca, o seu próprio sexo acabará tornando-se «mole» como a iguaria « tutu »). Se aqui também pensarmos num possível sentido metafórico do «tutu», enquanto mistura de caldo de feijão com farinha, podemos chegar aos sentidos

de fraco, sem firmeza, impotente sexualmente, sem vigor, esbagaçado, cansado, destruído, reduzido a cacos, estraçalhado…; (3). Na língua quimbundo, encontramos o registo quitutu, que significa «chefe local ou pessoa muito influente». Teria o narrador querido expressar a ideia de que a assiduidade sexual da personagem para com a «bruaca» o colocaria em posição superior? Gostaria de assinalar que tivemos a oportunidade de questionar a este respeito a própria filha do escritor Jorge Amado, Paloma Amado, que nos respondeu lamentar muito, mas, disse ela: «esqueci-me completamente do que o papai havia podido dar como explicação a esta expressão 'acabar tútú', no momento em que, com ele, revi toda a sua obra».

**SOLTEIRONAS VELHUSCAS**

Adjetivo datado no período de 1817-1819, com acepção de "um tanto velho, avelhentado": "Mesmo assim não tinha absoluta confiança naquelas **solteironas velhuscas** que viviam metidas na igreja e que aproveitavam os intervalos das missas para comentarem a vida alheia." (AMADO, 1937, p.97). Há apenas uma ocorrência.

**VIGARISTAS**

Aquele que, através de um ato de má-fé, tenta ou consegue lesar ou ludibriar outrem, com o intuito de obter para si uma vantagem; embusteiro, trapaceiro, velhaco: "Será que um comunista age assim? Dar um pouco de conforto àquelas pequenas almas. Salvalas, melhorar seus destinos... Antes dali só saiam ladrões, batedores de carteira, **vigaristas**, os melhores eram os malandros..." (AMADO, 1937, p.206). Há sete ocorrências na obra.

**VIOLEIRO**

Datado de 1569 , com acepção de "que ou quem toca viola brasileira ou portuguesa": "Passam **violeiros**, improvisadores de poesia." (AMADO, 1937, p.315). Há apenas uma ocorrência.

**VIOLETAS**

Planta do gênero viola, geralmente com flores vistosas, cultivadas como ornamentais: "No jardim próximo as flores desabrochavam em cores. Margaridas e onze horas, rosas e cravos, dhalias e **violetas**. Parecia haver na rua um perfume bom, muito sutil, mas que Pirulito

sentia entrar nas suas narinas e como que embriaga-lo.” (AMADO, 1937, p.142). Há apenas um registro para este termo.

**VITALINA**

No Nordeste brasileiro, “mulher idosa que não tem marido; solteirona”: Desculpe este trabalho de trazer uma **vitalina** pra casa (AMADO, 1937, p.303). O narrador se refere à “ultima de uma família rica” que “ andava pelos quarenta e cinco anos, feia e nervosa”. Há nove ocorrências na obra. Podemos postular o ano de 1937 para a datação deste termo.

**XERETA**

Datado do sXX, com acepção pejorativa de “ que ou quem participa de forma invasiva ou inadequada na vida alheia ou em assuntos particulares; bisbilhoteiro, intrometido”: **“**— Olha, **xereta**, trata de dormir. Se tú piar eu te abro a garganta, palavra de Pedro Bala. E se tú disser alguma coisa depois que eu sair. Tú já viu falar nos Capitães da Areia?” (AMADO, 1937, p.277). Há apenas uma ocorrência e com características de intercolutório pessoal.

**HISTORIA ZORRETA**

“— Uma **historia zorreta**, seu Grande. — seus olhos brilhavam.” (AMADO, 1937, p.43). Ao consultar a Comissão Lexicográfica da Academia Brasileira de Letras (ABL) sobre a expressão em tela, obtivemos a seguinte resposta: “A expressão «história zorreta» parece significar o mesmo que «história maluca» .Não encontro registo dicionarístico de **zorreta**. Contudo, considero que o contexto apresentado permite interpretar **zorreta** como «incrível» ou «inacreditável», o que me leva a supor, pela configuração e pela semântica semelhantes, que é variante do brasileirismo **zureta**, usado informalmente com o significado de «um tanto maluco; que se encontra fora do juízo, confuso, atordoado ou transtornado» (*Dicionário Houaiss*). A forma **zureta** também se encontra registada no *Dicionário Aulete* (versão em linha) e no *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*.Refira-se que **zureta** tem origem em **azoretado**, alteração de **azoratado**, «perturbado, transtornado, distraído» (*Dicionário Houaiss*). Este adjetivo participial é conversão do particípio passado de **azoratar**, por sua vez um derivado

de **zorate** por parassíntese (idem). Finalmente, **zorate** terá surgido, segundo o filólogo português Leite de Vasconcelos, como redução produzida por reanálise da expressão «casa dos orates» (**orate** = «doido»; cf. idem). Quanto à génese de **zorreta**, se for realmente variante de **zureta**, talvez nela se detete a ação da analogia com outras formas; assim, sugiro que a sequência **eta**foi interpretada como o sufixo **-eta**, com passagem da vibrante simples a vibrante múltipla por interferência concomitante do modelo induzido por palavras como **porreta**, «bom, simpático», **forreta**, «pessoa avarenta», ou **jarreta**, «pessoa com ideias antiquadas» (cf. idem)." Trata-se de um caso de hápax.

**ABAFA DE CHAPÉUS**

Pelo contexto, nos faz sugerir a ideia de abafo: "roupa que protege do frio; agasalho" ou "Capa ou qualquer cobertura que resguarda do frio": " — Como teria ido o Sem Pernas com o **abafa de chapéus**? (AMADO, 1937, p.70). Há apenas uma ocorrência nesta obra.

**AGORINHA MESMO**

Locução datada de 1886, com a acepção de "há poucos instantes, neste instante, agora mesmo, ainda agora": "Ele vae sair daqui **agorinha mesmo**. Vae se meter em qualquer canto da rúa até que os mata cachorro da saúde pegue ele e leve pro lazareto."(AMADO, 1937, p.190). Podemos postular para a locução "agorinha mesmo" a datação de 1937. Há apenas uma ocorrência.

**MACILENTA**

Adjetivo datado de 1654, com a acepção de "sem o viço que se nota nas pessoas com saúde; abatido, descorado, pálido": "Jejuava dias inteiros e sua face ficou **macilenta** como a de um anacoreta." (AMADO, 1937, p.147). Interessante assinalar quando o narrador faz referência à saúde de Dora: "A comida era má, havia castigos também. Ficar em jejum, perder os recreios. Veio uma febre, ela esteve na enfermaria. Quando voltou estava macilenta. Tinha sempre febre mas não dizia nada porque odiava o silencio da enfermaria onde o sol não entrava e todas as horas pareciam a hora agonisante do crepúsculo."(AMADO, 1937, p.278). Há três ocorrências na obra.

**MANO**

Usa como interlocutório pessoal: “ — Um dia tú ainda bota um bocado de pintura numa sala da rua Chile, **mano**. Sem escola sem nada. Nem um destes bananas da escola faz uma cara como tú.. , Tú tem é geito.” (AMADO, 1937, p.179). No livro, são 13 ocorrências.

**PROBLEMA DOS MENORES ABANDONADOS E DELINQUENTES**

**“**O **problema dos menores abandonados e delinquentes** que quasi não preocupava a ninguém em toda a cidade era a maior preocupação do Padre José Pedro.” (AMADO, 1937, p.96). Há dois casos no livro desta expressão. Para mais informação sobre a questão dos menores abandonados, recomendamos Rizzini (2004), Rodrigues (2014) e Cossetin e Brotto (2015). Ao longo da obra, pelo menos 55 ocorrências com o termo “menor” ou seu plural “menores”.

**PASSAGEIRO DE TERCEIRA**

Datado no período de 1450-1516, com a acepção figurativa e evocativa de “terceira classe em trem, navio etc”, talvez, se considerando “terceira classe” na hierarquia ou na “escala de valor” dos Capitães da Areia: “Nunca um **passageiro de terceira** teve tanta gente na sua despedida. Volta Seca lhe dá um punhal de presente. Pedro Bala faz tudo para rir, para dizer coisas gosadas. Mas João Grande não esconde a tristeza que vae dentro dele.” (AMADO, 1937, p.294). Há apenas uma ocorrência.

**TETÉA**

Grafado hoje teteia e datado de 1829 , com acepção figurativa de “moça atraente, graciosa; chuchu”: “Bala continuou: Tú tá dez vez mais elegante que o Gato.Puxa! Se tú aparecer assim na toca — assim tratavam o trapiche — os outros vae dar em cima de tú. Tú tá mesmo uma **tetéa**..” (AMADO, 1937, p. 168). Há uma ocorrência.

**XILINDRÓ**

Cadeia, prisão: “— Também paga uma miséria. E é interesse dele não dizer nada. Se ele abrir a boca no mundo não ha costas largas que livre ele do **xilindró**...” (AMADO, 1937, p.45). Há duas ocorrências na obra.

**NEGRO DE CAMISÚ E ROSÁRIO**

Anterior à publicação de Capitães da Areia, o termo é datado de 1935, em Jubiabá, também de Jorge Amado, com acepção de "variedade de blusa ou camisa fechada, sem fralda, usado por pescadores": "Um **negro de camisú e rosário** atravessa a estação dizendo extranhas coisas em lingúa desconhecida. Foi escravo, hoje é um doido na estação. Todos o temem, temem suas pragas. Porque ele sofreu muito, o chicote do feitor rasgou suas costas." (AMADO, 1937, p.315). Há apenas uma ocorrência.

**CERVEJA BEM GELADINHA**

Houaiss (2020) registra "geladinha" com a acepção adequada ao contexto de "garrafa ou lata de cerveja" ou por metonímia "o conteúdo de uma garrafa, lata ou copo dessa bebida": "Depois o levaram a tomar sorvete no bar que havia em frente ao cinema. O Sem Pernas enquanto tomava seu gelado pensava em que ia cometendo uma irremediável tolice quando o advogado perguntara o que ele queria. Estivera para pedir uma **cerveja bem geladinha**. Mas se contivera em tempo e pedira o sorvete." (AMADO, 1937, p.167). A colocação "cerveja bem geladinha" expressa, já na década de 30, em Salvador, a linguagem coloquial, de natureza afetiva (VERANI, 2014). Em Houaiss(2020), não há datação para "geladinha" , o que nos leva a postular o ano de 1937 como a datação para a expressão fraseológica "cerveja bem geladinha", ano de publicação de Capitães da Areia.

**REICULTUREMAS**

**FEIJOADA**

Termo da culinária brasileira, refere-se a "prato da cozinha nacional preparado com feijão temperado e cozido com carnes salgadas de diferentes partes do porco, linguiça, paio, charque, toucinho etc. e que, no Nordeste, é acrescido de legumes (abóbora, maxixe, quiabo etc.)": "O Gato não respondeu. João Grande também não iria á tarde. Tinha que ir encontrar com o Querido de Deus para irem comer uma **feijoada** na casa de Don'Aninha, a mãe de santo. "Há duas ocorrências na obra." (AMADO, 1937, p.92). Há registro do termo em Alencar: "— Dizem que elle tem um rendimento annual de mais de

duzentos contos, o que dá vinte e cinco mil réis por hora. Ora elle costuma dormir duas horas, e três quando janta **feijoada** ; portanto ahi tens, cincoenta mil réis, o que não ganharás, meu Ricardo, nem quando fores ministro e senador" ( ALENCAR, 1872, p.35). Há registro do termo em Querino (1928): "É condição essencial que o, feijão seja novo para que a **feijoada** se torne appetitosa, preferindo-se o denominado— mulatinho, si bem que outros dêem mais valor ao feijão preto." (p.24). Há duas ocorrências na obra.

**GRANDE CARROSSEL JAPONEZ**

Segundo o narrador, "**O "Grande Carrossel Japonez**" não era sinão um pequeno carrossel nacional, que vinha de uma triste peregrinação pelas paradas cidades do interior naqueles meses de inverno, quando as chuvas são longas e o Natal está muito distante ainda." (AMADO, 1937, p.82). Na obra, carrossel refere-se ao "brinquedo próprio de parques de diversões, constituído de uma grande peça circular que, girando em torno de um eixo vertical, tem em suas extremidades figuras de madeira ou de outro material, como cavalos, aviões etc., que servem de assento":" As estrelas brilhavam, brilhava a lua cheia.Mas mais que tudo brilhava na noite da Bahia as luzes azues, verdes, amarelas, vermelhas do **Grande Carrossel Japonez**." (AMADO, 1937, p. 107). Há pelo menos 60 ocorrências para carrossel, referindo-se, decerto, ao Grande Carrossel Japonês. Na tese de Cardoso (2017), na qual faz referência ao "Grande Carossel Japonês", mostra como a infância pode ser restituída através do lúdico.

**QUATRO PINGAS**

Informalmente, com a acepção de **"**aguardente de cana; cachaça": "Pediram **quatro pingas** e o Gato sacou um baralho do bolso das calças" (AMADO, 1933, p.66). No livro, o autor fala em "trago de cachaça" (AMADO, 1937, p.40) ora em "trago de pinga" (AMADO, 1937, p.83), o que sugere não serem pingo e cachaça sinônimos. Apesar de poderem se referir à mesma bebida, as 3 palavras (pinga, aguardante e cachaça) não são sinônimas. Pinga se refere a qualquer bebida alcoólica, podendo ser, por exemplo, vinho ou , aguardente). Aguardente é o nome de qualquer bebida obtida a partir da

fermentação de vegetais doces. Já cachaça é o nome da aguardente de cana-de-açúcar. Há quatro ocorrências na obra.

## IDIOCULTUREMAS

### COMENTAR PARA OS BOTÕES DA FARDA

Trata-se de uma variação fraseológica de "Falar com seus botões" (Falar consigo mesmo), levando o leitor a recuperar a forma fixa "aos seus botões ou com seus botões ", por metáfora, com sentido de "de si para consigo ": "O guarda o espiava. Depois **comentou para os botões da farda**: — Bem dizem que estes poetas são doidos.." (AMADO, 1937, p.185)

### A LIBERDADE É O BEM MAIOR DO MUNDO

Exaltação do autor sobre do conceito de liberdade no contexto das prisões de Pedro Bala e Dora: " Pedro Bala sentia o corpo todo doer das pancadas do dia anterior. Mas ia satisfeito porque nada tinha dito, porque não revelara o logar onde os "Capitães da Areia" viviam. Lembrava-se da canção que os presos cantavam na madrugada que nascia. **Dizia que a liberdade é o bem maior do mundo**." (AMADO, 1937, p.259)

### ABRIR NO MUNDO

Pelo contexto, equivalente a "cair no mundo" com acepção de "fugir, desaparecer": "Pedro Bala e João Grande abalaram pela ladeira da Praça. Barandão **abriu no mundo** também." (AMADO, 1937, p.318). Há uma rica sinonímia fraseológica de fugir: "abrir do chambre, abrir no mundo, abrir no pé, abrir nos paus, abrir o arco, abrir o chambre, abrir o pala, abrir o pé, abrir os panos, afundar no mundo, arribar no mundo, azular no mundo, bancar veado, bater a bela plumagem, bater asa, bater em retirada, botar o pé no mundo, cair fora, cair nas folhas, cair na tiguera, cair no bredo, cair no mato, cair no mundo, cair no oco do mundo, campar, capar o mato, dar à canela, dar aos calcanhares, dar às de vila-diogo, dar às pernas, dar com o pé no mundo, dar na pista, dar no pé, dar nos cascos, dar nos paus, dar o fora, dar o pira, derreter na quiçaca, desatar o punho da rede, enfiar a cara no mundo, ensebar as canelas, entupir no oco do mundo, fazer chão, fazer a pista,

ganhar mato, ganhar o mundo, jogar no veado, largar terra para favas, levantar voo, mandar-se dizer na estrada, meter o arco, meter o pé no mundo, mostrar as costas, passar sebo nas canelas, pisar no mundo, pisar no tempo, pôr-se ao fresco, pôr sebo nas canelas, riscar chão, virar alcanfor, virar sorvete”. Há apenas uma ocorrência.

**ACABAR TÚTÚ**

À primeira vista, parece-nos um cochilo editorial. Não se trataria de “acabar tutu”, e sim, “acabar tatu” como variante da expressão “levar um tatu ou pegar um tatu” com acepção de “ser derrubado; cair” como nos sugere o contexto da expressão: ““— Tú não pode passar um dia sem bater coxas com esta bruaca, não é? Tú vae **acabar tútú**..” (AMADO, 1937, p.92). Não encontramos um significado específico. Ao consultar a Comissão de Lexicografia da Academia Brasileira de Letras, recebemos a seguinte resposta sobre o sentido idiomático da expressão em tela: “Provavelmente é uma gíria da época, um jargão dos 'capitães da areia'. Podemos intuir um sentido genérico dado pelo contexto.” Ao consultarmos o site lusitano ciberduvidas (https://ciberduvidas.iscte-iul.pt) sobre o sentido a que deve se atribuído a “tutu”, obtivemos a seguinte manifestação, assinada por Maria Eugénia Alves, professora e consultora em íngua Portuguesa: “Pedimos à nossa consultora Regina Antunes Meyerfeld, professora de cultura e literatura brasileira, que investigasse a sua questão e temos a seguinte resposta, que vou passar a transcrever:«Sim, a questão é intrigante.Considerando as diversas possibilidades de significação do vocábulo «tutu»: (i) A partir do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa e do Dicionário Priberam, tentaremos propor algumas possibilidades de compreensão e de leitura para o possível significado que o narrador do romance *Capitães da Areia* possa ter querido dar, ou sugerir, à palavra «tútú»: “– Tú não pode passar um dia sem bater coxas com esta bruaca, não é? Tú vae acabar tútú..” (AMADO, 1937, p.92). A fala transcrita acima é um exemplo da oralidade da língua, da linguagem coloquial e familiar, distanciada portanto das normas gramaticais da concordância verbal, da ortografia e da acentuação gráfica vigentes.As expressões «bater coxas» (fazer sexo), assim como «bruaca» (velha prostituta), já nos remetem, claramente, ao campo semântico do sexo, da sexualidade. Assim, propomos três leituras para a palavra **tútú** na citada frase-resposta para « -Tú vae acabar tútú.»:
(i) 1. « -tú vae acabar sendo seu «cachorro, cão» . Aqui consideramos a

possibilidade de o narrador ter-se remetido ao uso coloquial (através do humor e da ironia) da palavra «toutou» cuja significação, em língua francesa é «le chien». Se assim for, o narrador pode ter querido enfatizar o tom de submissão, de menosprezo, de desdém, de desvalorização moral da personagem.A dupla acentuação da vogal **ú** «tútú» remete-nos ao pronome pessoal sujeito da frase «tú» e parece-nos uma intenção proposital de redundância; a reiteração fónica /tú/, como recurso estilístico, pode ser a maneira de dar à frase um tom jocoso e brincalhão; (ii) 2. Se considerarmos o significado da palavra «tutu» enquanto «iguaria de feijão cozido misturado com farinha de mandioca, cuja consistência é mole», poderíamos ir mais além na nossa interpretação: de tanto fazer sexo com a bruaca, o seu próprio sexo acabará tornando-se «mole» como a iguaria « tutu »). Se aqui também pensarmos num possível sentido metafórico do « tutu », enquanto mistura de caldo de feijão com farinha, podemos chegar aos sentidos de fraco, sem firmeza, impotente sexualmente, sem vigor, esbagaçado, cansado, destruído, reduzido a cacos, estraçalhado...; e (iii) 3. Na língua quimbundo, encontramos o registo *quitutu*, que significa «chefe local ou pessoa muito influente». Teria o narrador querido expressar a ideia de que a assiduidade sexual da personagem para com a «bruaca» o colocaria em posição superior? Gostaria de assinalar que tivemos a oportunidade de questionar a este respeito a própria filha do escritor Jorge Amado, Paloma Amado, que nos respondeu lamentar muito, mas, disse ela: «esqueci-me completamente do que o papai havia podido dar como explicação a esta expressão 'acabar tútú', no momento em que, com ele, revi toda a sua obra».” Posteriormente, em nossos estudos, postulamos que tutu é parte da rica sinonímia de papão: bicho-papão, bitu, boitatá, coca /ô/, coco /ô/, cuca, gorjala, manjaléu, mumuca, ogro, olhapim, olharapo, papa-figo, papa-gente, com a ideia figurativa e jocosa de o personagem se tornar um “comilão” (que ou aquele que faz ou se entrega à “comilança”, no sentido da “comedor” (diz-se de ou indivíduo do sexo masculino muito ativo sexualmente).

**ACERTAR NOSSAS CONTAS**

No sentido de “dar remuneração a; gratificar, recompensar” “— Então podem ir. Depois, tem que ser antes de duas horas, voltem aqui. Mas só quando a rua estiver deserta. Eu os esperarei. **Acertaremos**

**nossas contas** então.” (AMADO, 1937, p.76). A fraseologia é bem transparente.

**AGORA É QUE VÃO SER ELAS**

Mesmo que “agora é que são elas” com sentido de “Expressão usada para indicar que os problemas ou as dificuldades vão começar”. “— Com certeza está com o homem. **Agora é que vão ser elas**.” (AMADO, 1937, p. 79). Há uma rica variação fraseológica: “ agora é que são elas, aí é que são ela, aí é que reside a dificuldade, agora é que começam os problemas; aí é que bate o ponto, aí é que a coisa fia fino. Ao certo, um caso de hápax.

**ANDAR ASSIM AO AZAR**

Ao contexto dado, a acepção mais próxima seria a de “andar à sorte”, isto é, à sorte, ao acaso, a esmo; aleatoriamente, acidentalmente: “Pedro Bala enquanto sobe a ladeira da Montanha vae pensando que não existe nada melhor no mundo que **andar assim, ao aza**r, nas ruas da Bahia.” (AMADO, 1937, p.176). Postulamos um caso de hápax.

**ANDAR AO LÉU**

Com acepção de “andar à toa, a esmo”: “Gostava de **andar ao léu** nas ruas da cidade, entrando nos jardins para fumar um cigarro sentado num banco, entrando nas igrejas para espiar a beleza do ouro velho, flanando pelas ruas calçadas de grandes pedras negras.” (AMADO, 1937, p.94). Há duas ocorrências na obra.

**BATE O TRINTA E SETE**

Com a acepção de “falecer, morrer; bater o trinta e um de roda, bater o trinta e um”: “— O Gringo andou ruim. Quasi **bate o trinta e sete**. Andou por pouco. Se não fosse Don'Aninha que deu beberagem a ele que botou ele em pé, tú não via mais ele. Tá mais magro que um espeto...” (AMADO, 1937, p. 168). Postulamos a variação fraseológica ou uma “corruptela fraseológica” de “bater o trinta e um” (hipótese da escrita da expressão distanciada de uma linguagem com maior prestígio social).

**BATER A CAÇULETA**

Em Houaiss (2020), para a expressão de "bater a caçoleta", data-a de 1979) com a acepção de "morrer; bater as botas": "— De que morreu, sua mãe? — Mesmo não sei. Deu uma coisa exquesita na pobre, uma febre de mau agouro, ela **bateu a caçuleta** em cinco dias. E me deixou só no mundo.."(AMADO, 1937, p.156). Outras expressões idiomáticas sinônimas: "abotoar o paletó, adormecer no Senhor, assentar o cabelo, bater a alcatra na terra ingrata, bater a(s) bota(s), bater a caçoleta, bater a pacuera, bater com a cola na cerca, bater o pacau, bater o prego, bater o trinta e um, botar o bloco na rua, dar a alma a Deus, dar a alma ao Criador, dar à casca, dar à espinha, dar a louca, dar a ossada, dar o couro às varas, dar o último alento, descer à cova, descer à terra, descer ao túmulo, desinfetar o beco, desocupar o beco, dizer adeus ao mundo, entregar a alma (ao Criador ou a Deus ou ao Diabo), entregar a rapadura, esticar a canela, esticar o cambito, esticar o pernil, ir(-se) desta para a melhor, ir para a cidade dos pés juntos, ir para a Cacuia (ou Cucuia), ir para o andar de cima, ir para o beleléu, ir para o outro mundo, largar a casca, passar desta para melhor (vida), pitar macaia, quebrar a tira, render a alma ao Criador, vestir o paletó de madeira, vestir o pijama de madeira, virar presunto." Há uma ocorrência na obra.

**BATER AZA**

Atualmente, se diz "bater asas" ou "bater as asas" com acepção de " fugir, desaparecer": "— Eu também. Tenho um plano. Quando eu **bater aza** posso ir pra teu grupo?" (AMADO, 1937, p.274). Há duas ocorrências.

**BATER COISAS**

Pelo contexto, refere-se, ao certo, à locução "bater carteira" com acepção de "apoderar(-se) furtivamente de carteira(s)": "Ela o olhava calma, esperando que ele concluísse a frase. — . . . que vae andar com a gente pela rua, **batendo coisas**..." (AMADO, 1937, p.244). Há apenas uma ocorrência.

**BATER COXA**

Atualmente, tem-se o substantivo "bate-coxa", hifenizado, forma tabuística de "relação sexual; cópula": "— Tú não pode passar um dia

sem **bater coxas** com esta bruaca, não é? Tú vae acabar tútú..” (AMADO, 1937, p.92)

**DAR DOIS DEDO DE PROSA COMIGO**

A locução fixa é “dois dedos de”, com a ideia de “um tantinho, um pouquinho”: “— O "Loiro", que morreu na greve? Como não me lembro. Era um que toda tarde vinha **dar dois dedo de prosa comigo**. Gostava de tirar pilhéria...”(AMADO, 1937, p.111). Há apenas uma ocorrência.

**DOBRAR A LÍNGUA**

Com acepção idiomática e figurativa de “reconsiderar, emendar algo que se disse” ou “falar com respeito; pôr-se em seu lugar”, esta, a mais aplicável ao contexto dado: “— **Dobre a lingua**, filho da mãe.” (AMADO, 1937,p.249). Há apenas um caso na obra.

**É UMA DESGRAÇA SER POBRE**

Citação do autor ao apresentar o retrato dos oprimidos e desvalidos: "Porta do Mar" andara sem freguezes. A varíola não deixava. Agora que ela tinha ido embora, os homens comentavam as mortes. Alguém falou no lazareto. "**E' uma desgraça ser pobre**", disse um marítimo.” (AMADO, 1937, p.212). Há apenas uma ocorrência.

**ESTAR COM UM PESO DA MÃE**

Com a acepção de “peso dos diabos, um peso do inferno, um peso da porra e outros”: “— Também já era tempo. **Táva com um peso da mãe**!” (AMADO, 1937, p.67). Há apenas uma ocorrência.

**FAZER O AMOR (COM)**

- Com o sentido do livro atualmente utilizamos a expressão, sem o artigo “o”, “fazer amor” com sentido informal de “manter relações sexuais; copular: “O Gato respondia aos sorrisos e seguia. Esperava que uma o chamasse e **fizesse o amor com e**le.” (AMADO, 1937, p.54) Há pelos menos três registros da expressão. A palavra amor aparece 79 vezes na obra. No romance há também o registro da “fazer o amor completo”, bem mais prolixa do que a locução “fazer amor” com acepção de “manter relações sexuais; copular”: “Mas Sem Pernas quer

**fazer o amor completo**, aquilo o irrita, faz crescer seu ódio." (AMADO, 1937,p.304)

**FAZER OS SERVIÇOS (BEM FEITO)**

Temos a expressão "fazer um serviço" com a noção de "assassinar alguém mediante pagamento previamente ajustado", mas com a permuta para o artigo "o" parece-nos que o narrador modaliza a acepção negativa da expressão dada no contexto para "atividade efetuada sob encomenda": "— Nós sabe guardar um segredo tão bem como um cofre. E os Capitães da Areia sempre **faz os serviços bem feito**." (AMADO, 1937, p.73).

**FAZER O PELO SINAL**

Com acepção de " benzer-se, fazendo o sinal da cruz". No âmbito da religião, " certa oração, acompanhada de sinais da cruz, que se inicia com estas mesmas palavras": "Um menino avermelhado **faz o Pelo Sinal**. Todos repetem as palavras e os gestos. Depois é um Padre Nosso e uma Ave Maria, ditas com voz forte apesar do cansaço. Pedro se joga na cama. Uma coberta suja o espera. Mudam a roupa de cama de 15 em 15 dias. E a roupa de cama é apenas uma coberta e uma fronha para um travesseiro de pedra." (AMADO, 1937, p.272). Apenas uma ocorrência.

**FECHAR A CANCELA**

Equivalente hoje a "fechar a fábrica", não engravidar : "**Já fechei a cancela**, Boa Vida. Passei da idade. Pergunta a este. — apontava João de Adão. — Vi quando ele, quasi menino assim como tú, fez a primeira greve aqui nas doca. Naquele tempo ninguém sabia que diabo era greve. Tú te lembra, compadre?" (AMADO, 1937, p.110). Só há este registro na obra.

**FECHAR OS OLHOS**

Datada de 1757, com a acepção de "fingir que não percebe; ignorar ou perdoar, desculpar": "— Teem nos chegado bastante queixas, padre José Pedro. O Arcebispado **tem fechado os olhos** na esperança de que o senhor conhecesse seu erro e se emendasse.." (AMADO, 1937, p.200). Há apenas uma ocorrência.

**NÓ NA GARGANTA**

Datado de 1551, a locução tem acepção de "aperto na garganta causado por uma emoção forte": "Olhou o desenho semi-apagado, seguio seu caminho ainda com as mãos nos rins. Ia quasi sem pensar, com um **nó na garganta**." (AMADO, 1937, p.129 " Há duas ocorrências na obra.

**NEGRO QUANDO PINTA, TRÊS VEZES TRINTA**

De acordo com Araújo (2009), a partir de informações coletadas na Fundação Casa Jorge Amado, obtidas, via e-mail, "a expressão Negro quando pinta três vezes trinta era uma expressão utilizada para dizer que os negros não aparentavam a idade que tinham. Negro quando apresenta a idade (pinta), já tem muito mais do que se imagina (três vezes trinta)": "Pedro Bala falou: — **Negro quando pinta, três vezes trinta**." (AMADO, 1937, p.110). Só há este registro na obra.

**NINGUÉM PODE MUDAR O DESTINO**

Citação do autor com atmosfera de fatalidade humana, isto é, "bstantivo masculino tudo que é determinado pela providência ou pelas leis naturais": "— **Ninguém pode mudar o destino**. E' coisa feita lá em cima. — apontava o ceu." (AMADO, 1937, p.212). Há apenas uma ocorrência.

**NOS SEUS CALCANHARES**

Com a acepção de "atrás e muito próximo de (alguém ou algo que se tenta alcançar): "Os guardas vêem **nos seus calcanhares.** Sem Pernas sabe que eles gostarão de o pegar, que a captura de um dos Capitães da Areia é uma bela façanha para um guarda. Essa será a sua vingança. Não deixará que o peguem, não tocarão a mão no seu corpo. "(AMADO, 1937, p.319). Postulamos que o uso da expressão "nos calcanhares de" com acepção de "Quase alcançando (pessoa que está sendo perseguida)" deva receber sua datação de 1937, com a publicação de Capitães da Areia. Com o lexema calcanhar, temos uma rica fraseologia: "bater os calcanhares" com sentido de "morrer"; "dar aos calcanhares ou dar nos calcanhares" com sentido de "fugir, retirar-se com rapidez, especialmente correndo ou em debandada" e "não chegar aos calcanhares" com sentido de "ser muito inferior a ou muito pior que; não chegar aos pés de".

**O AMOR É SEMPRE DOCE E BOM**

Citação do autor referente à iniciação sexual do casal Pedro Bala e Dora: “A paz da noite envolve os esposos. **O amor é sempre doce e bom, mesmo quando a morte está próxima**. Os corpos não se balançam mais no ritmo do amor. Mas nos corações dos dois meninos não ha mais nenhum medo. Somente paz, a paz da noite da Bahia. ”(AMADO, 1937, p.283). Somente uma ocorrência.

**O PECADOR NÃO PODE ESCONDER SEU PECADO**

A citação, em forma de paráfrase de texto bíblico, pode ser contextualizada, por exemplo, na passagem em que Acã (Acã: israelita criado sob os preceitos da lei de Moises pecou contra Deus quando roubou dos despojos e trouxe julgamento sobre toda uma nação) tentou esponder seu pecado (Josué 7:20-21). Ocorre que Deus ver o “escondido” porque “Até mesmo as intenções do coração do homem estão descoberta e conhecidas perante o Senhor” (Pv 15:11): “— **O pecador não pode esconder seu pecado**, **ele está visível na sua consciência**. — e a voz do Conego tinha perdido aquela nota de doçura.” (AMADO, 1937, p.198). Para o termo “pecado” há 19 ocorrências enquanto para “pecador” apenas um caso. Entre inúmeras passagens bíblias que inspiram este axioma bíblico, esta noção parece mais clara, em se tratando de Novo Testamento, em (1 Timóteo 1:18-20, quando diz “conservando a fé, e uma boa consciência, a qual alguns havendo rejeitado, naufragando no tocante à fé” (19), isto é, se o “pecador” cometer um pecado grave e confessá-lo pode ser de ajuda para recuperar a boa consciência. Há apenas uma ocorrência para esta citação.

**NÃO PAGAR A PENA**

Pelo contexto, corresponde à expressão “valer a pena”, com sentido de “merecer o esforço, a preocupação; ser vantajoso, útil; compensar”: “— **Não paga a pena** dar um prejuízo ao teu patrão — explicou.” (AMADO, 1937, p.92). Ao longo da obra, há expressões correlatas como “valer a pena”, o que sugere que o autor em “não pagar a pena” marca cultural e linguisticamente a fala do personagem.

**PAGAR O BEM COM O BEM**

O autor parece deixar em evidência um conflito personalíssimo (o Sem-Pernas e seu escrúpulo), com conotação moral, no sentido de uma "lei do grupo": "Ela também na sua casa tinha uma lei como os Capitães da Areia: só castigava quando havia erro, **pagava o bem com o bem**." (AMADO, 1937, p.170). Há apenas uma ocorrência.

**OLHOS COMPLETAMENTE LIMPOS DE TODO O PECADO**

A citação nos remete a várias passagens bíblicas em "Verdadeiramente bom é Deus para com Israel, para com os limpos de coração. "(Salmos , 73,1); 26 Os desígnios dos maus são abominação para o Senhor; mas as palavras dos limpos lhe são aprazíveis."( Provérbios , 15,26); e 2 Todos os caminhos do homem são limpos aos seus olhos; mas o Senhor pesa os espíritos."( Provérbios , 16,2): - "Porque para aqueles que não teem os **olhos completamente limpos de todo o pecado** a face de Deus é terrível como o mar enfurecido. Mas para os que teem os olhos e o coração limpos de todo pecado a face de Deus é mansa como as ondas do mar numa manhã de sol e de bonança." (AMADO, 1937, p.295-296). Há apenas esta passagem.

**PENSAR NA MORTE DA BEZERRA**

Trata-se de uma fraseologia cujo sentido idiomático é "estar distraído ou absorto consigo próprio; estar pensativo, não estar atento ao que se passa em torno": — **Tá pensando na morte da bezerra**, seu mano?" (AMADO, 1997, p. 113). Há apenas uma ocorrência.

**VERDADEIRO PRESENTE DE GREGO**

Com a acepção de "presente indesejado ou que é um estorvo para quem o recebe": "*A policia de Belmonte devolve o vigarista gato*, que a policia de Belmonte havia recebido da policia de Ilheos um **verdadeiro presente de grego**. "(AMADO, 1937, p.322). A partir da literatura brasileira, para esta locução, podemos postular para sua datação o ano de 1937, com a publicação de Capitães da Areia. Há duas ocorrências na obra.

**PUXAR AO AVÔ**

Com a acepção de "herdar características de (ascendentes): "O rapaz não despregava os olhos dos seios de Dora. Era bonita a menina, de olhos grandes, cabelo muito loiro, neta de italiano com uma mulata. Margarida dizia que ela **puxara ao avô,** que também tinha cabelos muito loiros e um bigodão bem tratado. Dora baixou os olhos porque o rapaz não tirava os deles dos seus peitos." (AMADO, 1937, p.221). Há apenas um caso com esta acepção, em que pese o verbo puxar seja empregado com outras acepções (puxar conversa com, por exemplo).

**PUXAR CONVERSA**

No brasileirismo informal, "procurar iniciar diálogo com alguém": "Pedro tentou novamente **puxar conversa** mas o guarda o ameaçou com o casse-tete:— Vae dormir num jardim. Vae embora." (AMADO, 1937, p.135). Há duas ocorrências.

**QUE IMPORTA MORRER**

Capitães da Areia é uma obra marcada por mestiçagem e sincretismo religioso. Talvez, nesta passagem, o leitor tenha a liberdade de ver como Jorge Amado explora a ideia de morte com o máximo de expressividade na sua prosa poética. Há aqui uma sutil remissão à ideia de "ressureição geral", isto é, a "volta à vida de todos os mortos no fim dos tempos, o que constitui um dogma da fé cristã": "Pedro Bala se joga nagua. Não pode ficar no trapiche, entre os soluços e as lamentações. Quer acompanhar Dora, quer ir com ela, se reunir a ela nas Terras do Sem Fim de Yemanjá. Nada para diante sempre. Segue a rota do saveiro do Querido de Deus. Nada, nada sempre. Vê Dora em sua frente, Dora, sua esposa, os braços estendidos para ele. Nada até já não ter forças. Boia então, os olhos voltados para as estrelas e a grande lua amarela do ceu. **Que importa morrer quando se vae em busca da amada, quando o amor nos espera**?( CA, 1937, p.286). Há apenas uma ocorrência.

**SABER O SEU A. B. C.**

É viável a acepção de "história relatada; narrativa", isto é, algo relacionado ao imaginário e à narrativa de causos : "— Até parece Rosa Palmeirão. Nunca houvera mulher tão valente como Rosa Palmeirão. Dera em seis soldados de uma vez. Todo marítimo **sabe o seu A. B. C.**

no cães da Bahia. Por isso Dora gosta da comparação e sorri: — Obrigado, mano." (AMADO, 1937, p.251). A passagem a seguir embora prolixa vale para melhor no situar quanto à ideia de A.B.C que, como diz o narrador, pode ser também cantado: "Então toca para eles, ri com eles em gargalhadas como se ainda fosse um deles. Boa Vida vae se afastando aos poucos, á proporção que vae crescendo. Quando tiver dezenove anos já não voltará. Será um malandro completo, um daqueles mulatos que amam a Bahia acima de tudo, que fazem uma vida perfeita nas ruas da cidade. Inimigo da riqueza e do trabalho, amigo das festas, da musica, do corpo das cabrochas. Malandro. Armador de fuzuês. Jogador de capoeira, navalhista, ladrão quando se fizer preciso. De bom coração, como **canta um A. B. C**. que Boa Vida faz acerca de outro malandro. Prometendo ás cabrochas se regenerar e ir para o trabalho, sendo malandro sempre. Um dos "valentões" da cidade. Figura que os futuros Capitães da Areia amarão e admirarão, como Boa Vida amou e admirou o Querido de Deus. (AMADO, 1937, p.299). Há duas ocorrências na obra.

**TÁ COMO URUBU EM CIMA DE CARNIÇA**

Uma variação fraseológica de "Ta mais alegre do que; "urubu na carniça", com a acepção figurativa mais aproximada de "abutre", isto é, " Pessoa que espera ou deseja a morte ou o desaparecimento de outrem de modo a obter bens ou vantagens.": "— **Tá tudo como urubu em cima de carniça**." (AMADO, 1937, p.226). Mais sobre este ditado, ver em Riva (2012).

**TOMAR PORRES COLOSSAES**

Tem o sentido inicial de "tomar um porre", isto é, de "ficar bêbedo; embriagar-se" com a ideia acrescida de excesso de bebida: "Foi assim que se inteirou que ela tinha um amante, um tocador de flauta num café, que tomava o dinheiro que ela fazia e ainda **tomava porres colossaes** na sua casa, atrapalhando a vida de todas as rameiras do prédio." (AMADO, 1937, p.55-56.). Há apenas um caso na obra.

**O DESTINO DOS POBRES**

João de Adão, visto por nós como *alter ego* de Jorge Amado, traz sua afirmação uma semente planfletária ou revolucionária, onde a pobreza , especialmente no Nordeste, não é vista como é destino ou

determinismo submetido a leis necessárias e imutáveis; ao contrário, a pobreza pode atuar a favor dos trabalhadores, sindicalistas e grupos de esquerda, promovendo estrategicamente as greves não apenas para obtenção de benefícios materiais e preparando terreno para uma revolução comunista: "Mas João de Adão falou de outra mesa:— **Um dia a gente muda o destino dos pobres.."** (AMADO, 1937, p.212). Há apenas uma ocorrência.

**VOLTAR ÀS BOAS**

Com a acepção de "voltar às relações amistosas com", isto é, "fica de bem com": "Arrancou com o lençol de Boa Vida para outro canto e dormiu. Levaram algum tempo inimigos mas depois **voltaram ás boas** e agora quando o Gato se cansa de uma pequena entrega ao Boa Vida." (AMADO, 1937, p.54). Há apenas uma ocorrência.

**A BOA INTENÇÃO NÃO DESCULPA OS MAUS ATOS**

Trata-se de uma paráfrase ou corruptela, ao certo, da expressão proverbial "De boas intenções o inferno está cheio", ou seja, às vezes, uma pessoa pode dizer que está com boas intenções, mas está com intenções ruins: - "— **A boa intenção não desculpa os maus atos**..cortou o Conego com voz muito doce ao enunciar a sentença." (AMADO, 1937, p.202). Só há uma ocorrência.

**A SEDE É PIOR QUE UMA COBRA CASCAVEL**

Significa que o lugar (reformatório) é traiçoeiro, nocivo, pernicioso e ruim: "Gostaria era de beber água. Será que Dora também tem sede a estas horas? Deve estar também numa *cafúa,* Pedro Bala imagina o Orfanato igualsinho ao Reformatorio. **A sede é pior que uma cobra cascavel**. Faz mais medo que a bexiga. Porque vaè apertando a garganta de um, vae fazendo os pensamentos confusos. Um pouco de água.." (AMADO, 1937, p.264). Há apenas esta ocorrência.

**DAR O FOGO**

Aquilo que é necessário para alumiar um cigarro (fósforo ou isqueiro). No contexto, refere-se à caixa de fósforos: "- Pode me **dar o fogo**, senhor? — levava na mão um cigarro apagado. "(AMADO, 1937, p.73).Há um caso de hápax.

**METER AS MÃOS**

Fazer entrar; enfiar, introduzir. Algumas versões mais atuais do livro traz a expressão “abafasse o troco", com a ideia que Sem Pernas tenha se apropriado “indebitamente de; roubar, furtar, o que não é verdade. Na edição de 1937 traz a seguinte versão: “Depois o bilheteiro não quiz lhe devolver o bilhete da entrada que fez com que o Sem Pernas **metesse as mãos** na gaveta da bilheteria que estava aberta com o troco e tivesse que desaparecer do Passeio Publico de uma maneira muito rápida, enquanto em todo o passeio publico se ouviam os gritos de: "ladrão,ladrão".”(AMADO, 1937, p.85). Há apenas um caso na obra.

**NÃO SER PRA TEU BICO**

Trata-se de um caso de fraseologia, em que o sentido idiomático é o de “não estar de acordo com as possibilidades de (alguém): “A negra atirou o chinelo, Boa Vida desviou o corpo:— Se eu tivesse uma filha **não era pra teu bico**, malandro.”(AMADO, 1937, p.114). Há apenas o registro desta fraseologia.

**O DESEJO É ABRUPTO E TERRÍVEL**

Desejo, pelo contexto, com acepção de “instinto físico que impulsiona o ser humano ao prazer sexual; atração física”: “Se abraçam. **O desejo é abrupto e terrível**. Pedro não a quer magoar mas ela não mostra sinaes de dor. Uma grande paz em todo seu ser.” (AMADO,1937, p.282).

**TIRAR O CABAÇO**

Com acepção de “desvirginar, descabaçar (especialmente, mulher)”, mas o contexto é dos presos na penitenciária “fazendo troça” com o pederasta “Mariasinha”: “— Quem **tirou teu cabaço**?— Ora, me deixe.. — respondeu o pederasta rindo.” (AMADO, 1937, p.136). Aparece em duas ocorrências na obra.

**FICAR EM MAUS LENÇÓIS**

Com pelo menos duas acepções adequadas ao contexto: (i) “ em situação crítica, difícil, arriscada”; e (ii) “ em posição indefensável perante seus acusadores”: “Almiro foi mesmo levado para o lazareto e o padre **ficou em maus lençóes** pois o medico (que se dizia livre-

pensador, mas em verdade era espirita) denunciou o padre também como encobridor do caso." (AMADO, 1937, p.196). Só uma ocorrência.

**TOCAR BRONHA**

Automasturbação, isto é, "masturbação praticada em si próprio": "— Mesmo esse couro — disse o Gato — não me tenta. Nem pra **me tocar bronha**." (AMADO, 1937, p.58). Postulamos que "bronha" ou "tocar bronha" seja(m) datadas de 1937 e não de 1946 como supõe Houaiss (2020).

**HUMOCULTUREMAS**

**ESTAR A NEN-NEN**

Atualmente, grafada nem-nem, trata-se de locução datada por Houaiss(2020) de 1924 com acepção jocosa de "completa falta de dinheiro" ou "sem dinheiro algum": "— Tú vae me esprestar nem que seja um cruzado. **Tou a nen-nen**." (AMADO, 1937, p.108). Há, aparentemente, no contexto, um cochilo editorial quanto à grafia "esprestar" por "emprestar", em que pese no século sXIII, "emprestar" fosse era grafado " *prestar*".

**MORENINHA DO BALACUBACO**

Mesmo que balacobaco: "— E' do balacubaco... — disse João Grande." (AMADO, 1937, p.236). Outra ocorrência: "— Ficou amigada com um coronel. Mas eu já tinha deixado ela. Agora tenho uma **moreninha do balacubaco**..." (AMADO, 1937, p.338). Há apenas uma ocorrência. Postulamos a datação desta palavra bem como a forma "blacobaco" de 1937, com a publicação de Capitães da Areia.

**BATUTA**

Algumas acepções podem ser inferidas nos diversos contextos de uso da palavra na obra. A primeira ocorrência pareceu-nos sugerir a acepção "de caráter excepcionalmente bom; excelente, primoroso": "Vi um anelão, seu mano, que nem de bispo.Um anelão bom para meu dedo. **Batuta** mesmo.Tú vae ver quando eu trouxer..."(AMADO, a937, p.44) ou com acepção de "chefe de quadrilha de ladrões": "— Toma,

**batuta**. Tinha trapaça, eu não quero embolsar teu cobre" (AMADO, 1937, p.70). São 16 ocorrências na obra.

**BÉBÉSINHA**

Forma debochada como a prostituta de Gastão(o flautista) se autodenomina: "A mulher riu um riso canalha de bêbada: — Mas tú agora só quer tua **Bébésinha**, não é? Vem me dar um beijinho, anjo sem azas. "(AMADO, 1937, p.57).

**BICHINHA**

Nome popular dado ao pênis que, por anologia, evoca outros semelhantes como "carequinha, cebolinha, coisinha, menina salgadinha, pilinha, torneirinha, zezé camarinha, zinguinha": "— Já tou com o ferro em braza. Muitos riram. Um se adiantou, mostrou o sexo a João Grande: — Vê como a **bichinha** está, Grande. Doidinha..." (AMADO, 1937,p.226-227). Atualmene, bichinha tem uma acepção mais específica e, por vezes, pejorativa de " bicha" (no sentido de 'homem efeminado). O "doidinha" de "bichinha doidinha" pode ser ter acepção irônica com "doidinho", isto é, " que ou o que é louco de amores", isto é, desejos sexuais e tenha ficado com tesão ao ver a loira Dora. Há uma passagem que, inclusive, o narrador diz: "Sabiam que Professor era fraco, não aguentava pancada. Estavam **doidamente excitados** mas ainda temiam João Grande que segurava o punhal. Volta Seca se via como no meio do grupo de Lampeão, pronto para deflorar junto com todos uma filha de fazendeiro. A vela iluminava os cabelos loiros de Dora. Ia um pavor pelo rosto dela." (AMADO, 1937, p.227). Há apenas um caso nesta obra e com esta acepção, o que nos leva a postular não só sua datação (1937) como também um caso de hápax.

**BRUACA**

Com sentido pejorativo de "prostituta mais velha, decadente, feia": "— Diga àquela **bruaca** que não me amole. Tou chateado dela até aqui. — e punha a mão aberta na garganta." (AMADO, 1937, p.57);e "— Tú não pode passar um dia sem bater coxas com esta bruaca, não é? Tú vae acabar tútú.." (AMADO, 1937, p.92). Provavelmente alteração de "burjaca" com acepção de "bolsa de mendigo ou peregrino". Há quatro ocorrências no livro.

**CAGAÇO DA DESGRAÇA**

No contexto, é possível presumir duas acepções: (i) "consciência ou sensação de perigo; medo, temor; e (ii) censura, repreensão, esta acepção empregada no Ceará: "Foram descendo a ladeira escorregadia da chuva da noite. E Pedro Bala ia narrando as aventuras da noite. O Gato perguntou: — Tú não teve nem um pingo de medo? Primeiro Pedro Bala pensou em dizer que não, depois confessou:— Pra falar verdade tive um **cagaço da desgraça**.." ..." (AMADO, 1937, p.141). Só há uma registro deste termo na obra.

**CAPITÃES DA AREIA**

Expressão definida pelo narrador como "creanças abandonadas que viviam do furto." "Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala á chefia e foi desta época que a cidade começou a ouvir falar nos **Capitães da Areia**, creanças abandonadas que viviam do furto. Nunca ninguém soube o numero exato de meninos " (AMADO, 1937, p.38) "E os ratos voltaram a dominar até que os **Capitães da Areia** lançaram as suas vistas para o casarão abandonado. " (AMADO, 1937, p.36). Entre outros epítetos, o narrador os chama de """demônios fugitivos do inferno":" grupo, certo dia em que passeava na extensão dos seus domínios (porque toda a zona do areal do cães, como aliás toda a cidade da Bahia, pertence aos Capitães da Areia) entrou no trapiche." (AMADO, 1937, p.36). Segundo o narrador, "creanças abandonadas que viviam do furto" e quantitivamente "Eram bem uns cem e destes mais de quarenta dormiam nas ruinas do velho trapiche." "Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade": "E os ratos voltaram a dominar até que os **Capitães da Areia** lançaram as suas vistas para o casarão abandonado. (AMADO, 1937, p.38). Aparece a expressão, ao menos, 193 vezes no livro.

**CHIBUNGO VESTIDO DE MENINA**

Com valor tabuístico e sentido pejorativo de homossexual masculino passivo:" Uns franguinhos como vocês, quem é que vae acreditar que seja capaz de derrubar uma mulher? Isso devia ser algum **chibungo vestido de menina**." (AMADO, 1937, p.51). Houaiss (2020) registra as grafias xibungo e chibungo, ambas sem datação.

Considerando a grafia chibungo, a que atesta a edição de 1937, o que Houaiss nos diz é que uma palavra de origem controversa.

**COMER**

Com a acepção informal de “submetido a, sofrer (punição)”: “O plano era arriscado, possivelmente não daria certo, Pedro Bala **comeria** cadeia uns dias e terminaria remetido para o Reformatorio, onde a vida era peior que vida de cão.” (AMADO, 1937, p. 133). Em “Mas se o fizesse Deus o castigaria, o fogo do inferno **comeria** durante uma vida que nunca acabava sua3 mãos que levassem o Menino, sua cabeça que pensava em levar o Menino.” (AMADO, 1937, p. 150), a acepção de comer sugere a acepção de “corroer aos poucos; carcomer, desgastar, gastar”. Guiado pelo contexto, a acepção de “ ter relação sexual com” sob paixão forte, corrosiva ou sentimento exaltado” parecer ser sugerida neste contexto: “— Bala, eu **como** o primeiro que chegar aqui.” (AMADO, 1937, p.229). Ou ainda, com a mesma acepção sexual, este contexto: “— Tú não pode fazer isso, Bala. — E Boa Vida passava a mão no talho. — Tú agora quer **comer** ela só com o Grande e Professor.” e, em seguida, “— Juro que não quero **comer** ela, nem eles quer. E' uma menina. Mas ninguém toca nela.Quem quizer que venha.” (AMADO, 1937, p.230).

**COMIDA**

Brasileirismo tabuístico, com acepção de “pessoa com quem se tem relações sexuais costumeiras ou pessoa que se entrega sexualmente, em geral de maneira passiva”: “— Professor tú tá pensando que a **comida** é só pra tú e pra João Grande? Deixa pra nós também.” (AMADO, 1937, p.226). Há duas ocorrências nesta acepção. O autor emprega o termo comida em pelo menos 25 outras situações com a noção de “aquilo que se come ou é próprio para comer; alimento”.

**CORNETA**

No sentido pejorativo, “ aquele que se intromete em tudo; trapalhão”: “— Toma, **corneta**, para aprender a não fazer burla de um homem.” (AMADO, 1937, p.129). Há duas ocorrências na obra.

**DEITAR**

Com a acepção de "conduzir (o olhar) de forma ampla e imprecisa: "— E' que o senhor não conhece estes meninos. (O Conego lhe **deitou** um olhar duro) — São meninos iguaes a homens. Vivem como homens, conhecem a vida toda, tudo. E' preciso tratar com geito, fazer concessões." (AMADO, 1937, p.202). Com o mesmo sentido de "dormir" isto é, ter relação sexual com: "— Quem manda **deitar** com outros." (AMADO, 1937, p.78). Há um outro contexto similar: "De outra feita outra mulher se **deitara** com ele numa cama, acariciara Com o mesmo sentido de dormir, isto é, ter relação sexual com: "— Quem manda **deita**r com outros." (AMADO, 1937, p.78). Houaiss (2019) oferece mais de 20 acepções deste verbo e, na obra, são 42 ocorrências com "deitar" também em diferentes matizes semânticas.

**DISQUE**

Atualmente, grafado "diz-que", mesmo que "disse me disse", como parte da sinonímia de boato e mexerico: "— **Disque** agora vocês tem uma putinha lá pra todo mundo..." (AMADO, 1937, p.248). A datação deste termo deve ser o ano de 1937, ano da publicação de Capitães da Areia. Interessante assinalar o seguinte: datado de 1543, a locução "disse me disse" significa "sucessão de intrigas; boataria, falatório [disse não disse, disse que disse, diz-que, diz que diz, diz que diz que, diz que me diz que]".

**DOR DA POSSE**

O narrador refere-se à "dor de ser possuída", isto é, "de fazer sexo com, geralmente usando força, opressão": "Ela parecia não sentir a **dor da posse**. Seu rosto acendido pela febre se enche de alegria. Agora a paz é só da noite, com Dora está a alegria. Os corpos se desunem. Dora murmura: — E' bom. Sou tua mulher."(AMADO, 1937, p.282-283).

**FILHO DA MÃE**

Tabuísmo equivalente a "filho da puta", isto é, "pessoa não confiável, traiçoeira, desonesta etc.: "— Deixa eu ir embora, desgraçado. Tú quer fazer minha desgraça **filho da mãe**? Deixa eu ir embora que não tenho nada com tú." (AMADO, 1937, p.119). Sobre

gramática e uso: “usado como interlocutório pessoal que frequentmente atesta um tratamento familiar ou carinhoso daquele que fala em relação à pessoa, em geral mais jovem, com quem se fala; b) a locução filho da puta, como outros disfemismos, pode ser empregado ironicamente como elogio ou em linguagem afetiva, com o que perde seu caráter pejorativo; c) as locuções filho da mãe, filho de cadela e filho das ervas são eufêmicas em relação a filho da puta.” (Hoauiss, 2020). Na obra, o emprego é expressivamente pejorativo. Há três ocorrências ao longo da obra.

**FILHO DE UMA ÉGUA**

Com acepção de “uma pessoa ruim, desgraçada, que comete maldades ou sacanagens, com reforço de matiz por “égua” designar “mulher que pratica a prostituição”: “— **Filho de uma égua**. — disse baixo. — Filho de uma égua de chaufer. Se um dia eu te pegar.” (AMADO, 1937, p.238). Só uma ocorrência.

**GENTES**

A flexão “gentes” não altera, no contexto, os usos informais da expressão, como substituto do pronome nós: “Professor baixou a cabeça. João Grande se levantou, sua voz era um chamado, era um grito de despedida também: — **Gentes, gentes**! Vieram todos, ficaram em torno. João Grande estendeu os braços: — **Gentes,** Professor vae embora. Vae ser um pintor no Rio de Janeiro. **Gentes**, viva Professor. (p.293). Há oito ocorrências na obra.

**GIGOLÔ DE MULHERES**

Houaiss (2020) data o termo de 1961 (segundo a datação de Ferreira e Ferreira, de 1961), com a acepção de “homem que vive às custas de meretriz, ou que é sustentado por sua amante”: “Querido de Deus certa vez disse que Gato enricaria. Porque a vida na rua, no abandono, fez de Gato um jogador deshonesto, um vigarista, um **gigolô de mulheres**.Não demorará que os outros partam.” (p.311). A datação do termo deve retroceder para o ano de 1937, com a publicação de Capitães da Areia.

**TORMENTO DE LASCAS CORTANTES**

Datado de 1553, podemos entender, pelo contexto, com duas acepções: a primeira e mais imediata a de "mulher atraente, vistosa" e a outra, levando o perfil de Boa Vida, e por força do tabuísmo e uso metonímico, a de "a genitália feminina; vulva": "Boa Vida estava deante deles. Sem Pernas vinha coxeando, e os outros logo atraz, os olhos estirados para Dora. Boa Vida falou: — Quem é essa **lasca**?" (AMADO, 1937, p.226).Na Literatura, essa ideia de lasca aparentemente vemos em Raul Pompéia em O Atheneu (Chronica de saudades): "A excitação recrudesceu; eu rolava na cama sobre um tormento de **lascas cortantes**. Que fazer? Denunciar o Franco de madrugada? " (1888, p.113). Há apenas um registro.

**MACACO DA POLICIA**

No Nordeste, tem acepção obsoleta de "policial das milícias estaduais": "— Ele não é um soldado de policia para gente tratar ele assim. E' um do grupo, ele falou direito. Vamos esperar Pedro Bala chegar. Ele resolve. E se alguém tocar nele eu queimo igual que fosse um **macaco da policia**. — e segurava o revolver." (AMADO, 1937, p.190-191). Há duas ocorrências na obra.

**MACAQUEIRO**

Com a acepção pejorativa de "aquele que faz carinhos interesseiros ou que bajula": "O que não é da tua conta, **macaqueiro**...— respondeu Pedro Bala ao de cara chupada." (AMADO, 1937, p.137). Só há um caso na obra.

**ÍNDIOS MALOQUEIROS**

Crianças abandonadas que "Viviam sob as pontes, roubavam e brigavam nas ruas" em Aracaju. Originalmente, refere-se a "menor que vagueia pelas ruas, geralmente em grupo, pedindo dinheiro, praticando pequenos furtos, especialmente os que pernoitam em maloca (no sentido de 'abrigo')", "marginal que vive ou pernoita em maloca (no sentido de 'esconderijo', 'casa de marginal')" ou ainda "marginal integrante de maloca (no sentido de 'grupo de malfeitores'); bandido": "O Gato ainda não está dormindo. Sempre sae depois das 11 horas. É o elegante do grupo. Quando chegou, alvo e rosado, Boa Vida tentou conquista-lo. Mas já naquele tempo o Gato era

de uma agilidade incrível e não vinha como Boa Vida pensava da casa de uma família. Vinha de meio dos **índios Maloqueiros**, creanças que vivem sob as pontes de Aracaju. Fizera a viagem na rabada de um trem. Conhecia bem a vida de um grupo de creanças abandonadas." (AMADO, 1937, p.52). Há cinco ocorrências na obra.

**MARICÁS**

Reação de Gato contra Boa-Vida, este, homessexual: "— Ele pensava que eu era **maricás**. Tú te faz de besta" (AMADO, 1937, p.54). So há uma ocorrência.

**MATA-CACHORRO DA SAÚDE**

Tem acepção pejorativa de "soldado de polícia" ou dos servidores a serviço Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública (Decreto nº 19.402, de 14/11/1930).: "Ele vae sair daqui agorinha mesmo. Vae se meter em qualquer canto da rúa até que os **mata-cachorro da saúde** pegue ele e leve pro lazareto. "(AMADO, 1937, p.190) e "Vae, sim. — fez Sem Pernas. — A gente não vae chamar os **mata-cachorro** aqui para toda policia saber onde a gente se açoita. Tú vae por bem ou por mal e leva teus trapo. Vae pro inferno que a gente não vae ficar com bexiga por você. Por amor de você, chibungo." (AMADO, 1937, p.190)

**Ô PESTE DE SORTE**

No português brasileiro, em geral, peste tem a acepção de "pessoa de maus bofes, mal-humorada, criadora de problemas ", mas o contexto parece sugerir ao leitor "admiração que Boa Vida tem por Pedro Bala" ou "que Pedro Bala que tem muita sorte, que obtém boas coisas com facilidade; lanzudo": "Boa Vida cuspiu: — **ô peste de sorte**, nunca vi" (AMADO, 1937, p.155). A datação, ao certo, para esta expressão e acepção (semântica especializada), é a de 1937, data de publicação de Capitães da Areia. Podemos ainda postular um caso de hápax (palavra ou expressão de que só existe uma única abonação nos registros da língua). A 1ª edição da obra registra "ô peste de sorte" em que a interjeição "ô" aparece com timbre fechado, enquanto as edições mais recentes recorrem a "ó peste de sorte" em que o timbre está aberto com a ideia de "chamamento ou interpelação". Podemos postular uma reconstituição da pronúncia de "ô peste de sorte", em

Salvador, na década de 30 no Brasil.  Há ainda um caso de valor interjetivo: — **Peste**! Tú tá até cheirando, Sem Pernas."(AMADO, 1937, p.168)

**PASSAR**

No contexto, com a acepção de "manter relações sexuais com": "— Não tá vendo logo que não me **passo** pra velho. Olhe, não quero mais conversa não..." (AMADO, 1937, p.136); e (ii) "— Esse nem sabe que é isso.. É um tolinho.Menino mimado. Tú tá feito bobo. Não vê que eu não me **passo**..." (AMADO, 1937, p.167). Há apenas duas ocorrências.

**CAMAS DOS PEDERASTAS**

Pederasta, datado de 1877, tem a acepção de "indivíduo que pratica a pederastia". Bem antes, o termo pederastia, datado de 1858, refere-se "a " prática sexual entre um homem e um rapaz mais jovem" ou, por extensão, "homossexualidade masculina". Existem uma tipologia de pederasta: "pederasta ativo, aquele que realiza a penetração e o pederasta passivo, aquele que sofre a penetração". Pelo contexto, talvez se refira à pederastia ativa: "O menino vae embora. Pedro nem perguntou seu nome. Tudo que quer é dormir. Mas os que andam para as **camas dos pederastas** fazem ruido." (AMADO, 1937, p.273). Há oito ocorrências e, com pederastia, três ocorrências.

**PEITAMA BEM BOA**

Peitama é um tabuísmo com o mesmo sentido de " peitaria" (conjunto de seios muito grandes): "— Tú ainda tem uma **peitama bem boa**, hein,tia?" (AMADO, 1937, p. 110). Sem datação em Houaiss (2020), é possível postularmos o ano de 1937 como sua indicação de data.

**PENETRAR E INVADIR**

Datado do sXIV, com a acepção de "introduzir o pênis na vagina ou no ânus de": "— Tú é capaz de **penetrar**?— Se sou...— Depois a gente **invade**." "(AMADO, 1937, p.301)., o que parece sugerir que "penetrar" seja "introduzir o pênis na vagina" e "invadir", a penetração no ânus (coito anal).

**PIROCA**

Pelo contexto, pênis: "— Agora tú vae ter bexiga na **piroca**, negro burro." (AMADO, 1937, p.189). Um dos poucos romances brasileiros que recorre a este termo. Há apenas uma ocorrência.

**PUTA**

A acepção mais imediata ao contexto é "prostituta" ou "qualquer mulher lúbrica que se entregue à libertinagem": "— O pae dela, a mãe dela morreu de bexiga. A gente encontrou ela, não tinha onde dormir, a gente trouxe ela. Não é uma **puta**, é uma menina, não vê que é uma menina? Ninguém toca nela, Bala." (AMADO, 1937, p.229). Na obra, Ezequiel se refere à Dora como "putinha": "— Disque agora vocês tem uma **putinha** lá pra todo mundo..." (AMADO, 1937, p.248). Há apenas um caso na obra.

**PÁSSARO**

Com a acepção figurativa de "homem astuto, espertalhão": **"**— Afinal... Faz bastante tempo que espero este **pássaro**, Ranulfo." (AMADO, 1937, p.260). É cabível pássaro como o mesmo que "ave" (pessoa que ludibria outros; velhaco, trapaceiro). Há duas ocorrências com esta mesma acepção.

**ANDAR DE PENETRA**

Datado de penetra de 1881, com a noção de "que ou aquele que, sem ser convidado ou possuir ingresso, entra em festas, reuniões, teatros etc": "— Tú já deu uma espiada na escola de Belas Artes? E' um belezame, rapaz. Um dia **andei de penetra**, me meti numa sala. Tava tudo vestido de camisão, nem me viram. E tavam pintando uma mulher nua. Se um dia eu pudesse. ." (AMADO, 1937, p.179). Há 17 ocorrências para o verbo penetrar, mas só um caso da regressiva penetra.

## Estudo a partir dos Culturenas

## Os Idioculturemas em Capitães da Areia (1937), de Jorge Amado[2]

### Introdução

Neste trabalho apresentamos um estudo dos culturemas relacionados à cultura linguística (denominados, aqui, de idioculturemas) que marcam estilisticamente o discurso literário do escritor baiano Jorge Amado.

Objetivamos analisar as escolhas lexicais do autor no romance Capitães da Areia (1937), com a intenção de elaborar, futuramente, um glossário a ser anexado à referida obra, com fins de práticas de leitura literária na educação básica, no qual apresentamos os culturemas mais expressivos na referida obra do ponto de vista da estilística léxica e suas definições conforme o Dicionário Houaiss (2009). Para o desenvolvimento do estudo, recorremos às teorias fraseológicas e linguísticas, considerando que a linguagem utilizada por Jorge Amado é um reflexo da interação entre sociedade, língua, literatura e cultura, sendo o discurso literário, por excelência, a instância discursiva que transfere para a produção romanesca do escritor o reflexo da sua influência cultural nos anos 30.

O presente trabalho tem por objetivo mostrar alguns culturemas relacionados à cultura linguística, de cunho regional, presentes no romance *Capitães da Areia*, em sua edição de 1937.

A narrativa literária é uma privilegiada fonte de extração de culturemas,unidades culturalmente motivadas (SANTIAGO, 2014), posto que nos possibilita o contato com tempos e espaços que não conhecemos ou simplesmente ignoramos. Daí, do estudo dos culturemas tornar-se insumo importante para a elaboração das sequências didáticas por docentes, sobretudo os que atuam na educação básica ou os que ministram aulas no Português Brasileiro (PB) como L2. Não há dúvida, pois, do alcance didático-pedagógico da leitura literária na formação de novos leitores.

---

[2] Originalmente publicado na Revista *Linha D'Água* (USP, 2019) em coautoria com Márton Tamás Gémes (UVA).

Em *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado, causa fascínio para os falantes ou leitores do Português Brasileiro (PB) e não menos aos ouvintes ou leitores do PB como L2 que facilmente observam e contemplam as relações entre Língua e Cultura mais representativas da cidade de Salvador e da das relações sociais descritas pelo romancista na década de 30, particularmente as presentes no âmbito das instituições culturais, universo social, cultura material e identidade linguocultural, marcadamente regionais, idiossincrásicas e com o "jeito próprio baiano de ser".

O romance *Capitães da Areia* (1937) relata experiência de vida marginalizada e a luta cotidiana por sobrevivência, de um grupo, de menores abandonados, tendo como principal cenário a Cidade alta e a Cidade Baixa, em Salvador. Do ponto de vista da Estilística Literária, trata-se de um romance regional com bastante riqueza dos componentes morfológicos e lexicográficos da estilística léxica, isto é, desde os primeiros capítulos evidenciam-se aspectos expressivos de lexias simples [*#chibungo#*], composta [*#fura-greve#*] e complexa [*#bate o trinta e sete#*] ligados aos elementos semânticos e morfológicos da língua, os quais são ligados também, expressivamente, a aspectos sintáticos e contextuais, como, por exemplo, no contexto do culturema [*#andar ao léu#*]: "Gostava de *andar ao léu* nas ruas da cidade, entrando nos jardins para fumar um cigarro sentado num banco, entrando nas igrejas para espiar a beleza do ouro velho, flanando pelas ruas calçadas de grandes pedras negras." (AMADO, 1937, p.94).

Dada a riqueza lexical do romance, foi possível extrairmos 634 culturemas nos sete âmbitos ou áreas estudadas (ecossistema, história, mitos e legados, organização social, instituições culturais,universo social, cultura material e identidade linguocultural). A rigor, todos os culturemas selecionados dizem muito do esforço de Jorge Amado de realmente estabelecer uma obra de cunho regional sem qualquer subserviência a um modelo regionalista ou escola literária dos anos 30.

A obra de Jorge Amadose distingue de outros romances dos anos 30 por sua forte carga ideológica, com elementos fortes da língua e cultura, o equivale a dizer que há expressiva presença de um léxico culturalmente marcado, cuja linguagem regional está condicionada pela fala de seus usuários (crianças de rua, representantes das classes

mais desprovidas de recursos) e inserta num contexto sócio-político da década de 30 também marcante, de modo a fazer frente às estratégias de controle colocadas em jogo pelo Estado Novo durante a Revolução de 30, estando à frente o político gaúcho Getúlio Vargas).

Com um número tão expressivo de referentes culturais, debruçamo-nos sobre os culturemas mais recorrentes em cada um dos âmbitos mencionados. Assim, no âmbito das Instituições Culturais, demos atenção aos tabuculturemas, isto é, os culturemas referentes à cultura religiosa, às crenças e aos tabus. Do Universo Social, selecionamos os antropoculturemas, isto é, os culturemas relacionados aos nomes próprios, pseudônimos, nomes de batismos e alcunhas bem como os que denominamos de geoculturemas, culturemas relacionados à geografia cultural, com referência a populações, estados, munícipios, distritos, localidades, estrutura viária, ruas, países e toponímia. Esse inventário léxico-semântico revela muito da expressividade estilística da obra.

No âmbito da Identidade Linguocultural, foco de apresentação no presente estudo, extraímos exemplos de idioculturemas, basicamente os de cunho fraseológico (expressões idiomáticas e locuções diversas).

## 1 **Culturema, língua e cultura no discurso literário**

Os teóricos que embasaram nosso estudo são PamiesBertrán (2008), LuqueNadal (2009) e Igareda(2011) quando tratamos dos princípios da culturologia, do conceito e da classificação de culturemas; e, em Corpas Pastor (1996), Martins (2013), entre outros, quando buscamos os pressupostos da Fraseologia Geral, mais especificamente os idiomatismos decorrentes da cultura linguística no campo literário, a que denominamos neologicamente aqui de *idioculturemas*.

No âmbito dos aspectos linguísticos, este trabalho se justificou, desde logo, devido à escassez de estudos com foco nos culturemas na literatura brasileira, sendo predominante os estudos voltados para o campo de Tradução. Além disso, soma-se a necessidade de desenvolver pesquisas que envolvam a obra de Jorge Amado seguindo os aspectos correspondentes à língua e Estilística Léxica, uma vez que

a maioria de estudos atuais está relacionada aos aspectos literários, deixando à margem os estudos do léxico.

Precisamos unir língua e literatura e estudar o discurso literário do ponto de vista linguístico (MOÇO, 2015; e CARETTA, 2018). A língua portuguesa, o que inclui, evidentemente, o conjunto de suas literaturas europeia, africana e brasileira, é resultado de experiências coletivas da memória cultural que se materializou antes do surgimento de nossa noção de nacionalidade e também dos passos que cada um de nós demos ao longo de mais de cinco séculos na construção de nossa "brasilidade". Essas experiências deixaram e continuam deixando marcas na literatura, arte, folclore e música; em particular, as experiências linguocuturais revelam muito do que verdadeiramente somos enquanto brasileiros, porque expõem nossas idiossincrasias, comportamentos, atitudes, linguagens, artes, ideologias e culturas.

Nessa perspectiva estritamentelinguocultural, a cultura, entendida como etapa evolutiva de valores morais, intelectuais e espirituais de uma comunidade linguística, segue uma linha quase imperceptível com a linguagem literária, de modo que língua e cultura formam instrumentos inseparáveis (MIRANDA MÁRQUEZ, 2014). É a língua que se encarrega de criar elementos da cultura linguística capazes de expressar as formas particulares em que os falantes ou escritores percebem o mundo a sua volta. Um desses elementos são os chamados culturemas, objeto de nossa atenção neste estudo.Com isto, podemos afirmar que os culturemas criam e constroem limites para outras comunidades linguísticas ou para grupos divergentes dentro da mesma comunidade. Portanto, conhecimento e emprego de culturemas específicos demarcam aquilo que Elias e scotson (2000) definem como*outsider* x *insider*, criam experiência de *pertence* e, finalmente, *identidade*.

Seguindo o instigante ponto de vista etimológico, o termo *culturema*, como unidade discreta da Culturologia (LUQUE NADAL, 2012) e com emprego semelhante a outras unidades linguísticas (fonema, morfema, semantema), vem de cultura, palavra originada do latim *cultūra,ae* e tem sentido de cuidar, tratar, venerar (no sentido físico e moral), acrescido do profícuo sufixo *–ema.*O elemento antepositivo*cult-* vem, por sua vez, do verbo latino *colo, is, colŭi, cultum, colĕre*que, diz respeito ao ato de plantar e desenvolver

atividades agrícolas. Por ampliação, mais tarde, desenvolveu-se o sentido "*cultivar a mente*".

Partindo do pressuposto de que os culturemas são referenciais culturais de determinada língua e geralmente expressos em unidades do léxico ou lexias de diversos níveis (complexas, compostas e simples, na terminologia de Pottier, 1978) e que outras mbinatórias fixas podem também revelar formas particulares ou especiais de o falante ver e representar a realidade ou o mundo (dimensão extralinguística).

A partir do texto literário, entendemos que são eles, os culturemas, que formam parte do patrimônio linguocultural que determinam os traços e a construção sociocultural do idiotismo da língua, com traços peculiares do "espírito da nação" e com reflexos, por força do relativismo linguístico, na comunicação, cultura e convenção social (MILANI, 2008; e TANOS ROBEIN, 2013).

Ao certo, são os culturemas as unidades linguísticas, por excelência, responsáveis por fatores de "idiomaticidade opaca" por parte de falantes não nativos do PB quando estão diante de fraseologismos frequentes na língua-alvo com constituintes identificados como próprios do regionalismo literário ou linguística (por vezes, as corruptelas ou variações linguísticas, chamam a atenção dos falantes não nativos porque apesar de evocar a fixação fraseológica das formas canônicas das fraseologias, tem forte apelo no dialetismo popular, nos termos de Zuluaga, 1980), sem falar que essas formas variantes que provocam uma *metaforicidade alta* (MARTINS, 2013), em benefício ou não da compreensão ou interpretação do leitor. Substancialmente, no campo literário, podemos afirmar, com segurança, que são osfraseologismosas unidades linguísticas que podem se tornar um obstáculo na compreensão leitora, sejam os leitores nativos ou não nativos da língua portuguesa.

A definição de culturema adotada em nosso estudo aproxima-se ao que postula PamiesBetrán (2008, p. 54), precursor nos estudos desses elementos associados à teoria fraseológica, que considera os culturemas como "símbolos culturalmente motivados", funcionando como alusões simbólicas. Essas referências culturais da língua geralmente são compostas por lexias compostas ou simples, além de combinatórias fixas e correspondem a uma dimensão extralinguística, ou seja, são capazes de representar as particularidades de uma comunidade. Numa palavra, não podemos que compreendemos bem

uma obra como *Capitães da Areia* (1937) sem fazermos alusão ao Estado Novo, fase ditatorial da Era Vargas.

Os estudos brasileiros referentes aos culturemas, quando abordados dentro da área da Fraseologia, ainda são recentes e de menor número, para não dizermos escassos. A maior incidência de pesquisas sobre os culturemas no Brasil diz respeito, como dissemos anteriormente, ao campo da Tradução, no qual são também conhecidos como "referências culturais". Embora nesses trabalhos, como os Molina Martínez(2001); Giracca(2013) eMattioli(2014),a temática culturológica tem sido tratada de maneira tangenciada e como forma de elucidar outros tópicos não diretamente às práticas de leitura literária. Em todo caso, vale ressaltar a relevância das pesquisas que buscam tratar as manifestações culturais nos elementos linguísticos.

Os culturemas podem estar associados a diversos setores da vida humana, como os acontecimentos históricos, a gastronomia, política, religião, geografia, arte, costumes e tantos outros. Além disso, os culturemas contribuem para a formação de imagens mentais tradicionais. Por exemplo, dizemos que é de "cortar o coração" quando algo causa emoções relacionadas com a tristeza ou a compaixão, ou seja, entendemos o "coração" como instrumento dos sentimentos, à guisa das civilizações antigas. E ao dizermos que alguém é "*duro de cabeça*" é o mesmo que dizer "*teimoso, obstinado*" ou, se dizemos "*sem cabeça*" é o mesmo que "*não temos condições de pensar, de raciocinar sobre um determinado assunto no momento*", sendo então a "*cabeça*" o símbolo da razão.

Em substância, podemos conceber os culturemas como *signos ideológicos*, uma vez que trazem a realidade concreta e abstrata do indivíduo e refletem a vivência de mundo, devendo ser compartilhados com outros de uma mesma cultura para que sejam compreendidos (OYARZABAL, 2013, p. 63)

Para identificação dos culturemas em Capitães da Areia (1937), alguns aspectos linguísticos foram previamente levados em conta para definirmos o que poderia ou não ser considerado "unidades linguisticamente motivadas".

Tomamos como ponto de partida os estudos de LuqueNadal (2009) que estabelece alguns critérios para reconhecer se um fato linguístico cumpre os requisitos necessários para noção de culturema.

Um deles, por exemplo, é o que a autora chama de “Vitalidade, figuratividade e motivação”, que diz respeito à usabilidade das expressões pelos falantes. Interessante exemplo de expressão idiomática marcada pelo anacronismo ou obsoletismo é dado por Cerqueira (2018) com a locuçãovoltar à vaca-fria com sentido equivalente ao de “retomar uma questão interrompida ou o assunto principal”, que caiu, segundo a autora, em total desuso na língua portuguesa; portanto, de baixa frequência ou usabilidade fraseológica. No entanto, a literatura marca e preserva justamente estas expressões idiomáticas obsoletas que, em consequência, se tornam talvez o maior desafio para o leitor contemporâneo, como podemos conferir na expressão [#acabar tútú#], dado que é desconhecida pela maioria dos falantes hoje em dia.

Segundo Cerqueira (2018), outros culturemas, principalmente os oriundos de religiões e fatos históricos, tendem a ser mais duradouros na língua. A partir desse importante critério, entendemos que os culturemas precisam ter um sentido compartilhado pela comunidade (CASARES, 1969)em benefício da idiomaticidade (sentido metafórico) e da fixação (repetição), propriedades fraseológicas disponíveis para os falantes.

Tomando ainda como referência o estudo de LuqueNadal (2009, p.105), diríamos que o critério “Produtividade fraseológica do culturema” refere-se às variações fraseológicas que podem ser facilmente compreendidas. Voltando à Cerqueira (2018) que analisa a presença de culturemas em texto literário, são essas variações que indicam que os culturemas têm uma “entidade mental” própria. Oculturema [#**judas**#], por exemplo, refere-se ao antropônimo Judas Iscariotes, discípulo traidor de Jesus Cristo, alusão imprescindível para compreendermos as tradições medievais do “queimar ou malhar o Judas” assim como o verbo ‘judiar’ com sentido de “causar sofrimento físico ou moral; atormentar, maltratar”, acepção que resulta do mesmo modo das antiga tradição antissemita de origem europeia.

Estes critérios, acima assinalados, serviram como base para identificação dos culturemas em Capitães da Areia (1937), que foram, posteriormente, recategorizados, para fins mais didáticos, tendo como ponto de partida o modelo de Igareda (2011).

Surpreendentemente, encontramos dificuldade em separar os conceitos de Culturologia e Fraseologia na análise do texto literário.

As dificuldades se dissiparam à medida que chegamos à conclusão de que as principais pesquisas culturológicas têm um fundo fraseológico (LUQUE NADAL, 2012), ou seja, a compreensão de expressões idiomática não se assenta predominantemente na configuração sintática, e sim, do sentido não composicional da expressão, ainda que a expressão seja semântica e pragmaticamente aceita para o sentido composicional (LEGROSKIL, 2012).

Evidentemente, a Fraseologia e a Culturologia podem ser estudadas a partir novadores aportes teóricos de outras áreas do conhecimento como os das ciências sociais, em particular, os da antropologia cultural (a estratificação social, o ciclo de vida, a cultura imaterial, a arte e o folclore).

Este trabalho assume, todavia, e principalmente, os pressupostos de Corpas Pastor (1996, p.20) para delimitação do campo de estudo, os quais consideram a Fraseologia como parte da Linguística que se encarrega do estudo das unidades fraseológicas, também chamadas de fraseologismos. Nesse sentido, entende-se que a Fraseologia estuda o léxico da língua não constituído de vocábulos soltos e independentes, mas sim de combinações fixas.

Essas combinações, também ditas “lexias”, são registradas por grande parte dos dicionários da língua portuguesa, como por exemplo, “falar pelos cotovelos”, geralmente encontrada dentro do verbete “cotovelo”.

Para a composição deste trabalho, recorremos à noção de expressão fixa conforme esclareceFulgêncio (2008, p.101), que a estabelece como “qualquer sequência de palavras que é memorizada pelos falantes da língua como um todo unitário, sendo igualmente recuperada da memória em bloco”, ou seja, são expressões que não devem ser interpretadas composicionalmente, ou seja, por meio da soma de seus elementos constituintes.A partir das definições apresentadas, deduzimos, simplificadamente, que os fraseologismos ou expressões fixas são uma combinação de palavras que apresentam características próprias como certa estabilidade e rigidez estrutural e semântica e que são memorizados em bloco pelo falante.

Para recorrermos mais uma vez à Cerqueira (2018), afirmamos que são os falantes nativos de uma língua são os que contam sobremaneira com unidades língua-cultura disponíveis no seu sistema linguístico. A utilização dessas expressões linguoculturais, em geral,

fixas, é uma das formas de representar e categorizar o mundo, por meio de estruturas repletas de significação.

## 2 **Metodologia e constituição de corpus de culturemas**

A presente pesquisa sobre culturemas aproxima-se muito, em se tratando de procedimentos metodológicos, de pesquisas semelhantes realizadas pelo Grupo de Investigação de Linguística Tipológica e Experimental (GILTE)da Universidade de Granada, que trabalha desde 1997 com temas relacionados ao léxico e às culturas das línguas modernas. Seguindo os passos do GILTE, selecionamos itens com acepções, exemplos e outras informações enciclopédicas para uma posterior formatação de um glossário linguocultural de termos regionais a serem disponibilizados para a reedição crítica ou comentada da obra em tela.

No dicionário (independente) ou glossáriolinguocultural (anexado ao texto literário, como apêndice), base fundamental para um estudo de natureza mais interlinguística e intercultural, as relações entre cultura e linguagem são investigadas através do estudo de fraseologias, parêmias, palavras culturais, comparações proverbiais, piadas, alusões, trechos de músicas, discursos repetidos, clichês, slogans etc. Aqui, daremos exemplos de expressões idiomáticas ou de locuções verbais com grau médio de idiomaticidade (metaforicidade).

Os processos metodológicos deste trabalho foram constituídos das seguintes etapas:

**a) Leituras, releituras da edição antiga da obra**: esta etapa consistiu na leitura da obra na sua edição mais antiga (1ª edição) de *Capitães da Areia*, de 1937. Após esse processo leitor, iniciamos o processo de buscas eletrônicas mais sistematizadas de culturemas em suas diversas manifestações formais bem como contabilizando o número de ocorrências.

**b)** *Revisão de literatura:* realizamos nessa fase uma busca no *Google Acadêmico* e repositórios acadêmicos *online* de artigos, dissertações e teses sobre *pesquisas envolvendo culturemas em textos literários*, com o objetivo de conhecer a sistemática das pesquisas já realizadas e sobre suas temáticas

**c)** *Levantamento de culturemas nos seus diversos âmbitos linguoculturológicos:*procuramos construir um inventário de

culturemas, nos seus diversos âmbitos, na obra literária. Para esta etapa de trabalho, fizemos o recorte para os relacionados à cultura linguística, os idiomatismos ou, como já mencionamos, anteriormente, os idioculturemas.

**d)** *Análise e refinamento dos culturemas:* de posse da recolha de culturemas, seguimos para organização e análise desse material, iniciando uma discussão léxico-semântica.

A organização do levantamento dos culturemas percorreu os seguintes critérios:

**a)** *Corpus*: durante a constituição do *corpus*, todos os culturemas foram apresentados entre colchetes e *hashtags*, da seguinte forma: [*#culturema#*].

**b)** *Contexto:* cada um dos elementos do levantamento segue acompanhado do seu respectivo trecho em que aparece em Capitães da Areia (1937). Enriquecemos esta seção com informações etimológicas, datações e formas históricas (aqui, para deixarmos os culturemas, neste trabalho, mais "enxutos", procedemos com o apagamento dessas informações na seção). Graças a esse procedimento, poderemos, no futuro, propor datação e retrodatação para muitos verbetes do Grande Dicionário Houaiss (2009), nossa principal fonte de consulta quando da apresentação de acepções para os termos (verbetes e locuções) selecionados.

**c)** *Referência:* baseando-se na versão impressa da obra, incluímos, nasnotas informativas de remissão, sobre os culturemas as indicações de página, como neste exemplo: (AMADO, 1937, 45).

**d)** *Informações enciclopédicas*: nesta parte, couberam os comentários livres ou de caráter enciclopédico sobre os culturemas selecionados.

A classificação escolhida para nossa pesquisa foi baseada em Igareda (2011). Apesar de voltado para o campo da Tradução, elegemos o método de Igareda para embasar nosso *corpus* devido a sua amplitude e por ser direcionado para análise estilística do discurso literário, conforme as lições de Estilística Léxica de Martins (2008), foco privilegiado neste trabalho.

A categorização de Igareda (2011, p.19) é dividida gradativamente em três níveis, sendo: categorização temática, categorização por áreas e subcategorias. A autora divide o primeiro em sete classes: ecologia, história, estrutura social, instituições sociais, universo social, cultura

material, aspectos linguísticos culturais e humor. Os demais níveis podem ser variados e receber novas nomenclaturas (por exemplo, moedaculturemas, para se referir a moedas), à medida que o pesquisador vai extraindo os culturemas do texto literário.

## 3 **Seleção de Idioculturemas**

Como afirmamos anteriormente, podemos conhecer a cultura da comunidade por meio de sua fraseologia, seja expressa na língua falada ou na língua escrita (PAMIES BERTRÁN, 2008; BOUGHABA, 2014; e MIRANDA MÁRQUEZ, 2014)

A língua literária, por excelência, pode ser considerada como produto da cultura (Saussure, 2012, p.54) sendo os culturemas os elementos culturais que melhor expressam o cotidiano,as tradições e os costumes de uma determinada comunidade. São os culturemas que, em geral, evocam uma realidade cultural impregnada de símbolos e metáforas próprias de uma sociedade.

Os culturemas relacionados à identidade linguocultural, mais frequentes em Capitães da Areia (1937), de Jorge Amado, permitem-nos adentrar no ambiente cultural vivenciado e construído pelo povo baiano. Alguns de seus culturemas, neste âmbito, dizem muito da cultura baiana, do seu jeito idiossincrásico de ser, entre os quais citaríamos: [#comentar para os botões da farda#], [#abrir no mundo#], [#acabar tútú#] [#acertar as contas#], [#agora é que vão ser elas#], [#andar ao azar#], [#andar ao léu#], [#bate o trinta e sete#], [#bater a caçuleta#], [#bater aza#], [#bater coisas#],[#bater coxa#], [#dar dois dedo de prosa comigo#], [#dobrar a língua#], [#estar com um peso da mãe#],[#fazer o amor (com) #],[#fazer o amor (completo) #], [#fazer os serviços#],[#fazer pelo sinal#], [#fechar a cancela#], [#fechar os olhos#], [#ficar com nó na garganta#], [#negro quando pinta, três vezes trinta#], [#pagar a pena#], [#pagar o bem com o bem#] , [#pensar na morte da bezerra#], [#receber um presente de grego#] ,[#puxar ao#], [#puxar conversa (com)#], [#a sede é pior que uma cobra cascavel#], [#dar o fogo#] [#meter as mãos#], [#não ser pra teu bico#], [#tirar o cabaço (a)#], [#ficar em maus lençóis#] e [#tocar bronha#]

Comentamos a seguir, a partir do conjunto de itens acima, alguns dos idioculturemas, em seus respectivos contextos, que, na eleição

léxica de Jorge Amado, apresentaram maior grau de expressividade estilística em Capitães da Areia (1937).

**[#COMENTAR PARA OS BOTÕES DA FARDA#]**

"O guarda o espiava. Depois comentou para os botões da farda: — Bem dizem que estes poetas são doidos.." (CA, 1937, p.185)

Trata-se de uma variação fraseológica de "falar com seus botões" com sentido de "falar consigo mesmo", levando o leitor a recuperar a forma fixa "aos seus botões ou com seus botões ", por metáfora, com sentido de "de si para consigo

**[#ABRIR NO MUNDO#]**

"Pedro Bala e João Grande abalaram pela ladeira da Praça. Barandão abriu no mundo também." (CA, 1937, p.318)

Pelo contexto, equivalente a "cair no mundo" com acepção de "fugir, desaparecer".

**[#ACABAR TÚTÚ#]**

"""— Tú não pode passar um dia sem bater coxas com esta bruaca, não é? Tú vae acabar tútú.." (CA, 1937, p.92).

À primeira vista, pareceu-nos um cochilo editorial. Não se trataria de "acabar tútú", e sim, "acabar tatu" como variante da expressão "levar um tatu ou pegar um tatu" com acepção de "ser derrubado; cair" como nos sugere o contexto da expressão, Não encontramos um significado específico. Provavelmente é uma gíria da época, um jargão dos 'capitães da areia'.

**[#ACERTAR AS CONTAS#]**

"— Então podem ir. Depois, tem que ser antes de duas horas, voltem aqui. Mas só quando a rua estiver deserta. Eu os esperarei. Acertaremos nossas contas então." (CA, 1937, p.76).

No sentido de "dar remuneração a; gratificar, recompensar é bem transparente.

**[#AGORA É QUE VÃO SER ELAS#]**

"— Com certeza está com o homem. Agora é que vão ser elas." (CA, 1937, ´p. 79).

Mesmo que “agora é que são elas” com sentido de expressão usada para indicar que os problemas ou as dificuldades vão começar. São formas variantes e equivalentes em termos de acepção “agora é que são elas ou aí é que são elas, aí é que reside a dificuldade, agora é que começam os problemas; aí é que bate o ponto, aí é que a coisa fia fino”

**[#ANDAR AO AZAR#]**

“Pedro Bala enquanto sobe a ladeira da Montanha vae pensando que não existe nada melhor no mundo que andar assim, ao azar, nas ruas da Bahia.” (CA, 1937, p.176).

Ao contexto dado, a acepção mais próxima seria a de “andar à sorte”, isto é, “à sorte, ao acaso, a esmo; aleatoriamente, acidentalmente”.

**[#ANDAR AO LÉU#]**

“Gostava de andar ao léu nas ruas da cidade, entrando nos jardins para fumar um cigarro sentado num banco, entrando nas igrejas para espiar a beleza do ouro velho, flanando pelas ruas calçadas de grandes pedras negras.” (CA, 1937, p.94).

Tem o mesmo sentido de “andar à toa, a esmo”.

**[#BATE O TRINTA E SETE#]**

“— O Gringo andou ruim. Quasi bate o trinta e sete. Andou por pouco. Se não fosse Don'Aninha que deu beberagem a ele que botou ele em pé, tú não via mais ele. Tá mais magro que um espeto...” (CA, 1937, p. 168).

Com a acepção de “falecer, morrer; bater o trinta e um de roda, bater o trinta e um”

Acreditamos que se trata de variação fraseológica ou uma “corruptela fraseológica” da expressão “bater o trinta e um” (hipótese da escrita da expressão distanciada de uma linguagem com maior prestígio social).

**[#BATER A CAÇULETA#]**

“— De que morreu, sua mãe? — Mesmo não sei. Deu uma coisa exquesita na pobre, uma febre de mau agouro, ela bateu a caçuleta em cinco dias. E me deixou só no mundo.”(CA, 1937, p.156).

Houaiss (2009) registra como acepção de "morrer; bater as botas" para a referida expressão.

**[#BATER COXA#]**

"— Tú não pode passar um dia sem bater coxas com esta bruaca, não é? Tú vae acabar tútú.." (CA, 1937, p.92)

Atualmente, tem-se o substantivo "bate-coxa", forma tabuística de "relação sexual; cópula".

**[#DAR DOIS DEDO DE PROSA COMIGO#]**

"— O "Loiro", que morreu na greve? Como não me lembro. Era um que toda tarde vinha dar dois dedo de prosa comigo. Gostava de tirar pilhéria."(CA, 1937, p.111)

A locução fixa é "dois dedos de", com a ideia de "um tantinho, um pouquinho".

**[#DOBRAR A LÍNGUA#]**

"— Dobre a lingua, filho da mãe." (CA, 1937,p.248).

Seria possível aqui uma metáfora mista: dobrar o joelho como sinal de respeito e 'dobrar' a língua, falar de forma respeitosa.

**[#FAZER O AMOR COM ALGUÉM #]**

"O Gato respondia aos sorrisos e seguia. Esperava que uma o chamasse e fizesse o amor com ele." (CA, 1937, p.54)

Com o sentido da obra, atualmente, utilizamos a expressão, sem o artigo "o", "fazer amor" com sentido informal de "manter relações sexuais; copular".

**[#FECHAR A CANCELA#]**

"Já fechei a cancela, Boa Vida. Passei da idade. Pergunta a este. — apontava João de Adão. — Vi quando ele, quasi menino assim como tú, fez a primeira greve aqui nas doca. Naquele tempo ninguém sabia que diabo era greve. Tú te lembra, compadre?" (CA, 1937, p.110).

Equivalente hoje a "não ter mais relações sexuais".

**[#FICAR COM NÓ NA GARGANTA#]**

"Olhou o desenho semi-apagado, seguio seu caminho ainda com as mãos nos rins. Ia quasi sem pensar, com um nó na garganta." (CA, 1937, p.129)

Houaiss (2009) data a locução de 1551 cuja acepção é "aperto na garganta causado por uma emoção forte".

**[#NEGRO QUANDO PINTA, TRÊS VEZES TRINTA#]**

"Pedro Bala falou: — Negro quando pinta, três vezes trinta." (CA, 1937, p.110).

A expressão "negro quando pinta três vezes trinta" era uma expressão utilizada para dizer que os negros não aparentavam a idade que tinham. Negro quando apresenta a idade (pinta), já tem muito mais do que se imagina (três vezes trinta).

**[#PENSAR NA MORTE DA BEZERRA#]**

"— Tá pensando na morte da bezerra, seu mano?" (CA, 1997, p. 113).

No contexto, há um interessante caso de uso de "seu mano" como interlocutório pessoal. Trata-se de uma fraseologia cujo sentido idiomático é "estar distraído ou absorto consigo próprio; estar pensativo, não estar atento ao que se passa em torno"

**[#SABER O SEU A. B. C.#]**

"— Até parece Rosa Palmeirão. Nunca houvera mulher tão valente como Rosa Palmeirão. Dera em seis soldados de uma vez. Todo marítimo sabe o seu A. B. C. no cães da Bahia. Por isso Dora gosta da comparação e sorri: — Obrigado, mano." (CA, 1937, p.251).

A acepção figurativa mais adequada ao contexto é a mesma de*bê-a-bá*, isto é, "história relatada; narrativa".

**[#TÁ COMO URUBU EM CIMA DE CARNIÇA#]**

"— Tá tudo como urubu em cima de carniça." (CA, 1937, p.226).

Uma variação fraseológica de "tá mais alegre do que urubu na carniça", com a acepção figurativa mais aproximada de "abutre", isto é, "pessoa que espera ou deseja a morte ou o desaparecimento de outrem de modo a obter bens ou vantagens".

**[#NÃO SER PRA TEU BICO#]**

"A negra atirou o chinelo, Boa Vida desviou o corpo:— Se eu tivesse uma filha não era pra teu bico, malandro." (CA, 1937, p.114).

Trata-se de fraseologia com sentido idiomático de "não estar de acordo com as possibilidades de (alguém)".

[#**TIRAR O CABAÇO (A)**#]

"— Quem tirou teu cabaço?— Ora, me deixe.. — respondeu o pederasta rindo." (CA, 1937, p.136).

Com acepção de desvirginar, descabaçar (especialmente, mulher), mas o contexto refere-se a desvirginamento do pederasta "Mariasinha".

[#**FICAR EM MAUS LENÇÓIS#**]

"Almiro foi mesmo levado para o lazareto e o padre ficou em maus lençóes pois o medico (que se dizia livre-pensador, mas em verdade era espirita) denunciou o padre também como encobridor do caso." (CA, 1937, p.196).

Com pelo menos duas acepções adequadas ao contexto: (i) "em situação crítica, difícil, arriscada"; e (ii) "em posição indefensável perante seus acusadores".

**[#TOCAR BRONHA#]**

"— Mesmo esse couro — disse o Gato — não me tenta. Nem pra me tocar bronha." (CA, 1937, p.58).

Automasturbação, isto é, masturbação praticada em si próprio

**Considerações Finais**

No decorrer deste trabalho se evidenciou, de forma bastante explícita, o quanto o conhecimento de culturemas é importante para uma recepção adequada de Capitães da Areia, e, por outro lado, a diversidade linguística, tanto no sentido sincrônico, como diacrônico. O recorte cultural e linguístico, que o romance de Amado nos traz, representa falas e expressões bastante específicas – as da cultura urbana e popular baiana da entre-guerras – que se constitui, desta forma, como representação da diversidade cultural brasileira ou, como diria Darcy Ribeiro, de uma das muitas ilhas Brasis. Enquanto alguns

destes culturemas marcam e distinguem, portanto, a cultura e, em última instância, a identidade baiana dos anos 30, outros demonstram, pela sua transparência e emprego em outras ilhas Brasis, uma rica relação de interfecundação linguística entre diferentes regiões do Brasil e, portanto, expressam uma identidade linguística brasileira.

Sabemos que este trabalho só pode ser um início, tanto em relação a uma práxis leitora, seja isto no ensino médio ou na aprendizagem do português brasileiro como segunda língua, quanto na pesquisa de culturemas em busca de uma descrição das identidades linguísticas e culturais do Brasil. É evidente que textos literários são, em muitos aspectos, fontes muito proveitosos para estas atividades. Representando, por necessidade, experiência humana, estão enraizados nos tempos e espaços culturais-linguísticos da sua gênese, enquanto, ao mesmo tempo, ultrapassam essas em direção ao universal.

A pesquisa, no futuro, deverá aprofundar-se ainda em relação às origens, à motivação e à difusão desses culturemas, tanto no sentido diacrônico, como em sentidos sincrônicos, como a questão de regiões, grupos sociais ou profissões. O quanto isto pode constituir-se como desafio se demonstrou, claramente, no culturema [#acabar tútú#]. No entanto, entendemos que este trabalho se constitui como um primeiro passo da exploração cultural-linguístico ou línguoculturológica dessa obra significativa e que pode servir de modelo para pesquisas sobre outras obras.

## REFERÊNCIAS

ABREU, João Capistrano de. *Capitulos de historia colonial (1500-1800).* Rio de Janeiro : M. Orosco, 1907. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4883

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de e FRAGA FILHO, Walter. *Uma história do negro no Brasil.* Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALENCAR, José de. *As Minas de prata : romance (Volume 1).* Rio de Janeiro : B. L. Garnier, 1865. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4704

ALENCAR, José de. *Guerra dos mascates : chronica dos tempos coloniaes (Volume 1).* Rio de Janeiro : B. L. Garnier. 1873. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4670

ALENCAR, José de. *O sertanejo : romance brasileiro (Volume 1).* Rio de Janeiro : B. L. Garnier,1875. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4644

ALENCAR, José de. *Sonhos d'ouro : romance brazileiro (Volume 1).* Rio de Janeiro : B. L. Garnier, 1872. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4659

ALMEIDA, M. do S. O, de. Capitães da Areia: as caminhadas noturnas em busca do desejo de transgressão, *Pau dos Ferros*, v. 02, n. 02, p. 248 – 267, set./dez. 2013. Disponível em http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/view/887

AMADO, Jorge. *Capitães da areia, romance.* Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6845. Acesso em 17/06/2019

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. São Paulo: Martins, 1935.

AMADO, Jorge. *Seara vermelha.* São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de . A Rede de Ascensores Urbanos de Salvador: Do Guindaste dos Padres aos dias de hoje. In: *Anais do VI Colóquio Latino-Americano sobre Recuperação e Preservação do Patrimônio Industrial*. São Paulo: TICCIH Brasil, Centro Universitário Belas Artes, SESC-SP, Cinemateca Brasileira, 2012. Disponível em http://portal.mast.br/projetovalorizacao/publicacoes.html

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Variantes Diatópicas e Diastráticas na Língua Portuguesa do Brasil. In *Graphos***.** João Pessoa, Vol 12, N. 2, Dez./2010 . Disponível em https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/10907/6112

ARAÚJO, Priscila Maynard. 2009. *O processo de tradução para a língua inglesa dos diálogos da obra Capitães da areia, de Jorge Amado.* Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009. Disponível em http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/handle/ri/11018

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba.* de Janeiro : B. L. Garnier, Livreiro-Editor, 1891. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5251

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro.* Rio de Janeiro : H. Garnier, Livreiro-Editor, 1899. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4828

AULETE, Francisco Júlio Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa.* Ed. brasileira atual., rev. por Hamilcar Garcia, com um estudo sobre a origem e evolução da língua portuguesa, sua expansão no Brasil, e uma exposição da pronúncia normal brasileira por Antenor Nascentes. Rio de Janeiro: Delta, 1958. Atualizado em http://www.aulete.com.br/

AZEVEDO, Aluísio. *A mortalha de Alzira***.** Rio de Janeiro : Fauchon & Cia. Livreiros Editores, 1894. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4816

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço.* Rio de Janeiro : B. L. Garnier, 1890. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4817

AZEVEDO, Aluísio. *O coruja.* Rio de Janeiro : B. L. Garnier, 1889. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4814

AZEVEDO, Aluísio. *Uma lagrima de mulher : romance original.* Maranhão :Typ. do Frias, 1879. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4819

BARRETO, Lima. *Bagatelas.* Rio de Janeiro : Empresa de Romances Populares, 1923. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4791

BARRETO, Lima. *Historias e sonhos: contos.* Rio de Janeiro: GianLorenzo Schettino, 1920. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4786

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Cangaço e memória. *Revista Educação em Debate*, Fortaleza, Ano 21, n. 37, p. 26-31, 1999. Disponível em http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14318

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario Portuguez e latino (Volume 06: Letras O-P).* Lisboa : Officina de Pascoal da Sylva, Impressor de Sua Magestade, 1720. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5442

BOUGHABA, Mohammed. Las unidades fraseológicas y latraducción de culturemas entre elespañol y el árabe**.** *Paremia*, 23: 2014, p. 209-216. Disponível em https://cvc.cervantes.es/lengua/paremia/pdf/023/019_boughaba.pdf. Acesso em 12/07/2018

BRIVIO, Gustavo do Rego Barros. 210. 250f. *Representações sobre a prostituição feminina na obra de Jorge Amado: um estudo estatístico***.** 250 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Salvador, 2010. Disponível em https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6279/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Final.pdf

CALIXTO, Carolina Fernandes. 2011. 170 f. *Jorge Amado e a identidade nacional: diálogos político-culturais.* Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011. Disponível em https://www.historia.uff.br/stricto/td/1515.pdf

CARDOSO, Laís de Almeida. 2017. 274f. *A infância revisitada: um estudo sobre o protagonismo infantil na literatura brasileira ao raiar do século XX.* Doutorado em Letras (Est.Comp. de Liter. de Língua Portuguesa), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-04082017-192107/pt-br.php

CARETTA, Elis de Almeida Cardoso. *O léxico no discurso literário: a criatividade lexical na poesia moderna e contemporânea*. São Paulo: EDUSP, 2018.

CARETTA, Elis de Almeida Cardoso.Escolhas lexicais: a caracterização de personagens femininas no discurso literário. *Linha D'Água*, v. 26, n. 1, p. 15-28, 27 jun. 2013. Disponível em http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/55324. Acesso em 10/05//2019

CARVALHO, Inaiá Maia Moreira de e PEREIRA, Gilberto Corso. *Como anda Salvador e sua Região Metropolitana.* Salvador; Edufba, 2008. Disponível em https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1724/1/Como%20anda%20Salvador_RI.pdf

CASARES, Julio. *Introducción a la lexicografia moderna.* Madrid, CSIC, 1969.

Castillo, Lisa Earl. O terreiro do gantois: redes sociais e etnografia histórica no século XIX. *Rev. Hist.* (São Paulo), 2017, no.176. Disponível em https://www.scielo.br/pdf/rh/n176/2316-9141-rh-a05616.pdf

CERQUEIRA, Gislaine Costa. *Os fraseoculturemas em sombras de reis barbudos, de José J. Veiga*. 2018. 64 f. Monografia (Graduação em Letras) – Centro de Filosofia, Educação e Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) - Sobral, UVA, 2018.

CORPAS-PASTOR, Gloria. *Manual de fraseologia española.* Madrid: Gredos, 1996.

COSSETIN, M.; BROTTO, I. J. O. Um cotejamento da obra literária capitães da areia: uma história sobre pobreza, miséria e meninos de rua. *Leitura: Teoria e Prática* , v. v. 33, p. 87-98, 2015. Disponível em https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/413

CUNHA, Euclides da. *Os sertões : campanha de Canudos*. Rio de Janeiro; São Paulo : Laemmert C., 1905. [Esta terceira edição da obra "Os sertões", trata-se da última edição publicada em vida do autor.]. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5351

DAMATTA, Roberto. *Sobre comidas e mulheres. O que faz o brasil***,** *Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1997a, p. 49-64. Disponível em https://www.ufjf.br/pensandobem/files/2012/02/texto-VII-2012.pdf

DEUS, João de. *Cartilha maternal ou arte de leitura.*Lisboa : Imp. Nacional, 1878. Disponível em http://purl.pt/145/1/index.html#

ELIAS, Norbert ; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERREIRA, Álvaro. O Porto e o Bonde no início do século XX e no início do século XXI: Novas exclusões? In *Simpósio Internacional Globalización, inovación y construcción de redes técnicas urbanas em América y Europa*, Universidade de Barcelona, 2012. Disponível em http://www.ub.edu/geocrit/Simposio/cAFerreira_OPorto.pdf

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; PEREIRA, Manuel da Cunha. *Nôvo vocabulário ortográfico da língua portuguêsa*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1961.
FLAKSMAN, Clara. Relações e narrativas: o enredo no candomblé da Bahia. *Relig. soc.,* Jun 2016, vol.36, no.1, p.13-33. Disponível em https://www.scielo.br/pdf/rs/v36n1/0100-8587-rs-36-1-00013.pdf
**FON-FON.** Rio de Janeiro, 1907-1945. [Citam-se, nas transcrições, depois da data e do título da revista, o número relativo ao 1. (ou ao 2., ou ao 3. etc.) ano de publicação, em algarismos romanos, e o número da revista, o dia e o mês, em arábicos, assim: 1923 Fon-Fon XVII, n. 37, 15 set.]. Disponível em http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1923/fonfon_1923.htm
FREITAS, Ana Paula Saraiva de. 2005. 242f. *A presença feminina no cangaço : práticas e representações (1930-1940)* . Dissertação(Mestrado)- Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho . Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2005. Disponível em https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93408
GAMA, A. M. S. 2015. 136f. Capitães de Salvador: as representações do urbano e das relações sociais na obra Capitães da Areia de Jorge Amado. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2015.Disponível em http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/499
GERMANO, Patrícia Gomes. 2008. 217f. *O sumiço da santa: uma representação do híbrido literário-cultural-religioso.* Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande: UEPB, 2008. iDisponível em https://issuu.com/casadejorgeamado/docs/mestrado_patricia_germano
GIRACCA, Mirella Nunes. 2013. *Os culturemas presentes nos folhetos turísticos da região sul do Brasil: as técnicas utilizadas pelos tradutores.* Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2013.

GOMES, Marcos Cezar Santos. 2012. 97f. *Capoeira emancipatória no ensino da dança : uma proposta emergente dos saberes de mestres na espacialidade da cinesfera*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Salvador, 2012. Disponível em https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10827

HOUAISS, A. e Villar, M. de S. *Grande Dicionário Houaiss.* Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2020. Atualizado e disponível em https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v5-4/html/index.php

IGAREDA, Paula. Categorización temática del análisis cultural: uma propuesta para la traduccíon. In *Ikala, revista de linguaje y cultura*, Vol. 16, no. 27 (enero – abril de 2011). Disponível em: http://www.scielo.org.co/pdf/ikala/v16n27/v16n27a2.pdf .

LEGROSKIL, Marina Chiara. Graduação de composicionalidade: um estudo de caso com expressões idiomáticas e ditados populares. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 41 (1): p. 340-354, jan-abr 2012. Disponível em https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1237/790. Acesso em 28/06/2019.

LIMA, Vivaldo Da Costa. O candomblé da Bahia na década de 1930. In *Estudos Avançados* 18 (52), 2004. Disponível em https://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a14v1852.pdf

LOMBROSO, Cesare. *O homem delinquente.* São Paulo : Ícone, 2013. Disponível em https://www.academia.edu/8460215/O-Homem-Delinquente-Cesare-Lombroso

LOPES, Antonio. *Estória de facão e chuva : (trinta e cinco crônicas e duas louvações).* Ilhéus, Ba : Editus, 2005. Disponível em http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais2015/estoria_facao_chuva.pdf

Lopes, Antônio. *Solo de Trombone (ditos & feitos de Alberto Hoisel).* Itabuna: Agora Editoria Gráfica Ltda, 2000. Disponível em http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais/solo_trombone.pdf

LUQUE NADAL, L. Los culturemas: ¿unidades linguísticas, ideológicas o culturales?, *Language Design*, 11, 2009: p.93-120. Disponível em http://elies.rediris.es/Language_Design/LD11/LD11-05-Lucia.pdf. Acesso em 15/05/2019

LUQUE NADAL, L. *Princípio de culturología y fraselogíaespañolas*. Frankfurt AmMain: Peter Lang, 2012.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *O rio do quarto : romance.* Rio de Janeiro : Eduardo & Henrique Laemmert, 1869. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3992

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha.* Rio de Janeiro : Typographia Franceza, 1844. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4000

MARTINS, Nilce SantÁnna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa.* São Paulo: EDUSP, 2008.

MARTINS, Vicente de Paula da Silva e GÉMES, Márton Tamás. Os idioculturemas em Capitães da Areia (1937), de Jorge Amado. *Linha D'Água,* 2019, 32(3), p.117-136. Disponível em http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/160499

MARTINS, Vicente de Paula da Silva. 2013. *Estratégias de compreensão de expressões idiomáticas por não nativos do português Brasileiro*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2013. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8233 Acessos em 19/02/18

MARTINS, Vicente de Paula da Silva. *Sapienciário Cultural: identificação, classificação e constituição de corpus de culturemas nos romances do nordeste brasileiro*. Salvador, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura/UFBA, 2017. (Relatório Final de Estágio Pós-Doutoral no período de 2016-2017)

MASCARENHAS, Claudio de Carvalho e PEIXOTO, José Augusto Saraiva. Saveiros de Vela de Içar: 400 anos de história Ameaças, Potencialidades e Propostas. In *Revista VeraCidade* – Ano IV - Nº 5 – Outubro de 2009. Disponível em http://www.veracidade.salvador.ba.gov.br/v5/pdf/artigo3.pdf

MATTIOLI, Virginia. *Identificación y clasificación de culturemas y procedimientostraductoresenelarchivo de textos literarioslit_enit_es: unestudio de corpus.* Máster eninvestigaciónentraducción e interpretación. Castelló de la Plana: UniversitatJaume I de Castelló, Traducción y ComunicaciónDepartment, 2014.

MELLO, Marisa S. 2012. 22f. *Como se faz um clássico da literatura brasileira? Análise da consagração literária de Erico Verissimo, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Rachel de Queiroz (1930-2012).* Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e

Filosofia, Departamento de História, 2012. Disponível em https://www.historia.uff.br/stricto/td/1414.pdf
MENEZES BARRETO, Sérgio Alberto. 2004. 136 f. *A História do Cangaço enquanto Atrativo turístico: o caso do produto xingó (Canindé do São Francisco – SE).* Dissertação (Mestrado) em Cultura & Turismo - Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus, 2004. Disponível em http://www.uesc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/turismo/dissertacao/dissertacao_sergio_alberto.pdf
MILANI, S. E. Humboldt e o idealismo da época. *Linha d'Agua*, v. 21, p. 24-33, 2008. Disponível em http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37313/40033. Acesso em 14/06/2018.
MIRANDA MÁRQUEZ, Gonzalo. El vínculo inseparable entre lengua y cultura. Casos de elementos conrelevancia simbólica enlenguas asiáticas. *Language Design*, 16, 2014, p. 41-62)
MOÇO, Mafalda Gaspar Dias Mendes. *O texto literário como veículo intercultural no ensino/aprendizagem da língua portuguesa.* Lisboa, 2015. Disponível em http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/98622. Acesso em 03/07/2018.
MOLINA MARTÍNEZ, Lucía**.** *Análisisdescriptivo de latraducción de losculturemas árabe-español*.Tese (doutorado) - UniversitatAutònoma de Barcelona - Departament de Traducció i d'Interpretació .Bellaterra: UniversitatAutònoma de Barcelona, 2001
MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. *Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna (volume I*). Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. Disponível em http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10310
MOURA, Mariana Mendes de. 2013. 102 f. *Umbanda em Salvador (BA): memórias e narrativas.* Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2013. Disponível em https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24419
NASCIMENTO, Flaviane Ribeiro. 2012. 201f. *Viver por si: histórias de liberdade no agreste baiano oitocentista (Feira de Santana, 1850-1888).* Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia,Salvador, BA: UFBA, 2012. Disponível em https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/13684?mode=full

NEVES, Bárbara Cecília dos Santos. A voz dos excluídos: uma análise da linguagem em Capitães da Areia. In *Cadernos do CNLF,* Vol. XVII, Nº 12. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013. Disponível em http://www.filologia.org.br/xvii_cnlf/cnlf/cnlf_12.htm

OCHI FLEXOR, Maria Helena e SCHWEIZER, Peter José. *Península de Itapagipe : patrimônio industrial e natural.* Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/16789

OLIVEIRA, K., CUNHA E SOUZA, HF., and SOLEDADE, J., orgs. *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias [online].* Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ufba/191

OYARZABAL, Myrian Vasques. *O carnaval e suas traduções: os desafios da ressignificação dos culturemas.* Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2013.

PACHECO, Luiza F. de Camargo. *Alice.* Campinas : Typ. Livro Azul - Castro Mendes & Irmão, 1903. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5361

PAMIES BERTRÁN, A. Productividad fraseológica y competencia metafórica (inter)cultural. *Paremia 17*: p. 41-58, 2008.

PARES, Luis Nicolau; CASTILLO, Lisa Earl. José Pedro Autran e o retorno de Xangô.*Relig. soc.,* Rio de Janeiro , v. 35, n. 1, p. 13-43, June 2015. Disponível em https://www.scielo.br/pdf/rs/v35n1/0100-8587-rs-35-1-00013.pdf

PENA, João Soares. 2013. 156 f. Espaços de excitação: cines pornôs no centro de Salvador. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura- Salvador (BA). Disponível em https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19329

PENA, João Soares. Cinemas de Salvador: apogeu e decadência dos cinemas de rua. In *O Olho da História,* n. http://oolhodahistoria.ufba.br/wp-content/uploads/2016/03/joaopena.pdf

POMPEIA, Raul. O Atheneu (Chronica de saudades). Rio de Janeiro : Typ. da Gazeta de Noticias, 1888. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5000

POTTIER, Bernard. *Linguística geral: teoria e descrição*. Rio de Janeiro: Presença: Universidade Santa Úrsula, 1978. p. 268- 276.

QUERINO, Manoel Raymundo. *Artistas Bahianos; indicações biográficas.* Maranhão : Typ. do Frias, 1879.
QUERINO, Manuel. *A arte culinária na Bahia : (breves apontamentos).* Bahia : Papelaria Brasileira, 1928. Disponível https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3998
QUINTÃO, Antonia Aparecida. *Professora, existem santos negros? Histórias de identidade religiosa negra.* Brasília: Secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/MEC, 2007. (Coleção Percepções da Diferença. Negros e Brancos na Escola). Disponível em http://www.usp.br/neinb/wp-content/uploads/NEINB-USP-VOL-8.pdf
RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado.* Rio de Janeiro: Record, 1992.
RIBEIRO NETO, A. Novos fios do Novelo: uma análise da política educacional para a infância negra no ocaso do Império e Início da República (1871-1910). In *X Seminário Nacional do Histedbr*. Campinas, 2016. Disponível em https://www.fe.unicamp.br/eventos/histedbr2016/anais/pdf/902-2845-1-pb.pdf
RIVA, W. A. A neologia fraseológica na língua portuguesa do Brasil. In: SILVA, S. (Org.). *Fraseologia & cia: entabulando diálogos reflexivos*. Londrina: EDUEL, 2012.
RIZZINI, Irene. *A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente* . Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio; São Paulo : Loyola, 2004. Disponível em http://acolhimentoemrede.org.br/site/wp-content/uploads/2015/04/ebook_institucionalizacao_de_criancas_no_brasil.pdf
RODRIGUES, Zita Ana Lago. Escopo analítico sobre os fundamentos da exclusão. In *Revista Científica do Colégio Militar de Fortaleza,* Ano 6 – Nº. 10 – Nov. ,2014. Disponível em http://www.cmf.eb.mil.br/revista_educare/RevistaEducareCMF_NOV2014.pdf
SAMPAIO, Consuelo Novais. Movimentos Sociais na Bahia de 1930: Condições de vida do operariado in *Revista Universitas*, 1ª edição – Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia, Salvador, [1968] 2007. Disponível em https://portalseer.ufba.br/index.php/universitas/article/view/1269

SANTANA, André Luiz Ferreira; SANTANA, Joice Lima e SANTOS, Samuel. O cangaço, em capitães da areia e os desvalidos: olhares do ontem e hoje. In *Enfope,* v. 8, n. 1 (2015). Disponível em https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/1300

SANTIAGO, Juliana Paiva. 2014. *O culturemaamélia : uma unidade linguística, ideológica e cultural do português brasileiro*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2014. Disponível em http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14868. Acesso em 13/08/2018.

SANTOS, Bartira Macedo de Miranda. Lombroso no Direito Penal: o destino d"O Homem Delinquente' e os perigos de uma ciência sem consciência. In: *CONPEDI,* 2012, Uberlândia-MG. Publicação Compedi - anais de Uberlândia, 2012. p. 7209-7229. Disponível em http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=ea6b2efbdd4255a9

SANTOS, Flávio Gonçalves dos; RODRIGUES, Inara de Oliveira e BRICHTA, Laila. *Colóquio Internacional 100 anos de Jorge Amado (2012 , em Ilhéus, BA).* Ilhéus, BA : Editus, 2013. Disponível em http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais/ci100ja.pdf

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral.* São Paulo: Cultrix, 2012.

SEPÚLVEDA, Carlos. O que deu origem a fundação da Academia de Belas Artes da Bahia. In *Universidade da Bahia.* Arquivos da Universidade da Bahia, Escola de Belas Artes, v. 2. Salvador: Universidade da Bahia, 1954-55. p. 109 (citado por SILVA, Viviane, 2008, p. 55).

SETARO, André. *Panorama do Cinema Baiano.* Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1976. Disponível em http://www.fundacaocultural.ba.gov.br/arquivos/File/imagenswordpress/2012/11/panorama-do-cinema-baiano_web_setembro2014.pdf

SILVA, Márcia Rios da e Luz, Jadson Santana da. Nas páginas de Capitães da areia: táticas e astúcias contra a ordem estabelecida. In *Navegações*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 23-30, jan.-jun. 2016. Disponível em http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/25094

SILVA, Mayara Plascido. 2017. 226f. *Revolução sem sangue' na 'decantada pátria de Lucas' - experiências de trabalhadores/as negros/as e migrantes no pós-abolição. Feira De Santana (1890-1930).* Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em História. Salvador, 2017. Disponível https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31953

SILVA, Viviane Rummler da Silva. 2008, 452f. *Pintores fundadores da Academia de Belas Artes da Bahia: João Francisco Lopes Rodrigues (1825-1893) e Miguel Navarro & Cañizares (1834-1913*). Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Bahia. Escola de Belas Artes. 2008. Disponível em https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9855

SOUZA, Fernando de Oliveira. 2015. 137 f. *Integração curricular no Ensino Médio partindo da área de Linguagens.* Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-25112015-120434/pt-br.php

TANOS ROBEIN, Lucas (2013). Relativismo Linguístico: críticas y perspectiva actual de lateoría. In VI Simposio Internacional: Representaciónen la Ciencia y el Arte, Córdoba, Argentina , 2013, p.1-10. Disponível em https://www.academia.edu/6336343/Relativismo_Ling%C3%BC%C3%ADstico_cr%C3%ADticas_y_perspectiva_actual_de_la_teor%C3%ADa

TÁVORA, Franklin. *Lourenço : chronica pernambucana.* Rio de Janeiro : Typographia Nacional, 1881. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3812

TÁVORA, Franklin. *O matuto : chronica pernambucana.* Rio de Janeiro : H. Garnier, Livreiro, 1902. Disponível https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3850

TIMBÓ, Margarida Pontes. A epidemia como metáfora da exclusão nas narrativas literária e fílmica de Capitães da Areia. In *Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC Internacionalização do Regional*, UEPB – Campina Grande, PB, 08 a 12 de julho de 2013. Disponível em http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2013_1434456068.pdf

VALLE, Arthur e DAZZI, Camila (Orgs). *Oitocentos - Arte Brasileira do Império à República - Tomo 2.* Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. IV. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Unidade Descentralizada de Nova Friburgo. V. Colóquio

Nacional de Estudos sobre Arte Brasileira do Século XIX. Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ/DezenoveVinte, 2010. 1 v. Disponível em https://www.academia.edu
VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Pobreza urbana e a formação de bairros populares em salvador na longa duração. In *GEOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo, Nº 20, pp. 19 - 30, 2006. Disponível em http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74005
VELASCO E CRUZ, M. C. A Morte de João de Adão. Realidade e fantasia na memória operária de um crime. In: Negro, A.; Sales Souza, E.; Bellini, L. (orgs). *Tecendo Histórias. Espaço, política e identidade.* Salvador: Edufba, dezembro/2009, p.199-230. Disponível em http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos5/cruz%20maria%20cecilia%20velasco%20e.pdf
VERANI, Elizabeth Nazzari. Lenguaje coloquial y lenguaje formal en la lengua portuguesa en Brasil: Enfoque en las clases de portugués como lengua extrajera.In *Sincronía*, núm. 65, enero-junio, 2014, Universidad de Guadalajara Guadalajara, México. p. 234-253. Disponível em https://pdfs.semanticscholar.org/a9f4/cb6304e001407554e82c326cc5bb6534339a.pdf
ZONZON, CN. Capoeira Angola: africana, baiana, internacional. In: MOURA, M. *A larga barra da baía: essa província no contexto do mundo [online].* Salvador: EDUFBA, 2011, p. 130-165. Disponível em http://books.scielo.org/id/wnm5w/pdf/moura-9788523212094-05.pdf
ZULUAGA, Alberto. *Introducción al estudio de lasexpresiones fijas.* Frankfurt amMaim: Peter D. Lang, 1980.

**ANEXO I** - Categorias para análise dos referentes culturais adaptado por Vicente de Paula da Silva Martins à análise literária a partir do modelo de Igareda ( 2011)

<table>
<tr><th colspan="3">CATEGORIAS PARA A ANÁLISE DOS CULTUREMAS EM TEXTOS LITERÁRIOS, SEGUNDO IGAREDA (2011)</th></tr>
<tr><th>CATEGORIZACÃO TEMÁTICA</th><th>CATEGORIZAÇÃO POR ÁREAS</th><th>SUBCATEGORIAS</th></tr>
<tr><td rowspan="4">1. ECOLOGIA</td><td>1. Geografia / topografia</td><td>Montanhas, rios, mares.</td></tr>
<tr><td>2. Meteorologia</td><td>Tempo, clima, temperatura, calor, luz.</td></tr>
<tr><td>3. Biologia</td><td>Flora, fauna (domesticada, selvagem), relação com animais (tratamento, nomes).</td></tr>
<tr><td>4. Ser humano</td><td>Descrições físicas, partes / ações do corpo.</td></tr>
<tr><td rowspan="3">2. HISTÓRIA</td><td>1. Edifícios históricos</td><td>Monumentos, castelos, pontes, ruínas.</td></tr>
<tr><td>2. Acontecimentos</td><td>Revoluções, datas, guerras.</td></tr>
<tr><td>3. Personalidades</td><td>Autores, políticos, reis / rainhas (reais ou fictícios)</td></tr>
</table>

| | | |
|---|---|---|
| | 4. Conflitos históricos | Referências sobre rebeliões populares, lutas armadas, manifestações populares, entre outros conflitos que, ao longo do período colonial, imperial e republicano da história brasileira, relacionados à construção do Estado e da sociedade brasileira. |
| | 5. Mitos, lendas, legendas, heróis | Relatos simbólicos, passados de geração em geração dentro de um grupo, que narra e explica a origem de determinado fenômeno, ser vivo, instituição, costume social ou representações de fatos e/ou personagens históricos, amplificados. através do imaginário coletivo e de longas tradições literárias |
| | 6. Perspectiva euro-centrista da história universal (ou outro) | Histórias de países latino-americanos, os nativos, os colonizadores e seus descendentes. |
| | 7. História da religião | Referência ao conjunto de práticas e de crenças, de ritos e de mitos |
| **3. ESTRUTURA SOCIAL** | 1. Trabalho | Comércio, indústria, estrutura de trabalhos, empresas, cargos. |
| | 2. Organização social | Estrutura, estilos interativos, etc. |

| | | |
|---|---|---|
| | 3. Política | Órgãos do Estado, organizações, sistema partidário, eleitoral, ideologia e atitudes, sistema político e legal. |
| | 4. Família | Referência a agrupamentos humanos formados por indivíduos com ancestrais em comum e/ou ligados por laços afetivos e que, geralmente, vivem numa mesma casa. |
| | 5. Amizades | Relacionamento social (compadrio, coleguismo, camaradagem etc.) |
| | 6. Modelos sociais e figuras respeitadas | Profissões, ofícios, ocupações, atitudes, comportamentos, personalidades, etc. |
| | 7. Religiões “oficiais” ou preponderantes | Referência aos sistemas diversos de doutrinas, crenças e práticas rituais próprias de um grupo social, estabelecido segundo uma determinada concepção de divindade e da sua relação com o homem. |
| **4. INSTITUIÇÕES CULTURAIS** | 1. Belas artes | Referência a aspectos relacionados à arquitetura, à pintura, às artes plásticas, à escultura, música, dança. |
| | 2. Arte | Teatro, cinema, literatura, |

| | | |
|---|---|---|
| | 3. Cultura religiosa, crenças, tabus etc. | Edifícios religiosos, ritos, festas, orações, expressões, deuses e mitologia; crenças (populares) e pensamentos etc. |
| | 4. Educação | Referência aos métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano; pedagogia, didática, ensino. |
| | 5. Meios de comunicação | Televisão, imprensa, internet, artes gráficas |
| **5. UNIVERSO SOCIAL** | 1. Condições e hábitos sociais | Grupos, relações familiares e papéis, sistema de parentesco (relação de pessoas, quer por vínculo de sangue (consanguinidade), quer pelo casamento (afinidade), tratamento entre pessoas, cortesia, valores morais, valores estéticos, símbolos de status, rituais e protocolos, |
| | 2. Geografia cultural | Populações, estados, munícipios, distritos, localidades, estrutura viária, ruas, países, toponímia |
| | 3. Transporte | Veículos, meios de transporte |
| | 4. Edifícios | Arquitetura, tipos de edifícios, partes da casa. |
| | 5. Nomes próprios | Pseudônimos, nomes de batismos, alcunhas. |

| | | |
|---|---|---|
| | 6. Linguagem coloquial, variantes diastráticas, idioletos, insultos | Gírias, coloquialismos, empréstimos linguísticos, palavrões, blasfêmias, tabuísmos, nomes com significado adicional. |
| | 7. Expressões | De felicidade, aborrecimento, pesar, surpresa, perdão, amor, agradecimentos, saudações, despedidas. |
| | 8. Costumes | Modo de pensar e agir característico de pessoa ou grupo social. |
| | 9. Organização do tempo | Época propícia para certos fenômenos ou atividades; estação, sazão, quadra. |
| **6. CULTURA MATERIAL** | 1. Alimentação | Comida, bebida, chás, ervas (rapé). |
| | 2. Indumentária | Roupa, complementos, joias, adornos |
| | 3. Cosmética | Pinturas (maquiagens), cosméticos (produtos de higiene e/ou beleza, usados especialmente por |
| | 4. Tempo livre ou lazer | Deportes, festas, atividades de tempo livre, jogos, celebrações folclóricas. |
| | 5. Objetos materiais | 6.5.1 Mobiliário (móveis destinados ao uso e à decoração de uma habitação, um escritório, um hotel, um hospital etc., objetos em geral. |

| | | |
|---|---|---|
| | 6. Tecnologia | Motores, computadores, máquinas. |
| | 7. Moedas, medidas | Real |
| | 8. Medicina | Drogas e similares |
| **7. ASPECTOS LINGUÍSTICOS CULTURAIS E HUMOR** | 1. Tempos verbais, verbos determinados | Marcadores discursivos, regras de fala e rotinas discursivas, formas de fechar/ interromper o diálogo; modalização do enunciado; intensificação; intensificadores; atenuadores; dêixis, interjeições. |
| | 2. Advérbios, nomes, adjetivos, expressões | Referem-se às categorias gramaticais classes de palavras que compõem o léxico de uma língua e que são possíveis núcleos de sintagmas: nomes, verbos, preposições, advérbios. |
| | 3. Elementos culturais muito concretos | Provérbios, expressões fixas, expressões idiomáticas, modismos, clichês, ditos, arcaísmos, símiles, alusões, associações simbólicas, metáforas generalizadas. |
| | 4. Expressões próprias de determinados países (idiomatismos) | |
| | 5. Jogos de palavras, refrães, frases feitas | |
| | 6. Humor | |

Fonte: Igareda (2011) com adaptação de Martins (2017)

**ANEXO II** - Quadro sintético de categorias para análise dos referentes culturais adaptado por Vicente de Paula da Silva Martins à análise literária a partir de Igareda (2011).

| Categorização por âmbitos | Categorização por culturemas |
| --- | --- |
| **1. Ecossistema** | 1. Topoculturemas |
| | 2. Meteoroculturemas |
| | 3. Bioculturemas |
| | 4. Humaniculturemas |
| **2. História, mitos e legados** | 1. Edificulturemas |
| | 2. Taticulturemas |
| | 3. Personiculturemas |
| | 4. Mitoculturemas |
| | 5. Euroculturemas |
| | 6. Religiculturemas |
| **3. Organização social** | 1. Ocupaculturemas |
| | 2. Organiculturemas |
| | 3. Politiculturemas |
| | 4. Familiculturemas |
| | 5. Amiculturemas |
| | 6. Socioculturemas |
| | 7. Crediculturemas |
| **4. Instituições culturais** | 1. Criaculturemas |
| | 2. Articulturemas |
| | 3. Tabuculturemas |
| | 4. Educulturemas |
| | 5. Comuniculturemas |
| **5. Universo social** | 1. Habiculturemas |
| | 2. Geoculturemas |
| | 3. Portaculturemas |
| | 4. Edificulturemas |
| | 5. Antropoculturemas |
| | 6. Gargaculturemas |
| | 7. Formaculturemas |
| | 8. Costumiculturemas |
| **6. Cultura material** | 1. Alculturemas |
| | 2. Indumentoculturemas |

| | |
|---|---|
| | 3. Cosmoculturemas |
| | 4. Liciculturemas |
| | 5. Mobiculturemas |
| | 6. Tecnoculturemas |
| | 7. Moedoculturemas |
| | 8. Mediculturemas |
| **7. Identidade Linguocultural** | 1. Verboculturemas |
| | 2. Gramaticulturemas |
| | 3. Reiculturemas |
| | 4. Idioculturemas |
| | 5. Idiomaticulturemas |
| | 6. Humoculturemas |

Fonte: Igareda (2011) com adaptação de Martins (2017)

## SOBRE O AUTOR

# Vicente de Paula da Silva Martins

Natural de Iguatu (CE). Nasceu em 1961. Filho de Pedrina Maria da Silva Martins, lavadeira, mãe generosa e visionária, que muito se empenhou na sua formação básica e se engajou diligentemente no seu ingresso e a permanência no Colégio Militar de Fortaleza (CMF), no período de 1976 a 1982. Não conheceu o pai. Ao deixar o CMF, graduou-se em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (1987), fez mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (FACED, 1996) da Universidade Federal do Ceará, com a dissertação "*Constituição e educação: análise evolutiva da educação na organização constitucional do Brasil*", sob a orientação do Dr. André Haguette (UFC) e doutorado em Linguística (2013) com a tese "*Estratégias de Compreensão de Expressões Idiomáticas por Não Nativos do Português Brasileiro*", sob a orientação da Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin (UFC) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará. Em 1989, participou do processo de elaboração do Capítulo da Educação da Constituição do Estado do Ceará, com a proposição e aprovação de 20 artigos educacionais que hoje figuram na Carta Estadual. Em 1990, também colaborou na elaboração da Lei Orgânica de Fortaleza com a aprovação de, ao menos, 30 artigos na área educacional que hoje fazem parte da Carta Municipal. Desde 1994, em virtude de concurso público, mudou-se com a família para Sobral (a 220 km de Fortaleza/CE), onde atua como docente de Linguística do

Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Além de dedicar-se entusiasticamente a pesquisas linguísticas (Psicolinguística, Fraseologia, Etimologia e Descrição do Português), tem se interessado em estudos educacionais (Legislação Educacional, BNCC, Acordo Ortográfico, EJA, Educação Básica, Educação Inclusiva etc) e atuado ativamente nas áreas de Formação de Professores, em nível de pós-graduação, e como docente nos cursos de Especialização em Língua Portuguesa e Psicopedagogia, respectivamente. Durante 10 anos, atuou na área de ensino de Língua Portuguesa e de língua espanhola na educação básica, em Fortaleza. Lotado no Curso de Letras do Centro de Filosofia, Educação e Letras (CENFLE) da UVA, em Sobral, tem, ao longo dos anos, ministrado disciplinas como Fonética e Fonologia do Português, Aquisição da Linguagem e Estilística do Português, áreas em que escreveu muitos artigos científicos e livros. Na pós-graduação stricto sensu, tem participado, como examinador externo, dos Programas de Pós-Graduação em Universidade Federal do Ceará (UFC) e de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coordenou, na UVA, de 2015 a 2017, o subprojeto de Letras (Língua Portuguesa) do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e coordenou de 2018-2020 o Programa de Residência Pedagógica da CAPES/MEC. Possui Estágio Pós-Doutoral em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, sob a supervisão da Prof.ª Dra. Livia Marcia Tiba Radis Baptista (UFBA) com a pesquisa *"Frasemário Cultural: Identificação, Classificação e Constituição de Corpus de Culturemas nos Romances do Nordeste Brasileiro"* (2016-2017). No momento, cursa seu segundo estágio de pós-doutorado pela UFC (2019-2020), na área de Linguística, com pesquisa sobre *"Os Culturemas no Discurso Lítero-Musical das Letras de Canção Brasileira",* sob a supervisão da Profª Dra Roseimeire Selma Monteiro-Plantan (UFC). Mais recentemente publicou livros nas áreas de educação, linguística, ensino de língua portuguesa e poesias, todos pela editora *Pedro & João Editores* (consultar títulos em *http://www.pedroejoaoeditores.com.br/).* Contatos para eventos e palestras em todo o Brasil, presenciais ou virtuais, favor enviar convite ou proposta para *vicente.martins@uol.com.br*

## SOBRE O PREFACIADOR

# Adail Sobral

Professor Adjunto da FURG - Universidade Federal do Rio Grande Docente Permanente do PPGL da FURG - Universidade Federal do Rio Grande Vice-Coordenador do GT Estudos Bakhtinianos da ANPOLL. Foi Professor Permanente do PPGL da Universidade Federal De Pelotas de 2017 a 2018. Foi Colaborador do PPGL da Universidade Federal De Pelotas em 2019. Foi Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica De Pelotas - RS de 2009 a 2018. Foi coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras - Linguística Aplicada da Universidade Católica De Pelotas - RS de 2016 a 2018. Foi Editor da Revista Linguagem & Ensino (Qualis A1) de 2016 a 2018. Líder do Grupo de Pesquisa LEAL - Laboratório de Estudos Avançados de Linguagens (UFPEL-RS). Membro do NUTRA - Núcleo de Tradução da FURG (Universidade Federal do Rio Grande). Fez em 2017 estudos Pós-Doutorais na Université de Paris VIII - Vincennes Saint Dennis sobre a Filosofia do Ato de Bakhtin Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006) Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo (1999), Especializado em Linguística pela UNICAMP (1983) Graduado em Letras pela Universidade Federal da Bahia (1977). Tem experiência na área de Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: Gênero, Discurso, Dialogismo, Círculo de Bakhtin, Semiótica Geral e Greimasiana, Tradução e Interpretação, Filosofia da Linguagem. É tradutor profissional de e para português, francês, inglês e espanhol em várias áreas das ciências humanas e da saúde. Autor de A Filosofia Primeira de Bakhtin - Roteiro comentado (Campinas: Mercado de Letras, 2019), Do dialogismo ao gênero - as bases do

pensamento do Círculo de Bakhtin (Campinas: Mercado de Letras, 2009), e de Dizer o "mesmo" a Outros - Ensaios sobre Tradução (São Paulo: SBS, 2008), bem como de vários ensaios, principalmente sobre Bakhtin e o Círculo. É um dos organizadores do livro Conversas com Tradutores, e autor de seu "Posfácio". Revisor de Projetos da CAPES e do CNPq Parecerista ad hoc de seleção e avaliação de periódicos da coleção Scielo Brasil. Ex-Secretário do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UCPel Membro pesquisador do Grupo de Estudos Semióticos da USP (GES-USP) Membro pesquisador do Grupo Tessitura: Vozes em (Dis)curso, da PUC-RS . Foi Professor Substituto do ILA - Universidade Federal do Rio Grande de fevereiro 2019 a março 202**0.**

Neste dicionário de culturemas, Capitães da Areia - Dicionário de Língua e Cultura, Vicente de Paula da Silva Martins se concentra na leitura da obra Capitães de Areia, de Jorge Amado, para demonstrar de que maneira é possível pôr em diálogo, de um ponto de vista linguoculturológico a memória, a história, a literatura e a narrativa, aproximando assim o discurso da história e o discurso literário. O autor descreve minuciosamente os procedimentos metodológicos para essa leitura culturológica, que envolve rigorosas etapas de levantamento e organização do material, bem como um trabalho interpretativo em que são mobilizados saberes sobre o mundo presentes transfiguradamente na obra examinada, demonstrando o pesquisador, por vezes uma erudição e uma capacidade de exposição clara e didática que enriquece sobremaneira a leitura da obra. Recomendo, pois, a leitura atenta deste livro, não só como referência, mas como livro que se pode ler por deleite, pois há nos verbetes todo o encanto de uma paixão pelas palavras. Ademais, julgo que os interessados em trabalhar da perspectiva culturológica têm muito a ganhar com a minuciosa e precisa descrição metodológica com que o autor nos brinda. Na verdade, todo estudioso da linguagem, seja qual for a perspectiva, se beneficiaria da leitura deste Dicionário. Porque, insisto, ele não é apenas um dicionário, mas um repositório da relação vida-cultura-literatura estudada culturologicamente. Nele vi que os culturemas estão presentes tanto na arte como na vida e que seu levantamento pode integrar arte e vida

**(Adail Sobral – FURG, Pelotas / Rio Grande/Ano I da Pandemia Covid-19)**

ISBN 978-65-87645-37-7